



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**ENTRE RUAS E MISTÉRIOS: GEOGRAFIA E LITERATURA NAS
OBRAS URBANAS DE JORGE AMADO**

Doutoranda: Carolina Rehling Gonçalo

Orientador: Nelson Rego



Porto Alegre, 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**ENTRE RUAS E MISTÉRIOS: GEOGRAFIA E LITERATURA NAS
OBRAS URBANAS DE JORGE AMADO**

CAROLINA REHLING GONÇALO

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

Banca examinadora:

Profa. Dr. Ana Francisca de
Araújo Rodrigues de Azevedo e
Silva

Profa. Dra. Camila Xavier Nunes
Prof. Dr. Antonio Carlos
Castrogiovanni

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia
como requisito parcial para
obtenção do título de Doutorado
em Geografia.

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalo, Carolina Rehling
ENTRE RUAS E MISTÉRIOS: GEOGRAFIA E LITERATURA NAS
OBRAS URBANAS DE JORGE AMADO / Carolina Rehling
Gonçalo. -- 2020.
287 f.
Orientador: Nelson Rego.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de
Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Jorge Amado. I.
Rego, Nelson, orient. II. Título.

MEU MUITO OBRIGADO

Agradeço de todo coração às inúmeras pessoas que fizeram parte da minha educação e posteriormente, formação docente nas instituições por onde passei. Levo um pouquinho de cada pessoa comigo.

Ao meu companheiro, amor, amigo e também professor, Mario Marcello Neto, por estar sempre presente, desde a primeira ideia de pesquisa, me incentivando, lendo e revisando comigo, por ter me acompanhado em cada etapa da seleção e em todos os momentos da pesquisa, incluindo as atividades de campo e os inúmeros eventos de Geografia que participamos. Por ser paciente, compreensivo e não medir esforços para me ajudar a concluir essa tese. Obrigado! Te amo! Foste fundamental!

Ao meu orientador, Nelson Rego, que foi extremamente ético, amigo, atencioso, paciente, compromissado com a pesquisa e educação, dedicado, competente, compreensivo, divertido, engraçado, comprometido com o ensino e pesquisa sempre me incentivando a participar de eventos e a escrever artigos, excelente companhia para visitas a museus, companheiro para trilhas nos intervalos dos eventos de Geografia, e ótimo escritor de literatura. Seguirei sempre seu exemplo na minha prática docente.

Aos meus pais, Joaquim Luiz Garcia Gonçalo e Sueli Rehling Gonçalo por sempre apoiarem as minhas escolhas, me incentivando e ajudando sem medir esforços, por entenderem a minha ausência devido ao recolhimento que a escrita necessitava. Por vibrarem comigo a cada conquista e a cada aprendizado. E por fazerem com que as minhas realizações sejam as suas também. Amo vocês incondicionalmente!

A minha irmã, Gabriela Rehling Gonçalo, por ser uma das pessoas que mais acredita no meu potencial, por estar presente sempre que eu preciso, me ajudando de todas as formas. Por ter participado do meu trabalho de campo, das minhas preocupações e por ter me presenteado nesses quatro anos com um presentão chamado Maria Laura. Amo vocês duas.

Aos meus dois gatos: Drogo e Shazam que foram extremamente amigos e companheiros, estando sempre por perto, como imãs no meu escritório, durante todo processo de escrita. A cada pausa, ao olhar para o lado e perceber a presença silenciosa, mas sempre carinhosa foi muito reconfortante.

Ao POSGEA, e a UFRGS pela oportunidade de cursar o doutorado pesquisando um tema de grande realização pessoal e que acredito ser de extrema importância para a Geografia. A todos os aprendizados proporcionados em aulas e eventos que enriqueceram a minha pesquisa e formação. Aos excelentes professores que fazem parte do POSGEA e que possuem minha admiração e inspiração.

Ao professor Antonio Carlos Castrogiovanni pelas excelentes aulas que contribuíram muito nesta tese, e que acrescentaram muito no trabalho desenvolvido. Obrigado também pelas suas preciosas contribuições enquanto banca. Muito obrigado! Sou sua fã!

A professora Ana Francisca de Araújo Rodrigues de Azevedo e Silva, pelas maravilhosas contribuições enquanto banca desta tese. Pela leitura atenta e dedicada e por apontar diversos caminhos de pesquisa e possibilidades de reflexão a partir da leitura de Jorge Amado.

A Camila Xavier Nunes pelo acolhimento em Salvador em 2015 onde nos apresentou a cidade não só pelo olhar turístico, mas também conduzindo as periferias e aos lugares significativos aos soteropolitanos. Pelas inúmeras contribuições nesta tese e na minha pesquisa como um todo. Pela amizade carinhosa e incentivo frequente. Muito Obrigado!

Ao professor Álvaro Heidrich por todas as discussões proporcionadas em sua disciplina que enriqueceram grandemente este estudo com relação a cultura, identidade, espaço e território. Muito Obrigado!

A CAPES, pelo oferecimento da bolsa extremamente importante para que eu pudesse mudar-me para Porto Alegre e cursar as disciplinas, assim como realizar os trabalhos de campo e propiciar à dedicação exclusiva a escrita da tese. Sem a bolsa essa pesquisa não seria possível.

A minha amiga há mais de 15 anos, Zélia Borges, que está comigo em todos os momentos que preciso, que faz da minha alegria e conquistas as suas também. Que se emociona com as minhas vitórias, que sempre tem uma palavra de incentivo e de amor quando necessito. Que é uma amiga maravilhosa que eu admiro e amo muito. Muito obrigado!

A Rosimeri Zurchimitten pela amizade, pela preocupação nos momentos em que minha escrita não estava fluindo tão bem, pelas palavras de incentivo e de carinho que fizeram toda diferença. Pelas visitas em POA e pela parceria em viagens que sempre tiveram Geografia.

A tia Rosa, pelo cuidado com que nos esperou em cada volta dos eventos geográficos, pelo carinho e amor.

A minha amiga Ada Maria Bento Amorim pelo carinho diário que sempre me dedicou, pelas palavras incansáveis de motivação para que eu não desanimasse e acreditando sempre que eu faria um bom trabalho. Por entender a minha ausência física devido ao isolamento da escrita. Por ser essa amiga tão especial, tão próxima e tão querida sempre. Obrigado! Te amo!

Aos queridos amigos e amigas que ao longo da minha pesquisa torceram, me incentivaram, me ajudaram e estiveram comigo de alguma forma: Juliana Nunes, Josué Formiga Rehling, Jordânia Alyne Marques, Giuliana Chaves Moreira, Hildebrando Maciel, Tamiris Liporais, William Pollnow, Anny Suzuki, Guilherme Bauer, Janeti e Ari Lazzaroto, Everton Otazú, Felipe Frugu

Essa tese carrega muito mais que quatro anos de estudos e de pesquisa, carrega também todas as instituições e professores maravilhosos que tive a oportunidade de conhecer e aprender com eles, principalmente ao que eu considero como o início dessa pesquisa ainda na UFPEL onde fiz meu mestrado pesquisando a territorialidade na obra Capitães da Areia também de Jorge Amado e que contou com o desafio para meu orientador Maurício Meurer. Obrigado Maurício pela oportunidade de pesquisa criativa e autônoma que me proporcionasse, pelos inúmeros saberes compartilhados e por ser essa pessoa amiga e querida.

A UFPEL e a cada professor da UFPEL que contribuiu na minha jornada, cada um a sua forma, e que fizeram com que eu conseguisse chegar ao doutorado na UFRGS e ser essa professora pesquisadora. A Liz Cristiane Dias por despertar o interesse a pesquisa e a pós-graduação apontando possibilidades num caminho de amor a docência. Ao professor Sidney Gonçalves Vieira por me atentar e instigar quanto ao estudo das cidades e pelas suas Expedições Geográficas que agregaram conhecimentos nesta tese.

Ao professor Adriano Simon pela sua contribuição e incentivo ao trabalho de campo e a indicação do acarajé da Dinha no Rio Vermelho, e por através do seu ensinar, me fazer perceber a importância da geomorfologia como um importante elemento na formação da cidade e das relações dos sujeitos dessa tese.

A professora Giovana Mendes de Oliveira responsável pelo meu encantamento e aprofundamento nos estudos com relação ao território. Por todo aprendizado que carrego graças as suas aulas e contribuições.

Agradeço a Fundação Casa de Jorge Amado por terem me recebido afetuosamente nos trabalhos de campo, pela disponibilidade e receptividade. Pela entrevista concedida, visita ao arquivo de pesquisa e pelos livros que fui presenteada.

E agradeço, singelamente, a biblioteca da escola pública, de Ensino Médio, em que estudei, Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, onde eu li pela primeira vez Jorge Amado, Capitães da Areia, ressaltando assim a importância da literatura, da escola pública de qualidade, de bibliotecas nas escolas e bibliotecárias que impactam profundamente na vida dos estudantes.

Meu muito obrigado!

Mas se queres ver tudo, na ânsia de aprender e melhorar, se queres realmente conhecer a Bahia, então, vem comigo e te mostrarei as ruas e os mistérios da cidade do Salvador, e sairás daqui certa de que este mundo está errado e que é preciso refazê-lo para melhor.

Jorge Amado

RESUMO

Considerando as diversas possibilidades de reflexão geográfica através da literatura, esta tese trabalha com a literatura urbana de Jorge Amado, num conjunto de obras que reúnem diversos gêneros literários, mas que compõem uma única narrativa quanto a cidade de Salvador, capital baiana. Esta tese tem como objetivo identificar e relacionar a literatura com os conceitos de espaço, território, lugar, patrimônio e paisagem. Refletindo sobre como estes podem ser entendidos e problematizados através dos doze livros analisados: *O país do carnaval*; *Suor*; *Jubiabá*; *Mar Morto*; *Capitães da Areia*; *Bahia de Todos-os-santos*; *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*; *Os pastores da noite*; *Dona Flor e seus dois maridos*; *Tenda dos Milagres*; *O menino grapiúna* e *O sumiço da santa*. Numa abordagem cultural trabalhamos com a literatura na perspectiva dos sistemas literários considerando autor, obra e leitor, assim, realizamos trabalhos de campo na cidade de Salvador com pesquisa etnográfica observando os sujeitos, lugares, territórios e patrimônios na cidade, refletindo sobre suas rupturas transformações e continuidades ao longo das obras e do tempo. O trabalho com os conceitos geográficos se deu de forma conjunta, onde unidos pelo viés cultural, cada elemento analisado relacionou-se aos demais conceitos. Descobrimos territórios bem delimitados, lugares que se transformaram em patrimônios, num conjunto que resulta na dinamicidade do espaço e da paisagem analisada, em constante transformação. A partir dos grupos de sujeitos representados pelos personagens, pudemos perceber os territórios existentes na literatura estudada, e a partir daí conhecer os lugares que fazem parte destes territórios, lugares estes, significativos aos personagens e a história da cidade. Notamos então a transformação de muitos destes lugares em patrimônios materiais ou ainda com relação aos patrimônios imateriais existentes como legado da cultura afrobrasileira. Também compreendemos cada elemento formador da paisagem composta por cada lugar trabalhado, pontuando todas as transformações ocorridas ao longo da narrativa como lugares que deixaram de existir, ou ainda manifestações que foram sendo tombadas como patrimônio até o fim desta escrita. E por fim demonstramos a geograficidade presente na literatura onde os conceitos trabalhados se sobrepõe mostrando a complexidade que envolve o espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Jorge Amado; Território; Lugar; Patrimônio.

ABSTRACT

Considering the many possibilities of geographic reflection through literature, this doctoral dissertation deals with the urban literature of Jorge Amado, in a collection of works gathering several bibliographical genres, but which is part of a single narrative regarding the city of Salvador, capital of Bahia. This doctoral dissertation aims to identify and relate literature with the concepts of space, territory, place, heritage and landscape. Reflecting about how these can be understood and problematized through the twelve books analyzed: *O país do carnaval* (The Country of Carnival); *Suor* (Sweat); *Jubiabá* (Jubiaba) ; *Mar Morto* (Sea of Death); *Capitães da Areia* (Captains of the Sands) ; *Bahia de Todos-os-santos* (Bahia de Todos-os-santos); *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (The Double Death of Quincas Water-Bray) ; *Os pastores da noite* (Shepherds of the Night) ; *Dona Flor e seus dois maridos* (Dona Flor and Her Two Husbands) ; *Tenda dos Milagres* (Tents of Miracles); *O menino grapiúna* (The Grapiuna Boy) and *O sumiço da santa* (The War of the Saints). Through a cultural approach we worked with literature under the perspective of systems literature considering the author, work, and reader, thus, we conducted a fieldwork in the city of Salvador with ethnographic research observing the individuals, place, territories and heritage of the city, reflecting about its ruptures, transformations and continuations through the works and time. The study with the geographic concepts was given in an integrated form, where united through cultural bias, each element analyzed was related to the other concepts. We discovered well delimited territories, placed transformed into heritage, in a set which results in the dynamism of space and of the landscape analyzed, in constant transformation. From the groups of individuals represented by characters, we were able to perceive the existing territories in the literature studied, and from it then to get to know the places which are part of these territories, such places, significant to the characters and history of the city. We realized, then, the transformation of many of these places into material heritage or even with relation to the existing immaterial heritage as the Afro-Brazilian culture legacy. In addition, we understood each forming element of the landscape composed by each place worked, highlighting all the transformations occurred throughout the narrative as places which no longer existed, or even manifestations which have been considered as heritage until the end of this writing. And, lastly, we demonstrated the “Geographicity” present in the literature

where the concepts worked override showing the complexity which involves the geographic space.

KEYWORDS: Literature; Jorge Amado; Territory; Place; Heritage.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	13
LISTA DE SIGLAS	15
Introdução:	16
CAPÍTULO 1 - Sobre o criador de Pedro Arcanjo, Dona Flor e Guma: Jorge Amado .	33
1.1 - As Habitações de Pedro Bala, Sem-Pernas, Jubiabá e Vadinho: As Obras Literárias.....	45
CAPÍTULO 2- Da Geografia a Literatura.....	49
2.1- Sobre Representação e Linguagem na Literatura Amadiana	49
2.2 - Geografia e Literatura	51
2.3 - Abordagem Cultural.....	65
CAPÍTULO 3 – Espaços, Territórios, Lugares e Patrimônios	70
3.1 - Espaço de Velhos Marinheiros, Pretos Tatuados e Mestres de Saveiros	70
3.2 - Território dos Capitães da Areia	71
3.3 - Pelourinho, Patrimônio de Quincas Berro D’água.....	83
3.4 - Elevador Lacerda, Igreja do Rosário dos Pretos, Ladeira do Pelourinho: Lugares	94
CAPÍTULO 4 – Os territórios, lugares, patrimônios e a paisagem na literatura	98
4.1 - Os Territórios na Cidade Alta e na Cidade Baixa	98
4.2 - Os lugares de Massu, Tibéria e Cabo Martim.....	125
4.3 – Os Patrimônios dos Pastores da Noite.....	192
4.3.1 - A Igreja do Bonfim	201
4.3.2 - Samba de Roda.....	205
4.3.3 - Roda de Capoeira	207
4.3.4 - Igreja da Sé.....	218
4.3.5 - Festa de Iemanjá.....	223
4.3.6 - Baianas do Acarajé.....	229
4.4 - A Paisagem da Bahia de Todos-os-Santos.....	245
4.5 - A Geograficidade	255
5 – Conclusões.....	262
REFERÊNCIAS	280

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Jorge Amado.....	33
Figura 2- Jorge Amado e família, da esquerda para direita: seu irmão James, seu pai João Amado, Jorge, sua mãe Eulália e seu irmão Joelson.....	35
Figura 3: Casarão de Suor	39
Figura 4 - Banca de Acarajés.....	89
Figura 5 - Baiana Sueli.....	90
Figura 6 - Memorial das Baianas de Acarajé	91
Figura 7 - Vendedor de Mingau	93
Figura 8 - Pelourinho, Fundação Casa de Jorge Amado	129
Figura 9 - Pelourinho descendo à Cidade Baixa.....	130
Figura 10 - Sobrado de Suor.....	134
Figura 11 - Igreja Nossa Senhora dos Negros	138
Figura 12 - Elevador Lacerda.....	142
Figura 13 - Mercado Modelo.....	148
Figura 14 - Passado do Mercado	149
Figura 15 - Restaurante no Mercado	156
Figura 16 - Placa com a inscrição literária	157
Figura 17- Material do Restaurante.....	158
Figura 18 - Feira de São Joaquim.....	164
Figura 19 - Banca na Feira de Água de Meninos	166
Figura 20- Baixa dos Sapateiros.....	177
Figura 21 - Balangandã	180
Figura 22 - Igreja de São Francisco de Assis	181
Figura 23 - Interior da Igreja de São Francisco de Assis.....	183
Figura 24 - Claustro da Igreja de São Francisco de Assis.....	184
Figura 25 - Terreiro de Jesus.....	185
Figura 26 - Capoeira no Terreiro de Jesus.....	187
Figura 27 - Faculdade de Medicina	189
Figura 28 - Igreja de Nosso Senhor do Bonfim.....	201
Figura 29 - Forte de Santo Antônio Além do Carmo	217
Figura 30 - Monumento da Cruz Caída.....	218
Figura 31 - Palácio da Sé.....	220
Figura 32 - Rio Vermelho	227
Figura 33 - Acarajé.....	233
Figura 34 - Banca de acarajés no Terreiro de Jesus	234
Figura 35 - Monumento as Baianas.....	241
Figura 36 - Banca de acarajés da Penha	242
Figura 37 - Banca de acarajés da Sueli.....	243
Figura 38 - Banca de Acarajés no Rio Vermelho.....	243
Figura 39 - Solar do Unhão	250
Figura 40 - Cais	252
Figura 41 - Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia	253

Figura 42 - Pelourinho e Baiana.....	257
Figura 43 - Pelourinho e Axé	258
Figura 44 - Pelourinho e música.....	259
Figura 45 - Pelourinho e tranças.....	260

LISTA DE SIGLAS

ENANPEGE – Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

HQ – História em quadrinho

HQS – Histórias em quadrinhos

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LEUR – Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais

ONU – Organização das Nações Unidas

PCB – Partido Comunista Brasileiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Introdução:

Esta tese tem como objeto de estudo as obras de Jorge Amado, escritor baiano, analisando-as numa perspectiva geográfica, ou seja, interpretando e reconhecendo os conceitos trabalhados pela Geografia e que através da interpretação geográfica, se refletem nas narrativas amadianas.

Jorge Amado, o escritor escolhido para este trabalho, possui uma vasta obra que inclui romances, contos, novelas, biografias, livros de memórias e até literatura infantil, no entanto, predominantemente sua obra se divide em dois grandes blocos temáticos: romances sobre o ciclo do cacau na Bahia e romances/contos/novelas que tratam da vida urbana de Salvador, capital baiana.

Com isso, foram selecionados todos os livros que tratam da vida em Salvador, ou seja, seus romances urbanos e demais gêneros com esta temática, pois, embora os livros sejam de gêneros diferentes, todos possuem em comum a composição de uma única narrativa. Para que o trabalho possa agregar mais informações e aprofundamento das obras analisadas, acreditamos na pertinência do uso de todas as obras selecionadas, estas podem acrescentar elementos na compreensão e problematização que a exclusão das mesmas não permitiria.

Desta forma, foram selecionadas as seguintes obras: *O país do Carnaval* [1931]; *Suor* [1934]; *Jubiabá* [1935]; *Mar Morto* [1936]; *Capitães da Areia* [1937]; *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador* [1945]; *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* [1961]; *Os pastores da noite* [1964]; *Dona Flor e seus dois maridos* [1966]; *Tenda dos Milagres* [1969]; *O menino grapiúna* [1981] e *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria: romance baiano* [1988]. Somam-se, assim, 12 livros do escritor baiano Jorge Amado.

Alguns estudiosos da obra de Jorge Amado, como Ana Maria Machado (2006), dividem a literatura de Amado em duas fases, sendo a primeira pertencente ao período em que o escritor foi membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), neste período que abrange metade de suas obras, seus romances por diversas razões que serão dissertadas ao longo da tese, tinham algumas peculiaridades como um “chamado à revolução”, ou seja, continham suas ideias comunistas e um cunho de educação popular, uma característica que os escritores pertencentes ao partido deveriam seguir no mundo inteiro naquele período. O jornalista e escritor português Miguel Sousa Tavares (2008)

coloca como esta regra acabou tolhendo a literatura em Portugal neste período, o que segundo o mesmo, não aconteceu com Jorge Amado, de forma que em Portugal segundo Tavares, naquele período a obra ficava resumida a um anúncio.

A segunda fase de Jorge Amado, ainda de acordo com Machado (2006), se dá a partir da escrita de *Gabriela, cravo e canela* (1958), segundo os estudiosos, marcando uma fase em que os costumes estão no centro da narrativa que deixa de exibir jargões comunistas, essa segunda fase culmina com a saída de Jorge Amado do PCB, após o discurso de Nikita Khrushchov, onde soube-se das atrocidades que estavam sendo cometidas em nome do comunismo.

No entanto, faz-se importante pontuar algumas coisas que a leitura e análise do conjunto de obras em sua totalidade permitem conhecer e compreender. Ao deixar de ser comunista, Amado não deixa de acreditar no socialismo. Isso faz com que a escolha das obras que serão trabalhadas nesta tese tenha critérios de escolha diferentes dos atribuídos pelas fases temporais. Ou seja, estão contemplados livros pertencentes as duas fases de escrita de Jorge Amado, mas que pertencem ao mesmo tema de escrita, o urbano em Salvador e que apresentam problemas sociais.

A literatura de Amado pode ser como uma viagem à Bahia, especificamente a capital baiana, nessa viagem, o leitor é convidado a conhecer suas ruas e mistérios, suas cores, seus sabores, seus ritos, sua alegria e seus problemas, construindo assim uma paisagem. A dor é o que mais chama a atenção na literatura amadiana, ou seja, a dor dos personagens, a dor das injustiças, das desigualdades, da exclusão. Seus protagonistas são os sujeitos marginalizados como, mães-de-santo, capoeiristas, artistas, meninos de rua, mendigos, prostitutas, baianas que vendem comida pelas ruas, trabalhadores do cais, operários, entre muitos outros.

Suas histórias se cruzam em diversos romances como acontece com os Capitães da Areia, um grupo de crianças de rua, que vivem em Salvador, estes, aparecem em diversos livros, inclusive em *Bahia de Todos-os-Santos*, que é um guia sobre a cidade, onde vão sendo listadas as comidas típicas, pessoas ilustres, músicos, artistas, paisagens que toda pessoa que visite Salvador, deve conhecer, assim como os meninos de rua, os demais personagens tem suas histórias narradas e junto dos problemas vividos são tecidos os lugares, territórios, patrimônios, identidades, paisagens e muitos outros conceitos que são trabalhados pela Geografia.

Tudo aquilo que diz respeito a experiência humana sobre a Terra, pertence ao campo de estudo da Geografia, assim, a literatura funciona como uma viagem, e é capaz de transformar a experiência em conhecimento, contribuindo na ordem de socialização que se oponha a tirania circular e simulada que envolve a informação e o poder, fazendo disso uma onda democrática, crítica onde a cultura que é criada e portada pela sociedade, possa determinar as estruturas das instituições que devem estar a serviço da sociedade e não contra esta, Carlos Fuentes (2007).

Desta forma, percebemos a geograficidade, segundo Marandola (2010), na literatura de Jorge Amado, através das experiências que vão sendo narradas, ou seja, através do sentido atribuído pela interpretação que realizamos das obras. Notamos diversas concepções de território, todas com um ponto em comum, as relações de poder, no entanto, utilizamo-nos de diversas concepções diferentes, com a finalidade de complementar e expressar as relações existentes entre os personagens estudados.

A escolha por trabalhar com um dos conceitos mais complexos dentro da Geografia, como o território, é feita justamente pelo nível e complexidade que este conceito envolve e principalmente pelas diferentes funções que podem ser exercidas por ele. Assim, ao longo do trabalho o território será aprofundado teoricamente a fim de fundamentar a pesquisa realizada, pois, acreditamos ser o território o conceito capaz de revelar os problemas narrados.

Uma vez que o território é um dos conceitos centrais da pesquisa na literatura de Jorge Amado, podemos pensar, teria Amado pesquisado sobre o conceito de território para escrever seus romances? Possivelmente não, principalmente se levarmos em consideração todas as variações e usos que este conceito vem sofrendo ao longo do tempo na busca por sua melhor definição, capaz de dar conta de tudo que ele representa. No entanto, percebe-se na literatura amadiana que o território brota do sentido da narrativa, ou seja, através da maneira com que o mundo se constitui nas relações dos personagens.

Ao considerarmos o que diferentes autores, como Haesbaert (2006), Souza (2000), convergem na conceituação de território, teremos que o que forma um território são os sujeitos, as relações exercidas num determinado espaço, ou seja, não é o espaço em si, a delimitação política, mas o que os sujeitos fazem com este. Assim, o território se faz presente na medida em que a narrativa constrói a vida do povo baiano, dos

soteropolitanos com suas lutas diárias, com seus trabalhos, seus locais de lazer, seus lugares sagrados, lugares proibidos, lugares estes que são definidos e delimitados por relações de poder entre os personagens. Onde podem estar? Onde querem estar? Onde estão? São questões que serão respondidas através da problematização do território revelada nas obras, e que nos ajudam assim na compreensão da geograficidade, ou seja, na essência da experiência geográfica no mundo. O que nos permite pensarmos no sentido da nossa existência.

Os territórios são formados de lugares, os lugares compõem núcleos dos territórios, e aqui nos referimos a lugar como a dimensão simbólica que envolve identidades, trocas simbólicas, intersubjetividade, construção de imagens e fundamentalmente a construção de sentidos e significados, que formam o espaço vivido, Tuan (2013). Com isso, o lugar será um dos conceitos que serve como aporte nesta pesquisa.

Todavia, o lugar é entendido aqui com base principalmente nos estudos desenvolvidos por Yi-Fu Tuan (2013), com contribuições de outros pesquisadores, e é entendido fundamentalmente como algo construído a partir do espaço, com relações de sentimentos e sentidos, através das experiências vividas, num processo onde há a atribuição de significados, ou seja, quando dotamos de valor o espaço, este torna-se um lugar. Assim, lugar é o espaço com sentido, dotado de valor e com relações de pertencimento e sentimento. Assim como o poder é o cerne do conceito de território, o sentido e os significados formam o cerne do conceito de lugar.

Percebendo os temas mais relevantes e explícitos na literatura de Amado, ao pensarmos lugar, território, cultura e memória, surge da relação existente entre estes elementos a temática patrimonial, e o Patrimônio, com base em Figueiredo (2013), é o conjunto de bens culturais, que por meio do seu próprio valor, são considerados importantes e relevantes para a manutenção e preservação da identidade e da cultura de um povo. Patrimônio se divide em dois grupos, sendo eles, os bens materiais e os bens imateriais.

Os bens materiais ainda se subdividem em móveis e imóveis, como móveis, estão incluídos objetos, esculturas, móveis, entre outros. Já os imóveis, correspondem não somente aos prédios de uma forma isolada, mas também ao seu entorno, ou seja, o conjunto da obra, como acontece com o Pelourinho. Já os bens imateriais, dizem respeito a produção cultural naquilo que não é palpável, como os modos de fazer,

exemplo: o ofício das baianas do acarajé, a expressão musical, a memória oral, ritos, entre outras manifestações como a Roda de Capoeira.

Diante de todos estes conceitos que guiarão a pesquisa como conceitos articuladores, percebe-se ainda um que perpassa todos os demais, trata-se do conceito de paisagem que se faz presente na construção de territórios, lugares e patrimônios. Eis que a paisagem cristaliza tudo o que discutiremos, portanto, também será trabalhada.

Este estudo faz parte ainda do que Paul Claval (2011) define como uma abordagem cultural dentro da Geografia. Abordagem no sentido de que, com o giro cultural, por volta da década de 1970, a Geografia percebeu que devido as mudanças que vinham acontecendo, não seria suficiente criar mais uma subárea dentro da disciplina, em contrapartida a isso, deveria se repensar em sua totalidade. A partir daí, no que diz respeito aos estudos culturais, Claval passou a chamar de uma abordagem cultural, pois, a cultura nunca está isolada das demais dimensões, ela faz parte e é integralizada, existindo antes das demais dimensões sociais.

A Geografia existente nas obras de Jorge Amado é latente em diversos aspectos, temas e conceitos, como alguns que serão aqui trabalhados, no entanto, em se tratando de um escritor que divulgou o Brasil com sua literatura e por ser um dos escritores mais populares brasileiros, suas obras sofrem uma série de contradições nos usos a que são submetidas. Tanto nas discussões e pesquisas acadêmicas como pelo uso feito dos setores midiáticos e turísticos.

Como objetivo geral desta pesquisa, buscamos interpretar a obra soteropolitana de Jorge Amado, partindo dos conceitos geográficos de lugar, território, paisagem e patrimônio, este último um conceito que está sendo inserido nos estudos geográficos numa perspectiva problematizadora das obras.

Como objetivos específicos, pretendemos relacionar os conceitos geográficos na literatura urbana de Jorge Amado; para então, partindo da leitura destes conceitos, compreender o meio a partir da perspectiva do sujeito; utilizar a interpretação como processo para o entendimento do objeto de estudo e por último, temos como objetivo específico, perceber as possibilidades e contradições existentes nos temas em questão, numa perspectiva dialógica.

Na construção desta tese nos fundamentamos na Geografia Humanista em todo seu desenvolvimento histórico que resulta em grande parte das discussões da geografia contemporânea, temas que contemplam de forma geral algum aspecto cultural. Podendo ser algo ligado a arte, música, literatura, como é o caso desta tese, ou ainda grupos religiosos, sabores, festas religiosas, o corpo, entre muitos outros.

De acordo com Marandola JR (2013) por volta da década de 1970 a geografia busca resgatar as raízes com as humanidades, ao se perceber que a geografia estava com um caráter muito duro, pautado na quantificação e na exatidão. A crítica era de que a geografia estava deixando sua área humana de lado.

Assim, nessa tentativa de resgatar o lado humano e de dar conta do momento vivido, a literatura, a música, a história, o mundo vivido e temas culturais foram incluídos e valorizados nos estudos geográficos. Os estudos de Tuan, entre outros, formaram a base das discussões deste período que configurou uma nova forma de geografia. Inclusive seu livro: *Espaço e Lugar* (1977), que utilizamos neste estudo, forma a base dessas discussões, pois, o lugar torna-se um dos principais conceitos quando pensamos no que envolve a cultura e as manifestações culturais.

Nesse movimento, o conceito de paisagem também foi ressignificado contribuindo no entendimento das relações homem-meio, levando em consideração o conteúdo histórico e cultural. Ou seja, o movimento, a ideia de continuidade passa a ser reconhecida e considerada. O que leva em 1990 a renovação e revalorização da geografia cultural.

Desta forma, os geógrafos anteriormente definidos como humanistas passaram-se a se considerar como geógrafos culturais, inclusive Tuan. Esse novo horizonte da geografia abriu espaço para a interpretação e para a atribuição de significados. E neste ponto, podemos perceber os enlaces que envolvem essa tese que tem como ponto de partida a interpretação de obras literárias, numa perspectiva geográfica, e, a partir dessa interpretação, a atribuição de significados aos lugares construídos pelos personagens, aos ritos narrados, aos territórios e paisagens que fazem parte da literatura de Jorge Amado.

Para a realização dos trabalhos de campo na cidade de Salvador em maio de 2015 e fevereiro de 2018, nos utilizamos da perspectiva etnográfica como inspiração de

pesquisa, com base em Magnani (2002) e (2009), Peirano (2008). Apoiamo-nos em algo próximo a uma pesquisa participante, na busca por conhecer um pouco mais da totalidade que envolve a temática de estudo. Seria presunçoso demais pensarmos que, por utilizarmos a perspectiva etnográfica, estaríamos fazendo etnografia. Visto que, como algo que está na “moda”, diversas áreas estão utilizando-se da etnografia em suas pesquisas, o que deve requerer alguns cuidados, pois o fazer etnográfico deve ser destinado, segundo alguns pesquisadores da área, a antropólogos por formação. Isso não impede que a etnografia seja amplamente usada, como base de diversas pesquisas, através da sua adaptação, e que assim, pode oferecer subsídios para o entendimento a que se quer chegar em estudos que envolvam as cidades, como um exemplo.

[...]o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas - religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002, p. 18).

Assim, na perspectiva do autor acima citado, através da etnografia a cidade é pensada como algo mais que um cenário onde ocorrem as ações sociais, pois a cidade é o resultado das práticas que são realizadas pelos seus atores, ou seja, moradores, grupos, visitantes, poder público, entre outros, que formam uma rede complexa de trocas, conflitos e interações, e que por sua vez, geram um movimento capaz de ser percebido e captado pela etnografia.

Para Peirano (2008), a etnografia não é somente uma prática e uma metodologia de pesquisa, mas sim a teoria vivida, de forma que o fazer etnográfico contempla a teoria em ação, entrelaçada nas evidências empíricas dos dados que obtemos. Assim, teoria e prática são indissociáveis neste processo, uma vez que o fazer etnográfico é perpassado constantemente pela teoria.

Desta forma, o trabalho que antecede o campo, consiste na pesquisa profunda sobre todo conhecimento já produzido pela temática, no momento em si, no trabalho de campo, o olhar do pesquisador precisa estar moldado, bem como disciplinado pela

teoria, para no retorno ao campo, no momento da escrita, colocar em ordem os fatos, que são traduzidos e pensados numa teoria interpretativa.

Embora teoria e prática, assim como acreditamos em demais pesquisas, devam estar sempre juntas, no caso da etnografia, o campo, ou seja, a realidade é sempre algo surpreendedor ao pesquisador, pois é a prática que pode proporcionar a desestabilização. E trabalhar com a etnografia diz respeito a abertura de espaço para a desestabilização do nosso pensamento a medida em que vamos estabelecendo novas conexões com as forças minoritárias pesquisadas.

A etnografia consiste na forma de nos aproximarmos da realidade a que nos dedicamos a estudar, bem como, entender. Este método consiste num mergulho profundo na vida cotidiana dos sujeitos que buscamos conhecer e aprender. No caso desta pesquisa, a vida cotidiana de determinados espaços na cidade de Salvador, mais precisamente os que compõem o centro histórico da cidade. Tendo como centralidade os sujeitos, baianas que vendem acarajé, capoeiristas, mães-de-santo, entre outros.

O primeiro passo para a construção desta tese deu-se através da investigação prévia dos conceitos geográficos que poderiam ser trabalhados com a literatura e como esses conceitos materializavam-se através da narrativa. Assim, partimos para uma primeira leitura e conhecimento sobre os principais conceitos trabalhados dentro da Geografia, como o território, o lugar, a paisagem, o espaço geográfico e a partir daí, realizamos a primeira leitura das obras, investigando o potencial de análise das mesmas sob a ótica destes conceitos.

Descobrimos, nessa primeira leitura que tem como base a interpretação sempre ligada aos conceitos geográficos, que alguns conceitos se mostraram mais latentes nas obras escolhidas. Alguns perpassam todas as obras, do início ao fim, e outros mostraram-se com maior força em uma ou em outra obra.

O conceito de paisagem poderia ser facilmente trabalhado em todas as obras, pois são ricas as passagens em que o espaço é narrado em detalhes. Mas num primeiro momento optamos por não trabalhar com esse conceito devido a quantidade de trabalhos já existentes que se dedicam a análise da paisagem na literatura.

No entanto, ao longo da pesquisa notamos que seria interessante incluímos este conceito, ainda que ele não seja um dos mais importantes no que nos dedicamos a

perceber na obra de Jorge Amado. E assim como a paisagem foi incluída, após a primeira leitura investigativa, um outro conceito que vem sendo incluído nos estudos geográficos pareceu-nos propício e presente nas obras, relacionando-se aos demais, ou seja, o conceito de patrimônio.

Neste primeiro momento, notamos que o território é um dos conceitos chaves para que se possa entender a obra de Jorge Amado em sua totalidade e complexidade enquanto todo, analisando todos os livros que se passam em Salvador, na área urbana da cidade. E como notamos esse conceito? Percebemos que as obras apresentam ao leitor diversos problemas sociais, são problemas de moradia, de educação, da precarização do trabalho em diversos setores. E como aparecerá diversas vezes nesta tese, sabemos que a literatura de Jorge Amado é uma literatura de denúncia dos problemas sociais de sua época.

E com isso, o que notamos foram diversas relações de poder que são exercidas na cidade, relações entre os personagens. São relações que não são simples nem binárias. Então a primeira forte impressão que tivemos foi quanto ao trabalho com o território na literatura. Na medida em que iniciamos nossa investigação quanto a como este conceito poderia ser interpretado através da literatura, percebemos as relações com outros conceitos que seriam fundamentais como de espaço e de lugar.

Após a primeira leitura das obras, realizada com o objetivo de identificar previamente os conceitos mais evidentes no enredo partimos para a sistematização do estudo a ser realizado. Ou seja, ao aprofundamento do conhecimento sobre cada um dos conceitos trabalhados como espaço, território, lugar, paisagem, patrimônio, representação entre outros que contribuíram no entendimento e construção desta tese.

O aprofundamento nestes conceitos mostrou que existe uma relação que os liga, de forma que em cada um encontramos um elemento que faz parte do outro também. Não podemos pensar um território sem antes pensarmos o espaço, sem espaço não há território. O mesmo acontece quando pensamos nos lugares, cada lugar faz parte de um território que por sua vez está incluso num espaço.

Já a paisagem, mostrou-se como um conceito capaz de materializar todas as discussões anteriores, pois ela representa as transformações no espaço narrado. E nela estão contidos todos os elementos que trabalhamos e analisamos incluindo os

patrimônios. E esse conceito que se pode dizer que é novo na geografia, passa a fazer parte dos estudos geográficos justamente através da paisagem, e das paisagens culturais que em 2009 passaram a ser consideradas como patrimônios também.

Notamos que em muitos casos o trabalho com um conceito levava a outro, de forma que a sua inclusão contribuía no entendimento do que nos propomos a estudar. Cada patrimônio seja material ou imaterial faz parte de um lugar e muitos como prédios, igrejas, mercados, compõem uma paisagem. Para isso, ficamos atentos a todas as características destes conceitos, isolados e em conjunto com os demais, para que através do conhecimento de suas características pudéssemos identificá-los nas obras literárias.

Adotamos alguns dos principais autores que se dedicaram ao estudo de cada um destes conceitos. Em alguns casos incluímos variados autores para a complementação do conceito, como o de território, diante da complexidade que a narrativa literária nos oferece. Então, foi necessário esse aprofundamento sobre os conceitos que são base para a Geografia, mas que foram pertinentes a esta literatura, o que acreditamos, varia de acordo com a literatura escolhida.

E isso observamos ao conhecermos os demais estudos que existem entre a geografia e a literatura, muitos sobre a cidade, sobre a identidade de um povo ou lugar, a abundância de trabalhos que se dedicam a análise da paisagem através da literatura em diversos gêneros literários, poesia, romances, contos, literatura de cordel, entre outros. Portanto, salientamos, que para a literatura urbana de Jorge Amado, a interpretação das obras apontou para estes conceitos que são ligados por um importante elemento, a cultura.

Por percebermos que a cultura é o elo que liga toda essa pesquisa, inclusive sua relação com a geografia, inicialmente achamos que deveríamos trabalhá-la como algo isolado dentro do trabalho, trazendo as teorias que à abordam, e explicando como a cultura faz parte de cada elemento que analisamos. No decorrer da pesquisa, nossa percepção quanto a isso mudou. E optamos por não trabalhar com a cultura como um item a parte, mas buscar demonstrar como ela faz parte daquilo que analisamos, constantemente.

A seguir, foram realizadas diversas leituras das obras escolhidas, e na medida em que as obras foram sendo entendidas, as novas leituras puderam ser direcionadas

para os conceitos que buscamos identificar. Sistemáticamente cada livro passou por um fichamento, onde sinalizamos as principais características dos conceitos escolhidos, os trechos capazes de representar estes conceitos dentro da literatura, a materialização destes conceitos de forma literária.

Ou seja, como entendemos um lugar? Um lugar é um espaço dotado de significados, de símbolos e signos, e foi isso que transpomos a leitura das obras literárias, procurando identificar as passagens que demonstrassem através dos sujeitos, personagens, como os lugares estavam construídos dentro da narrativa, e a importância destes lugares para os personagens.

Observando os confrontos, recortamos os trechos que demonstravam as relações de poder existentes, o espaço em que ocorrem e como são exercidas e então buscamos relacionar e atravessar as literaturas, acadêmica e literária. Os lugares foram marcados e situados, os patrimônios identificados, as mudanças ocorridas com o tempo, as transformações no espaço e na paisagem, mudanças que geraram novos territórios, novos sujeitos.

Detemo-nos também em alguns pontos da literatura que correspondem a acontecimentos históricos, como o fato de diversos personagens serem marcados pela varíola, o que é um reflexo da representação do vivido pelo escritor quando em 1919 o Brasil passou por uma epidemia de varíola e que é narrada em *O menino grapiúna*, p. 15 e 16. Os personagens marcados pela varíola são frequentes em quase todas as obras, em *Capitães da Areia* a epidemia chega a ser narrada.

Assim, a investigação nas obras não se esgotou em si, pois, muitos fatos foram pesquisados para além das obras, considerando que nosso objeto de estudo, a literatura amadiana é uma representação, um ponto de reflexão sobre a realidade vivida pelo autor, não a única, mas uma possível interpretação de seu tempo e também criação.

Com isso, para diversos fatos narrados procuramos informações além das que são narradas na literatura. O fato da modificação na paisagem portuária que dá lugar ao abrigo dos Capitães da Areia, modificando os sujeitos, antes trabalhadores do cais, que carregavam e descarregavam através dos trapiches, logo abandonados, remete a modernização dos portos, o que não aconteceu somente na Bahia, mas em muitos outros lugares do Brasil.

Essa leitura atenta procurou elementos nas entrelinhas do texto literário, investigando vários aspectos que correspondem a fatos reais, como também a perseguição religiosa e a proibição da capoeira. Alguns fatos pertencem ao passado, outros possuem certa continuidade, de forma que se tornaram patrimônios, como o ofício das baianas do acarajé.

Nem todos os fatos que permaneceram ao longo dos 89 anos desde que a primeira obra foi escrita foram transformados positivamente como o ofício das baianas, as mazelas como os grupos de crianças de rua permaneceram, mas se modificaram, de acordo com o campo que realizamos em 2015 e onde visitamos e entrevistamos o órgão responsável por esses menores na cidade, atualmente existem crianças em situação de rua, outra permanência trata-se dos mendigos que continuam a habitar as ruas e alguns, os mesmos espaços narrados há quase 90 anos como a Praça da Sé, o que também constatamos nos trabalhos de campos realizados em 2015 e 2018.

Outra etapa importante desta tese foram os trabalhos de campo realizados, e como há uma certa continuidade na temática desenvolvida anteriormente na dissertação de mestrado que também se dedicou a pensar a literatura de Jorge Amado, com apenas uma obra e onde realizamos um trabalho de campo em Salvador, incluímos aqui aprendizados e dados obtidos também neste primeiro campo. No período desta pesquisa realizamos um novo trabalho de campo em Salvador, essencial a pesquisa.

Realizado em fevereiro de 2018, o trabalho de campo proporcionou a aproximação com os espaços que são narrados. Os prédios, como o casarão que inspirou *Suor*, e que foi moradia de Jorge Amado na juventude, localizado na ladeira do Pelourinho. O próprio Pelourinho com seus casarões coloniais, igrejas, museus, a Fundação Casa de Jorge Amado que se localiza neste espaço. Visitamos museus, todos ligados a Jorge Amado e também os que contam algo sobre a cidade. Visitamos as igrejas descritas nas obras, o terreiro de mãe menininha do Gantoes onde não é permitido fotografar e onde no memorial a mãe-de-santo há um trecho da literatura de Jorge Amado onde o escritor fala de sua amiga.

Visitamos como se vê ao longo da tese os restaurantes no Mercado Modelo, continuações do tempo em que foram narrados nas obras amadianas, e ambos possuem placas com inscrições de Jorge Amado. Experimentamos diversos acarajés, e através do

memorial das Baianas do Acarajé descobrimos que a experiência de se comer um acarajé também faz parte do conjunto que foi tombado como este patrimônio.

Conhecemos a casa onde Jorge Amado viveu no Rio Vermelho, seus objetos pessoais, as cartas que recebeu de amigos, incluindo escritores como Monteiro Lobato. Na Fundação Casa de Jorge Amado tivemos acesso a área de pesquisa, onde estão todos os documentos de Jorge Amado e suas obras em diversas línguas. Entrevistamos Myriam Fraga diretora da fundação, escritora e amiga de Jorge Amado que infelizmente, veio a falecer em 2016, assim em 2018 entrevistamos sua filha, Angela Fraga, atual diretora da Fundação Casa de Jorge Amado.

O campo, a observação, a pesquisa etnográfica, o registro fotográfico e a investigação que passou por todos os pontos possíveis que envolvem autor e obra, como órgãos oficiais, prédios, igrejas, espaços públicos e privados, museus, e paisagens faz parte também do que seguimos como uma parte da pesquisa que considera o sistema literário de Antonio Candido, no que diz respeito ao que faz parte ao conhecimento sobre o escritor.

Assim, acreditamos que quanto mais nos aproximássemos das paisagens que inspiraram as obras, como dos elementos reais ainda existentes, maior seria nossa compreensão da mesma. Sem dúvidas as percepções quanto ao que é narrado nas obras literárias passou a ter outros significados depois dos trabalhos de campo. E para cada questão que se mostrou necessária na construção desta tese buscamos referenciais pertinentes que pudessem as fundamentar.

Quanto ao campo, trabalhamos de acordo com o que nos diz a professora Dirce Maria Antunes Suertegaray (2017), onde o campo é visto como algo que é muito importante para a geografia, mas que não é tão discutido. E que deve estabelecer um compromisso com as comunidades que são pesquisadas, resultando na divulgação dos resultados. Ou seja, neste caso esta pesquisa retornará a Fundação responsável pela documentação do autor que foi visitada, para citar apenas um exemplo de como pode e deve ser divulgada.

De acordo com Suertegaray (2017), concordamos que o campo nos ajuda na busca pela descoberta daquilo que nos instiga, que nos inquieta, e neste sentido buscamos conhecer e compreender uma outra cidade e todos os seus elementos de

funcionamento. O campo pode ser visto então como um texto, com múltiplos significados que devem ser compreendidos.

Nossos trabalhos de campo foram realizados com base principalmente na observação da realidade refletida na literatura de Jorge Amado, realidade essa interpretada a partir da leitura do texto literário e do contato com o real. Esse contato contribuiu na investigação e descoberta das contradições existentes, assim como as continuidades e rupturas e isso permitiu uma nova interpretação do que estava sendo investigado.

A escolha dos lugares, do que fotografar, de como descrever, o ângulo que se quer mostrar também são formas de interpretar através da fotografia, incluindo os horários escolhidos. Tudo isso passa pela percepção de quem realiza o campo, sobre como se direciona o olhar. E neste sentido podemos perceber que assim como acontece na literatura onde iniciamos tentando observar algo e novas questões vão surgindo, o mesmo também acontece no trabalho de campo.

Ao observarmos os espaços como o Pelourinho, nosso olhar estava voltado a determinados sujeitos como pais de santo, baianas vendendo acarajé, mas a observação mostrou outros sujeitos, recentes neste espaço, como jovens que pintam motivos africanos nos turistas e baianas que trabalham posando nas fotos dos turistas. O campo sempre revela e confronta hipóteses, expectativas e nos oferece novos significados e descobertas.

Uma vez realizados os trabalhos de campo, a seguir nos detivemos na análise do que observamos e registramos, relacionando com a literatura acadêmica e literária e chegando assim a novos significados e interpretações das obras e dos elementos que escolhemos analisar como os patrimônios.

Acreditamos que o trabalho de campo realizado é de extrema importância para esta pesquisa. Pois é o momento do contato entre tudo aquilo que foi lido, imaginado, criado na mente e pode ser confrontado com a realidade que inspirou. Sabemos que o que o escritor representa em suas obras é apenas uma possível visão e reflexão de sua realidade vivida, é uma, não a única possível, mas mesmo assim é de extrema importância. O campo permite reconhecer as marcas da literatura, as continuidades e rupturas sofridas com o tempo.

A atualização e evolução de alguns saberes, a valorização, como a construção de museus que hoje preservam muito do que Jorge Amado narra e que no momento em que foi escrito não existia, como é o caso do Memorial das Baianas do Acarajé, para citar apenas um exemplo, entre tantos outros que poderíamos dar. Cientes de que a cidade está sempre em transformação e que após nosso trabalho de campo, sabemos terem sido abertos outros espaços que se dedicam a memória e história da cidade que nos interessam, como um museu com o que restou da antiga catedral da Sé, mostra a dinamicidade do espaço que é constantemente construído.

O contato com as entidades responsáveis pelos documentos, obras, objetos e memória do escritor, a Fundação Casa de Jorge Amado, a Casa de Jorge Amado no Rio Vermelho, também contribuíram no entendimento do universo narrado e principalmente no saber sobre o escritor.

Para pensarmos os personagens literários, utilizamo-nos do conceito de sujeito, conceito este desenvolvido por Edgar Morin em seu livro: *A cabeça bem feita*. Morin trata da ideia de sujeito partindo de várias ideias, a primeira parte de uma base biológica que nos liga enquanto seres condicionados, espécie e meio em que vivemos, e com isso, não parte de uma ideia de sujeito partindo de uma visão ligada aos sentimentos.

Da mesma forma, para Morin, para que se possa conceituar sujeito, deve-se considerar como um pré-requisito, o conceito de indivíduo para que consigamos chegar na definição que queremos, considerando que a ideia de indivíduo não parte de algo que é fixo, imutável. Portanto, considerado por tudo isso:

Do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução; mas este produto é, ele próprio, reproduzidor em seu ciclo, já que é o indivíduo que, ao se acasalar com indivíduo de outro sexo, produz esse ciclo. Somos, portanto, produtos e produtores, ao mesmo tempo. Assim também, quando se considera o fenômeno social, são as interações entre indivíduos que produzem a sociedade; mas a sociedade, com sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura. (MORIN, 2003, p.119)

A conceitualização de sujeito por Morin é o conceito que melhor expressa a condição dos personagens enquanto sujeitos. Considerando que a cultura é o elemento que liga os personagens a todas as discussões e reflexões que nos propomos, percebendo os conceitos geográficos existentes e representados através da vida dos personagens.

Pensando então, no ponto de vista biológico, chegamos a uma noção que é complexa quanto a autonomia e indivíduo, até onde existe autonomia para os indivíduos? Somos seres condicionados a diversos fatores. Seguindo, Morin coloca que para que se possa chegar a noção de sujeito, precisamos antes pensar no quanto a noção biológica está intimamente ligada a dimensão cognitiva, esta dimensão é inseparável da prática de sua vida. Portanto sem a dimensão cognitiva não há vida.

A dimensão cognitiva é chamada por Morin como computacional, e diz respeito aos estímulos, ou seja, aos signos, símbolos, a tudo que permite agir dentro do universo que estamos inseridos, ou seja, trata-se de algo que permite a comunicação tanto com o que é externo como interno ao indivíduo. Assim:

E isto é fundamental: a natureza da noção do sujeito tem a ver com a natureza singular de sua computação, desconhecida por qualquer computador artificial que possamos fabricar. Essa computação do ser individual é a computação que cada um faz de si mesmo, por si mesmo e para si mesmo. É um *cômputo*. O *cômputo* é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considera-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa etc. (MORIN, 2003, p. 120)

Desta forma, Morin define primeiramente o sujeito como algo que é egocêntrico, ou seja, como algo que está no centro de tudo, de seu mundo. E essa, é mais uma perspectiva que acreditamos, expressa os personagens trabalhados nesta tese, partindo da ideia inicial de considerar os personagens como o centro, como o ponto de partida das análises, a partir daí observando as práticas sociais que os envolvem. Ou seja, há a ideia do eu, do eu como algo que ocupa um lugar no mundo, e tudo é percebido a partir do eu, portanto deriva daí a noção de centro do mundo, do egocentrismo. O que implica em uma identidade:

“Eu [je] sou “eu” [moi]” é o princípio que permite estabelecer, a um só tempo, a diferença entre o “Eu” (subjetivo) e o “eu” (sujeito objetivado), e sua indissolúvel identidade. Ou seja, a identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e de reunificação. Esse princípio bastante complexo é absolutamente indispensável, pois permite qualquer tratamento objetivo de si mesmo. (MORIN, 2003, p. 120)

E é essa unificação do eu que permite a realização de todas as operações. E assim, o indivíduo modifica-se sempre, do seu nascimento até sua morte. E essas modificações envolvem também suas células. Ou seja, podemos pensar no indivíduo enquanto criança e mais tarde enquanto adulto e teremos para estes dois momentos o mesmo sujeito, mas com modificações, ou seja, houveram transformações e mudanças, mas o sujeito continuou o mesmo.

A comunicação faz parte do princípio de identidade, uma vez que o eu é dual se pensarmos a ideia de indivíduo, sujeito, para que eu possa pensar o eu e o outro, ou o eu e eu mesmo, necessito dos signos, dos símbolos, de um código que permita essa linguagem. Desta forma, o eu é sempre dual, como podemos ver:

É preciso destacar, aqui, algo de muito importante: no “Eu sou eu” já existe uma dualidade implícita – em seu ego, o sujeito é potencialmente outro, sendo, ao mesmo tempo, ele mesmo. *É porque o sujeito traz em si mesmo a alteridade que ele pode comunicar-se com outrem.* (MORIN, 2003, p. 123)

A afetividade não é excluída completamente da ideia de sujeito, nossa condição humana se dá pela subjetividade que passa pela afetividade, o que não se considera para Morin, é que ela seja a principal condição para a definição enquanto indivíduos-sujeitos que se tornam cidadãos. Produto e produtor, o sujeito pode ser tudo quanto nada, pois sua concepção é complexa. Assim: “É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades.” (MORIN, 2003, p. 128).

CAPÍTULO 1 - Sobre o criador de Pedro Arcanjo, Dona Flor e Guma: Jorge Amado

Figura 1 - Jorge Amado



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado

“Eu digo não quando todos dizem sim em coro uníssono. Esse é meu compromisso.”

(Jorge Amado. *Tocaia Grande, a face obscura*, 1984)

“...uma história se conta, não se explica”

(Jorge Amado. *O Sumiço da Santa*, 1988)

“Sou um baiano romântico e sensual.”

(Jorge Amado em entrevista a Moacyr Félix, *Paratodos*, 1958)

O escritor, baiano, das obras literárias aqui estudadas, é um dos principais escritores da literatura brasileira, bem como, da língua portuguesa, para alguns, como veremos no decorrer da pesquisa, trata-se de um autor regional, para outros como Alice Raillard, francesa, estudiosa da obra de Amado, tradutora de algumas de suas obras, Jorge é um autor universal por tratar da liberdade e da dignidade humana.

A literatura de Jorge Amado é composta por romances, contos, novelas, fábulas, um guia, biografias, autobiografia, crônicas e teatro, num total de 40 livros: *O país do carnaval* [1941], *Cacau* [1933], *Suor* [1934], *Jubiabá* [1935], *Mar Morto* [1936], *Capitães da Areia* [1937], *ABC de Castro Alves* [1941], *O cavaleiro da esperança*

[1942], *Terras do sem-fim* [1943], *São Jorge dos Ilhéus* [1944], *Bahia de Todos-os-Santos* [1945], *Seara Vermelha* [1946], *O amor do soldado* [1947], *Os subterrâneos da liberdade: Os ásperos tempos* [1954], *Agonia da noite* [1954], *A luz no túnel* [1954], *Gabriela, cravo e canela* [1958], *De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto* [1959], *Os velhos marinheiros ou O capitão de-longo-curso* [1961], *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* [1961], *As mortes e o triunfo de Rosalinda* [1963], *Os pastores da noite* [1964], *O compadre de Ogum* [1964], *Dona Flor e seus dois maridos* [1966], *Tenda dos Milagres* [1969], *Tereza Batista cansada de guerra* [1972], *O gato malhado e a andorinha Sinhá* [1976], *Tieta do Agreste* [1977], *Farda, fardão, camisola de dormir* [1979], *O milagre dos pássaros* [1979], *O menino grapiúna* [1981], *A bola e o goleiro* [1984], *Tocaia Grande* [1984], *O sumiço da santa* [1988], *Navegação de cabotagem* [1992], *A descoberta da América pelos turcos* [1992] e *Hora da Guerra* [2008].

Jorge Amado é o segundo escritor brasileiro que mais vendeu obras de literatura, tendo vendido 25 milhões de exemplares, 7 milhões só no Brasil¹. Seus livros foram traduzidos para 49 idiomas e publicados em 80 países, segundo a pesquisa realizada na Fundação Casa de Jorge Amado.²

Jorge nasceu na cidade Itabuna, numa fazenda em Ferradas, pertencente ao município baiano, em 10 de agosto de 1912. Seu pai, João Amado de Faria, sergipano, inicialmente era comerciante e posteriormente se tornou proprietário de fazendas de cacau na parte sul do estado da Bahia. Faz-se importante a inclusão desta informação, pois, a literatura de Jorge Amado é marcada fortemente por suas vivências, seus lugares e experiências, como veremos no decorrer desta pesquisa. Assim, se algum detalhe é aqui incluído, não se trata de acrescentar algo supérfluo, mas sim de buscar o aprofundamento e posteriormente a complementaridade do fato a obra do escritor, considerando que além dos lugares, as pessoas com quem Jorge Amado viveu, marcam fortemente seus livros.

Jorge Leal Amado de Faria, filho do coronel do cacau João Amado de Faria e Eulália Leal, teve dois irmãos como ilustra a imagem abaixo, Joelson e James Amado

¹ Segundo Alice Raillard em *Jorge Amado Conversaciones com Alice Raillard*. Buenos Aires: Emecé, 1992.

² <http://www.jorgeamado.org.br/?lang=pt>

de Faria. Grande parte de sua infância foi vivida na capital do cacau, Ilhéus/BA, cidade esta que se faz presente em vários dos seus romances como: *Gabriela, cravo e canela*, *Terras do sem-fim*, *Cacau*, entre outros.

Figura 2- Jorge Amado e família, da esquerda para direita: seu irmão James, seu pai João Amado, Jorge, sua mãe Eulália e seu irmão Joelson.



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado

Em seu livro autobiográfico: *O menino grapiúna*³ Jorge conta suas memórias, lembranças contadas por sua mãe, do período em que viveram em Ferradas, essas memórias envolvem a chegada a Ferradas enquanto povoado novo no município de Itabuna, cercado pelas recentes plantações de cacau, na mata ainda virgem e antiga, numa época que ficou marcada pelas lutas pela terra.

Lutas essas, que se fazem presentes em seus livros sobre a temática do cacau, como: *Terras do sem-fim*, *Cacau*, *Gabriela, cravo e canela*, *Tocaia grande e São Jorge dos Ilhéus*. A luta pela posse da terra que envolvia as tocaias, as trincas políticas, os jagunços, tudo em busca do sonho dourado, do dinheiro farto e trabalho abundante, sonho este de quem saía do sertão, do Sergipe, com a promessa de prosperar, como aconteceu com seu pai, que rumou para Itabuna fugindo da pobreza e da escassez de trabalho.

Seu pai, segundo Jorge (2010), em *O menino grapiúna*, carregou até o fim da vida, diversas marcas de chumbo nas costas e nos ombros, resultado de uma emboscada de quando alimentava sua égua, e foi baleado por um jagunço que descarregou uma

³ Grapiúna: quem nasce em Itabuna e na região do cacau.

arma em sua direção, sem saber como, a égua recebeu a bala mortal e seu pai foi atingido nas costas e nos ombros por vários chumbos, visíveis em sua pele até o fim de sua vida.

Em seguida, Jorge conta como sua família fugiu da enchente do rio Cachoeira em 1914 e de como foram enviados ao lazareto, lugar este que recebia os leprosos e bexigosos⁴ e que naquele momento, serviu de abrigo aos necessitados pela enchente. Amado atribui o fato de ter ficado no lazareto à sua imunidade à Varíola. E aqui seria um equívoco não pontuar como a Varíola se faz presente em suas obras, onde é chamada de Bexiga, chega trazendo pavor aos personagens como em *Capitães da Areia*:

OMOLU MANDOU A BEXIGA NEGRA PARA A CIDADE. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um deus das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da saúde pública, metiam os doentes num saco, levavam para o lazareto distante. As mulheres ficavam chorando, porque sabiam que eles nunca mais voltariam. (AMADO, 2008, p.143)

Omolu, trata-se de uma divindade do Candomblé, é o orixá da Varíola e das doenças contagiosas, estando ligado simbolicamente ao mundo dos mortos, o orixá tem o corpo coberto com palha por carregar as marcas da doença. Assim, muitas vezes na narrativa dos livros de Amado a doença surge causando medo aos personagens, ou a trama apresenta, personagens que carregam as cicatrizes da doença, como acontece em *Tereza Batista cansada de guerra*. Jorge Amado coloca em *O menino grapiúna*: “A bexiga e os bexigosos povoam meus livros, vão comigo pela vida afora.” (AMADO, 2010.p.16). A bexiga pode ser entendida também como uma marca de exclusão social, principalmente se pensarmos em como ela é anunciada em *Capitães da Areia*.

Ainda menino é levado por seu tio, Álvaro Amado, um coronel do cacau, a conhecer as salas de jogos, onde os coronéis jogavam pôquer e outros jogos com apostas monetárias, nessa época, também conhece prostíbulos, que segundo ele: “Nada tinham de prostíbulos, a palavra pesada e torpe não serve para designar interiores tão familiares e simples, onde toquei os limites extremos da miséria e da grandeza do ser humano.” (AMADO, 2010.p.31).

⁴ A varíola é chamada por Jorge Amado de bexiga, assim, bexigosos são as pessoas que sofreram com a doença da Varíola.

Vale lembrar que cabarés e prostitutas são frequentes na literatura de Amado, e como citado acima, não existe uma romantização quanto a isso, mas a tentativa de mostrar o tanto de dignidade de quem não possui nada além do corpo, como coloca: “Despidas de todos os direitos, renegadas por todas as sociedades, perseguidas, enganadas, degradadas, possuíam imensas reservas de ternura, incomensurável capacidade de amor.”(AMADO, 2010.p.31) Para Jorge Amado, as prostitutas tratavam-se de despossuídas de tudo e de todos, mulheres marcadas em ferro, estando na fímbria da morte, portanto, no último escalão do abandono.

Jorge viveu sua juventude em Salvador, na capital baiana, que é palco de suas narrativas, em sua grande maioria e das obras aqui estudadas. Em Salvador, tratada em sua literatura por “Cidade da Bahia”, é internado no Colégio Jesuíta, onde faz amizade com um padre e professor, que o desperta para a sedução da literatura, através de obras como *As Viagens de Gulliver* e de autores como Charles Dickens, este último, um dos preferidos de Jorge Amado, inclusive homenageado em *Capitães da Areia*, onde o personagem Sem-pernas faz alusão a Oliver Twist.

Segundo Amado (2010), os anos passados no internato foram amenizados pela amizade do padre Cabral que o iniciou na literatura, no entanto, segundo o escritor baiano, o sentimento de prisioneiro o acompanhou durante toda estada no internato. Esse sentimento o fez fugir no início do terceiro ano, em sua fuga, atravessou o sertão baiano rumo a casa de seu avô José Amado no Sergipe. Jorge passou dois meses percorrendo o sertão, seu tio Álvaro o buscou na fazenda do avô e o levou de volta a Salvador, onde Jorge foi para outro internato, o Ginásio do Ipiranga.

Segundo Zélia Gattai (2010), nesse período em que Jorge esteve na rua por dois meses, o escritor chega a passar algumas noites em companhia dos Capitães da Areia, os meninos de rua que dormiam num dos trapiches da cidade, esta vivência possivelmente contribuiu para a escrita de *Capitães da Areia*. Não atribuímos aqui a obra somente a esta vivência, mas considerando também a empatia do autor com o grupo, que segundo consta em sua obra: *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios* (2012), de todos os grupos de pessoas de Salvador, os meninos de rua são seus preferidos:

CAPITÃES DA AREIA OS MOLECOTES ATREVIDOS, O OLHAR VIVO, O GESTO RÁPIDO, a gíria de malandro, os rostos chapados de fome, vos pedirão esmola. Praticam também pequenos furtos. Há quarenta anos escrevi um romance sobre eles. Os que conheci naquela época são hoje homens maduros, malandros do cais, com cachaça e violão, operários de

fábrica, ladrões fichados na polícia, mas os Capitães da Areia continuam a existir, enchendo as ruas, dormindo ao léu. Não são um bando surgido ao acaso, coisa passageira na vida da cidade. É um fenômeno permanente, nascido da fome que se abate sobre as classes pobres. Aumenta diariamente o número de crianças abandonadas. Os jornais noticiam constantes malfeitos desses meninos que têm como único corretivo as surras da polícia, os maus-tratos sucessivos. Parecem pequenos ratos agressivos, sem medo de coisa alguma, de choro fácil e falso, de inteligência ativíssima, soltos de língua, conhecendo todas as misérias do mundo numa época em que as crianças ricas ainda criam cachos e pensam que os filhos vêm de Paris no bico de uma cegonha. Triste espetáculo das ruas da Bahia, os Capitães da Areia. Nada existe que eu ame com tão profundo amor quanto estes pequenos vagabundos, ladrões de onze anos, assaltantes infantis, que os pais tiveram de abandonar por não ter como alimentá-los. Vivem pelo areal do cais, por sob as pontes, nas portas dos casarões, pedem esmolas, fazem recados, agora conduzem turistas ao mangue. São vítimas, um problema que a caridade dos bons de coração não resolve. (AMADO, 2012.p.344-345)

Em sua adolescência, inicia-se grande parte de suas vivências em Salvador, onde se faz amigo dos mestres de saveiros, vagabundos, capoeiristas, feirantes, das pessoas dos candomblés. Assim, os personagens de suas obras contêm um pouco das pessoas que conheceu e conviveu, sendo isso algo particular de Jorge Amado e não algo universal na literatura. Podemos citar diversos exemplos de pessoas que são homenageadas em suas obras e que inspiram seus personagens, facilmente pode-se ter acesso a estas informações, pois, estão reunidas em algumas referências nas edições de seus livros pela editora Companhia das Letras. São ainda exemplos que o leitor consegue identificar, o próprio tio de Jorge, Álvaro que é um coronel do cacau, a figura da mãe-de-santo e dos mestres de capoeira, entre muitos outros.

Segundo a editora Companhia das Letras⁵, sua participação literária deu-se desde cedo, com a contribuição em jornais literários, sendo um dos fundadores da “Academia dos Rebeldes” em 1928, esta consistia na reunião de um grupo de literatos baianos que formularam um projeto de modernidade contrário ao modernismo de 1922. Um pouco antes disso, Jorge havia trabalhado como repórter policial no jornal *Diário da Bahia*, com 14 anos e depois em *O Imparcial*. Em 1927 ao sair do segundo internato o Ginásio do Ipiranga, Amado passa a morar num dos casarões do Pelourinho, supostamente o sobrado que o inspirou a escrever *Suor* em 1934, segue na imagem abaixo:

⁵ Para saber mais acesse: <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3?pg=0>

Figura 3: Casarão de Suor



Fonte: Produção da autora (2018)

Já na Academia dos Rebeldes, é apresentado ao pai-de-santo Procópio, que concedeu a Jorge Amado seu primeiro título no candomblé: ogã de Oxóssi. Ogã, palavra de origem iorubá, trata-se de uma pessoa “superior” ou “chefe”, é uma denominação atribuída a diversas funções masculinas no candomblé. Trata-se do escolhido pelo orixá, para estar lúcido enquanto os trabalhos acontecem. Ou seja, é um cargo masculino onde não há manifestação de nenhuma divindade, somente ocupando o posto pela escolha direta do orixá, no caso, Oxóssi, orixá da caça, da fartura, sustento e dos animais. Deus da caça, no sincretismo, São Sebastião.

Em 1931, Jorge Amado ingressa na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, onde passa a morar. Na universidade tem seu primeiro contato com o movimento comunista organizado. E embora tenha se formado em Direito nunca chegou a exercer a profissão de advogado. Com seus 18 anos em 1931, no mesmo ano de ingresso na faculdade, lança seu primeiro livro: *O país do carnaval*.

Seu romance de estreia é um livro singular, destoa de todos os outros por ter um tom que é um tanto irônico e desolado. Segundo Albuquerque JR (2011), já nesse primeiro romance de estreia, a literatura de Jorge Amado surge ligada a problemática que emerge com a I Guerra, discutida pelos modernistas e que resulta no movimento de 1930. Isso significa que surge ligada a busca por uma identidade nacional, aliada a sua cultura.

Essa busca está relacionada à questão da raça, da formação do povo, da revolução e da necessidade da reconstrução do país que precisa romper definitivamente com seu passado, com isso, *O país do carnaval*, vem tratar a questão da identidade do povo brasileiro em sua face carnavalizada, ou seja, através da figura do arlequim, pela falta de uma identidade como sugere:

Desde sua obra inicial, a proposta de Amado é captar a identidade do país e de sua cultura, e captar sua singularidade a partir de uma busca das raízes populares, da realidade do povo, da recuperação, para o texto e para a imagem do país, da fala, das figuras e cenas populares. (ALBUQUERQUE JR, 2011.p.239)

Sua obra nasce então da tentativa de buscar soluções para os problemas existentes no Brasil da época, assim, procura narrar as características do povo, buscando sua essência, e com isso acaba construindo uma literatura que age como decolonial e diferente da literatura que vinha sendo produzida no Brasil, pois, não segue os modelos de escrita europeizada. Isto faz com que receba duras críticas por parte da crítica literária que o definiu como um escritor regionalista, num sentido menor, entre outras coisas. Tudo isso trouxe uma série de consequências, muitas que perduram até a atualidade, como veremos no desenrolar desta pesquisa.

O que diferiu Jorge dos demais escritores brasileiros que produziam na mesma época foi sua forma de narrar, ou seja, pode-se aproximar a literatura da época que retratava o Nordeste, com a visão de retirantes, da miséria e da tristeza. No entanto a literatura de Jorge Amado usa de um tom muitas vezes coloquial, intencional e de acordo com Albuquerque JR (2011), buscando realçar o lado popular do país, destravando sua língua, abrindo os olhos da nação para seus problemas. Desta forma, a preocupação de Amado estaria centrada em fazer com que o país, pudesse ver seu povo com seus suores, cantigas, prostituição, macumbas, doenças, malandragens, misérias e lutas.

Em seu segundo livro *Cacau* (1933) Jorge estabelece um objetivo bem claro quanto a função de sua literatura, esta trabalhará para denunciar as injustiças sociais, mostrando as condições que viviam grande parte da população e com isto propor a revolução socialista, como uma solução para os problemas vigentes, sua literatura alia-se aos dogmas políticos do marxismo e através deste romance dá início ao grande bloco temático de suas obras sobre o cacau e a civilização cacaueira.

O movimento de 1930 marcou profundamente a escrita de Amado com relação aos problemas do país, nessa época o escritor baiano fez amizade com José Lins do Rego, Vinicius de Moraes, Gilberto Freire, conheceu Graciliano Ramos e foi apresentado aos ideais igualitários do comunismo pela também escritora Rachel de Queiroz.

Lançando um livro por ano, em 1934, publica *Suor*, livro que trata da vida dos moradores de um sobrado no Pelourinho, como já citado anteriormente, supostamente resultado dos anos em que viveu no mesmo sobrado, este livro, traz o dia-a-dia das lavadeiras, mendigos, trabalhadores do cais, quituteiras, entre outras. Da mesma forma que em *Cacau*, em *Suor* existe o “chamado para a revolução”, a tentativa de conscientizar e a propagação de suas ideias comunistas.

No ano seguinte, lança *Jubiabá*, romance este que se passa também em Salvador, dando ênfase a aspectos religiosos, *Jubiabá* é um velho macumbeiro, ex-escravo, também há um herói negro, Antônio Balduino lutador de boxe, capoeirista, compositor de sambas, antes menino de rua. Este livro é publicado em francês, sendo seu primeiro livro publicado fora do Brasil.

Um dos marcos da literatura de Jorge Amado se dá pela sua participação no Partido Comunista Brasileiro (PCB), Jorge filia-se ao partido em 1932, e sua filiação soma-se a intencionalidade de denunciar as mazelas da sociedade, a responsabilidade atribuída pelo partido, onde os membros escritores deveriam, segundo o português, jornalista e escritor Miguel de Sousa Tavares (2008), colocar sua literatura a serviço das causas, devendo ser social e engajada com o povo na história, com isso, a literatura fazia parte da frente de combate da esquerda, assim como a fotografia e a pintura. Tanto no Brasil como em Portugal e outros países europeus, sob a ditadura do neorrealismo. Assim, o escritor deveria passar uma “mensagem” destinada a formar militantes para a “causa” da libertação dos povos.

Nos anos seguintes Jorge publica *Mar Morto* e em seguida, seu livro mais lido: *Capitães da Areia*, publicado em 1937, escrito após uma viagem pela América Latina, *Capitães da Areia* foi queimado em praça pública, retirado diretamente da editora junto de outros livros como *Suor* e apreendido pela polícia política do Estado Novo, ao saber que seus livros estavam sendo perseguidos, o romancista consegue um visto de turista e se refugia na Colômbia, ao voltar ao Brasil é preso e enviado a Salvador sob vigilância.

Oitocentos e oito exemplares de *Capitães da Areia*, duzentos e vinte três exemplares de *Mar Morto*, oitenta e nove de *Cacau*, noventa e três de *Suor*, duzentos e sessenta e sete de *Jubiabá* e duzentos e quatorze exemplares de *País do Carnaval*, num total de mil, seiscentos e noventa e quatro livros de Amado, incinerados pela política do Estado Novo de Vargas entre outros livros de outros autores, como noticiado no Jornal do Estado da Bahia em Salvador, no dia 17 de dezembro de 1937, como verificado no jornal que encontra-se disponível na Fundação Casa de Jorge Amado.

Jorge Amado é liberto em 1938 quando então, transfere-se do Rio de Janeiro para São Paulo e passa a morar com o cronista Rubem Braga. Entre os anos de 1941 e 1942 exila-se no Uruguai e na Argentina, onde escreve *O Cavaleiro da Esperança, a biografia de Luiz Carlos Prestes*, que foi publicada primeiramente em espanhol em Buenos Aires e teve proibida sua circulação no Brasil.

Ao retornar é detido novamente e em regime domiciliar escreve uma coluna no jornal baiano *O Imparcial*, esta coluna “Hora da Guerra”, foi transformada em 2018 em um livro inédito, numa seleção organizada por Paloma Jorge Amado e Myriam Fraga. No mesmo ano de escrita da coluna, 1943, escreve *Terras do sem-fim* que só vem a ser publicado seis anos depois.

De 1933 a 1944 Jorge Amado foi casado com Matilde Garcia Rosa a quem dedica vários dos seus livros deste período e com quem teve uma filha que veio a falecer aos 14 anos, Eulália Dalila Amado. No ano seguinte a separação de Matilde, quando chefiava o I Congresso Brasileiro de Escritores, Jorge conhece Zélia Gattai, que vem a se tornar escritora e o grande amor de sua vida. Do nascimento do primeiro filho do casal, João Jorge em 1947 nasce também *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, que mais tarde recebe ilustrações de Carybé e vem a ser publicado. Num momento de dificuldades financeiras, Amado escreve este livro e presenteia seu filho em seu

primeiro aniversário. Jorge também teve uma segunda filha, Paloma, nascida na Tchecoslováquia em 1951.

Como estratégia do partido PCB, Jorge concorre a deputado federal em 1945 e é eleito, não era este seu desejo, no entanto, Jorge assume o mandato e nesse período atua politicamente conseguindo a aprovação de sua proposta que instituiu a liberdade de culto religioso. Alguns anos depois o partido torna-se ilegal devido a toda repressão enfrentada politicamente e Amado é impedido de concluir o mandato, sendo cassado.

Em seguida, exila-se voluntariamente em Paris onde conhece Jean-Paul Sartre e Picasso, bem como, outras pessoas que vieram a se tornar seus amigos. Por motivos políticos em 1950 é expulso de Paris, quando então o escritor passa a morar na Tchecoslováquia, onde nasce sua filha. Neste período viaja à União Soviética, à China e à Mongólia e escreve a trilogia extremamente política: *Os subterrâneos da liberdade*, que foi publicada em 1954. Muitos pesquisadores desconhecem a razão pela qual Jorge Amado se desligou do Partido Comunista, o que se deu devido as denúncias no discurso de Nikita Khrushchov contra Stálin no Congresso do Partido Comunista trazendo à tona as atrocidades que estavam sendo cometidas em nome do comunismo. Assim como Jorge, muitos outros membros se desligaram do partido.

Na década de 1950 temos a publicação de *Os subterrâneos da liberdade* (1954), bem como, a publicação de *Gabriela, cravo e canela* (1958), Gabriela é tida por muitos autores como um divisor da obra de Jorge Amado, representando uma mudança de tom em sua narrativa, onde os jargões políticos e militância deixam de aparecer dando espaço para elementos como humor, sensualidade e sincretismo religioso. Nesse sentido, percebemos que essa visão é fragmentada, pois, não considera sua obra na totalidade, ao conhecermos do primeiro ao seu último livro, veremos que estes elementos se fazem presentes, concordamos que alguns elementos de cunho militante deixam de aparecer, a isso daremos maior atenção ao longo desta pesquisa retomando estas questões.

Ainda na década de 1950, no ano de 1957, Jorge conhece a mãe de santo, Mãe Menininha do Gantois, amiga esta que se tornará uma personagem frequente em seus livros. Nos anos seguintes recebe altos títulos no candomblé obá Arolu do Axé Opô Afonjá. Na revista Senhor, é publicada sua única novela *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Mais tarde Jorge publica *O capitão-de-longo curso ou Os Velhos*

marinheiros (1961), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977), algumas destas obras diversas vezes representadas em filmes e novelas na TV.

Ao vender os direitos de filmagem de *Gabriela, cravo e canela* para Metro-Goldwyn-Mayer em 1961, Jorge compra com o dinheiro recebido, um terreno em Salvador, no bairro do Rio Vermelho onde constrói sua casa, e onde passa a viver a partir de então grande parte de sua vida, intercalada entre estadas no Brasil e em Paris. Atualmente, esta casa é um memorial de Jorge Amado e Zélia Gattai, contendo objetos pessoais dos escritores, bem como, uma infinidade de objetos da cultura popular, e presentes de amigos de diversos lugares do mundo.

Na década de 1980, Jorge escreve suas memórias de infância em *O menino grapiúna*, e *Tocaia Grande*, livros estes que retomam o tema do cacau, também desta época resulta a publicação de *O sumiço da santa*, um de seus livros com maior expressão religiosa, bem como, com maior inclusão de personagens ditos reais, como seus amigos Carybé, Caymmi, entre muitos outros.

Em 1987 é inaugurado no Pelourinho, num casarão restaurado, talvez o prédio com maior visibilidade no largo do Pelourinho, a Fundação Casa de Jorge Amado, onde realizamos parte da pesquisa no trabalho de campo e que desde sua fundação é responsável por todo acervo de documentos sobre Jorge Amado, incluindo os originais das obras, documentos do escritor, prêmios, homenagens, jornais, teses e tudo que envolve a vida e obra de Jorge Amado.

Na década de 1990, Jorge estava escrevendo um romance que não chegou a concluir, publicando somente as últimas memórias que estão em *Navegação de Cabotagem*, publicado em ocasião dos seus oitenta anos. Ainda nesta época temos a publicação de *A descoberta da América pelos turcos*, publicado em 1994, fruto de uma proposta de uma companhia italiana de viagens aéreas em comemoração ao “Descobrimento da América”, onde estariam sendo selecionadas três histórias de escritores do continente americano em inglês, português e espanhol. Os exemplares seriam distribuídos gratuitamente aos viajantes da companhia aérea. Um pequeno tempo depois, temos a publicação da obra no Brasil.

Em 1995 Jorge recebe um dos mais importantes prêmios da literatura de língua portuguesa, o prêmio Camões, no ano seguinte seu estado de saúde começa a apresentar algumas moléstias, em Paris sofre um edema pulmonar. Retorna ao Brasil e recolhe-se em sua casa no Rio Vermelho, um tanto deprimido, pois, também por um problema de visão já não conseguia ler nem escrever. Em agosto de 2001 um pouco antes de completar 89 anos Jorge vem a falecer, seu corpo foi cremado e suas cinzas repousam no jardim da casa do Rio Vermelho, guardadas por um sapinho, agora junto das de Zélia Gattai, seu amor.

1.1 - As Habitações de Pedro Bala, Sem-Pernas, Jubiabá e Vadinho: As Obras Literárias.

Esta parte da pesquisa destina-se à exposição das obras escolhidas para serem analisadas nesta tese, ou seja, as “habitações” dos personagens, seus universos: os romances, novelas, guias, entre outros. Aqui encontramos uma sinopse de cada obra, iniciando pelo seu primeiro romance, *O país do carnaval*.

O país do carnaval (1931) trata-se do romance de estreia de Jorge Amado e embora o título remeta a algo alegre, é usado ironicamente, sendo uma obra sombria diferente das demais obras do autor. Neste romance o filho de um fazendeiro retorna de Paris onde havia ido para estudar, e regressa ao Brasil, onde se estabelece em Salvador, fazendo parte de um grupo de poetas fracassados e jornalistas corruptos. O sentimento que permeia a obra vai além da insatisfação, fazendo com que os anseios dos personagens sejam os mesmos do Brasil da década de 1930 que passava pela Revolução de 30 e procurava um horizonte.

Em *Suor* (1934) um casarão do Pelourinho é transformado em cortiço que passa a ser a moradia de dezenas de pessoas marginalizadas, como característica de Jorge Amado, tratam-se de pessoas pobres, prostitutas⁶, aleijados⁷, estrangeiros, entre outros. Neste local, observam-se os sentimentos mais humanos que podem surgir na miséria, como a solidariedade, da mesma forma como acontece em outras obras do autor, e ainda o despertar da consciência política que chega aos personagens.

⁶ Forma como o autor refere-se a garotas de programa. Pode-se verificar em *Suor* como em *O menino grapiúna*, entre outros.

⁷ Como o autor se referia a personagens que apresentavam alguma deficiência física, pode-se verificar em *Suor* como em *Capitães da Areia*, entre outros.

Jubiabá (1935) narra a vida de Antônio Balduino que tem como referência espiritual o feiticeiro e ex-escravo Jubiabá. Órfão, Balduino passa a infância percorrendo as ruas de Salvador, numa vida semelhante à dos Capitães da Areia e quando adulto vira malandro, sambista, chega a tornar-se boxeador profissional, mas encerra precocemente sua carreira após uma perda no ringue, resultado de uma bebedeira. Esse fato faz com que Balduino volte a Salvador e vire um trabalhador do porto, onde trabalha como estivador e faz greves. Neste romance percebe-se com uma força latente aquilo que Amado sempre procurou denunciar através de sua literatura, como a opressão política e as injustiças sociais.

Mar Morto (1936) se passa na beira do cais da Bahia, para Jorge Amado Salvador. A narrativa se desenvolve com a vida e o destino de Guma, um saveirista que representa os muitos homens que saem para o mar deixando suas famílias, para nunca mais voltar, levados por Iemanjá. Neste romance, dois personagens assumem um importante papel, o médico Rodrigo e a professora Dulce, forasteiros, tentam conscientizar os moradores do cais contra a opressão e exploração que sofrem.

Capitães da Areia (1937) traz a vida de menores abandonados que durante o dia perambulam as ruas de Salvador realizando furtos para sobreviverem. São um grupo de crianças que se ajudam diariamente e se reúnem para dormir num velho casarão do cais abandonado. Embora escrito há mais de 70 anos, o tema de *Capitães da Areia* mostra-se bastante atual se pensarmos o debate acerca da redução da maioridade penal que procura punir ao invés de amparar os menores em situação de vulnerabilidade.

Bahia de Todos-os-Santos – guia de ruas e mistérios (1945) é um livro sobre a cidade de Salvador em tudo que diz respeito ao esplendor da cidade, da mesma forma como aponta seus problemas e desigualdades. Contemplando a arquitetura com seus casarões, igrejas, ladeiras, bem como as belezas naturais das praias, Jorge Amado apresenta também os cortiços, a doença e a miséria que permeiam a vida cotidiana em Salvador. Esta obra foi editada várias vezes, incluindo assim, pessoas e lugares.

Em *O Compadre de Ogum* (1964) a prostituta Benedita, após longo tempo ausente, surge com seu filho e antes de se fazer ausente novamente, entrega a criança a Massu, pai do menino. Massu quer batizar o menino antes que ele complete um ano, e após escolher a igreja e a madrinha, decide consultar os orixás para saber quem será o padrinho. Assim, o próprio Ogum decide ser o padrinho do menino e acaba

incorporando no padre no momento da cerimônia, o que deixa todos em grande alarde. Neste livro Amado consegue representar um pouco do sincretismo religioso em Salvador.

Os pastores da noite (1964) se configura através dos típicos personagens de Amado, como prostitutas, vigaristas, malandros e boêmios que vivem na comunidade notívaga de Salvador, esses sujeitos formulam suas próprias leis e valores como acontece com outros grupos da literatura de Amado, ex. os Capitães da Areia, que enquanto grupo estabelecem suas leis e regras que devem ser cumpridas por todos. *Os pastores da noite* é escrito com três partes distintas, sendo a primeira com cabo Martim, um vigarista nos jogos, a segunda com a narrativa acerca do “Compadre de Ogum” onde o Negro Massu quer batizar seu filho que tem como padrinho Ogum e assim entrelaça o catolicismo com o candomblé. Na última parte, ocorre a ocupação de um morro por desabrigados, fato este que acaba desencadeando um grande conflito político e social.

Dona Flor e seus dois maridos (1966), conta a história de Florípedes Paíva que em seus dois casamentos conhece a dupla face do amor e da paixão. Com o boêmio Vadinho, Dona Flor vive o auge da paixão ardente e envolvente, já com o farmacêutico Teodoro, com quem Dona Flor casa-se após a morte de Vadinho, seu primeiro marido, vive o amor metódico e a paz doméstica. Eis que um dia, Vadinho retorna do além-túmulo como um fantasma sob a intervenção das entidades do candomblé, devolvendo a Flor o fogo da paixão. Dona Flor consegue então conciliar a vida amorosa com seus dois maridos tendo com Vadinho todo ardor conjugal e com Teodoro a paz matrimonial. A trama se passa em Salvador com uma narrativa ousada, cheia de humor e ironia, fazendo uma sátira a burguesia local.

Tenda dos Milagres (1969) localiza-se na ladeira do Tabuão, na capital baiana Salvador. O modesto Lídio Coró mantém sua tipografia e pinta quadros. Pedro Archanjo, mulato autodidata atua como um intelectual do povo negro da Bahia, que causa indignação na elite branca racista. Pedro Archanjo é um ‘herói’ complexo, e através dele, Amado constrói um painel da resistência contra a opressão sofrida pelo povo negro. Resgatando assim, as manifestações como a capoeira, o samba de roda e o candomblé.

O Sumiço da Santa (1988) último livro que compõe a obra de Amado neste projeto de estudo traz em sua narrativa, uma grande exposição de arte sacra que chega a Salvador, no entanto, conforme sua chegada a capital, a imagem de Santa Bárbara na igreja católica e Iansã nos candomblés, desaparece. Esse fato faz com que toda população fique em alarde. Este romance como: *O compadre de Ogum* traz a tona o grande sincretismo religioso vivido na capital baiana.

CAPÍTULO 2- Da Geografia a Literatura

2.1- Sobre Representação e Linguagem na Literatura Amadiana

Ao trabalhar com livros escritos pelo escritor baiano, onde é narrada a vida em Salvador, estamos trabalhando com a representação que o escritor fez dos soteropolitanos e de suas vidas, assim, consideramos como representação a definição de Salete Kozel (2005), como um processo por onde são produzidas formas, tanto concretas como idealizadas, imbuídas de particularidades que podem se referir a outro objeto, fenômeno que seja relevante ou realidade. Para Kozel, as representações fazem parte de uma abordagem dentro da perspectiva da Geografia Cultural – humanista.

Da mesma maneira, trabalhamos com a linguagem, entendida por Gil Filho (2005) como uma função do pensamento capaz de reapresentar o mundo concreto e imediato a outro mundo de ressignificações, onde a linguagem age como mediação, entre as coisas e seus significados ocultos. Ou seja, uma imagem pode ser também uma forma de linguagem, que vai além do limite de si mesma, transformando-se assim em representação. Desta forma, a representação é expressa através de formas concretas que são mediadas pela linguagem.

Embora o processo de representação seja individual, feito por um sujeito de forma subjetiva, o seu resultado é impactado pela recepção da representação, semelhante ao que Candido (2006) nos diz sobre a tríade que compõe a literatura, autor, obra e público, no que define como sistema literário, a cristalização da representação acontece através da comunicação, ou seja, a comunicação, dimensão propagadora e fundamental no que concerne a cultura. Tudo isso, faz parte do que chamamos de conhecimento simbólico, onde é considerada a cultura cotidiana.

De acordo com Kozel (2008), a representação na Geografia se estabelece na medida em que o aspecto imaginativo torna-se inseparável do significativo, não sendo uma reprodução passiva, mas que passa pelo imaginário, pelo individual e pelo social. Assim, o que é representado, são as interações dos sujeitos com o mundo a sua volta, num processo de construção e desconstrução do ato de representar. Sem deixar de se considerar a criatividade e a autonomia nas representações, na reflexão de que toda representação, indissociavelmente pertence a um momento histórico.

O conhecimento é produzido também através das representações, pois, nestas estão suas experiências sociais, temporais e que de acordo com a transcendência em cultura, Claval (2011), revolucionam o conhecimento humano. Na construção da representação os processos cognitivos, afetivos e sociais estão interligados e são eles que permitem as análises que transforma-se em representações sociais. Para Jodelet (1988) “as representações sociais se constituem numa forma de conhecimento, que é socialmente elaborado e partilhado, possui uma visão prática e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”

Considerando Bourdieu (2000), estamos trabalhando com uma Geografia das Representações Sociais, pois, para o autor o mundo social é também vontade e representação, e onde ser percebido como distinto é também existir socialmente. Neste sentido, considerando Bourdieu (2000) e Ângelo Serpa (2005), essa Geografia das Representações Sociais pode ter como objeto, as lutas a respeito de identidade, ou seja, as lutas que envolvem o fazer ver, crer e reconhecer, legitimando assim as divisões do mundo social que propicia a criação e a destruição de grupos. Com isso, podemos pensar no poder que envolve a visão representada de um grupo enquanto geradores de identidades e de representações sociais.

Neste sentido, as concepções dos dois autores citados acima, vão ao encontro da problemática envolvida nesta pesquisa, pois, trata do existir socialmente, quando percebemos os conflitos porque passam os personagens em suas lutas de existência no espaço, onde, suas formas de existir geram identidades que acabam sendo legitimadas por quem detém o poder de representar, ou seja, pelo próprio romancista em questão.

E na perspectiva com que trabalhamos dentro de uma abordagem cultural na Geografia, vale ressaltar Cosgrove (1998) para quem o poder é algo que é expresso e mantido através da reprodução da cultura, onde existem culturas que dominam, subdominadas, bem como alternativas. Nas culturas consideradas subdominadas tem-se a classificação ainda de residuais, como culturas que sobram do passado, emergentes, as capazes de antecipar o futuro e por fim as excluídas, aquelas que são suprimidas passiva ou ativamente. Cosgrove coloca que cada uma destas subculturas, encontra alguma forma de expressão na paisagem, ainda que seja uma paisagem de fantasia. Ou seja, como veremos amplamente essas formas de expressão ao longo da pesquisa.

Nos ajuda a compreender os espaços de representação, a concepção de Serpa (2005), para quem estes espaços estão imbuídos dos espaços percebidos e vividos, de grupos diferentes, que pertencem igualmente a diferentes classes sociais, e que desta forma, estes espaços expressam as lutas e conflitos, pelo domínio da concepção destes espaços.

Da mesma forma, sabendo-se que a literatura em questão faz parte da literatura urbana de Jorge Amado, ou seja, traz essa característica, Lucrecia Ferrara (1990) nos ajuda na medida em que para a autora, a história da imagem urbana é também uma história onde o individual e o coletivo se cruzam numa junção que é emblemática, fazendo com que não saibamos se percebemos a imagem da cidade ou a do crítico que procura um espaço perdido, neste caso, do escritor. Neste sentido, Ferrara acredita que são as experiências pessoais, vivenciadas pelo ator, que permitem valor e qualidade, àquilo que se torna visível nas formas urbanas.

Por fim, ainda com base em Serpa (2005), os espaços de representação jamais são estáticos, a medida em que se contrapõem, justapõem e imbricam-se num campo de forças, estabelecendo uma relação tensional ante a experiência, o vivido, percebido, entre cognição e percepção. Assim, podemos explicitar as relações, existentes entre cultura e poder, e que são expressas nos processos de apropriação social e espacial.

2.2 - Geografia e Literatura

Ao se trabalhar com a literatura em parceria com a Geografia, não se trata aqui do trabalho com áreas diferentes, pois, almeja-se perceber as afinidades, as relações que entremeiam a Geografia e literatura, onde, muito mais do que divergências, são convergências que se complementam, e podem ser estudadas, pensadas e refletidas.

A Geografia como uma ciência, se divide em diversas ramificações, suas áreas, são bem definidas e delimitadas, no entanto, estudos mais recentes, cada vez mais trazem a possibilidade de abordagens de novos temas, nos trazem o que chamamos de abordagem cultural (Claval, 2014). Assim, não é difícil perceber que numa ciência onde tudo que envolve relação entre o espaço e os sujeitos é trabalhada pela Geografia, a literatura, principalmente a que valoriza a verossimilhança seja um objeto atraente de estudo.

A Geografia em sua gênese partiu de relatos de viajantes, ou seja, da percepção de sujeitos que registravam aquilo que viam e conheciam, desta forma, em diferentes países, em diferentes épocas, usaram de sua literatura para descrever a sociedade de sua época, com seus problemas sociais e suas críticas, como é o caso de Gustave Flaubert (1821-1880) com *Madame Bovary* (1857), publicado na França e considerado pioneiro dentre os romances realistas, a obra levou o autor aos tribunais, acusado de ofensa a moral e a religião.

O conjunto da obra de Honoré de Balzac (1799-1850), outro escritor francês, que compõe A Comédia Humana, conjunto este formado por 95 romances que buscam retratar a sociedade francesa da época em seus mais diversos níveis. Ainda pode-se pensar em autores britânicos como Charles Dickens (1812-1870), ao escrever *Oliver Twist*, revelando o modo de vida das populações pobres e abandonadas nas ruas inglesas, como é o caso do pequeno protagonista da obra.

Podemos perceber que nos mais variados lugares e países, a literatura sempre tenta retratar sua época e seus problemas, sua sociedade, como acontece também com romances chineses que tratam da Revolução Cultural de Mao Tsé-tung, algumas vezes de forma aceita pela sua sociedade como acontece com Mo Yan em *As Rãs* (2015), onde o período narrado está compreendido no período da Revolução Cultural, mas de forma diferente de outros autores, que sob a ditadura do silêncio sobre o período, as vezes exilados e proibidos de voltar à China escrevem denunciando os horrores vividos na Revolução Cultural, nesta campanha político ideológica que teve seu início em 1966, pelo Partido Comunista Chinês, tendo como objetivo neutralizar a oposição crescida pelo plano econômico do Grande Salto Adiante (1958-1960) e que levou milhões de pessoas a morte pela fome.

São os casos de *Balzac e a Costureirinha chinesa* (2000), de Dai Sijie [1954] nascido na China, pertencia a uma família de classe média, por isso foi enviado a campos de trabalho forçado, junto de universitários que deveriam ‘aprender’ junto das populações do campo, mais humildes, e onde livros e toda forma de conhecimento formal era estritamente proibida. *Balzac e a Costureirinha chinesa* é um livro autobiográfico onde é contado o período vivido no rural, e onde o autor conheceu uma jovem que após aprender a ler através da leitura escondida de livros de Balzac foge do

campo para viver nas grandes cidades. Dai Sijie vive na França onde publicou seu romance que mais tarde foi adaptado ao cinema sob sua direção.

Adeus, China: O último bailarino de Mao (2009) de Li Cunxin, também trata do período da Revolução Cultural de Mao, tem em comum ser uma autobiografia do autor que teve de abandonar a China de Mao, pertencente a uma família numerosa do campo e foi selecionado pela escola de balé da esposa de Mao Tsé-tung e que mais tarde viaja aos Estados Unidos da América para um curso de verão. Cunxin não volta à China, sendo então proibido de retornar ao país, sua autobiografia não seria de forma alguma publicada na China, sua publicação original se deu na Austrália onde o autor vive.

Podemos também pensar nos romances russos como *Notas do Subsolo* (1864) de Dostoievski (1821-1881), onde é discutida a visão negativa do mundo na figura de um anti-herói sempre abordando as principais questões da época. Para falar de autores latinos, podemos citar o uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015) tomando como exemplo um de seus livros: *As veias abertas da América Latina*, publicado em 1976, dedicado a história do continente desde os saques das caravelas aos aviões a jato.

Ao pensarmos o continente africano percebemos também a crescente publicação de romances em diversos países como Moçambique, África do Sul, Nigéria, de autores como Mia Couto, Futhi Ntshingila e Chimamanda Ngozi Adichie, estes autores apresentam em comum nas suas narrativas, os problemas sociais enfrentados em decorrência das colonizações, o que acarreta em profundos problemas sociais, como a falta de moradia, a fome e doenças. De formas diferentes e cada um com suas particularidades, têm em comum as problemáticas sociais dos países e de épocas mais recentes na história.

Para demonstrar a riqueza e a potencialidade do trabalho com a literatura destina-se esta narrativa que aqui se alonga, no intuito de mostrar os diversos temas e problemas abordados. Assim, ainda podemos pensar em livros como *Admirável mundo novo* (1932) do britânico Aldous Leonard Huxley (1894-1963) que no período da II Guerra Mundial, denuncia os aspectos desumanizadores do dito progresso científico, e que mesmo sendo um livro de ficção, prevê muitas consequências de um mundo globalizado de forma bastante coerente.

Franco Moretti (2003), teórico literário italiano, em seu livro *Atlas do Romance Europeu*, analisa diversos romances atribuindo as narrativas, mapas do espaço ficcional ao espaço histórico presente nos romances ingleses de Jane Austen, na Paris de Balzac e Zola, na Londres de Dickens e Conan Doyle como na Espanha de Cervantes.

E por fim, vale destacar um ainda não considerado gênero da literatura, mas crescente campo literário que envolve as HQ's, ou seja, as histórias em quadrinhos, cada vez mais frequentes no mercado literário e que cada vez mais, trazem em suas narrativas temas sérios, críticos, muitas vezes autobiográficos. Como acontece com *Gen pés descalços*, uma série de 10 mangás publicados originalmente em japonês por Keiji Nakazawa (1939-2012). *Gen* (1975), trata-se de uma série autobiográfica do autor que viveu os horrores da II Guerra Mundial e do bombardeio das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

Persépolis (2000) da iraniana Marjane Satrapi, também uma autobiografia conta sobre o regime xiita que lançou o Irã às trevas, a derrubada do Xá em 1979, numa revolução popular que mais tarde se converte em ditadura islâmica e toda transformação e opressão durante séculos ao povo persa. Já *O Paraíso de Zahra* (2011) não é assinado por seus reais autores e ilustradores, estes recebem os pseudônimos de Amir & Khalil, não podem se identificar, a HQ ambientada em Teerã, no Irã trata do momento atual vivido no país, através de uma trama ficcional com base em eventos reais sobre a revolta em andamento no Irã. *Paraíso de Zahra* faz alusão ao cemitério onde são depositados milhares de corpos sem identificação, vítimas de assassinatos e de tiros recebidos em manifestações desde o estabelecimento da República Islâmica do Irã. No fim da Graphic Novel, são listados milhares de nomes extraídos de diversas fontes como de familiares e amigos das vítimas entre outros como instituições como a ONU. Nomes esses das vítimas que possivelmente se encontram neste cemitério.

Uma das HQs mais conhecidas no universo dos quadrinhos é *Maus: a história de um sobrevivente* (1973), de Art Spiegelman, Art conta as memórias de seu pai que viveu o holocausto e o trauma que ultrapassa gerações. *O mundo de Aisha: A revolução silenciosa das mulheres do Iêmen* (2013), é uma reportagem em quadrinhos de Ugo Bertotti com entrevistas e fotos da jornalista Agnes Montanari, a HQ conta a história de diversas mulheres do Iêmen que são obrigadas a se casarem muito cedo, são violentadas

e muitas vezes até mortas pelos seus companheiros. No entanto, como o título sugere, conta também a luta diária destas mulheres na busca por sua libertação.

Por fim, a narrativa de uma HQ encontra a narrativa de livros aqui citados acima, quanto a Revolução Cultural de Mao, e assim como as obras anteriormente citadas, trata-se de uma autobiografia, *Uma vida chinesa* (2009), organizada em 3 volumes de P. Ôtié e Li Kunwu, se passa desde a criação da República Popular da China em 1949 até os dias de hoje, Li Kunwu, chinês, testemunhou os fatos da narrativa apresentada e em parceria do roteirista P. Ôtié contam no formato de quadrinho todas as transformações vividas na China.

Portanto, diante de tamanha diversidade percebe-se que o trabalhado com a literatura pode ser utilizado tanto para pensarmos e refletirmos a própria ciência geográfica como pode ser também, um fértil terreno para o ensino da geografia através de romances, crônicas, contos ou das histórias em quadrinhos que abordam temas variados e diversos.

Na literatura nacional podemos perceber através dos trabalhos acadêmicos apresentados em congressos da área da Geografia que majoritariamente são desenvolvidos contemplando principalmente a literatura nordestina, ou mesmo, a literatura que trata do Rio Grande do Sul, de Érico Veríssimo. Isto pode ser verificado nos anais do ENANPEGE de 2017⁸.

E ao analisarmos os anais de diversos eventos que contemplam estudos envolvendo a literatura, percebemos a grande recorrência a obras nordestinas, entre elas podemos destacar escritores como Rachel de Queiroz (1919-2003), Graciliano Ramos (1892-1953) entre outros que se dedicaram a escrever sobre as mazelas do nordeste brasileiro, a seca, a migração, os problemas da fome, junto de conjuntos de costumes que podem ser usados na identificação e formação de identidades.

Neste sentido, a literatura de Jorge Amado, aqui escolhida, difere da literatura do restante do nordeste brasileiro. Pois, não surge ligada a terra como as demais, não trata só das misérias, mas também delas. Assim, possui uma série de elementos que ligam a literatura nordestina da época, mas também um conjunto de elementos que são peculiares.

⁸ Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2017/anais/>>. Acessado em 19 de abril de 2018.

Para compreendermos melhor o que vem a ser literatura, e assim, entendermos e utilizá-la de forma coerente e produtiva, utilizaremos alguns teóricos que se dedicaram a estudar o que vem a ser literatura e precisamente a literatura no Brasil. Desta forma, a definição de literatura aqui empregada está de acordo com o que defende Marisa Lajolo (1989). Para a autora, o conceito de literatura está sempre aberto dependendo do que se pretende com esta. Ou seja, não existe um conceito fechado acerca de literatura, pois, devemos considerar literatura tudo aquilo que é produzido através da escrita, desde poemas e diários pessoais, ou devemos considerar literatura apenas as obras clássicas legitimadas pela academia?

Existem alguns marcadores que agem como legitimadores do que vem a ser literatura, e ao longo do tempo, sabemos que esses órgãos, instituições, são capazes de determinar o que é ou não literatura, vem se modificando ao longo dos anos. De acordo com a pesquisadora, a escola, as universidades, os críticos literários sempre foram determinantes do que viria a ser considerada literatura, ou não, ou seja, o reconhecimento dá legitimidade a algo, desta forma, o conceito de literatura como de outros meios é vivo e está em constante reconstrução. Sendo, portanto, dinâmico e se adequando ao uso que se quer ter.

Com isto, a literatura aqui escolhida, amadiana, por muito tempo sofreu duras críticas pela crítica literária da época, sendo inicialmente considerada como vulgar e menor, por não utilizar-se dos modelos vigentes na época, e por valorizar o coloquial, no entanto, ao criar uma nova forma de literatura um tanto mais brasileira valorizando a língua falada, pode-se pensar em como essa literatura age em processo decolonial. Uma vez que, na época, a forma escrita aceita se pautava nos modelos europeizados.

Em contrapartida, foi a literatura de Jorge Amado que fez, com que o Brasil fosse reconhecido em sua literatura fora do país, pois, um país só tem legitimada sua literatura quando reconhecido fora dos seus limites políticos. As obras de Jorge Amado alcançaram grande circulação mundial, um dos fatores que contribuíram para essa circulação foi sua participação no Partido Comunista. E foi a partir da circulação de suas obras fora do Brasil que tivemos o reconhecimento da literatura brasileira.

Em viagem a Buenos Aires, como participante de uma Expedição Geográfica promovida pelo LEUR – Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2017, podemos constatar que de fato, o que a literatura

acadêmica diz a respeito do conhecimento da literatura brasileira fora do país, corresponde ao conhecimento das obras de Jorge Amado, como de Paulo Coelho. Foram visitadas diversas livrarias, bem como, a Feira do livro de Buenos Aires, levando em consideração que a capital argentina é entre os países da América Latina, o que mais tem hábito de ler⁹. Encontramos unicamente e principalmente obras de Jorge Amado no que diz respeito a literatura brasileira. Nas livrarias das capitais europeias como Roma, Madri, Paris e Lisboa o mesmo acontece, encontramos, somente exemplares das obras de Jorge Amado e de Paulo Coelho, observando que isso foi observado exclusivamente em livrarias.

Ainda de acordo com Lajolo (1989) as obras literárias funcionam como objeto social, sendo uma porta de entrada a um mundo que é autônomo, para ela, o que está escrito em um livro não termina na sua última página, mas permanece como questionamento na mente do leitor até que seja incorporado como vivência, assim, a literatura não cria nada novo, e sim, dá existência ao que sem a escrita ficaria no mundo do inominado, pois, ao escrever, legitimamos, damos vida a algo, a criação.

Carlos Fuentes (2007) também nos ajuda na compreensão acerca da literatura, este a considera como arte, mas também como uma função dos seres falantes, onde através dela, todas as informações se tornam possíveis, pois, a imaginação nada mais é do que a transformação da experiência em conhecimento. Assim, a literatura legitima algo, tornando visível o que antes estava invisível, ao transformar-se em literatura, aquilo que é narrado, com base na realidade visível, torna-se uma nova realidade. Ou seja, se pensarmos no que autores como os citados aqui neste estudo, se preocuparam em narrar através de forma ficcional, mas com exímia verossimilhança os problemas de sua época, percebemos como se concretiza esse exercício que considera a experiência vivida, transformando-a na literatura que dá voz, legitima e torna visível algo, num alcance que vai do local ao global.

Ainda para Fuentes (2007), a literatura através dos romances, age em conjunto com duas funções, que são ao mesmo tempo, estética e social, trabalhando no que está escondido, marginalizado e até mesmo perseguido, isso faz com que o autor assuma uma posição, no caso de Jorge Amado, explícita pela sua ideologia política e pela sua

⁹ Para saber mais: < <https://www.lanacion.com.ar/1467680- apenas-el-11-de-los-argentinos-son-lectores-frecuentes>>. Acessado em 19 de abril de 2018.

filiação ao Partido Comunista Brasileiro, dando assim, legitimidade histórica, como acontece com outros autores já citados, como Mia Couto, José Saramago, Eduardo Galeano. Albuquerque JR (2011.p. 239) complementa este pensamento na medida em que coloca, como Amado parte da premissa da consciência da posição intelectual a que pertence e que devido a isso, possui maior capacidade de enxergar os problemas propondo soluções.

Com relação aos escritores latinos americanos, podemos pensar em Jorge Amado, Eduardo Galeano, Gabriel García Marques, Carlos Fuentes (2007) atribui a literatura e a linguagem como uma raiz da esperança, de forma que o conjunto de escritores do continente sul americano é caracterizado como propagador da libertação do silêncio, das amarras, incluindo e admitindo todas as formas de narrar, assim, para Fuentes, o romance latino americano é a narração que alcança as feridas e as cicatrizes da América Latina.

Partindo da premissa de que um romance, parte sempre do ponto de vista do autor, o romance sempre irá muito além daquilo que é narrado, dos fatos que compõem a narrativa e do que é representado, proporcionando reflexões sobre o que está escrito, mas também sobre o que está sugerindo pensar. A isto, ao sugerido, podemos pensar em uma etapa que fará parte da análise das obras escolhidas para serem aqui trabalhadas e onde buscar-se-á perceber o que está nas entrelinhas dos romances de Jorge Amado.

Na busca do trabalho com a literatura, Antônio Candido (2006) fundamenta, assim como Lajolo (1989) e Fuentes (2007), nosso entendimento acerca da literatura e do trabalho com esta. Desta forma, segundo Candido (2006), ao dialogar com a literatura, já não se faz mais necessário esclarecer que a mesma é um produto social, que exprime as condições do lugar em que ocorre, isso nos levaria ao campo do truísmo.

E, através da história da literatura no Brasil, é sabido que a primeira tendência que se teve com relação a literatura e a vida social, com os estudos sociais e de ordem sociológica, se pautaram na prática de avaliar a obra literária, buscando à medida que esta correspondia a realidade. No entanto, essa análise mostrou-se superficial e muito pouco satisfatória como interpretação. Isso equivaleria ao selecionarmos uma obra de Jorge Amado e todo trabalho desenvolvido ficasse restrito e enumeração e localização dos lugares e fatos tidos como “reais”, sem o aprofundamento e problematização de outros pontos na obra.

A segunda tendência se pautou na análise do conteúdo social, buscando os segmentos morais e políticos expressos, colocando aí sua valoração. Assim, segundo Candido (2006) a literatura deste período tanto a de esquerda como de direita apresentou fortemente seu discurso ideológico chegando a alguns momentos a inexistência da preocupação com a estética da obra literária.

Caso fosse aplicada nestes moldes e acredita-se parte da crítica da época, Alfredo Bosi (1976), provavelmente analisou a obra de Jorge Amado neste sentido, resultando daí quase sempre a tentativa de divisão da sua obra em dois períodos, sendo o primeiro enquanto o autor é membro do PCB e a segunda com a escrita de *Gabriela, cravo e canela*, para determinados autores, como o citado acima, a literatura da sua dita primeira fase apresenta em comum alguns elementos de chamado a revolução, a libertação do povo a partir do comunismo e segundo ainda os mesmos autores, em sua segunda fase os temas estão voltados aos costumes e não a militância.

O que discordamos ao analisar atentamente o conjunto completo de obras de Jorge Amado, indo além inclusive dos aqui tratados com maior dedicação e discussão, pois, ao deixar de ser comunista, Jorge Amado não deixa de acreditar no socialismo, apresentando até o último de seus livros a tentativa de conscientização, de combate ao preconceito, como acontece em *O sumiço da Santa*, um dos seus últimos romances e onde o combate a intolerância religiosa se faz presente do início ao fim.

No amadurecimento das tendências ao trabalho com a literatura, ao sociólogo moderno, coube o entendimento que as demais não se excluem, mas compõem o todo que deve ser considerado no sentido de que a arte é social tanto na dependência do meio em que é expresso na obra, como é capaz de produzir nos indivíduos um efeito prático, capaz de modificá-lo com relação a sua conduta e concepção do mundo.

É neste sentido que percebemos a potencialidade do trabalho com Geografia e literatura pra a compreensão crítica do espaço, produzindo a ciência de que os sujeitos constroem e reconstroem o espaço ao qual fazem parte. Seja através da reflexão do pensamento geográfico, seja através do ensino da Geografia.

Assim, a sociologia moderna interessa-se nos estudos, considerando a literatura para analisar as relações e os fatos que são estruturais, e que estão ligados a vida artística, bem como, agem como causa e/ou como consequência. Com isto, a primeira

etapa consiste na investigação das influências dos fatores socioculturais, sendo fundamentalmente os valores e ideologias e as técnicas de comunicação, como a estrutura social.

Tem-se então a definição da posição social do comunicante, artista, seguido da forma e do conteúdo da obra e por último a sua transmissão. Nesse processo temos os quatro momentos que marcam a produção: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” (CANDIDO, 2006.p.31).

Com isso, a conclusão da obra só se dá com a sua repercussão, ou seja, com sua recepção, de acordo com Candido (2006), Lajolo (1989), também coloca que o livro não termina na última palavra do livro, mas no ricochetear na mente do leitor, até que seja incorporado como vivência, e ainda, através do que o público leitor fará com ele. Desta forma, sociologicamente, a arte, literatura, é um sistema simbólico de comunicação, num processo que envolve três elementos indissociáveis: autor, obra e público, o que forma o sistema literário de Candido.

Ainda considerando Antônio Candido (2006), a relação existente entre literatura e sociedade vai além do paralelismo entre mostrar fatos sociais e sua ocorrência nas obras, existe sim, a interpenetração de ambos, formando assim determinada literatura, para isso, para compreendermos uma obra em sua integridade, devemos considerar a fundição do texto e de seu contexto, sem analisá-los de forma dissociada e sim, de forma dialética interpretativa.

Para tanto, se faz necessário entender um pouco como a literatura se desenvolveu no Brasil, ou seja, qual sua trajetória e tradição, seus períodos e usos. Resquício da colonização, também podemos chamar de consequência, o Brasil vivia na tentativa de copiar Portugal, no que diz respeito à literatura, até a chegada do romantismo, período este também influenciado pelas tendências europeias, assim, o romantismo no Brasil tentou principalmente falar do que era típico daqui dando um caráter alegre e belo. Ou seja, temos nesse período as obras de José de Alencar (1829-1877), como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), romances com figuras indígenas como centrais, e que agem como um esforço de afirmação nacional.

A libertação, que vem com a escrita livre de estigmas se dá somente com o Modernismo, situado no período entre as duas Guerras mundiais, essa literatura é marcada então como literatura de permanência, que busca romper de todo com o romantismo, na tentativa de parecer acadêmica e não europeia. Vale lembrar que em determinados países europeus a História antes de se constituir academicamente utilizava-se muito dos romances como de Balzac para a compreensão da sociedade, com a formalização acadêmica, a História não só na França, mas em demais países procurou ao máximo dissociar-se da literatura, o que gerou inúmeros debates de ordem historiográfica que perduram até hoje.

No Brasil algo próximo ao inverso aconteceu, como veremos a seguir, no entanto vale ressaltar que, na Europa poder-se há dizer que a literatura fundamentou a história, e no Brasil, com a formalização da sociologia e da história, a mudança estrutural se deu na literatura, que da mesma forma, agia como base do conhecimento e reflexão acerca da sociedade narrada.

O regionalismo que se caracteriza muito pelas obras que dão destaque ao Sertão, marca o início do romance brasileiro com a consciência local. No entanto, com isso, cria-se um sentimento de subalternidade, criando o que Candido, define como “tonto sertanejo” (CANDIDO, 2006.p.121), onde o homem do campo é colocado como pitoresco numa visão estereotipada e folclórica.

O modernismo rompe com as tendências anteriores, inaugurando um novo momento na dialética universal, o modernismo retoma temas como o destino do homem brasileiro, a busca de uma forte convicção e uma pequena herança de expressão europeia na tentativa da expressão da sociedade.

Tudo isso faz parte da literatura de Jorge Amado, pois, podemos ver a preocupação do destino do homem brasileiro na chamada que o escritor faz a “revolução” proposta e protagonizada pelo povo, não raro é esta chamada principalmente em seus romances iniciais como *Jubiabá* (1935), *Suor* (1934), *Cacau* (1933), entre outros. É a chamada à liberdade, expressa como no exemplo abaixo, nas últimas páginas de *Cacau*:

No outro dia me despedi dos camaradas. O vento balançava os campos e pela primeira vez senti a beleza ambiente. Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e

com razão. Na curva da estrada voltei-me. Na varanda da casa-grande o vento agitava os cabelos louros de Mária. Eu partia para a luta de coração limpo e feliz. (AMADO, 2010.p.153)

A comunicação pode ser atribuída à crença no socialismo através das ideias e militância comunista, na fé de um mundo e principalmente um país melhor. Por fim, a alta expressividade da sociedade é na obra de Jorge Amado, um dos pontos de discussão desta tese. Ao que facilmente detecta-se na obra amadiana estes três atributos ao modernismo e, no entanto, entende-se que isso é uma peculiaridade de sua obra, e não da literatura de forma geral.

Ou seja, considera-se um conjunto de obras literárias que exprimem uma ou várias destas características, no entanto, sabemos que a forma de escrita de J.A. é muito exclusiva e peculiar, não sendo recorrente na literatura em geral. Assim, dos períodos literários anteriores ao modernismo, ainda nutria-se um sentimento de inferioridade com relação a Portugal, esse sentimento vem ser rompido somente no modernismo, junto de um estado de coisas como nossas deficiências, fossem elas reais ou supostas, a partir daí, são interpretadas como superioridade.

O que se quer dizer com isso, é que no romantismo o índio aparecia como uma figura idealizada e o negro e/ou mestiço ignorado completamente. A partir de então, não é mais preciso escrever que tudo são flores, com caráter compensatório nessa questão, ligada a autoafirmação nacional, pelo contrário, a rudeza se acentua junto dos obstáculos e perigos. O mulato¹⁰, bem como o negro, passam a ser incorporados inclusive como inspiração. Ou seja, o que era considerado como primitivo passa a ser visto como beleza e não mais como algo a parte da elaboração da cultura.

Mário de Andrade (1893-1945) em *Macunaíma* (1928) é o abre-alas de tudo isso, seu personagem principal, o protagonista que dá nome a obra, Macunaíma é um indígena, anti-herói, através dele Mário de Andrade insere diversos elementos da cultura popular como provérbios e lendas, e faz críticas a linguagem culta brasileira, utilizando-se inclusive de elementos indígenas na composição da linguagem fluida, em tom mais coloquial. Com a busca de uma identificação nacional, o patriotismo ornamental é deixado de lado.

¹⁰ Definição de Antônio Candido (2006).

A partir de 1930 o romance é marcado pelo Neo-naturalismo e a inspiração popular, dramas, lutas do trabalhador, como percebe-se em Amado com *Capitães da Areia* (1937), *Suor* (1934), também com a temática do êxodo rural em Raquel de Queiroz (1910-2003) em *O Quinze*, publicado em 1930, ou ainda com Graciliano Ramos (1892-1953) em *Vidas Secas* (1938). Nesse período prepondera o problema sobre o personagem, segundo (CANDIDO, 2006 p. 130): “É a sua força e a sua fraqueza”.

O que marca fortemente este período é chamado como ensaio histórico-sociológico, composto por obras como *Casa-grande & Senzala* (1933), *Sobrados e mucambos* (1936), *Nordeste* (1937) de Gilberto Freyre (1900-1987), *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e *Evolução Política do Brasil* (1933) de Caio Prado Júnior (1907-1990), numa fase de intensa pesquisa e interpretação do país que ameaça e rompe com as tradições morais e religiosas do país, em coexistência harmoniosa entre a preocupação estética e a preocupação político-social neste decênio. Sobre esse período que não é exclusivo do Brasil, o jornalista e escritor Miguel nos coloca:

Suponho que nessa altura, tanto em Portugal como no Brasil, se vivia sob a ditadura do chamado neorealismo-uma corrente onde a literatura estava a serviço de “causas” e tinha de ser “social”, engajada, com o “povo” dentro da história. A literatura era uma frente de combate da esquerda, como a pintura ou a fotografia, e o seu fim era servir “os amanhã que cantam”. Mas o neorealismo português era, literariamente, uma coisa intragável: previsível, aborrecida, deprimente, paupérrima de imaginação e confrangedora no estilo. O leitor era tomado como um imbecil, a quem qualquer coisa aproveitaria, desde que o autor fizesse passar a “mensagem”. Era uma escrita que não se destinava a conquistar leitores para a causa da literatura, mas sim militantes para a causa mais digna, mais urgente e mais útil da “libertação dos povos”. Sem dúvida que esse Jorge Amado dos “ásperos tempos” também foi mesmo literariamente, um militante da “causa”. (TAVARES, 2008.p.262. In: AMADO, 2008)

Miguel de Sousa Tavares ainda coloca que diferente dos romancistas portugueses, Jorge Amado trouxe a literatura uma nova forma de escrita, dotada de alegria e de repentismo absurdo, sendo assim, inovador que antes de qualquer coisa serviu aos leitores, sendo ele, um deles. Passada esta fase, define-se cada vez mais posições políticas, perdendo-se a preocupação com a estética, alcançando assim uma propaganda panfletária pura, tanto da esquerda como da direita.

Para (CANDIDO, 2006.p.137) “Diferente de outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do

espírito.” Isso, devido ao fato dos romances do período em questão serem livros de intenção histórica e sociológica. Como acontece com as obras de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, entre outros.

Assim, a tendência esboçada no século XIX se desenvolve principalmente no século XX, funcionando como um elemento de ligação entre a pesquisa científica e o criar literário, dando assim, segundo Candido (2006) caráter sincrético à literatura, ao mesmo tempo em que proporciona a unidade ao panorama cultural.

Com o Modernismo houve a participação e inclusão das massas como elemento construtivo da sociedade, sendo percebidas e consideradas pela inteligência, com isso, a consciência sobre as massas não se deu somente de ordem sociológica, mas também pela literatura, folclore, de forma que as novas condições de vida sugeriam o advento das massas populares.

A irreverência agiu como atitude, trabalhando para a destruição dos tabus, a libertação do idioma literário, tão presente na literatura de Amado como percebe-se em *Jubiabá*: “-Nada...Que bem... E ainda tem as multas, tem as faltas por causa das crianças, as doenças, e ficam logo velhas, acabadas... A gente corta fino aqui, seu mano... (AMADO, 2008.p.153).” Bem como, a busca pelo espírito popular, o interesse pelo folclórico, todo esse conjunto somam-se as contribuições do Modernismo que permitiu assim, a “expressão simultânea da literatura interessada, no ensaio histórico-social, da poesia libertada” (CANDIDO, 2006.p.143). Com isso, a literatura age como iniciação do conhecimento sobre a realidade do país.

Todavia, a literatura tradicional teve um fim, na medida em que vimos crescer e se fundamentar a Sociologia e a História em caráter acadêmico, aliado a expansão das novas formas de expressão, como uma disputa formal de campo a literatura interessada, o ensaio histórico-social, deu lugar a uma nova literatura sem propósitos, mais voltada aos problemas estéticos, não mais históricos e sociais, desenvolvem-se assim, novas formas de expressão literária, já não tanto ligadas a vida social, de acordo, as vezes, com o que os acontecimentos solicitem.

Um bom exemplo disso são os trabalhos em Geografia que trazem a literatura nacional, curiosamente em sua maioria utilizam-se da literatura deste período. Em grande maioria, mas não exclusivamente. Como acontece em *Geografia e Literatura*:

ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação, organizado por Eduardo Marandola JR e Lúcia Helena Batista Gratão (2010), onde o segundo capítulo é dedicado ao sertão, através de *Grande Sertão Veredas* de João Guimarães Rosa, escrito em 1956.

Ou ainda, o que encontramos em *Geografia, literatura e arte: reflexões*, organizado por Maria Auxiliadora da Silva e Harlan Rodrigo Ferreira da Silva (2010), onde grande parte dos artigos que compõem a obra, contemplam a literatura de Jorge Amado e de Graciliano Ramos. Alheio a isso, nos dois livros citados sobre a literatura acadêmica, se fazem presentes estudos com a temática “As cidades” considerando a literatura de Ítalo Calvino.

Majoritariamente o Nordeste compõe os estudos que envolvem o trabalho entre Geografia e Literatura, assim, no ano de 2006, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE deu início a publicação de uma série de volumes de *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras*. Tendo como objetivo identificar, bem como, representar através de mapas, imagens, fotos de satélite, as paisagens dos diferentes territórios brasileiros, presentes na literatura nacional.

O primeiro volume: Brasil Meridional, contempla as regiões brasileiras pelo viés geográfico, bem como, o regionalismo através das categorias: Missões Jesuíticas, Campanha Gaúcha, Colônias, Vale do Itajaí e Norte do Paraná. O II volume: Sertões Brasileiros I, lançado em 2009 apresenta os Sertões do Leste, o Vale da Paraíba do Sul, a Zona da Mata Mineira e o Vale do Rio Doce. Sertões do Ouro e Sertões dos Currais, Das Minhas e Currais e Currais às Minas Gerais e a região dos Currais da Bahia, o Sertão de Cima, compreendendo a Chapada Diamantina e os Sertões Nordestinos. O III volume trata da continuação da obra Sertões I publicado em 2016 e estão contemplados Sertões do Oeste e Sertões de Passagem. É possível que a publicação destas obras não tenha chegado a sua finitude, de forma que as paisagens que se fazem presentes na literatura de Jorge Amado não fazem parte de nenhum dos volumes existentes.

2.3 - Abordagem Cultural

Este estudo faz parte de uma abordagem cultural, levando em consideração que para Rogério Haesbaert, bem como para Paul Claval (2011) a Geografia Cultural não se

refere a um campo dentro da disciplina, mas a uma abordagem. Ou seja, um tipo de abordagem geográfica que teve início com o giro cultural, onde ao invés de criar mais um subcampo, fez-se necessário repensar toda disciplina em sua totalidade.

Como um campo crescente, a Geografia Cultural ocupa um lugar de destaque dentro da disciplina atualmente, principalmente por permitir o trabalho com outras fontes e áreas. De acordo com Perla Zusman e Haesbaert (2011), o trabalho em expansão da Geografia Cultural se justifica pelas mudanças que vem ocorrendo no mundo atual, onde o capital age de forma que as expressões culturais sejam elas do passado, presente ou futuro, acabam como objeto mercadológico.

Tudo isso podemos ver no conjunto da obra de Jorge Amado, aqui problematizada no sentido da formação de um discurso que serve para vender uma imagem. Ainda segundo os autores citados, neste contexto, onde tudo serve ao capital e fins mercadológicos, a produção da diferença, ganha cada vez mais valor simbólico, sendo agregado aos campos de mercado. Ou seja, tudo aquilo que apresenta peculiaridades, diferença, ou que seja visto como exótico, acaba obtendo valor mercadológico.

O que é incorporado nas mercadorias, nos lugares e paisagens é seu valor simbólico. Em contrapartida, grupos sociais, étnicos, religiosos, cada vez mais, buscam sua autoafirmação como uma maneira de reivindicar seu lugar no mundo. Tudo isso é também gerado pelas práticas da globalização, que acabam afetando diretamente os lugares. A intensificação do turismo é uma das práticas de homogeneização da globalização, onde por um lado é gerada internacionalização, e por outro, o aumento da criação de processos de exclusão.

Não se pode ignorar aqui, ainda que não seja o espaço de análise das obras, o uso que é feito das obras de Jorge Amado, ou seja, do discurso mercadológico que é reconhecido na literatura acadêmica como descrito acima, o que faz com que a cidade, Salvador/BA, receba um elevado número de turistas, em 2017 segundo dados do governo do estado a Bahia recebeu 5 milhões de turistas, tendo 1,5 bilhões acrescentados na economia do estado, em Salvador, aproximadamente 600 mil turistas, 60 mil estrangeiros, como acréscimo de 665 milhões na economia da cidade.

Com isso, percebe-se a grande movimentação econômica, em contrapartida, ao se visitar a capital baiana, percebemos que alguns dos problemas apontados por Jorge Amado permanecem na cidade, como é o caso de crianças de rua. Ou seja, os processos de exclusão são gerados e ignorados pelo discurso de apropriação da baianidade.

Somando a essa discussão, Zusman e Haesbaert (2011) consideram que a Geografia Cultural na América Latina dialoga com as perspectivas culturais francesas e anglo-saxônicas, ao mesmo tempo em que buscam o desprendimento de modelos eurocêntricos, procurando assim compreender as particularidades da América Latina a partir de sua história e das práticas populares. Na busca da construção de uma perspectiva crítica dos processos globais, tratando a cultura como chave para a transformação social.

Até 1970 a Geografia Cultural se pautava muito no materialismo, um exemplo pensando nesta pesquisa, seria ao pensarmos a religiosidade expressa nos romances, levássemos em conta a descrição das roupas das mães-de-santo, atualmente se considera a fé, o uso dos objetos e ornamentos. A partir de 1970 houve uma grande mudança nas concepções de Geografia Cultural, ou seja, passou-se a valorizar e analisar as imagens, atitudes e representações.

Para Claval (2011), o giro cultural fez com que se repensasse completamente a disciplina, não só uma nova denominação de campo dentro da mesma. Devido a isto, Claval considera como uma abordagem cultural, considerando três concepções de significado para a palavra cultura. A primeira consiste na ideia de que cultura é um conjunto de atitudes, de práticas, crenças, conhecimentos e valores que motivam a ação humana, ao contrário do que acontece com os animais, para os humanos o instinto não possui um papel dominante e fundamental. Os comportamentos vão sendo incorporados através de processos educativos e das experiências dos adultos.

A segunda significação de cultura que deve ser considerada, consiste na definição de um conjunto de signos, símbolos, imagens usadas pelos seres humanos para explicar o cosmos, a natureza e a vida cotidiana, ou seja, a cultura é um conjunto de palavras e imagens que representam o mundo, permitindo sua concepção e dando um sentido a vida, seja individual ou coletiva.

Ainda segundo Claval (2011), a terceira definição para a palavra cultura, parte de um conjunto de ações que permitem aos seres humanos se transformarem através do cinema, da literatura, da religião, da filosofia, entre outros, num sentido em que a cultura exige um tipo de performance, ao passo que uma pessoa culta pode ultrapassar as demais devido aos seus conhecimentos. Então, para Claval, os geógrafos precisam dar conta destas três concepções de cultura, pois, cada uma delas exprime um aspecto diferente das distintas realidades culturais.

Assim, a cultura é a bagagem que cada um recebe em sua existência tanto através do que lhe é ensinado como ao longo de sua experiência vivida, se apoiando na memória. Desta forma, a cultura é um fenômeno da comunicação, pois, é também construída com base nas relações, ou seja, também pode ser passada tanto de pessoa para pessoa como de outras formas, possuindo assim uma dimensão espacial.

A ideia de que a cultura não funciona como uma dimensão como a economia, a política, mostra como esta acontece de forma mais ampla e precede as demais, oferecendo signos e valores, num conjunto que é formado por tudo que os seres humanos já aprenderam. Com isso, a cultura se mostra tanto como uma realidade individual, como coletiva, individual no sentido do que cada um aprende durante sua vida e coletiva no sentido do condicionamento a que está sujeito em seu grupo social, na constituição de regras, dos sistemas de representações, das imagens, entre outros.

A cultura possui uma dimensão simbólica que dá a ela um fator de unidade, uma vez que a concepção simbólica é o que dá sentido a vida, seja no sentido individual como coletivo. Nesse processo, o imaginário, as religiões e ideologias possuem um papel essencial. Pois, é a cultura que permite aos indivíduos a consciência daquilo que são e do que querem ser. Ela gera identidades que os vinculam aos lugares e as paisagens. De forma que: “La voluntad de afirmarse frente a los otros incita a los hombres a marcar simbólicamente los espacios que consideran propios y a colocar signos en los lugares públicos que recuerdan a todos su existencia.” (CLAVAL, 2011.p.304).

Assim, a abordagem cultural, que deve ser realizada pelos geógrafos, deve contemplar as três dimensões da cultura antes citadas, pois, as mesmas não são contraditórias e sim complementares, a primeira como cultura enquanto onipresente, existindo estruturalmente, a segunda no que se refere aos significados dos signos e

símbolos atribuídos, e por fim, a terceira que diz respeito ao sentido da vida, através da transcendência que pode ser tanto individual como coletiva, de forma que:

De esto modo, el abordaje cultural sitúa al geógrafo em una posición a partir de la cual repiensa las categorías clásicas de la economía, de la vida política, de la sociedad, de la vida urbana o rural, a partir de la cual explica la crisis contemporánea de las identidades y la superación de las tendencias a la fragmentación local mediante la constitución de grandes entidades, basadas em símbolos compartidos. (CLAVAL, 2011.p.311)

Percebemos então os elos que ligam esta pesquisa a Geografia Cultural, e entre eles podemos destacar a linguagem, a comunicação, a literatura em si e a representação. Complementando esta concepção, segundo Álvaro Heidrich (2013), tudo aquilo que consideramos geográfico é portador de um significado, significado este que atribuímos com base no sentido humano percebido e da importância a que percebemos através do nosso olhar. Desta forma, através da linguagem, elaboramos compreensões, assim como compreendemos determinadas coisas a partir do senso coletivo a que estão relacionadas em experiências socioculturais. Com isso, são atributos essenciais a cultura a linguagem, bem como, a comunicação.

CAPÍTULO 3 – Espaços, Territórios, Lugares e Patrimônios

3.1 - Espaço de Velhos Marinheiros, Pretos Tatuados e Mestres de Saveiros

Uma vez que trataremos de território, se faz necessária a distinção sobre espaço, pois, espaço e território segundo Rogério Haesbaert (2008) não podem ser separados, uma vez que um não existe sem o outro. O espaço é tido então como uma expressão da dimensão espacial, fundamental a sociedade (HAESBAERT, 2008; LEFEBVRE, 2008). Como o título sugere, o espaço aqui considerado, trata-se do espaço que diz respeito ao espaço de Salvador/BA e que se faz presente para os personagens de Amado que são, velhos marinheiros, malandros, pretos tatuados, mestres de saveiros, entre outros.

Assim, o espaço tido como expressão de uma dimensão da sociedade, onde são priorizados os processos de coexistência/simultaneidade, considerando Lefebvre (2008), é produzido socialmente, diferente da concepção de alguns teóricos como Raffestin (1993), que trata do espaço como algo primordial, como uma primeira natureza.

Lefebvre (2008), ainda considera o espaço, como espaço vivido, que resulta como uma consequência da prática social dos seus habitantes ao longo do tempo. Assim, ao pensarmos os territórios que serão aqui trabalhados, bem como, os patrimônios e lugares, estamos contemplando inexoravelmente o espaço social, onde se produziu e se projetou o espaço urbano. Com isso, Lefebvre integra cidade e espaço numa única teoria social.

Enquanto alguns teóricos trataram o espaço como algo em si mesmo, Lefebvre propõe o espaço social que não reside em si mesmo, mas que é produzido simultaneamente. Os seres humanos são considerados a partir de suas relações e de suas práticas. Assim, Lefebvre constrói sua teoria da produção do espaço social e do tempo social, sendo estes considerados como fatores que não são puramente materiais.

Tempo e espaço não são tidos como universais, de forma que só podem ser considerados e compreendidos com base no contexto e na sociedade específica. O espaço é produzido através das práticas espaciais, das representações do espaço e dos espaços de representação, formando o espaço percebido, concebido e vivido.

Para sintetizar, a teoria da produção do espaço por Lefebvre se constitui em três momentos de produção, que considera a produção material, espaço percebido, a

produção de conhecimento, espaço concebido, e por último, a produção de significados, espaço vivido. Assim, o espaço está longe de ser visto como um fim em si mesmo, ele é entendido em seu sentido dinâmico numa rede de produção e de reprodução que é contínua. Com isso, o espaço é ao mesmo tempo percebido, concebido e vivido, sendo sempre espaço inacabado em constante produção, ligado ao tempo.

3.2 - Território dos Capitães da Areia

Considerando que a literatura de Amado é repleta de representações, das relações de poder existentes entre os personagens e grupos, em embates como crianças de rua – juízes de menores, operários – políticos, percebemos em grande escala a presença de diversos territórios nos romances aqui contemplados. Os territórios são múltiplos, bem definidos e ao longo do tempo se transformam, se reterritorializam.

Assim, a concepção de território aqui adotada é a desenvolvida por Haesbaert (2006), em seu livro: *O mito da desterritorialização*, onde: “...o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural.” (HAESBAERT, 2006, P.79).

Desta forma, consideramos como elemento central para a formação e discussão acerca de território, as relações de poder existentes nas variadas esferas. Com isso, poderíamos considerar uma série de autores que se dedicaram ao estudo do território, autores estes que embora façam parte de correntes distintas, tem em comum na discussão territorial, que este é formado a partir de relações de poder.

Então, não tentaremos fazer uma linha do tempo mostrando todo desenvolvimento e evolução do conceito, visto que outros geógrafos como Haesbaert, entre outros já se dedicaram a este trabalho, ainda assim, acreditamos que seja necessário pontuar, alguns dos principais teóricos que se dedicaram ao território, estes, serão apontados aqui, de acordo com sua contribuição ao debate na medida em que contribuem para a compreensão do território nas obras literárias.

Ao lermos as obras de Jorge Amado e ao conhecermos seus personagens, é possível mentalmente formarmos grupos destes personagens, uma vez que como já citado anteriormente, ainda que estejam presentes aqui diferentes gêneros literários,

todos compõem uma única narrativa que se complementa na relação existente entre os personagens.

Considerando as obras como um todo, percebemos diversos grupos como de operários, prostitutas, crianças de rua, homens que trabalham no cais do porto, políticos, autoridades, líderes sindicais, líderes religiosos, entre outros. Estes personagens que formam grupos, no decorrer da narrativa enfrentam diversos conflitos, onde a problemática se dá através das relações de poder que são exercidas.

Podemos usar como exemplo a relação existente entre os terreiros de candomblé que sofrem perseguição policial em livros como *Jubiabá* e *Capitães da Areia*, em ambas as obras, existem territórios que são muito bem formados de acordo com a literatura acadêmica que aqui veremos, ou seja, são grupos que possuem um líder, uma ordem, leis, marcas e que formam identidades, ao mesmo tempo em que necessitam, através da luta contínua, manter esses territórios, no caso do exemplo, o território do sagrado que é violado pela polícia que acaba levando para a cadeia os santos dos terreiros, bem como os participantes, como percebe-se em *Jubiabá*:

Negro faz greve, não é mais escravo. Que adianta negro rezar, negro vir cantar pra Oxóssi? Os ricos mandam fechar a festa de Oxóssi. Uma vez polícias fecharam a festa de Oxalá quando ele era Oxalufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia. (AMADO, 2008, p.290).

Com isso, alguns personagens surgem e agem como um contrapoder lutando para conseguir de volta aquilo que lhes foi retirado. A latência da problemática territorial se mostra muito forte, pois, percebemos que os problemas enfrentados pelos personagens e que muitas vezes representam problemas reais como é o caso acima da perseguição religiosa. Sabemos que Jorge Amado utilizou e muito sua literatura como uma frente de combate, ao que entendia como problemas da época, os dois livros citados foram escritos em períodos onde não havia a liberdade de culto religioso no Brasil, fazendo com que a prática do candomblé fosse proibida.

Soma-se à narrativa de Amado, na luta pela liberdade de culto religioso a ementa da lei que garante a liberdade de culto religioso, redigida por Jorge enquanto deputado federal pelo PCB, cargo este assumido em 1946 e que não chegou a ser concluído em seu mandato, pois, o partido tornou-se ilegal, devido à perseguição política no governo de Eurico Gostar Dutra, responsável por colocar o partido que Jorge Amado fazia parte, na ilegalidade.

Além das relações que são exercidas pelos personagens, ainda merece destaque um elemento presente em todas as obras selecionadas, ou seja, a dicotomia existente entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Pensando no espaço da capital baiana, Salvador, e em sua geomorfologia, percebemos como os fatores da natureza pela apropriação antrópica gera espaços de exclusão e posteriormente territórios. Como nos sugere Milton Santos (2012)¹¹ quando analisa que a cidade é construída em cima da falha geológica.

A Cidade Alta em *Capitães da Areia, Mar Morto, Tenda dos Milagres*, apenas para citar de imediato alguns exemplos, pois, no decorrer da tese em sua totalidade estarão presentes de forma mais ordenada todas as obras, percebemos que a parte Alta da cidade, a menos vulnerável a desastres ambientais e com melhores condições de saneamento, acesso aos bens, pertence a parte rica da população, ou seja, os bairros ricos, os policiais, políticos, empresários, habitam essa parte da cidade, os grupos de personagens são outros, não os mais frequentes.

Ao contrário, a parte pobre da cidade é relegada aos personagens como os trabalhadores do cais, próximos às docas, as crianças de rua que dormem num velho trapiche abandonado na antiga zona do cais, a rua das prostitutas, situada numa das ladeiras da cidade. No entanto, a relação entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa mostra-se complexa, não podendo ser considerada em absoluto ricos x pobres, uma vez que ela não é assimétrica e que existe como já citado, diversas relações de poder e de contrapoder, (HAESBAERT, 2013).

O simbolismo presente nas duas partes da cidade é tão forte que um dos marcos de separação, o Elevador Lacerda que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa, em determinado momento da obra *Capitães da Areia*, é o ponto de rompimento entre os sujeitos pertencentes aos locais, pois, em perseguição policial, um dos personagens, Sem-Pernas, suicida-se, jogando-se do muro do elevador para não ser apanhado pelos policiais que o perseguiam e que o iriam espancar. Este fato, através do simbolismo presente, determina os limites a que os sujeitos estão condicionados.

¹¹ SANTOS, Milton. O Centro da Cidade do Salvador. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

Assim, a seguir, veremos então, algumas das contribuições tidas ao longo do tempo, ao conceito de território, em seu desenvolvimento, até que chegássemos ao que melhor se adequa a esta pesquisa, ou seja, os estudos desenvolvidos por Haesbaert (2006), mas que sem dúvidas, são resultado também, da trajetória da discussão anteriormente construída.

Considerando Ratzel como “pai” do território, este atribuiu ao território a ligação existente deste com o solo, ou seja, tratava-se de uma visão que considerava a materialidade como algo a priori, e que torna-se de fácil compreensão ao pensarmos que o chão, solo, era o espaço delimitado de onde as populações retiravam seu sustento, assim, essa delimitação estabelecia uma constante ligação entre as pessoas que o utilizavam e o solo em si mesmo. Ou seja, algo fixo.

O Estado foi visto como a representação da ligação do povo com esse algo fixo, numa interação que não pode ser pensada separadamente, pois, resulta no enraizamento das comunidades. A seguir, muitos estudiosos consideraram o território sob a perspectiva instintiva utilizada pelos animais, e por um longo tempo, essa concepção foi utilizada, contribuindo na discussão e evolução do que conhecemos por território.

A partir da década de 1970 temos grandes contribuições que vem a somar na discussão territorial e espacial e muitos dos teóricos que se dedicam e se dedicaram no estudo do território foram influenciados pelo debate gerado neste período, parte daí as discussões que percebem a ligação e relação existente entre território e espaço, não como sinônimos, mas como interdependentes um do outro. Massimo Quaini (1974), considera o território como um produto social que é construído historicamente, culturalmente, bem como, politicamente, numa perspectiva geo-histórica tendo como centro as relações entre espaço e tempo. Quaini considerou os conceitos de espaço e território, sincronia e tempo histórico como centrais na elaboração de uma concepção relacional da geografia, na já mencionada perspectiva geo-histórica, onde, há unidade na relação espaço-tempo.

Propondo uma geografia histórica, Quaini destaca a formação do território e da paisagem como materialidades, onde a natureza significa processualidade, e que deve ser estudada através de métodos capazes de reconhecer o movimento processual. Ainda para o autor, através da abordagem múltipla do território é possível perceber a unidade existente entre a história e a geografia. Para tanto, o território é visto também como uma

área que possui localização, sem ignorar que este se constitui como um produto social que é historicamente constituído em três esferas, também consideradas por Souza (2000), ou seja, o território que envolve a economia, a cultura e a política.

Nesta concepção materialista de Quaini que destaca o caráter histórico relacional e múltiplo do território, que forma também paisagens, a centralidade ganha ênfase na existência de tempos que são históricos, pois, considera a sincronia e a diacronia que envolvem espaço e território mediados pela paisagem, no sentido de que a produção do território gera paisagens desiguais.

Robert Sack (1986) aborda a territorialidade humana como um meio que é indispensável diante do poder, estando assim, a territorialidade presente nos mais variados níveis, indo do individual ao global. Assim, a territorialidade humana não age como algo instintivo e agressivo que é dividido com outros animais, ou seja, biológica. Ao contrário, esta é tida como uma estratégia espacial que tem como finalidade controlar, influenciar seja bens ou pessoas, agindo para controlar uma área ou mesmo como uma estratégia existente em todos os níveis.

Alguns geógrafos apresentam concepções próximas de território que convergem em alguns pontos e divergem em outros, são eles, Claude Raffestin (1993), Marcelo Lopes de Souza (2000), Haesbaert (2008) e Marco Aurélio Saquet (2008). Para estes autores o poder ocupa lugar central na discussão territorial. Como veremos em cada um deles, começando por Raffestin, para quem o território é uma construção a partir do espaço, ou seja, uma área delimitada onde são exercidas relações de poder.

Para o autor em questão o território é o espaço político, onde são combinadas informação e energia, organizando assim os circuitos para a difusão e a circulação de energia e de informação. Resulta de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível, o território surge deste ator que se apropria de um espaço que pode ser concreto ou abstrato.

O uso do espaço pode ser então denominado territorialidade, considerando que o território é uma construção a partir deste e que depende de quem o controla. Assim, é através da territorialidade que podemos perceber e compreender a conexão entre espaço e território. Esta pode ser vista como uma estratégia capaz de controlar tanto pessoas

como coisas através do domínio de uma área, ocorrendo em diversas escalas que podem perpassar desde as pequenas relações, como organizações complexas.

Para Raffestin (1993), os territórios ao longo do tempo constituem o mundo material, onde, à medida que são percebidos, tornam-se matéria-prima para a imaginação, podendo assim servir para a produção de representações e imagens em diversas linguagens, uma delas, a literária, aqui presente. Acreditamos que o que o autor propõe é que percebemos já na primeira página de *Capitães da Areia*, após as “notícias de jornal¹²”:

SOB A LUA, NUM VELHO TRAPICHE ABANDONADO, as crianças dormem. Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite. Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. (AMADO, 2008, p.27).

Ou seja, o que Jorge Amado descreve, trata-se da transformação daquele espaço pertencente à antiga zona do cais e que outrora pertencia a outros sujeitos, que formaram um território, talvez podemos chamá-lo de território dos trabalhadores do cais e que ao longo do tempo se reterritorializou, adquirindo outros significados, e foi então ocupado por outros sujeitos, os Capitães da Areia, que agora pertencem ao local.

Já buscando compreender o que se encontra nas entrelinhas no texto, é sabido que o movimento de revitalização dos portos no Brasil não é algo isolado a cidade de Salvador, o fato narrado talvez sem essa pretensão por Jorge Amado, é abordado por Maria Lucia Caira Gitahy (1992), em sua obra *Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana*, onde a autora aborda o movimento que ocorreu

¹² O livro *Capitães da Areia* inicia-se com um recurso de origem da literatura de cordel, onde são apresentadas “notícias de jornais”, ou seja, a visão acerca dos Capitães da Areia por diferentes poderes: o diretor do instituto de menores, abastados que querem a punição e prisão das crianças, um padre que os defende, uma mãe que lastima a má sorte. São recursos que servem para instigar o leitor sobre aquilo que será apresentado na narrativa.

na costa brasileira de revitalização dos portos entre eles o de Santos / SP e o de Salvador /BA, dando origem a paisagem descrita por Jorge Amado, ou seja, diversos trapiches antes usados diariamente são abandonados e ao longo do tempo ganham um novo uso, com novos atores.

A concepção de território de Raffestin (1993), leva em consideração fortemente a geopolítica e a noção de ciência de Estado, este é visto como uma instância superior, detentor do poder, que pode ser exercido por uma instituição, transposto, ou ainda, a todo ser que exerça poder sobre outros grupos. O Estado para ele é caracterizado por três elementos: a população, o território e a autoridade. Assim, a territorialidade que é gerada dessa tríade é considerada relacional e dinâmica, e muda ao longo do tempo e do espaço de acordo com a sociedade a que está inserida, e que pode ser representada como:

Explicitar o conhecimento e a prática que os homens têm das coisas, é involuntariamente, desnudar o poder que esses mesmos homens se atribuem ou procuram se atribuir sobre os seres e as coisas. O poder não é nem uma categoria espacial, nem uma categoria temporal, mas está presente em toda “produção” que se apoia no espaço e no tempo. O poder não é fácil de ser representado, mas é, contudo, decifrável. (RAFFESTIN, 1993, p.6).

Assim, considerando o exposto por Raffestin, podemos perceber tanto as relações de poder existentes entre os personagens literários, como também o poder que envolve o fato de representar, ou seja, o poder exercido pelo escritor. A isto dedicaremos espaço ao longo do trabalho. Para Raffestin, o território deve ser percebido como um espaço que pode tanto incluir como excluir pessoas, este pode também ser consumido ou mesmo vivenciado pelos atores que o utilizam, sem necessariamente terem sido seus elaboradores, mas que o utilizam como meio.

Na concepção de Raffestin a identidade territorial é tida como uma marca de identificação e de pertencimento, de forma que não existe território se não houver a formação de uma identidade, de um grupo que o caracterize, ou seja, a própria formação de um território é um processo de formação de identidade, tendo como núcleo um lugar. Somando-se a Raffestin no que diz respeito a identidade territorial como marca de identificação e de pertencimento estão de acordo Haesbaert (2013) e Sack (1986).

A identificação dos grupos de personagens, e suas respectivas identidades, podem ser identificadas através de diversos elementos como marcas, símbolos, signos, leis, ou até mesmo, como uma forma de comunicação. É necessário o sentimento de

pertencimento e de grupo. Tomando como exemplo a forma de comunicação, podemos considerar a gargalhada dos meninos de rua como percebe-se nos trechos: “E, já em outra rua, os três soltaram a larga, livre e ruidosa gargalhada dos Capitães da Areia, que era como um hino do povo da Bahia” (AMADO, 2008, p.62). Ou ainda: “Riram os dois e logo foi uma gargalhada. Era um hábito dos Capitães da Areia” (AMADO, 2008, p.195). E também em: “Trazia uma longa entrevista com o diretor furioso. Todo o trapiche ri. Até o padre José Pedro, que está com eles, ri em gargalhadas, como se fosse um dos Capitães da Areia.” (AMADO, 2008, p. 216).

O sentimento de grupo também pode ser percebido através do sentimento de um dos personagens, um dos principais, Sem-Pernas: “E se para alguém o Sem-Pernas abria exceção no seu ódio, que abrangia o mundo todo, era para as crianças que formavam os Capitães da Areia. Estes eram seus companheiros, eram iguais a ele, eram as vítimas de todos os demais, pensava o Sem-Pernas.” (AMADO, 2008, p.130). Assim, como a presença de um líder, neste caso Pedro Bala, personagem emblemático que ao final da narrativa se torna líder de greves e acaba procurado pela polícia:

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. (AMADO, 2008, p.29).

Outros elementos como leis do grupo também podem ser facilmente identificados na narrativa, a fim de fundamentar melhor a concepção de grupo aqui apresentada, bem como outros aspectos. Todavia, uma vez que aqui pretende-se inicialmente apresentar os autores e como os conceitos são identificados nas obras analisadas, a explanação profunda com todos os elementos será abordada nos capítulos seguintes, tomando-se aqui os trechos evidenciados como exemplos diminutos do que encontra-se na pesquisa como um todo.

Outro geógrafo que se dedica ao estudo do território e que se faz presente como um dos principais pensadores a respeito da discussão territorial contribuindo e analisando desde as suas origens, Marcelo Lopes de Souza, é considerado, na medida em que, segundo ele, o território surge na Geografia Política e é visto como um espaço que é concreto em si, incluindo atributos socialmente construídos, assim como os naturais. O espaço é então apropriado por um grupo social, fazendo com que a ocupação deste espaço crie raízes e uma identidade, dando origem a um território, e assim, todo grupo, não pode ser compreendido excluído do seu espaço apropriado, ou seja, do seu

território, pois, a identidade sociocultural das pessoas, segundo Souza (2000), está indissociavelmente ligada ao espaço concreto, ao substrato material.

Para Souza, sempre que há pessoas interagindo com o espaço, se apropriando deste, transformando-o através do seu trabalho de uma forma contínua que transforme esse espaço social, cria-se um território. Assim como para outros autores anteriormente citados, o território para Souza é substancialmente espaço definido e delimitado por relações de poder, encarado como um campo de forças.

O território forma uma rede de relações sociais, onde em sua complexidade pode-se definir limites e alteridade, dando aporte ao que chamamos do “nós”, ou seja de um grupo e dos de “fora”, daqueles que não pertencem ao grupo. A materialidade se apresenta como fundamento mais imediato a manutenção do grupo, uma vez que se constitui na identificação e no espaço social delimitado que serve de catalizador das relações.

De acordo com Souza (2008), um aspecto relevante do território e dos grupos que o originam trata-se da formação de territórios como resistência, que podem ser entendidos também como a formação de um contrapoder. Esses territórios, assim, como esse contrapoder é compreendido pelos grupos de sujeitos “indesejados pela sociedade”, em grande parte, os personagens de Jorge Amado, tomando-se como exemplo os próprios meninos de rua, que, não tendo onde morar passam a habitar uma zona do cais abandonada, na parte baixa da cidade, a mais vulnerável e que mesmo assim, constantemente precisa ser “protegida” para a manutenção do espaço de posse. Caso contrário, perderão este espaço, transformado em território. A literatura de Amado demonstra ainda a flexibilidade temporal e espacial na formação de territórios, ou seja, quando pensamos no território das prostitutas, este corresponde a um determinado horário da noite, como acontece em *Jubiabá*:

A ladeira do Tabuão é silenciosa a estas horas da noite. O serviço do velho elevador já terminou e a torre se debruça sobre a cidade. Nas janelas mais altas brilham luzes. São as mulheres da vida que voltaram da rua e que despacham os últimos homens. (AMADO, 2008, p.272).

A Ladeira do Tabuão é um dos lugares mais baixos com relação à prostituição, em *Jubiabá*, Lindinalva depois de perder sua família e ser enganada pelo seu noivo, ficando com um filho, acaba tendo como última alternativa a prostituição e assim, “desce várias ladeiras”, onde a última é a do Tabuão, próxima a Cidade Baixa: “Da ladeira do Tabuão as mulheres só saíam ou para o hospital ou para o necrotério”

(AMADO, 2008, p.269). Desta forma, existe um território da prostituição, onde podemos considerar o que coloca Souza:

Os territórios da prostituição são bastante “flutuantes” ou “móveis”. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças: a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos, mais propriamente funcional que afetiva. (SOUZA, 2000, p.88).

Assim, na concepção de Souza, os territórios, são antes de qualquer coisa, relações sociais que são projetadas no espaço concreto, este é o substrato material das territorialidades. De forma que podem formar-se e ou dissolverem-se, dissipando-se de modo rápido, a isto percebemos o território da prostituição acima citado. Ainda para Souza, essa existência pode ser periódica, estável ou regular sem que o substrato espacial sofra alterações, este pode modificar-se ou não.

Na concepção de território de Marcos Aurélio Saquet (2008), assim como dos autores já citados, o poder é elemento central nas relações que formam o território, em consonância com Haesbaert (2013) e Raffestin (1993), os territórios podem agir como espaço de exclusão onde ficam explícitos os confrontos de classes. Assim, para Saquet o território é produzido por atores que se utilizam de informação e de energia. O território é o campo onde se dão todas as relações, onde se estabelecem as hierarquias e o espaço político.

Do território resultam as territorialidades que vão sendo efetivadas pelos sujeitos através das relações do sistema tridimensional, também considerado por Souza (2000), onde estão inclusas a sociedade, o espaço e o tempo, não de forma igual, mas de forma que estão sempre presentes num processo que significa relações sociais simétricas ou dissimétricas, produzidas historicamente, como coloca:

São territórios concomitantes e sobrepostos que se caracterizam pelo controle e pelo domínio, pela apropriação e pela referência, pela circulação e pela comunicação, ou seja, por estratégias sociais que envolvem as relações de poder, materiais e imateriais, historicamente construídas. Os homens têm centralidade na formação de cada território: cristalizando relações de influência, afetivas simbólicas, conflitos, identidades, etc. tanto os processos identitários como os conflituosos transformativos são históricos e relacionais e, ao mesmo tempo, materiais e imateriais. (SAQUET, 2008, p.85)

Assim, poderes, apropriações, tempos e produções são elementos que historicamente estão sempre presentes na formação de territórios e nos processos de territorialização, através dos atores sociais e suas relações, sejam elas cotidianas ou não, pois, estas efetivam-se em todas as escalas. Assim, o território é um produto social e também uma condição, e com isso, a territorialidade significa condição e resultado da

territorialização. O território forma o conteúdo das relações, ao passo que o movimento permite a apropriação tanto no que consideramos material como no imaterial.

Ao mostrar as diferentes concepções de território, por diferentes autores, tentamos mostrar como este conceito vem sendo discutido amplamente não só pela Geografia, como também em outras ciências, o debate existente é infinito, pois, um conceito jamais é estanque, estamos sempre na busca pelo seu aprimoramento.

Desta forma, ao dialogarmos com diferentes autores, buscamos demonstrar alguns pontos em comum nas conceituações, a proximidade existente, bem como, algumas diferenças. tentamos através dos exemplos, relacionar a literatura acadêmica com a literatura amadiana, onde cada concepção de território, em algum momento pode ser utilizada para pensarmos a obra de Jorge Amado. Sendo isso possível pelos pontos em comum que as diferentes concepções de território apresentaram.

No entanto, para finalizarmos, ou ao contrário, para iniciarmos, trazemos Rogério Haesbaert (2006) para a discussão acerca de território, pois, seu conceito, onde o território é visto como concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, tanto do poder material como do poder simbólico das relações culturais, é assim, a concepção que melhor expressa a territorialidade presente na literatura de Amado, como veremos ao longo da tese.

Cada grupo acaba por desdobrar relações das formas mais diversas, construindo territórios que agem como um abrigo, como é o caso do refúgio dos Capitães da Areia, seu território é um lugar afastado do movimento da cidade, onde podem viver tranquilamente, e que serve de moradia como esconderijo, e neste espaço existe ainda uma relação de dominação local, pois, outros grupos são impelidos da aproximação da zona dos meninos de rua, num reconhecimento de território que é dominado.

Todo território é gerado a partir de relações de poder, sua constituição, no entanto, depende também, da formação de uma identidade pelo grupo, resultando numa identidade territorial como já vimos em outros autores, já citados. Todavia, Haesbaert (2013), também considera que através dos significados que vão sendo imbuídos a determinados espaços que por sua vez geram territórios, são formadores de identidade coletiva, como percebe-se:

[...]...muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há “espaços” ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material. É o que autores como Poche (1983) denominam “espaços de referência identitária”, a

partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que, de qualquer forma, emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial. (HAESBAERT, 2013, p.149)

É sabido que aproximadamente a metade das obras aqui analisadas são escritas com uma forte militância pela liberdade através de ideias comunistas, quase sempre ao final das obras, existe um levante popular, e a organização de grupos que lutam através de greves para melhorar as condições salariais existentes. Entre os grupos que se organizam, no caso de *Jubiabá*, fazem parte padeiros, estivadores, operários. Assim, podemos lembrar em *Capitães da Areia* os trechos já citados que expressam o sentimento de grupo e a formação de uma identidade peculiar aos meninos que vivem na rua, com suas marcas, seu líder, suas leis.

Em *Jubiabá*, podemos pensar em todos esses elementos, quando, estivadores, operários, padeiros e trabalhadores dos bondes da cidade resolvem se unir numa grande greve, nesse momento formam um grupo, que também tem um líder, um porta-voz e que através da mobilização, os mesmos veem-se como pertencentes a uma classe e grupo de pessoas que tem os mesmos objetivos e os mesmos problemas, assim se unem através da greve:

Antônio Balduino já estava cansado de ouvir tanto discurso. Mas gostava. Aquilo era uma coisa nova para ele, uma das coisas que amaria fazer. Fazer uma greve... Nunca tinha pensado nisso. Mas era bom. Ele tinha a impressão de que naquele momento eram donos da cidade. Donos de verdade. Eles não queriam, não havia luz, nem bondes, nem telefone para os namorados, o navio sueco não descarregaria os trilhos para a estrada de ferro nem carregaria os sacos de cacau que enchiam o armazém 3. Os guindastes estavam parados, vencidos pelos inimigos que eles sempre mataram. E os donos daquilo tudo, os homens que mandavam neles, se escondiam medrosos, sem coragem de aparecer. (AMADO, 2008.p.283. grifo nosso).

Com este fato podemos perceber diversas coisas, as relações de poder existentes, ou seja, dos que comandam as companhias, dos ditos “chefes” e dos operários, trabalhadores, estivadores, que através da greve novamente agem como um contrapoder, sob os detentores do poder maior, entre eles, o próprio guindaste. E pensando que toda territorialidade possui marcas que podem ser inclusive uma forma de comunicação, como contribui Sack (1986), essas marcas, sinais, podem ser identificadas como a já abordada gargalhada dos meninos de rua, uma forma de comunicação.

O que pretendemos mostrar já na introdução dos conceitos que serão trabalhados, são pequenos exemplos de como os mesmos se fazem presentes na literatura, ressalta-se aqui que a análise completa das obras selecionadas se fará presente

nos capítulos que seguem esta tese. Todavia, acreditamos que seria importante, uma breve relação de como as literaturas acadêmicas e literárias se entrecruzarão neste trabalho. Uma das expressões mais interessantes que podemos visualizar na obra de Amado com relação ao território, abre seu livro *Tenda dos Milagres*:

No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica no Tabuão, nas Portas do Carmo e em Santo Antônio Além-do-Carmo, na Baixa dos Sapateiros, nos mercados, no Maciel, na Lapinha, no Largo da Sé, no Tororó, na Barroquinha, nas Sete Portas e no Rio Vermelho, em todas as partes onde homens e mulheres trabalham os metais e as madeiras, utilizam ervas e raízes, misturam ritmos, passos e sangue; na mistura criaram uma cor e um som, imagem nova, original. Aqui ressoam os atabaques, os berimbaus, os ganzás, os agogôs, os pandeiros, os adufes, os caxixis, as cabaças: os instrumentos pobres, tão ricos de ritmo e melodia. Nesse território popular nasceram a música e a dança. (AMADO, 2008, p. 11).

Este trecho, que abre o romance, diz muito por si mesmo, a começar pela atribuição de território feita pelo escritor, seguida da composição de diversos lugares da cidade como a Praça da Sé e o Tabuão, entre outros, todos que fazem parte de sua obra e que serão aqui discutidos. Chama atenção o fato da composição destes lugares na concepção de Amado, serem, formadores de um território, território este que cria, dá vida, através das práticas que nele são realizadas, práticas que fazem parte das relações existentes, pois, algumas destas ou eram, ou foram em algum momento proibidas.

3.3 - Pelourinho, Patrimônio de Quincas Berro D'água

Neste espaço da pesquisa pretendemos abordar o que vem a ser Patrimônio e como este se faz presente na literatura de Jorge Amado, e embora Patrimônio seja uma medida criada inicialmente na França como uma política de preservação daquilo que faz parte da cultura e da identidade de um povo, sendo importante pela sua memória e que por isso deve ser preservada, o “Pelourinho como Patrimônio de Quincas”, sugere a importância que os lugares hoje considerados patrimônios, tiveram para os personagens da literatura amadiana através dos sentimentos e da apropriação que se fizeram destes.

Inserida na abordagem cultural, a problemática da patrimonialização considera a interação do homem no espaço, bem como, as marcas na paisagem como manifestações culturais que exprimem sua diversidade cultural. A cultura possui uma relação íntima com as representações, e ainda de significados que como resultado criam uma identidade. Identidade esta que se manifesta tanto nas construções, como nos usos a que damos a elas, na interação social e espacial.

Todavia, a cultura é capaz de representar o modo de vida de um povo, uma sociedade e/ou um grupo determinado, num todo onde não estão inclusos apenas os objetos materiais por eles produzidos, mas também, seus valores, hábitos, modos de fazer, e suas práticas sociais. Com isso, temos um sistema simbólico que envolve mitos e ritos unificadores, num sistema imaginário que dá suporte a todos os elementos que compõem a identidade de um grupo. (ZANATA, 2011, p.231).

Desta forma, vale lembrar que a obra de Jorge Amado, seus livros urbanos aqui considerados, trazem em grande quantidade, temas e elementos ricos para se pensar nos aspectos culturais e identitários dos soteropolitanos, ou seja, se considerarmos primeiramente os bens materiais, construções mobiliárias, teremos, como já mencionado brevemente anteriormente, diversos prédios que compõem o centro histórico de Salvador, na época da escrita das obras, centro de Salvador. A paisagem expressa em suas obras contempla: a Praça da Sé, o Pelourinho, A igreja do Bonfim, o Elevador Lacerda, a Feira de Água dos Meninos, todos estes, lugares, para os personagens, pois, estão apresentados nas narrativas, dotados de sentimento e de significado como acontece em *O Sumiço da Santa*, onde pode-se dizer que tanto o que consideramos como patrimônio material, como imaterial se fundem na celebração da lavagem das escadas da Igreja do Senhor do Bonfim, com a procissão que parte da Igreja de Conceição da Praia:

Da Igreja da Conceição da Praia, junto ao Elevador Lacerda, até a Basílica do Bomfim, na Colina Sagrada, a distância medeia dez quilômetros, um pouco mais, um pouco menos, depende da devoção e da cachaça. Milhares de pessoas, o cortejo é um mar de gente, estende-se a perder de vista. Automóveis, caminhões, carroças, jumentos enfeitados com flores e folhagens, levando ao dorso barris repletos: não pode faltar água-de-cheiro. Nos caminhões grupos animados, famílias inteiras, blocos e afoxés. (AMADO, 1988.p.52).

Ou seja, percebemos além do prédio em si, a fé, os ritos, os significados presentes na procissão e em toda a festa em celebração ao santo que no sincretismo é Senhor do Bonfim para a igreja católica e Oxalá para o candomblé, a seguir veremos mais um trecho em que uma personagem jovem, Manela, proibida por sua tia e tutora católica, foge junto de outra tia para poder participar da festa e da lavagem das escadas do Bonfim:

AS DUAS TIAS – Aquela Quinta-feira do Bomfim foi decisiva na vida de Manela. Para a determinação e a mudança, tudo concorreu, os episódios e os detalhes. A procissão, fausta jornada de canto e dança, a pompa das baianas, a praça da Colina embandeirada com papel de seda, enfeitada com palmas de

coqueiro, a lavagem do átrio da Basílica, as feitas recebendo os encantados, o ritual sagrado e o almoço com os primos na mesa de namoro, os comes e bebes, o dendê escorrendo da boca pra o queixo, as mãos lambuzadas, a cerveja gelada, as batidas e o quentão de cachaça, cravo e canela, o fútingue em torno do largo com a irmã, a prima e os rapazes, os assustados em casas de família e o baile público na rua, os trios elétricos, o acender das gambiarras, das lâmpadas coloridas na fachada da Igreja, ela vagando em meio à multidão e Miro a seu lado, conduzindo-a pela mão. Sensação de leveza, Manela sentia-se capaz de sair voando, andorinha liberta na euforia da festa. (AMADO, 1988.p.54)

Como já mencionado anteriormente, a geografia cultural, assim como a geografia urbana, recentemente vem desenvolvendo estudos que consideram o patrimônio, pois, este, predominantemente encontra-se no espaço urbano das cidades, com traços históricos impregnados das relações sociais ali estabelecidas ao longo do tempo, ou seja, ao uso que o bem teve, isso no que se trata ao que foi construído, pois a Pedra do Ingá que é uma Itacoatiara e possui inscrições rupestres é um patrimônio localizado na cidade de Ingá, no estado da Paraíba, e fica localizada em seu lugar de origem, afastada do centro da cidade.

No que diz respeito ao nosso país, Brasil, principalmente diante do cenário político, é estarrecedor o estado de grande parte dos centros históricos das cidades brasileiras, o cenário se repete em muitas cidades como Ouro Preto / MG, Recife /PE, Pelotas /RS, Salvador /BA com algumas ressalvas. Não é necessário citar muitas cidades, pois, o descaso com o patrimônio material é semelhante em qualquer espaço brasileiro que o possua, com algumas ressalvas que abordaremos nesta tese. Diante de prédios históricos que fenecem pela ação do tempo percebemos de um modo geral a imensa carência e demanda existente sobre o estudo e a importância do patrimônio, considerando que este como bem cultural contribui para o reconhecimento da nossa identidade enquanto indivíduos, bem como, com a nossa integração à sociedade e o conhecimento cultural do lugar.

Não julgamos adequado, nem necessário um trabalho aqui que busque o conceito de patrimônio desde sua formulação primordial, ciente dos estudiosos que se dedicaram a isto, os utilizaremos na medida do necessário para que o conceito possa dar conta do que se quer discutir. Da mesma forma, não ignoramos as discussões que envolvem os conflitos de escolha dos patrimônios, em sua gênese mobiliários que procuravam demonstrar a arte e história das elites, ou seja, tudo aquilo que invocasse um passado glorioso pertencente a uma pequena parte da população, e por isso mesmo a escolha em trazer o patrimônio através da literatura de Jorge Amado que muito antes da

conquista e discussão dos patrimônios imateriais, o escritor já o apontava em sua literatura, como os modos de fazer, um exemplo, o modo de preparo dos acarajés das baianas. E por fim, o debate que envolve a preservação e a restauração destes bens não é aqui ignorado.

Milton Santos (2002) nos apresenta uma visão do todo que envolve patrimônio, pelo espaço geográfico que é formado por este, e que deve ser considerado pelo seu conjunto e não por cada parte que representa, fica mais fácil pensarmos em conjuntos como é o caso do sítio histórico de Ouro Preto e do conjunto do Pelourinho em Salvador. Para Santos, o patrimônio é constituído pela sua totalidade, através das edificações tombadas, junto da paisagem cultural, das relações sociais existentes neste espaço, bem como, dos significados imbuídos e da memória coletiva envolvida.

Sabemos que as obras analisadas estão repletas tanto do que é considerado patrimônio material como imaterial, e ao longo do trabalho os trechos que expressam esses bens serão apresentados, no entanto, existe uma obra, um tanto peculiar e diferente das demais, que nos apresenta de forma organizada estes patrimônios, trata-se do guia: *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador* (1945), este guia teve diversas inclusões ao longo tempo, e nele a cidade da Bahia é apresentada através de tudo que alguém que deseja conhecer Salvador de verdade, precisa ver e conhecer.

São apresentados, os sobrados, os azulejos portugueses, as pedras com que os escravos calçaram as ruas, as igrejas, feiras, becos e ladeiras, mercados e comidas. O protetor da cidade, Exu, a força do povo, a atmosfera da cidade, seus mistérios, a origem do nome, o ser baiano como um estado de espírito, as revoluções, “um personagem histórico esquecido”, Zumbi, os poetas, ficcionistas, universidades, músicas e músicos, o modernismo na Bahia, revistas e movimentos literários, feiras e “castelos”.

O guia possui capítulos que indicam o que vem a seguir, a partir dessa primeira parte que é mais abrangente, o guia foca mais propriamente no que conhecemos por patrimônio como, ruas, becos e encruzilhadas, e os lugares patrimonializados em questão como o “Forte do Mar”, Forte São Marcelo, os nomes das ruas, das principais, o Pelourinho como o coração da cidade, sendo sua parte mais antiga, a Ladeira do Tabuão, Rampa do Mercado (não mais existente), rua Chile, Orla Marítima, Baixa dos Sapateiros, as praias, o cais, solares e subúrbios.

Em seguida temos a apresentação das igrejas, não todas, inicia-se com a Igreja da Sé, que foi demolida, uma das mais antigas de Salvador e que foi demolida para a construção de um ponto de bonde. Hoje existe um monumento no local para a rememoração deste fato. Também existe uma parte arqueológica que mostra a base da igreja, somente o que sobrou. Em seguida temos a Igreja de São Francisco, que possui mais ouro no Brasil e com um conjunto de azulejos portugueses, Igreja do Bonfim, a Catedral da Bahia, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, a Igreja da Ordem Terceira, a Igreja da Conceição da Praia, Igreja de São Bento, e Igreja do Carmo, que atualmente é um hotel.

Os museus e as festas da cidade também são contemplados, estão presentes as festas de Santa Bárbara ou Iansã, da Conceição da Praia, a Lavagem das escadas da Igreja do Bonfim, a festa de Iemanjá e o Carnaval. No guia só está incluso o que é frequente em sua literatura, nada que não esteja em sua escrita. Em seguida tem-se, “O mundo mágico do Candomblé” com seus terreiros, mães-de-santo como a mãe Menininha do Gantois e a explicação de cada orixá. Por fim, são apresentadas algumas “personalidades” como Gregório de Matos, Antônio de Castro Alves, Carybé, Caymmi, Glauber Rocha, Samuel Querido de Deus, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria de São Pedro, Mestre Pastinha.

Jorge Amado ainda reúne diversos anúncios, crenças populares, mensagens de milagres e ebós, inclui uma propaganda de seus romances e o que hoje consideramos como patrimônio imaterial como a Pesca de Xaréu, o samba de roda, a Capoeira Angola com seus capoeiristas e suas músicas, o ofício das baianas e os Capitães da Areia que não são patrimônio, são um problema persistente, que pode ser resolvido através de educação e reparação social.

Assim, no que concerne aos estudos geográficos acerca de patrimônio, sabemos que sua inclusão, com maior ênfase, se deu recentemente, de forma que, segundo a geógrafa Maria Geralda de Almeida (2013) o patrimônio está se constituindo como uma nova base capaz de reafirmar a identidade e a patrimonialização. Como um recurso a conservação tanto de símbolos como de signos culturais, capaz de refletir a história do povo que o cerca.

A discussão aqui apresentada leva em consideração, principalmente os estudos desenvolvidos pelos geógrafos Lauro César Figueiredo e Maria Geralda de Almeida

(2013) sobre Patrimônio e Geografia. Para ambos, para se falar em patrimônio, primeiramente precisamos considerar os bens culturais, cujo interesse como consideração pelo debate geográfico acadêmico é recente e surge junto dos estudos que dão ênfase a abordagem cultural, estudos estes que são recentes e crescentes na Geografia.

Assim, ao tratarmos de patrimônio, percebemos que este conceito traz em sua gênese elementos centrais à geografia como, território, lugar, espaço e paisagem, todos presentes de forma indissociável uns dos outros, de forma que os mesmos, como veremos, compõem a ideia que temos sobre o que vem a ser patrimônio.

Como já mencionado ao longo deste trabalho, a abordagem cultural vem se mostrando como um campo profícuo e rico ao trabalho, aberto a novos temas e a aproximação a outras áreas como acontece com a história, antropologia, sociologia, entre muitas outras, desta forma, a cultura adquire posição central no debate com patrimônio, uma vez que está na vida contemporânea, possui uma nova importância tanto no quesito político como econômico.

De acordo com Figueiredo (2013) o patrimônio facilmente possui uma interpretação geográfica, pois, o patrimônio cultural, bem como suas categorias de análise, estão imbuídas de expressão espacial que é fundamentada na identidade. Para o autor: “Quando o espaço transpõe o tempo na memória social ele torna-se patrimônio, campo conflituoso de representações sócio-políticas.” (Figueiredo, 2013.p.207).

Ao pensar o patrimônio pela perspectiva geográfica, este inicia-se pela própria espacialidade, como resultado da produção social e do uso do território. Com isso, considera-se nesta discussão, assim, como para os autores já citados, as considerações, tanto da UNESCO como do IPHAN quanto a conceituação do que vem a ser patrimônio, como veremos adiante. No entanto, vale ressaltar que ambos, ao selecionarem os territórios, ao inventariar patrimônios, estão materializando no espaço a ideia do tombamento, de forma que é inconcebível a ausência da geografia neste processo.

Quando voltamos o olhar ao urbano, às cidades, como acontece nesta pesquisa, no que se refere a literatura de Amado, percebemos que é na cidade onde tornam-se mais evidentes as nuances do comportamento das sociedades. Segundo Figueiredo

(2013) através de sua materialidade, por meio de suas construções, como da imaterialidade expressa nos símbolos e significados que vão sendo conferidos por diferentes atores sociais ao longo do tempo.

A cultura abrange todo conjunto de atividades, costumes e modos de viver de um povo. E age como um processo constante de evolução, que se reconstrói com o tempo, num esforço coletivo. Assim, a cultura como a memória, são responsáveis pela formação das identidades e dos elementos que unem as pessoas enquanto grupos.

O patrimônio histórico cultural é capaz de materializar o sentimento de identidade que é evocado pela memória e pela cultura, agindo como fortalecedor dos laços coletivos de um povo. Desta forma, o patrimônio também age como meio onde as heranças coletivas devem ser transmitidas às futuras gerações. A isso podemos exemplificar o ofício das baianas que fazem acarajés. O ofício é considerado patrimônio imaterial. E é passado de geração a geração como demonstrou a pesquisa de campo na cidade de Salvador:

Figura 4 - Banca de Acarajés



Fonte: Produção da autora (2018)

Na imagem acima podemos ver uma banca de acarajés, onde a baiana está sentada atrás das panelas, e onde se visualiza um banner presente em diversas bancas de acarajés, com a mensagem: “Baiana de acarajé, uma herança, uma profissão, um patrimônio.”. Na pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2018 na cidade de

Salvador podemos perceber através da pesquisa etnográfica, como funciona o trabalho das baianas dos acarajés.

Espalhadas por diversos pontos da cidade, principalmente em pontos turísticos onde há grande circulação de pessoas, como Pelourinho, Praça da Sé, Terreiro de Jesus, Mercado Modelo, mas também em pontos mais afastados como Forte de Santo Antônio, UFBA, Rio Vermelho, as baianas montam suas bancas e vendem acarajés, abarás, amendoins, bolinhos de estudante e cocadas de três a sete dias na semana em horários que vão das 09:00 horas da manhã às 21:00 horas da noite. Em comum, todas baianas observadas vestem-se a caráter, como as mesmas dizem: a baiana:

Figura 5 - Baiana Sueli



Produção da autora (2018)

Foram observadas diversas baianas pela cidade, segundo a Baiana A, em conversa informal, se vendem acarajés devem estar vestidas de baianas, com o traje completo. As roupas variam de cores e modelos, a Baiana A não soube o porquê do uso da roupa, mas sabe que deve ser usada, obrigatoriamente. Isso se mostra em Salvador, pois, em visita a cidade de Recife em novembro de 2017, na Feira de Boa Viagem, uma

feirinha de artesanatos e comida local são vendidos acarajés e abarás, no entanto as pessoas que vendem não se vestem como baianas e podem ser homens.

Em Salvador, observou-se somente a figura de mulheres que vendem acarajés, e embora os elementos sejam os mesmos, o bolinho feito da farinha de feijão fradinho, caruru, vatapá, salada e camarão, cada acarajé é diferente de acordo com quem o prepara, alguns são cortados de outra forma e até mesmo a disposição dos ingredientes pode variar. Ou seja, cada baiana faz à sua maneira. A pimenta é opcional.

Segundo a Baiana B, ela nasceu no acarajé, aprendeu o ofício com sua mãe e desde sempre vende acarajé junto de sua mãe e irmãs, no ponto escolhido pela mãe, há mais de 40 anos. Localizada no Terreiro de Jesus, cada dia da semana a banca é ocupada ou pela mãe, ou por uma das filhas, do turno da manhã ao turno da noite. Já a Baiana C vende seus acarajés 4 dias na semana, os outros 3 fica em casa preparando as cocadas e os ingredientes, sua banca é bastante variada apresentando cocadas em potinhos, pés de moleque, entre outros, segundo ela, muitos doces e comidas de tabuleiro estão desaparecendo, como o bolinho de estudante na palha, conta que se alguém pedir, encomendar ela pode fazer, mas que isso é muito difícil. Que trabalha sozinha e quase não dá conta de fazer tudo.

Localizado na Praça da Sé, existe atualmente um memorial das baianas onde é contado um pouco do ofício destas, de como é passado de mãe para filha, da tradição que veio do continente africano, dos ingredientes ligados aos deuses africanos, orixás, bem como as roupas e contas usadas no pescoço pelas baianas, como ilustra a imagem abaixo:

Figura 6 - Memorial das Baianas de Acarajé



A ênfase é dada as baianas do acarajé, no entanto, existe na literatura de Amado como um todo as quituteiras que vendem comidas de tabuleiro, ou seja, frutas e como já mencionados, os acarajés, bolinhos de estudante, abarás, entre outros como mingau de puba e mungunzá. São frequentes as passagens na literatura de Amado, onde surgem estes personagens como podemos ver em *Jubiabá*: “Na noite de estreia a frente do circo estava iluminada, veio a orquestra com os moleques atrás, pretas venderam mungunzá na porta” (AMADO, 2008.p.228). Ou ainda em *Suor*: “Uma preta velha vendia acarajé e mungunzá na porta.” (AMADO, 2011.p.10). Ainda em *Suor*:

Ela ocupava quase toda a porta com latas de querosene cheias de mingau e mungunzá e o tabuleiro enfeitado de desenhos, coberto com a alva toalha rendilhada, debaixo da qual os acarajés e as moquecas de aratu se acomodavam junto à cuia de barro, que levava molho de pimenta. A preta ficava ali até alta madrugada, quando os últimos negros e mulatos se tinham recolhido e a cidade dormia, fechadas as janelas coloniais, silenciosos os sinos das igrejas inúmeras. (AMADO, 2011.p.32).

Também em *O país do carnaval*, livro de estreia de Jorge Amado, as baianas já se fazem presentes, como podemos ver em: “Pretas gordas, nas esquinas, vendiam acarajé e mingau. E nas sombras da noite a Bahia parecia uma grande ruína de uma civilização que apenas começa a florescer.” (AMADO, 2011, p.32). Neste trecho temos o acarajé e o mingau.

Numa manhã de sábado, durante o trabalho de campo, inesperadamente no centro da cidade, na Rua Chile, ao lado da Praça da Sé, surgiu um vendedor de mingau e mungunzá, e por livre e espontânea vontade ficou conversando, contou sobre sua vida em Salvador, onde está há mais de 40 anos, vinte vendendo mingau, que veio de Feira de Santana aos 18 anos, saindo da enxada. Possui 7 filhos, mora perto do centro de Salvador e trabalha das 4 horas da manhã ao meio dia. Contou que vende o mingau aos ladrões e aos policiais pela madrugada. É proprietário do carrinho de mingau e ele mesmo o produz. Em *Suor*, a venda de mingau aos mendigos e mais pobres pela madrugada é frequente. No entanto, em trabalhos de campo anteriores a este, nunca tinha visto nenhum vendedor de mingau, como nesse dia. Inesperadamente.

Figura 7 - Vendedor de Mingau



Fonte: Produção da autora (2018)

De acordo com os autores que fundamentam a noção de patrimônio, consideramos também as concepções já citadas, como da UNESCO, IPHAN, bem como da Constituição Federal em vigor. Esta última adota uma ótica que é mais abrangente, onde o Patrimônio Cultural, é considerado como a memória e o modo de vida brasileiro, numa junção de elementos materiais e imateriais. Desta forma, são considerados bens de patrimônio cultural no Brasil, os bens tombados em conjunto ou individualmente, materiais ou imateriais e que sejam considerados portadores de referências a sociedade brasileira.

Neste conjunto, estão incluídas: as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, bem como, artísticas e tecnológicas, as obras, documentos, objetos, edificações e espaços destinados a manifestações artísticas culturais e ainda, os conjuntos urbanos e sítios que possuam valor histórico, paisagístico, artístico, paleontológico, arqueológico, científico e ecológico. (BRASIL, 2002.132).

A definição de patrimônio pela UNESCO, ao longo do tempo foi adquirindo uma abrangência mais ampla e diversificada. Para esta instituição são considerados os monumentos históricos, locais sagrados, conjuntos urbanos, parques naturais, obras de

arte, ecossistemas e diversidade biológica, paisagens modificadas pelo homem, tesouros subaquáticos, peças arquitetônicas, objetos pré-históricos, assim como, tradições orais e imateriais que compõem a cultura popular.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em suas atribuições, considera patrimônio tudo aquilo que é considerado patrimônio pela UNESCO, bem como, a partir de 2009, o IPHAN, estabelece que a chancela da Paisagem Cultural Brasileira, na atribuição de uma porção peculiar do território nacional que representa os processos de interação entre o homem e o meio natural e onde a vida, assim como a ciência humana atribuíram marcas e valores. Soma-se a isso a consideração da paisagem como bem patrimonial desde a elaboração da constituição em 1988, onde os conjuntos urbanos, sítios de valor histórico entre outros, foram considerados.

Assim, considerando o espaço através de Lefebvre (1972) e de Figueiredo (2013), o espaço na perspectiva patrimonial surge como uma obra histórica que é produzida a partir das contradições, bem como, das relações sociais, sejam relações de dominação, apropriação ou até mesmo de troca, numa sociedade que é hierarquizada. Com a preservação de patrimônios edificados, temos um movimento contrário a lógica capitalista que transforma o espaço em mercadoria, nesse movimento inverso, considera o valor de uso.

Desta forma, a preservação age como um processo de resistência, através de relações que estão em constante disputa. Neste sentido, quanto mais rugosidades (SANTOS, 1978), estiverem presentes nas paisagens e nos espaços físicos, maior é a possibilidade de leitura e compreensão da construção destes, percebendo os diferentes períodos e modos a que esteve envolvido e que resulta na produção do espaço culturalmente produzido e para a formação de uma memória coletiva e urbana.

3.4 - Elevador Lacerda, Igreja do Rosário dos Pretos, Ladeira do Pelourinho: Lugares

O lugar é entendido aqui como algo construído a partir da experiência e dos sentidos, com base em Tuan (2013), ou seja, envolvendo sentimento e entendimento, num processo que é geográfico, pois, envolve o corpo com a cultura, a história, a paisagem e as relações sociais. O lugar é tido como um microcosmo, sendo o que dá

sentido a própria existência, de acordo com Marandola (2013), contribui na construção de Tuan (2013), concordando que o lugar é tudo ao mesmo tempo, mais do que os hábitos sociais ou o casulo protetor psicológico, ou seja, o lugar é o significado adquirido geograficamente da relação do corpo com as relações simbólicas do sujeito.

Assim, o conceito de lugar é um dos conceitos mais discutidos dentro da ciência geográfica após a década de 1970, sendo grande parte da discussão impulsionada pelos estudos de Yi-Fu Tuan, a partir da perspectiva em que muitos outros geógrafos se debruçaram neste conceito a fim de aperfeiçoá-lo, buscando sempre a conceituação que possa dar conta do que ele representa.

Desta forma, aqui usa-se fundamentalmente o conceito desenvolvido por Tuan (2013), bem como, de demais autores que vem acrescentar na discussão que se pretende. Como Antônio Castrogiovanni (2004), para quem o lugar é uma porção do espaço que pode ser apropriada na vida de determinados sujeitos, de forma que este espaço seja vivido de um modo especial, seja reconhecido e dotado de marcas singulares, portanto uma identidade. Neste sentido, o lugar possui densidade técnica, informacional, comunicacional e informativa, podendo também conter densidade educacional. Com isso, o lugar é impregnado de sentidos, como é o caso dos lugares que surgem na literatura de Jorge Amado, como o Pelourinho, as igrejas, o Mercado, a Rampa do Mercado, entre outros.

Também para Santos (1994), o lugar é um ponto onde se realizam as possibilidades do mundo, sendo uma parte importante e singular, mas não o mundo como um todo. Esse ponto pode representar algo destacado diante do todo maior. Podemos destacar a Rampa do Mercado, rampa essa que foi destruída na modernização da cidade para a reconstrução do novo Mercado Modelo, no entanto, a Rampa do Mercado, lugar onde os saveiros vinham descarregar suas mercadorias, povoa a literatura de Amado, como um lugar que é emblemático aos personagens, ponto de encontro da amizade e de diversas atividades, percebemos em *Quincas Berro D'água*, que um dos nomes pelo qual era conhecido, refere-se justamente a Rampa do Mercado:

Dez anos levava Joaquim essa vida absurda. “Rei dos vagabundos da Bahia”, escreviam sobre ele nas colunas policiais das gazetas, tipo de rua citado em cônicas de literatos ávidos de fácil pitoresco, dez anos envergonhando a família, salpicando-a com a lama daquela inconfessável celebridade. “O cachaceiro-mor de Salvador”, o “filósofo esfarrapado da Rampa do Mercado”, o “senador das gafeiras”, Quincas Berro D'água, o “vagabundo

por excelência” eis como o tratavam nos jornais, onde por vezes sua sórdida fotografia era estampada. (AMADO, 2008, p.39)

Podemos perceber em *O Sumiço da Santa*, outro trecho emblemático em que surge a Rampa do Mercado, aqui a rampa representa a porta de entrada da cidade que espera uma imagem sacra para uma exposição do museu da universidade. O lugar é comum aos diversos romances, surge sempre impregnado de sentimentos pelos personagens que o habitam, como percebe-se:

No alto da Rampa do Mercado, sentado sobre vazio caixão de querosene, um negro bem-vestido, trajando duque branco, gravata borboleta e sapatos de duas cores reluzindo no brilho do lustre, executa naquele fim de tarde solos de berimbau para pequeno público composto de mercadores de frutas, de vadios capitães da areia e do casal de namorados. (AMADO, 2010, p.23).

Além da Rampa do Mercado, poderíamos citar aqui muitos outros lugares, como o cais, a Igreja do Bonfim, o Elevador Lacerda, entre outros tantos. No entanto, a fim de não nos tornarmos repetitivos, consideramos o enlace existente entre os conceitos aqui trabalhados que se relacionam e se fazem presentes uns nos outros, sendo até mesmo difícil delimitar uma barreira que coloque onde termina um e começa outro, como acontece principalmente com Patrimônio, Lugar, Território e Paisagem. O que queremos dizer com isso é que a identidade faz parte de um território, bem como de um lugar e do que consideramos como patrimônio assim como os lugares compõe o que entendemos como territórios e patrimônios.

Desta forma, os lugares ainda que apresentados aqui, isolados dos demais conceitos já trabalhados, perpassam todos os demais. No que, a nosso ver é algo positivo, pois, mostra a relação existente entre os conceitos, o que proporciona um entendimento mais amplo sobre o que está sendo abordado. Como já citado, se considerarmos o guia *Bahia de Todos-os-Santos*, teremos já sinalizados, muitos dos lugares que compõem a literatura amadiana, junto da explicação de significado e importância para a cidade e concomitantemente seu povo, como acontece com o Pelourinho:

PELOURINHO O CORAÇÃO DA VIDA POPULAR BAIANA SITUA-SE NA PARTE MAIS VELHA DA CIDADE, a mais poderosa e fascinante ...Toda a riqueza do baiano, em graça e civilização, toda a pobreza infinita, drama e magia nascem e estão presentes nessa antiga parte da cidade... Por aqui passa a vida inteira da Bahia, sua humanidade, a melhor e a mais sofrida. Duas igrejas são mudas testemunhas desse viver: a do Rosário dos Negros, negra e azul, e a do Paço, com sua escadaria ligando as ruas, somente negra. (AMADO,2012, p.73).

A igreja do Rosário dos Negros surge como um lugar, em outros trechos, para citar apenas alguns, como em *Tenda dos Milagres* por se localizar ao lado da escola de capoeira onde os alunos se dirigem todos os dias ainda que cansados ao fim do dia, ou ainda quando é narrado o sofrimento da companheira de Quincas Berro D'água, que em seu desespero ao saber da morte do amor, senta nas escadas da igreja e chora, ou ainda em *O Compadre de Ogum* que faz parte da obra *Os Pastores da Noite*. Aqui o personagem Massu quer batizar seu filho na igreja e no terreiro, e assim escolhe a igreja de acordo com a importância da mesma para si:

A igreja deveria ser a do Rosário dos Negros, no Pelourinho, não só porque ali se batizara Massu há mais de trinta anos, como por conhecerem eles o sacristão, seu Inocêncio do Espírito Santo, mulato maneiroso, nas horas vagas corretor de jogo do bicho. (AMADO, 2009, p.141).

Desta forma, considerando Marcelo Lopes de Souza (2013), se o território está ligado a dimensão política, o lugar está ligado a dimensão cultural-simbólica através de questões que envolvem identidades, intersubjetividade, bem como trocas simbólicas que geram uma imagem e sentido destes lugares que são, enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significados.

Após essa breve explanação dos principais conceitos que trabalhamos e de uma pequena mostra de como é possível entrelaçar e relacionar a literatura acadêmica a literatura de Jorge Amado, passamos então ao trabalho de análise profunda considerando a obra de Jorge Amado em sua totalidade, com todos os romances analisados e relacionando-as ainda aos trabalhos de campo.

CAPÍTULO 4 – Os territórios, lugares, patrimônios e a paisagem na literatura

4.1 - Os Territórios na Cidade Alta e na Cidade Baixa

Se num primeiro momento nos dedicamos a apresentação do conceito e a breve ilustração de como o território surge e é representado nas obras de Jorge Amado, agora nos dedicaremos ao estudo de como esse importante conceito para a geografia é perceptível na representação literária. É justamente o viés geográfico e a compreensão do território que nos permite identificar a denúncia presente na literatura, bem como o conhecimento dos problemas enfrentados pelos sujeitos.

Diferente de outros autores nacionais, a literatura de Jorge Amado é bastante peculiar e possui marcas muito bem definidas, entre elas a representação dos locais onde o escritor viveu, expondo o modo de vida da população local em diversas esferas, econômica, política e social. E ao fazer isso, o escritor toma partido, deixando claro sua indignação com os problemas da época. Uma vez que pensamos as obras relacionando-as ao conceito de território, às múltiplas relações de poder que são exercidas no espaço da cidade de Salvador, compreendemos os conflitos existentes. E são estes conflitos e as particularidades de cada grupo que pretendemos incluir nesta discussão.

A linha que separa os territórios dos lugares é uma linha muito tênue, aqui, assim como na vida em sociedade, os territórios são formados por lugares que possuem identidades, lugares que muitas vezes são patrimônios ou patrimônios que pertencem a lugares e que por fim se materializam através da paisagem. Por isso, talvez possa parecer um pouco repetitivo como estes elementos se mesclam e são tratados, mas é essa relação que os interliga e que os relaciona que torna tão complexa sua análise.

O elemento que une cada um destes conceitos é a cultura, a cultura age como uma linha que costura e aproxima cada ação, manifestação, saber, música, significado e tradição do que é representado. Ao pensarmos nas obras escolhidas, essa escolha já parte de uma delimitação que é territorial, e ainda de um território político, ou seja estamos delimitando a pesquisa inicialmente e principalmente pelo recorte da cidade.

E assim, partindo das obras que narram a vida em Salvador é que começamos a identificar os territórios existentes dentro da parte urbana da cidade, e os sujeitos que compõem esses territórios. Acreditamos ser o território o principal responsável por todas as leituras críticas e entendimentos possíveis das obras.

Mostraremos assim, os territórios existentes nas diferentes obras, dando ênfase nas que o conceito se mostra mais expressivo e concreto, demonstrando todos os elementos que são essenciais para sua configuração e entendimento. Desta forma, faremos nossa análise seguindo a linha do tempo de escrita de Jorge Amado.

Começando pelo *O País do Carnaval*, percebemos que muitos elementos nasceram e vieram a germinar nas próximas obras, considerado um dos livros que mais destoa da obra como conjunto, de fato *O País do Carnaval* possui suas peculiaridades, no entanto o incluímos aqui, pois, percebemos nele elementos culturais importantes e que são retomados com mais força nos livros seguintes.

Assim, ignorar esses elementos seria um equívoco. E como nos dispusemos a trabalhar com o conjunto da obra soteropolitana percebendo que a inclusão de todas as obras nos oferece maior complexidade e entendimento do todo, vamos destacar o que melhor essa obra oferece. Pensando no território como espaço onde são exercidas relações de poder, *O País do Carnaval* se inclui, pois, faz de Salvador um dos cenários da narrativa, ou seja, inclui a paisagem da cidade, assim como alguns elementos fundamentais como as baianas que vendem comida pelas ruas, o carnaval, a dança dos cocos, entre muitos outros.

Em *O país do carnaval* os personagens circulam ora na Bahia, ora na Europa, ora no Rio de Janeiro, ora em cidades menores do interior do Brasil, ora no Piauí, entre outros lugares. Os lugares junto dos elementos que envolvem a cultura como o samba de roda, as comidas de rua, o carnaval são os elementos mais expressivos deste romance. E sendo a cultura e os lugares os pontos mais significativos desta obra, esses elementos se farão mais presentes no momento dessa abordagem.

Ainda assim, os territórios são formados também por lugares, como veremos, em muitos casos, os lugares compõem núcleos de territórios, e percebemos esses pontos em *O País do Carnaval*. No espaço de Salvador, e nos territórios que são formados pelos sujeitos que habitam esses lugares identificamos a presença do território do Pelourinho na Cidade Alta: “Paulo Rigger passara dias perdido ante aquele sobrado da ladeira do Pelourinho.” (AMADO, 2011.p. 75). E esse território dentro da narrativa como um todo, envolvendo todas as obras, é um dos territórios mais expressivos.

Como embriões, surgem neste primeiro romance os lugares como a Ladeira da Montanha, a Baixa dos Sapateiros, a Ladeira do Tabuão, a Praça da Sé, o Terreiro de Jesus, o Pelourinho e principalmente a vida e o sobrado no largo do Pelourinho com as personagens que vivem em *Suor*, livro publicado na sequência.

E como mencionamos acima, a cultura é aberta nessa obra literária que utiliza-se da metalinguística para discutir a literatura, a importância do cinema para um grupo de mulheres, personagens pobres que vivem no sótão de um dos casarões do Pelourinho, fazendo do cinema o momento de lazer e de descanso e mudando toda a lógica do trabalho diário, uma vez que vivem do trabalho de lavar, secar, passar e engomar roupas e não vivenciam nenhuma outra forma de lazer fora o cinema. No horário semanal em que podem frequentar o cinema, esse grupo adianta o trabalho para poder participar dessas sessões: “E aquelas mulheres trabalhavam com mais gosto, às pressas, para irem, à noite, ao cinema...” (AMADO, 2011.p 59)

Os jornais também figuram como centrais nessa narrativa, inclusive para o grupo de mulheres que gosta de frequentar o cinema, os jornais são disputados por elas e só obtidos se gratuitamente, a crítica aos intelectuais e aos políticos, e a configuração de um grupo de sujeitos que como veremos a seguir constrói um dos vários territórios que encontramos na literatura amadiana, ou seja, o grupo de personagens que se dedicam a prostituição, é bastante explícita.

Percebemos em *O País do Carnaval* uma tentativa de representar a origem de muitas personagens prostitutas, meninas ainda muito jovens que foram enganadas por homens mais velhos em cidades do interior da Bahia e que rejeitadas por suas famílias e pela sociedade em geral, são vítimas de um triste destino que resulta nas casas noturnas da capital.

Já em *Suor* (2011), romance que tem como protagonista a vida em um sobrado, antigo casarão em estilo colonial na Ladeira do Pelourinho e que tem sua primeira aparição em *O país do carnaval*: “Tão pequeno aquele sótão... E morava tanta gente nele!” (AMADO, 2011, p.58), surge com a descrição dos moradores, e essa descrição se complementa em *Suor* que dá mais foco ao prédio em si, ao espaço e a paisagem que se compõe através do prédio e de seus moradores. A descrição do prédio conta e ao mesmo tempo analisa a vida de seus residentes e de suas relações com a cidade.

Assim, os territórios que vão sendo delineados na dicotomia da Cidade Alta e Cidade Baixa, vão sendo introduzidos em *Suor*: “Tinham vindo da Cidade Baixa e, depois de subir a ladeira do Tabuão, tinham vencido a ladeira do Pelourinho e ali estavam parados, diante da escada imensa.” (AMADO, 2011.p.9). Este trecho refere-se ao percurso de dois personagens, bem no início da obra, logo após a descrição do sobrado no Pelourinho, e que serão novos moradores do 68. Homens, ratos e outros animais misturam-se na vida do sobrado insalubre, todos sofrendo pela fome, bichos e homens.

Quando pensamos nos territórios dos personagens de Jorge Amado, alguns já citados anteriormente, pensamos no território das crianças de rua, dos trabalhadores do cais, das prostitutas, todos estes, tendo em comum a condição de alta vulnerabilidade, de população pobre da cidade. Estes são a maioria dos personagens amadianos e são seus protagonistas.

Começaremos pensando em dois dos grupos acima mencionados, de trabalhadores do cais e de prostitutas, ambos em *Suor*, vítimas da pobreza e da fome. No capítulo intitulado por “Sexo”, podemos perceber a condição destes grupos, além da marcação dos territórios como cais e ladeiras específicas que em outros momentos surgem também como lugares, mas aqui os trataremos como o início de territórios que serão bem construídos ao longo da narrativa como um todo ao longo das obras:

Os homens que suavam durante o dia na labuta do cais, na condução das carroças, saltando pelos estribos dos bondes a recolher as passagens, se nem sempre tinham dinheiro para comer, quanto mais para pagar mulher. É verdade que na ladeira do Tabuão e do Pelourinho, elas não eram tão caras assim. Havia-as desde cinco-mil réis (as mais aristocráticas), até mil e quinhentos réis, pretinhas sujas e polacas septuagenárias. (AMADO, 2011.p.43).

Mesmo pensando a prostituição como um território, analisando a citação acima e as demais aparições do grupo que habita a ladeira do Tabuão, percebemos aí dois grupos diferentes que obedecem uma hierarquia, em *O compadre de Ogum*, mais tarde também veremos que a condição das mulheres que vivem no Tabuão é ainda mais precária. Ainda em *Suor*, entre os moradores do sobrado do Pelourinho que abriga migrantes, vendedores ambulantes, costureiras, lavadeiras há também prostitutas como percebe-se na personagem Nair:

Eu ganho a vida. Que vão à merda! Deixei o emprego porque não quis ir para a cama com o patrão. Não arranjei outro. Havia de deixar você e Julia

morrerem de fome? Dou o que é meu... Ficam danados porque eu tenho dois vestidos elegantes, uso pó de arroz e perfume. E elas não vivem se esfregando aí pela escada? (AMADO, 2011.p.17).

Neste trecho a irmã de Nair, comenta anteriormente que as vizinhas estão desconfiadas da ocupação da irmã, e essa por sua vez exprime sua indignação a respeito das outras moradoras. Desta forma, pensando nos territórios que são marcados pelos sujeitos que os constroem, percebemos os núcleos existentes, sendo eles Pelourinho e Tabuão e veremos que o espaço que podemos perceber como realmente sendo um território da prostituição, com flexibilidade de horários e demais características deste grupo é de fato a ladeira do Tabuão, como se vê:

Acabando de arrumar a maleta, Dulce pensava que, com ela, as coisas tinham se passado de modo muito diverso. Nem sempre arranjava homem, estava atrasada no pagamento e se preparava para a mudança. Descia de uma vez duas ladeiras, a do Pelourinho e a do Tabuão, onde ficava a sua nova casa. A ladeira do Tabuão era a última etapa. Dali, ou o necrotério ou o hospital.(AMADO, 2011.p.89)

Ainda que na literatura de Jorge Amado existam muitos “castelos”, como são chamadas as casas onde as prostitutas trabalham, como acontece com o de Tibéria em *Os Pastores da Noite*, estes lugares não são marcados espacialmente, no que diz respeito ao território da prostituição, este acontece como veremos em *Capitães da Areia*, como a zona das mulheres, e mais frequentemente às ladeiras como demonstra a citação acima.

O Pelourinho neste sentido parece um território intermediário entre os territórios que são mais marcados nessa literatura, isso se dá porque veremos ao longo das obras qual a principal característica do Pelourinho e dos sujeitos que o ocupam, assim, da mesma forma em que percebemos neste espaço as prostitutas, as vendedoras de mingau e os mendigos, como acontece também no sobrado 68, onde um mendigo dorme em baixo das escadas, percebemos esse espaço que torna-se um território, pois é defendido, disputado inclusive por mendigos, quando um morre, outro vem ocupar seu lugar em baixo da escada. Também em *Suor*, a praça da Sé é moradia de mendigos:

Dormia no passeio da sé, mesmo quando as nuvens substituíam as estrelas no céu. Não que estivesse contente. Mas que jeito tinha ele, senão se contentar com a cama de jornal? As esmolas que recolhia não davam para alugar um quarto e não sabia de um vão de escada que pudesse dormir. Torcia para que não chovesse e murmurava palavrões ao ver o céu sombrio, o vento levantando poeira nas ruas estreitas. E desesperava de encontrar melhor pouso para seu sono. Onde uma porta abandonada, um telheiro sob o qual pudesse estender o jornal? (AMADO, 2011.p.91).

E ainda que *Suor* tenha sido escrito em 1934 e que percebemos como uma das características da literatura de Jorge Amado seja denunciar as injustiças percebidas e os problemas sociais, as atividades de trabalho de campo realizadas nos anos de 2015 e 2018, demonstraram que ainda hoje existem mendigos que dormem ao relento seja no Pelourinho, seja na Praça da Sé.

Ainda em *Suor* podemos acompanhar o primeiro morador do espaço da escada do sobrado que é a moradia de grande parte dos personagens mendigos, parte de sua vida, sua morte e a reocupação do seu lugar por outro mendigo após sua retirada. E em cada fragmento que escolhemos demonstrar, percebemos a presença de lugares como exemplo, a feira de Água de Meninos:

O mendigo descia a ladeira com o passo tardio, arrastando o pé volumoso, enrolado em resto de roupas, apoiado num varapau que comprara na feira de Água de Meninos. O cabelo caía-lhe no rosto, cabelo grisalho, ninguém sabia se de velhice, se de sofrimentos. Numa das mãos a cuia de queijo onde as esmolas pingavam. O jornal da tarde, amarrotado, debaixo do braço. Parou junto à preta. Ele também morava no 68, na ladeira do Pelourinho, e, como os ratos, era inquilino gratuito. Dormia debaixo da escada, enrolado numa colcha sujíssima, que o cobria havia dois anos sem ver água, a não ser quando se molhava nas poças de mijo. Tinha rombos feitos por dentes de ratos. (AMADO, 2011.p.32-33).

Em seguida, podemos analisar como o espaço outrora habitado por um mendigo é reutilizado por outro. E mais uma vez não podemos ignorar que o trecho a seguir demonstra parte do que tratamos como patrimônio, como mais um dos sujeitos que habitam o Pelourinho, a frente do sobrado encontra-se sempre uma baiana que vende principalmente mingau e acarajé e neste trecho é ela quem conta o destino do mendigo Cabaça:

A preta velha que vendia acarajé, mingau, cuscuz e mungunzá na porta da rua notava o crescimento diário da ferida no pé de Cabaça. Começara a subir pela perna e de nada valiam os bolos de barro e terra que o mendigo aplicava. Cada dia a doença alastrava mais. Ele não podia quase andar e uma passada sua correspondia a uma crispação do rosto. As esmolas aumentaram, a princípio, mas a perna passou a desprender um cheiro que afastava dele os caridosos. Desesperava-se às vezes, e metia as unhas sujas na carne viva e podre da ferida. Os dedos saíam ensanguentados. A preta velha avisou à Assistência que, numa manhã enevoadada, recolheu Cabaça, apesar dos seus berros e dos seus protestos. (AMADO, 2011.p.90).

A seguir a narrativa demonstra o momento da chegada de um novo habitante para o vão da escada, este chega e conversa com a vendedora de mingau, indaga sobre o habitante anterior, conta a ela que anteriormente também dormia na Praça da Sé e então passa a ocupar o espaço que outrora Cabaça ocupava, com uma coberta deixada:

“Entrou. Descobriu logo a coberta. Estendeu o jornal, deitou-se e estirou a coberta em cima do corpo. Naquela noite quase não dormiu com o cheiro de mijó e o barulho dos ratos. Mas se acostumou depressa.” (AMADO, 2011,p.93).

Em *Jubiabá* [1935], também encontramos elementos territoriais que somam-se aos já apresentados, junto de elementos novos que terão continuidade ao longo da obra amadiana. A literatura de Jorge Amado é fortemente marcada pela religiosidade baiana, tanto no que diz respeito ao catolicismo, mas principalmente pelo candomblé e o culto aos orixás. E sabemos também que sua militância por respeito às religiões afro-brasileiras vai além das páginas de seus livros, como vimos em sua biografia, enquanto político.

Eis que *Jubiabá* é o primeiro romance que inclui o leitor efetivamente no universo do candomblé e esse universo conversa com a cidade, com os grupos que analisamos, com os sujeitos que lutam por espaços e que fazem parte da população marginalizada na literatura de Jorge Amado. Já o título nos chama atenção, quem é Jubiabá? E Jubiabá é um pai de santo respeitado, possui uma história e é conhecido por seus poderes curativos e sua sabedoria popular, medica com ervas e rezas:

Hoje é sábado e vai muita gente procurar o pai de santo. Gente que sofre. Uns, doentes que querem remédios para o corpo: feridas, tuberculose, lepra, moléstias da vida. Jubiabá vai distribuindo folhas e rezas. Outros vêm porque sofrem traição de mulher, ou porque desejam uma mulher que não dá ousadia, vêm em busca de feitiços fortes, de mandinga, de coisa-feita. No domingo as ruas amanhecem cheias de mandinga. Pai Jubiabá protege amores, acaba amores, arranca mulher da cabeça de homem, bota homem na cabeça de mulher. (AMADO, 2008, p. 241).

Neste romance, percebemos as relações que formam um jogo de poder e que dão origem aos territórios que identificamos nas obras como um todo. Os terreiros são perseguidos, assim como em *Capitães da Areia*, os personagens que nascem em *Jubiabá* continuam a existir em outros livros como crianças de rua nos *Capitães*, ou ainda o cangaceiro Lampião, que retorna em diversas obras, são pessoas simples que continuam existindo como em *O compadre de Ogum*, entre outros.

E ao pensarmos os territórios existentes na obra amadiana, e nas marcas que identificam estes territórios, mais precisamente os sujeitos que compõem e constroem esses territórios, temos em *Jubiabá* os lugares que funcionam como núcleos, Tabuão, o Elevador Lacerda, as marcas como cicatrizes no rosto que caracterizam personagens como líderes ou figuras significativas dentro de grupos como acontece também em

Capitães da Areia, percebemos também, o sentimento de pertencimento, a greve como um contrapoder exercido, a gargalhada como um grito de liberdade e que também se constitui como uma marca.

Tudo isso conectado pelos elementos culturais que envolvem as feiras, os saberes populares que são muito presentes em *Jubiabá*, e valorizados. As baianas e a comida de rua que se torna muito frequente e que aqui é também associada aos terreiros, como acontece em *O sumiço da santa*. São comidas sagradas, mas que servem além do culto aos Orixás, para o sustento de famílias através da sua comercialização. A capoeira, as histórias transmitidas pela oralidade, as cantigas, são elementos culturais expressivos nesta obra, como podemos ver:

Foi no morro do Capa-Negro que Antônio Balduino resolveu lutar. Tudo que fez depois foi devido às histórias que ouviu nas noites de lua, na porta de sua tia. Aquelas histórias, aquelas cantigas tinham sido feitas para mostrar aos homens o exemplo dos que se revoltaram. Mas os homens não compreendiam ou já estavam muito escravizados. Porém alguns ouviam e entendiam. Antônio Balduino foi destes que entenderam. (AMADO, 2008.p. 35)

Pensando no trecho acima, percebemos como esse conjunto cultural é símbolo de uma resistência e de uma origem de luta que através da oralidade é mantida, aprendida e repassada. São músicas entoadas pelos trabalhadores do cais, expressões em nagô, ritos, histórias, a capoeira que é aprendida e utilizada como defesa e como lazer.

É interessante também pontuar como *Jubiabá* escrito em 1935 tem ligação com *Os pastores da noite*, escrito em 1964. Muitos personagens como veremos têm continuidade em *Os pastores da noite*, assim como Antônio Balduino, um dos principais personagens é também um menino de rua durante sua infância, ou seja, um Capitão da Areia.

Para que exista um território, é preciso que exista o sentimento de pertencimento, como nos mostra a literatura acadêmica a respeito, o território mesmo que simbólico é o espaço apropriado, e um dos territórios que identificamos nessa literatura é o território da rua como lar, o território das crianças de rua, que se aproxima do espaço que é relegado aos mendigos tão presentes nas obras de Jorge Amado, como vimos em *Suor*. No entanto, o território das crianças de rua corresponde melhor ao que enquanto conceito geográfico nos sugere como reflexão e problematização.

Desta forma, quando Antônio Balduino sofre uma ruptura, pois deixa o morro de sua origem e é levado a viver como empregado em uma casa burguesa onde é injustamente tratado e condenado, fatos que culminam na sua fuga para o mundo da rua. Existe toda uma construção do sujeito e uma apropriação no momento em que Antônio vira então um menino de rua:

Antônio Balduino agora era livre na cidade religiosa da Bahia de Todos-os-Santos e do pai de santo Jubiabá. Vivia a grande aventura da liberdade. Sua casa era a cidade toda, seu emprego era corrê-la. O filho do morro pobre é hoje o dono da cidade.[...] Só ele é dono da cidade porque só ele a conhece toda, sabe de todos os seus segredos, vagabundeou em todas as suas ruas, se meteu em quanto barulho, em quanto desastre aconteceu na sua cidade. (AMADO, 2008.p.61)

Poderíamos continuar a citar todo sentimento de pertencimento que envolve Antônio Balduino com relação à cidade, a atribuição de possuir, se dá pelo conhecimento que o personagem possui dos lugares na cidade, pelo uso que faz: “Ele fiscaliza a vida da cidade que lhe pertence. Esse é seu emprego.” (AMADO, 2008.p.61). E para que exista um território, assim como um lugar, é preciso conhecimento sobre esse espaço, sentimentos de pertencimento, laços que formam identidades e sentimentos que se traduzem nos lugares.

Ainda nas primeiras páginas de *Jubiabá*, enquanto Balduino, recém chegado as ruas da cidade e incluso no grupo de crianças que vivem nas ruas, grupo este que analisaremos como formador de território, percebemos neste romance a risada, como uma das marcas mais expressivas do grupo e que se fará presente ao longo de outros romances, mas que tem aqui sua primeira aparição. Mais tarde será uma marca dos *Capitães da Areia*. “Agora riem todos em risadas claras e soltas. Os homens que passam veem apenas um grupo de meninos negros, brancos e mulatos, que mendigam. Mas na verdade é o imperador da cidade e a sua guarda de honra.” (AMADO, 2008.p.63), ou ainda: “E nas ruas e becos estreitos ressoava a gargalhada dos moleques, gargalhada livre e feliz.” (AMADO, 2008.p.63).

Assim, o grupo formado pelas crianças de rua com a presença de um líder, um chefe eleito pelos demais se faz presente de forma muito forte em *Jubiabá* e é o foco narrativo de *Capitães da Areia*, além de continuar aparecendo nas demais obras, mas nestas possui maior destaque com ricas descrições, marcas e sentimentos, como podemos perceber através da “marca” gargalhada: “A gargalhada dos moleques estrugia

pelas ruas, ladeiras e becos da cidade da Bahia de Todos-os-Santos e do pai de santo Jubiabá.” (AMADO, 2008.p.68).

Após a descrição de cada membro do grupo, como também acontece em *Capitães da Areia*, e esse grupo também é formado por crianças rejeitadas por suas famílias e pela sociedade, deficientes, anões, entre outros. O grupo mantém uma rotina que envolve festas na cidade, brigas, vida sexual no areal do cais e mendigar para o sustento, onde no fim da tarde se reúnem para a partilha: “No fim da tarde Antônio Balduíno se sentava no chão, reunia os moleques em torno de si, e ia recolhendo o dinheiro ganho durante o dia. Eles remexiam os bolsos das velhas calças, puxavam níqueis e algumas pratas e depositavam na mão do chefe.” (AMADO, 2008, p.69).

Como um único universo, se em *Capitães da Areia* temos Sem Pernas, em *Jubiabá* temos o Sem Dentes, também em *Capitães* há um episódio de roubo de um anel que o grupo tenta vender, mas um menino vaidoso prefere usá-lo, em *Jubiabá* não há roubos realizados pelos meninos, embora o episódio muito semelhante envolvendo o anel também exista, os meninos pedem esmolas e tem isso como um trabalho, uma profissão. Neste caso onde fica a dúvida, o anel é ganho e o grupo igualmente quer vender. Da mesma forma, há em comum entre as duas obras um personagem que usa sobretudo: “Antônio Balduíno se aproximou do homem que estava de sobretudo no verão.” (AMADO, 2008, p.71) e que é ríspido e agressivo com o grupo.

Devido a proximidade dos sujeitos que compõem os territórios optamos por dar sequência na análise com *Capitães da Areia* e a seguir retomaremos com *Mar Morto*. Percebemos como *Capitães da Areia*, delinea de forma mais expressiva os territórios existentes da literatura amadiana e como as demais obras ajudam na complementação sobre estes territórios que seguem se transformando.

Um território jamais é estático, ele se transforma com o tempo e resultam as territorialidades que vão sendo construídas pelos sujeitos, numa perspectiva como define Souza (2000), que faz parte de um sistema tridimensional que envolve a sociedade, o espaço e o tempo. As relações que emergem daí são produzidas historicamente e podemos perceber essa continuidade e transformação também observando a “evolução” do grupo de meninos de rua que formam um território, pois, existem como um contrapoder e que cronologicamente ainda que se trate de um mesmo

grupo em essência na narrativa, sofre modificações, em *Jubiabá* esmolavam, em Capitães há os roubos, mas o problema social permanece.

Assim, os territórios que mais se destacam no romance dos meninos de rua são: o território da prostituição, dos meninos de rua e dos trabalhadores do cais e ainda a dicotomia que envolve a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Desta forma, identificamos sempre todos os territórios com base na literatura acadêmica selecionada e já citada anteriormente, onde um território é formado a partir de relações de poder. E para Haesbaert (2013), são múltiplas as relações de poder que podem ser tanto material como revestidas de um poder simbólico das relações culturais. Acreditamos que trabalhamos na literatura com relações que são de poder simbólico.

O universo de *Capitães da Areia* é formado por crianças de rua, pais e mães de santo, trabalhadores do cais, prostitutas, políticos e chefes de polícia, baianas que vendem acarajés, orixás, padres, malandros e capoeiristas. A religiosidade é significativa nesta obra, os amigos mais próximos dos protagonistas são um padre, uma mãe de santo e um capoeirista saveirista. Os orixás e os santos são venerados pelos personagens e a paisagem se configura através do cais e das festas.

Os lugares presentes são emblemáticos e muitos sofreram as transformações do tempo já não existindo mais, alguns estudaremos com maior dedicação ao trabalharmos a paisagem e os patrimônios que são frequentes como o Mercado, Pelourinho, a igreja de Conceição da Praia, o Elevador Lacerda, o forte da Barra, entre outros. Alguns destes lugares são marcados pela existência dos personagens como acontece com Sem Pernas que se suicida ao lado do Elevador Lacerda. Ou ainda, como o cais, lar e moradia das crianças de rua.

O enredo de *Capitães da Areia* se dá com base na existência dos meninos enquanto grupo, conhecemos sua origem, acompanhamos seu dia a dia, a chegada e a partida de alguns, a chegada de Dora a única Capitã da Areia, as doenças que assolam a cidade, as transformações que vão se dando nos lugares como o cais, a perseguição religiosa com relação aos terreiros de candomblé, os reformatórios para menores e o destino de cada um dos personagens. Muitos continuam a viver nos outros romances.

O início do romance nos é apresentado de uma forma que remete e tem origem na literatura e cordel, em formato de jornal, são apresentadas diversas notícias que

relatam roubos e desejos de punir as “crianças ladronas” um mal da cidade. Essas publicações em grande parte são de autoridades e em contrapartida há também de mães e do padre com apelos de ajuda e compreensão.

Em seguida somos apresentados ao grupo de meninos que vivem na rua e perambulam pela cidade e vendo o cais abandonado, os casarões desocupados, decidem ocupar aquele espaço. “Neste tempo a porta caíra para um lado e um do grupo, certo dia em que passeava na extensão dos seus domínios (porque toda a zona do areal do cais, como aliás toda a cidade da Bahia, pertence aos Capitães da Areia), entrou no trapiche.” (AMADO, 2008, p.28).

Em seguida os meninos se transferem para essa zona do cais e fazem do lugar abandonado seu lar, e a partir desse momento um lugar secreto, que policiais e oficiais gostariam de descobrir para prender os menores, mas que só é conhecido pelos amigos mais próximos já citados. Há todo um protocolo de esconderijo e de manter esse lugar sem ser descoberto. Em suas fugas cada um foge por uma parte da cidade para despistar e para que se possa manter esse lugar que acaba sendo o núcleo de um território: “E desde esta noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela. Na frente, a vastidão da areia, uma brancura sem fim.” (AMADO, 2008.p.28).

E ainda o lugar como depósito e espécie de sede, a apresentação do líder do grupo, Pedro Bala, eleito líder por “merecimento” de acordo com as regras do grupo: “Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava.” (AMADO, 2008.p.28). Os objetos são citados como coisas estranhas, somente mais estranhas do que os próprios meninos, de todas as cores e idades. E quanto a Pedro Bala: “Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de um chefe. Um dia brigaram.” (AMADO, 2008.p.29).

Assim como em *Jubiabá* temos a descrição do momento em que Balduíno vai às ruas e torna-se um “dono da cidade”, algo semelhante acontece com Pedro Bala, então com 15 anos e que partindo da ideia de conhecimento sobre a cidade faz com que esse conhecimento torne-se um poder gerando o pertencimento:

Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a

cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém construído atraiu para as suas areias todas as crianças abandonadas na cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte. (AMADO, 2008.p.29)

Nos chama atenção o processo de chefia de Pedro Bala e a construção de um novo cais, fazendo com que o antigo e os inúmeros trapiches que existiam na cidade fiquem abandonados, sendo então ocupados por novos sujeitos como acontece com os meninos de rua, e este fato não é exclusivo da cidade de Salvador como veremos adiante. Sobre a chefia, na briga anteriormente citada, eis que Raimundo puxa uma navalha diante de seu opositor desarmado Pedro Bala, este fato é considerado pelo grupo como vil, baixo e injusto e ainda diante da vitória de Bala na briga:

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas. (AMADO, 2008.p.29)

Neste trecho temos o reconhecimento de Pedro Bala a chefia, a descrição dos meninos e do número aparente e os sentimentos que os envolvem quanto a cidade, sentimentos que resultam no pertencimento e empoderamento sobre o espaço vivido como veremos. Com tudo isso, sabemos que a literatura de Jorge Amado é uma literatura de denúncia, e muitos problemas sociais da época, muitos ainda existentes são denunciados em suas obras aqui analisadas. No entanto, não consideramos suas obras como o único espelho da realidade que o cercava, mas como uma reflexão dessa realidade e uma reflexão que é válida por sua singularidade.

Sabemos que Jorge Amado em sua adolescência fugiu da escola onde era interno, passou dias pelas ruas de Salvador, dormiu em um dos trapiches do antigo cais da cidade, como coloca Zélia Gattai na página 71 de *Capitães da Areia*, junto das crianças de rua, e este fato, soma-se ao fato de ter morado no sobrado que mais parecia um cortiço no Pelourinho escrevendo mais tarde *Suor*.

Em tudo isso, enxergamos o poder da literatura que pode representar algo, uma versão, um olhar, e que ainda que seja um, é importante e pode levar a inúmeras reflexões. Reflexões essas que assim como os territórios, são produtos históricos e ao longo do tempo vão se transformando. Toda obra literária jamais se esgota numa

análise, pois, é um universo complexo e a riqueza do seu uso está nas reflexões que ela nos proporciona, e que nunca terminam em si mesmas.

Cada personagem possui uma função no grupo, professor é o único que lê corretamente entre os Capitães da Areia, e desde que furtou um livro, não parou mais, lia notícias e contava histórias aos demais, muitos ainda crianças, quando Dora a única menina chega ao grupo, inicialmente adquire uma função de mãe e mais tarde de noiva de Pedro Bala. Sem pernas possuía uma função quanto a organização dos furtos:

O Sem Pernas falava alto, ria muito. Era o espião do grupo, aquele que sabia se meter na casa de uma família uma semana, passando por um bom menino perdido dos pais na imensidão agressiva da cidade. Coxo, o defeito físico valera-lhe o apelido. Mas valia-lhe também a simpatia de quanta mãe de família o via, humilde e tristonho, na sua porta, pedindo um pouco de comida e pousada por uma noite. (AMADO, 2008.p.33).

Há ainda muitos outros, Pirulito que mais tarde ordena-se Padre, Volta Seca que se junta a Lampião, era afilhado do cangaceiro, Gato que era vaidoso e que vivia com uma prostituta e todos eles são descritos com suas características e funções. Também são expressas as leis do grupo como a proibição da pederastia: “E ficou atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo era que não admitiriam pederastas passivos.” (AMADO, 2008.p.47).

Como já mencionado anteriormente, uma das marcas do grupo de crianças de rua é a gargalhada que será inclusive aderida mais tarde por Dora e que aqui podemos ver: “E, já em outra rua, os três soltaram a larga, livre e ruidosa gargalhada dos Capitães da Areia, que era como um hino do povo da Bahia.” (AMADO, 2008.p.62). E a gargalhada existe sempre que os Capitães conseguem realizar algo com sucesso.

Num momento em que um carrossel chega à cidade e onde seu dono escolhe um lugar mais pobre frequentado por operários, pois o carrossel estava já velho e feio e havia sido enxotado da parte rica da cidade, eis que o proprietário Nhozinho França contrata um dos meninos para cuidar o carrossel nas noites e numa delas todos os Capitães podem andar no brinquedo, neste momento, mais uma vez as emoções configuram o sentimento de pertencimento: “Neste momento de música eles sentiram-se donos da cidade. E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e o conforto da música.” (AMADO, 2008, p.68).

O que define os meninos em grupo não pode ser considerado somente como sentimento de pertencimento a algo, mas também a miséria que os envolve e o sentimento de que não possuem nada, essas sensações junto dos seus medos também são expressas: “Ficavam todos juntos, inquietos, mais sós todavia, sentindo que lhes faltava algo, não apenas uma cama quente num quarto coberto, mas também doces palavras de mãe ou de irmã que fizessem o temor desaparecer.” (AMADO, 2008, p.99). Este, assim como o trecho a seguir, tratam de noites de tempestades e como viviam num casarão abandonado, destelhado:

Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relâmpago iluminava o trapiche e então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da Areia. Muitos deles eram tão crianças que temiam ainda dragões e monstros lendários. Se chegavam para junto dos mais velhos, que apenas sentiam frio e sono. (AMADO, 2008,p.98).

Retomando o que mencionamos em *Jubiabá* sobre homens com sobretudo que sempre agiam violentamente, em *Capitães da Areia*, eis que Professor que desenhava caricaturas das pessoas na rua em troca de uma moeda, acha um homem de sobretudo interessante no calor: “Uma vez, e era no verão, um homem parara vestido com um grosso sobretudo para tomar um refresco numa das cantinas da cidade.” (AMADO, 2008, p.99), e faz assim um desenho do mesmo, eis que: “Mas o homem não gostou da coisa, se deixou possuir por uma grande raiva, levantou-se da cadeira e deu dois pontapés no Professor. Um atingiu o menino nos rins e ele rolou pela calçada gemendo.” (AMADO, 2008, p.99).

São repelidos e rejeitados por todos, não tendo a quem recorrer, nem diante de enfermidades. Tinham somente o padre, a mãe de santo e o capoeirista: “Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don’Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio.” (AMADO, 2008.p.46).

Em diversos momentos o padre recorre aos meninos assim como os meninos ao padre, a Querido de Deus acontece o mesmo, em um caso ele oferece um negócio aos Capitães, num outro momento, quando a capitã da areia morre e é preciso levar o corpo de Dora para o Mar os meninos recorrem a ele e a seu saveiro. Quando a polícia leva a imagem de Ogum para a cadeia, a mãe de santo recorre aos Capitães e Pedro Bala monta um plano, sendo preso para trazer o santo de volta ao terreiro, e assim, ela também fazia pelas crianças:

Mas Don'Aninha bem que merecia que um corresse risco por ela. Quando tinha um doente ela trazia remédios com feitos com folhas, tratava dele, muitas vezes curava. E quando aparecia um Capitão da Areia no seu terreiro ela o tratava como a um homem, como a um ogã, dava-lhe do melhor para comer, do melhor para beber. (AMADO, 2008, p.103).

A maior dicotomia que observamos na literatura Amadiana e mais expressiva em *Capitães da Areia* se dá entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, a primeira pertence a população rica da cidade, onde estão os bairros como a Graça, Vitória, citados apenas como lugares não pertencentes aos Capitães, nestes bairros os meninos só vão para furtar. Já na Cidade Baixa, está pelo menos nesse período da narrativa, a população mais carente, as docas, as áreas mais vulneráveis aos desastres e às doenças, e partindo dessa dicotomia, podemos perceber as múltiplas relações existentes entre os interesses que partem da Cidade Alta e dos demais:

Lá em cima, na Cidade Alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões. Lá em baixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escola aos meninos. O padre queria dar casa, escola, carinho e conforto aos meninos sem a revolução, sem acabar com os ricos. Mas de todos os lados era uma barreira. (AMADO, 2008.p.113).

Mesmo havendo a dicotomia entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, não podemos dizer que a obra de Jorge Amado é binária, e que se divide entre bom e mal, rico e pobre, as representações são complexas, existem padres cruéis e existe o padre José Pedro que ajuda os meninos, existem os ricos que querem somente punir e extinguir as crianças de rua, mas também existem aqueles que se preocupam com as crianças.

Quando Sem Pernas entra em uma casa e é adotado pela família de ricos que o trata com carinho e amor, o personagem passa por uma série de conflitos e novas sensações nunca antes vividas. Sentia-se como um traidor do grupo por viver coisas boas e por fim o sentimento de grupo se sobrepõe a vida com uma família, pois:

E se para alguém o Sem-Pernas abria exceção no seu ódio, que abrangia o mundo todo, era para as crianças que formavam os Capitães da Areia. Estes eram seus companheiros, eram iguais a ele, eram as vítimas de todos os demais, pensava o Sem-Pernas. E agora sentia que os estava abandonando, que estava passando para o outro lado. Com este pensamento se sobressaltou, sentou-se. Não, ele não os trairia. Antes de tudo estava a lei do grupo, a lei dos Capitães da Areia. (AMADO, 2008.p.130).

Esta foi a única vez em que Sem-Pernas foi tratado com amor e cuidado, o que leva a um grande conflito, pois, estava na casa para aplicar um roubo junto dos outros capitães, mais tarde quando os meninos leem uma notícia de que a família estava a sua

procura achando que junto dos objetos roubados haviam levado o menino também, Sem Pernas chora escondido.

Outro ponto que exemplifica a dicotomia entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa com relação a saúde pública trata-se do capítulo intitulado “Alastrim”, que refere-se a “Bexiga Negra”, a varíola. E que neste caso é relacionada ao Orixá das doenças e da saúde: Omolu. Em *O menino grapiúna*, o próprio Jorge Amado comenta sobre seus personagens serem sempre marcados pelas marcas da varíola, e de fato são presentes em quase todos os seus livros, resquício de suas vivências da infância onde muitas pessoas morriam ou ficavam com as marcas da doença. Neste caso a Cidade Alta representa a população rica que pode pagar pelas vacinas e assim se proteger, em contrapartida a Cidade Baixa onde vive a população carente:

Omolu mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um deus das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da saúde pública, metiam os doentes num saco, levavam para o lazareto distante. As mulheres ficavam chorando, porque sabiam que eles nunca mais voltariam. Omolu tinha mandado a bexiga negra para a Cidade Alta, para a cidade dos ricos. Omolu não sabia da vacina, Omolu era um deus das florestas da África, que podia saber de vacinas e coisas científicas? Mas como a bexiga já estava solta (e era terrível bexiga negra), Omolu teve que deixar que ela descesse para a cidade dos pobres. (AMADO, 2008.p.143).

Um dos capitães, Boa-Vida, sobrevive a varíola. Havia ainda uma determinação onde as pessoas deveriam denunciar os casos da doença, assim os enfermos eram levados aos lazaretos, a maioria ia e não voltava. Um dos Capitães vai e consegue sobreviver, retorna com as marcas e conta aos demais os horrores vividos. Outro menino, Almiro, retorna a casa de sua mãe quando os demais sabem da doença, depois vai ao lazareto e não retorna. E nesse período de conflito é onde o padre não denuncia os meninos doentes e sofre represálias da igreja por isso:

Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem à saúde pública os casos de varíola que conhecessem, para o imediato recolhimento dos variolosos aos lazaretos. O padre José Pedro conhecia a lei, mas, mais uma vez, ficou com os Capitães da Areia contra a lei. (AMADO, 2008.p.150).

No período da doença os terreiros trabalharam muito pedindo ao orixá que fosse embora levando a doença, até o momento em que este vai ao sertão levando a varíola. Há também outros grupos menores de crianças, entre eles o grupo de Ezequiel, grupo este onde não há regras como nos Capitães da Areia, roubam uns dos outros e não se respeitam:

Pedro Bala naquela noite chegou no trapiche com um olho inchado e o lábio roxo, sangrando. Topara com Ezequiel, chefe de outro grupo de meninos mendigos e ladrões, grupo muito menor que o dos Capitães da Areia e muito mais sem ordem. Ezequiel vinha com três do grupo, inclusive um que fora expulso dos Capitães da Areia por ter sido pego furtando um companheiro. Pedro Bala tinha ido deixar Dora e Zé Fuinha no pé da ladeira do Taboão para que eles fossem para o trapiche. (AMADO, 2008.p.190).

Enquanto grupo e por ocupar um determinado território, os Capitães da Areia são responsáveis pela manutenção deste território, daí o esconderijo e a proteção, a figura de um líder, as regras e a identidade que é formada pelo sentimento de grupo. Assim, é preciso se proteger tanto das autoridades que querem prender os meninos de rua, quanto dos outros grupos como do Ezequiel.

O território dos Capitães da Areia possui como núcleo o antigo cais, que devido a modernização dos portos no Brasil, afetou principalmente algumas capitais como Rio de Janeiro e Salvador por volta da década de 1910, isso fez com que o espaço outrora habitado por trabalhadores do cais, como podemos ver nas primeiras páginas de *Capitães da Areia* após as “notícias”, onde percebemos as mudanças desse espaço, então ocupado pelos meninos de rua. Assim, o cais, o velho trapiche abandonado, os casarões, servem como moradia aos Capitães. E o território de Ezequiel também é um território portuário: “O grupo de Ezequiel dormia para as bandas do Porto da Lenha, nuns barcos virados e na ponte.” (AMADO, 2008, p.193).

Dois elementos são fundamentais na construção do grupo, as leis e as marcas. Uma delas, a gargalhada, que funciona como uma expressão do grupo. As leis que incluem, não roubar entre si, não aceitar pederastas, dividir tudo o que conseguiram durante o dia, e a ajuda mútua, um por todos e todos por um, além da moral sobre o que é justo: “Vão alegres. Levam navalhas e punhais nas calças. Mas só os sacarão se os outros puxarem. Porque os meninos abandonados também têm uma lei e uma moral, um sentido de dignidade humana.” (AMADO, 2008, p.195).

Já a gargalhada é uma marca muito forte e que manifesta além da expressão, uma identidade, a cada façanha realizada com sucesso a comemoração se dá primeiramente pela gargalhada, e é uma marca que é adquirida, principalmente quando começamos a analisar a personagem Dora, a única menina entre os meninos de rua. Após perder os pais pela varíola, Dora se vê na rua com o irmão menor, Zé Fuinha, observada por um dos meninos passa então a integrar o grupo dos Capitães da Areia, e junto deles gargalhar como podemos ver: “Ela riu, olhou o cabelo dele: - O teu também.

Riram os dois e logo foi uma gargalhada. Era um hábito dos Capitães da Areia.” (AMADO, 2008, p.195).

Quando Pedro Bala é preso, e levado ao reformatório, e Dora é levada a um orfanato e adoece possivelmente de “tristeza” e saudades da vida em liberdade, sente falta de tudo entre o grupo, inclusive: “Não era só o sol, andar livre nas ruas, rir no cais a grande gargalhada dos Capitães da Areia.” (AMADO, 2008.p.203). E ainda mais interessante se faz, a passagem em que os meninos junto do padre, leem uma notícia de jornal que conta sobre a fuga do chefe dos Capitães da Areia, e o padre compartilha a gargalhada, como uma demonstração de que faz parte daquele grupo, ainda que de forma diferente:

Professor Lê a manchete no Jornal da Tarde:

O CHEFE DOS CAPITÃES DA AREIA CONSEGUE FUGIR DO REFORMATÓRIO

Trazia uma longa entrevista com o diretor furioso. Todo o trapiche ri. Até o padre José Pedro, que está com eles, ri em gargalhadas, como se fosse um dos Capitães da Areia. (AMADO, 2008.p.2016).

Os meninos de rua além das diversas aparições como veremos a seguir nas demais obras, também possuem duas aparições em Bahia de todos os santos: “[...] os Capitães da Areia, crianças abandonadas, sem lar e sem pais, aprendem as disciplinas mais difíceis, as que ensinam a sobreviver.” (AMADO, 2012.p.51). Bem como, possuem um item a seu respeito na mesma obra:

Os molecotes atrevidos, o olhar vivo, o gesto rápido, a gíria de malandro, os rostos chapados de fome, vos pedirão esmola. Praticam também pequenos furtos. Há quarenta anos escrevi um romance sobre eles. Os que conheci naquela época são hoje homens maduros, malandros do cais, com cachaça e violão, operários de fábrica, ladrões fichados na polícia, mas os Capitães da Areia continuam a existir, enchendo as ruas, dormindo ao léu. Não são um bando surgido ao acaso, coisa passageira na vida da cidade. É um fenômeno permanente, nascido da fome que se abate sobre as classes pobres. [...] Nada existe que eu ame com tão profundo amor quanto estes pequenos vagabundos, ladrões de onze anos, assaltantes infantis, que os pais tiveram de abandonar por não ter como alimentá-los. Vivem pelo areal do cais, por sob as pontes, nas portas dos casarões, pedem esmolas, fazem recados, agora conduzem turistas ao mangue. São vítimas, um problema que a caridade dos bons de coração não resolve. (AMADO, 2012, p. 344-345)

Em *Os pastores da noite*, livro que é formado por três histórias que se relacionam entre si, pois, alguns personagens são os mesmos, existem algumas aparições dos Capitães das Areia, a primeira, bastante despretensiosa, mas que coloca os meninos como elementos fundamentais a vida deste universo: “O capitão da areia foi

encontra-lo num botequim, nas imediações do Mercado, solitário ante um cálice de pinga.” (AMADO, 2009.p.107). Neste trecho, o menino exerce também a função de menino de recados e percebemos ainda um lugar, o Mercado, nesse meio que estamos analisando. Em seguida somos apresentados a origem da amizade entre Martim e Curió, quando capitães da areia:

Sua amizade com Martim remontava a um passado de anos, quando Curió, menino novinho, pedia esmolas nas ruas e se misturara aos capitães da areia. Martim ocupava posto de destaque entre os capitães da areia e estendera sua mão protetora sobre o novato, impedindo perseguições e abusos por parte dos mais velhos. (AMADO, 2009.p.109).

Com isso percebemos a existência dos Capitães da Areia em dois momentos, e como uma das obras bem coloca, os meninos, na medida em que vão crescendo, vão sendo substituídos por outros, e é justamente isso que as passagens nos demonstram, pois, se Curió e Martim foram capitães da areia na infância, e no momento da narrativa são homens adultos e ainda assim um deles é procurado e encontrado por um capitão, percebemos essa continuidade e o quanto ela é cruel.

Mais adiante quando a narrativa nos apresenta um embate amoroso, onde os protagonistas e amigos já citados, Cabo Martim e Curió estão prestes a brigarem por uma mesma mulher, descobrimos mais um trecho que demonstra a infância pertencente aos capitães da areia, e agora adultos, mestres de saveiro e capoeiristas, malandros, trabalhadores comuns do universo amadiano:

Os dois amigos íntimos, desde os tempos da meninice solta nos capitães da areia, os dois irmãos de santo, ambos de Oxalá, juntos haviam feito um bori, juntos haviam derramado o sangue dos galos e dos bodes sobre as cabeças, jurando lealdade um ao outro, e, por amor de Marialva, levantados estavam um para o outro, e, por ódio, os olhos pedindo morte e sangue. (AMADO, 2009.p.121).

E como comentamos anteriormente que a cultura é o elo que une todos os elementos de análise nesta pesquisa, é interessante perceber como em cada trecho que escolhemos citar das obras de Jorge Amado, podemos perceber elementos marcantes da cultura baiana, sejam lugares que são patrimônios, sejam ritos e elementos religiosos como percebemos entre Cabo Martim e Curió sobre a irmandade no candomblé.

Na segunda história de *Os pastores da noite, O compadre de Ogum*, os Capitães da Areia não se fazem presentes, mas na última história da obra podemos encontrá-los. É a história da invasão do Morro do Mata Gato, onde a população carente não aguentado o preço elevado dos aluguéis e numa crise de moradia, decide ocupar um

terreno baldio, ocupação que torna-se uma luta pelo espaço da moradia. Uma das famílias que buscou moradia neste espaço é composta por uma mãe e seus filhos, entre eles um capitão da areia: “Com as próprias crianças ganhava sua vida, sendo que o mais velho já estava bem encaminhado nos capitães da areia, até já fora preso assaltando uma confeitaria.” (AMADO, 2009, p.194).

E são múltiplas as aparições dos capitães nas variadas obras, em *Dona Flor E Seus Dois Maridos*, os capitães da areia se fazem presentes, inicialmente nomeados como capitães e mais tarde num grupo em que misturam-se aos personagens que vivem em *Suor*:

Menino de nove anos, Antônio Moraes perdera pai e mãe num desastre de marinete, ficara solto nas ruas e em vez de juntar-se aos capitães da areia e sair para a aventura da vagabundagem e da má vida, metera-se na oficina de Pé de Pilão, um negro maior que a catedral, mecânico e boa-praça. (AMADO, 2008.p.68).

Pela primeira vez os capitães são citados sem que se fale propriamente deles, mas sim de sua existência, a partir do livro homônimo do grupo é como se os diversos fragmentos existentes sobre cada criança de rua trouxessem um pouco da história individual de cada, sua origem e continuidade do grupo. Diferente da obra que trata da vida em si do grupo. A seguir Dona Flor encontra as crianças:

Dona Flor considerou a malta de crianças andrajosas. Muitas outras disseminavam-se pela praça de intensa vida popular, misturando-se aos fotógrafos de lambe-lambe, tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e sapatins. Aplaudiam um camelô a mercar milagrosos produtos farmacêuticos, uma cobra enrolada ao pescoço, repelente gravata. Pediam esmolas nas portas das cinco igrejas do largo, quase assaltando os fiéis ricos. Trocavam deboches com sonolentas rameiras, em geral muito jovens, em ronda pelo jardim na expectativa de um apressado freguês matinal. Multidão de meninos rotos e atrevidos, os filhos das mulheres da zona, sem pai, sem lar. Viviam no abandono, soltos nos becos, em breve seriam capitães da areia, conheciam os corredores da polícia. (AMADO, 2008.p.136).

Neste trecho percebemos a condição destas crianças e dos personagens que vivem em *Suor*, o camelô. Um pouco anteriormente, Dona Flor que caminhava com uma amiga e percebe as crianças, pois estavam na rua e uma menor que as outras, contando com seus três anos de idade, vestida de farrapos encontrava-se no centro de uma roda de samba.

Por fim, percebemos a existência dos Capitães da Areia também em *O Sumiço da Santa*, um dos últimos livros que Jorge Amado escreveu. Rico em religiosidade, *O*

Sumiço da Santa é um dos livros mais despidorados do escritor. Na espera da santa que vem para uma exposição na cidade da Bahia, próximo à rampa do mercado, fica um lugar que é núcleo do território de malandros, poetas e trabalhadores. Encontram-se entre demais pessoas, os meninos de rua: “Os demais que por ali se encontravam à chegada do Viajante sem Porto, vendedores de frutas, capitães da areia, o casal de namorados, tinham ido embora, cada qual tomara seu rumo.” (AMADO, 2010.p.46).

Além de ter como protagonista da história a orixá Yansã, no sincretismo Santa Bárbara e sua chegada à cidade o que mexe com a vida de cada habitante, as festas em *O Sumiço da Santa* possuem grande proporção, a maior delas a festa do Bonfim, que é narrada com as procissões e todos os detalhes dos rituais que envolvem as comemorações, surgem os Capitães vendendo fitinhas:

Desfilavam blocos e afoxés, os Filhos de Gandhi faziam a primeira figuração do ano, e a música dos trios elétricos ecoava num horizonte de palafita e lama, na podridão dos Alagados. Capitães da Areia atravessavam a multidão mercando fitas do Bonfim, medalhas e breves, santinhos coloridos, figas e patauás. Numerosa freguesia de turistas acorria, alvoroçada e turbulenta. (AMADO, 2010.p.65).

E assim, encerram-se as aparições dos Capitães da Areia. Os quais observamos o momento em que iniciam-se no grupo, vindos de diversas partes da cidade, por diversos motivos, e percebemos ao longo de todas as obras, a continuidade do grupo, há sempre os que chegam e viram meninos de recado, assim como conhecemos personagens já adultos e que foram um dia, do grupo dos Capitães da Areia.

Outro território que se faz presente em toda obra de Jorge Amado é o território da prostituição, mas esse possui certa flexibilidade dentro da narrativa, uma vez que possui apenas um lugar fixo que é sempre mencionado como o local da prostituição, o lugar onde as mulheres se encontram, a ladeira do Tabuão, já citado anteriormente. Mas também há inúmeras outras menções sobre esse território que possui ainda uma flexibilidade de horário e que não apresenta um lugar fixo, principalmente se pensarmos nos “castelos”, esses nunca tem uma localização exata como veremos ao longo da análise.

Em *Capitães da Areia*, o território da prostituição é conhecido como uma zona, e sua primeira menção é através de um dos meninos, Gato: “Uma noite o Gato andava pela rua das mulheres, o cabelo muito lustroso de brilhantina barata, uma gravata enrolada no pescoço, assoviando como se fosse um daqueles malandros da cidade.”

(AMADO, 2008.p.41). E percebemos a flexibilidade de horário desse território tanto quanto a formação do território para o trabalho, como em sua mobilidade, como vemos:

As mulheres olhavam para sua figura de garoto. Sem dúvida achavam-no belo na sua meninice viciada e gostariam de fazer o amor com ele. Mas não o chamavam porque aquela era a hora em que esperavam os homens que pagavam, e elas tinham que pensar na casa e no almoço do dia seguinte. (AMADO, 2008.p.42).

Percebemos ainda o limite do horário, ou seja, até a meia noite: “Nesta noite Dalva andara pelas ruas como uma doida, voltara tarde para casa, não recebera nenhum homem e agora estava ali, postada na janela, apesar de já ter dado às doze horas há muito tempo. Aos poucos a rua foi ficando deserta.” (AMADO, 2008.p.43).

A rua das mulheres também aparece em *Mar Morto*: “Saíram conversando para a rua de mulheres.” (AMADO, 2008.p. 105). Assim como existem os meninos de rua existem também as mulheres desamparadas que veem na prostituição o último espaço que lhe é rogado para a sobrevivência. No entanto, há todo um apelo sobre este desamparo social, como podemos ver ainda em *Mar Morto*: “Talvez que nesse dia os marítimos possam casar, dar vida melhor para as mulheres e garantir que não morrerão de fome após a morte deles, nem tampouco precisarão de se prostituir. – Quando chegará esse dia? – Guma interroga a lua e as estrelas?” (AMADO, 2008.p.126).

Em *O menino grapiúna* (2010) Amado fala dos “castelos”: “Nada tinham de prostíbulos, a palavra pesada e torpe não serve para designar interiores tão familiares e simples, onde toquei os limites extremos da miséria e da grandeza do ser humano.” (AMADO, 2010.p.31). Ainda que os “castelos” sejam um outro universo do que identificamos como um território da prostituição propriamente dito como percebemos na zona, ou rua das mulheres.

E em atividade de campo, percebemos que este território da prostituição na cidade, possui ainda flexibilidade de horário formando-se no período da noite na praça da Sé e funcionando até aproximadamente meia noite. Enquanto no período do dia o mesmo espaço é ocupado pelos vários sujeitos que circulam e trabalham em torno no turismo. São vendedores de lembranças, de roupas, turistas, baianas do acarajé, entre outros.

Em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, mais uma vez a ladeira do Tabuão aparece como um lugar de má fé, no contexto da obra, um lugar que não deveria

ser frequentado por famílias e pessoas descentes, pois é povoado por malandros e mulheres da vida: “A ladeira do Tabuão não era lugar onde uma senhora pudesse ser vista à noite, ladeira de má fama, povoada de malandros e mulheres da vida.” (AMADO, 2008, p.37).

Quando a notícia da morte de Quincas Berro Dágua se espalha pela cidade e sendo ele um amigo de toda população típica de Jorge Amado, malandros, marítimos, mães de santo e prostitutas a notícia que percorreu toda cidade, todos os becos e vielas, chega também as casas mais pobres levando a tristeza da notícia:

Também naquelas casas pobres das mulheres mais baratas, onde vagabundos e malandros, pequenos contrabandistas e marinheiros desembarcados encontravam um lar, família, e o amor nas horas perdidas da noite, após o mercado triste do sexo, quando as fatigadas mulheres ansiavam por um pouco de ternura, a notícia da morte de Quincas Berro Dágua foi a desolação e fez correr as lágrimas mais tristes. (AMADO, 2008, p.51).

Mais uma vez, ainda que trate da prostituição, o espaço descrito não apresenta uma localidade exata, como acontece quase sempre, com exceção da definição do local como a Ladeira do Tabuão, ou a zona, imprecisa como rua das mulheres. E a frequência com que estes espaços aparecem como cotidianos para os personagens, contribui na ideia de formação de lugares que são núcleos de determinados territórios como podemos ver na primeira história de *Os pastores da noite*: “Desceram o Tabuão, atravessaram as ruas do mulherio mais acabado e pobre, onde eram saudados com entusiasmo, sobretudo Jesuíno Galo Doido, evidentemente popular nas imediações.” (AMADO, 2009.p.48).

Em *Os Pastores da Noite*, Tibéria, uma caftina, é uma das figuras mais queridas e respeitadas entre os personagens, seu “castelo” existe, mas a prostituição em si não é mencionada, nem a rua das mulheres, embora tenhamos sempre a presença de alguém ligada a prostituição. Tibéria possui tanto prestígio que é escolhida como madrinha do filho de Massu em *O compadre de Ogum*. O grande acontecimento da história.

Em *Dona Flor e seus dois maridos* a prostituição também existe, o segundo marido de Dona Flor mantinha relações semanais antes de casar-se com Flor, e anteriormente, ainda com Vadinho, há um momento em que Flor acha que Vadinho teve um filho com outra mulher, seria um engano devido a nomes iguais entre maridos, e a fim de esclarecer os fatos Flor decide ir até a casa da suposta mãe do filho de Vadinho, assim surge a zona das mulheres em *Dona Flor e seus dois maridos*:

Não fosse o apoio de dona Norma, talvez dona Flor não tivesse reunido suficiente coragem para se dirigir à zona das mulheres perdidas, às ruas do “baixo meretrício” tão amedrontadamente citadas nas crônicas policiais das gazetas, para se tocar, feito uma doida, em busca da tal Dionísia e lhe exigir o filho recém-nascido, tomá-lo em definitivo, levá-lo para sempre, com escritura pública, estabelecida em cartório, com firmas reconhecidas e testemunhas idôneas. Dona Norma, solícita e fraternal, prontificou-se a acompanhá-la e a animou. Curiosa também, deve-se dizer; há muito desejava oportunidade para espiar uma rua de prostituição, a morada das marafonas, sua vida sórdida. Nunca encontrara antes pretexto válido para a proibida excursão. (AMADO, 2008, p.139)

Em *O sumiço da Santa*, último romance escrito por Jorge Amado, vemos o apagar dos “castelos”: “[...] faça-se uma pausa, um minuto de silêncio em homenagem à memória desses aprazíveis sítios de convívio e entretenimento, destinados à deleitável prática da fornicção.” (AMADO, 2010, p. 114), ao que segue com a descrição do público frequente, cidadãos de todas as classes e da dinâmica do lugar que um dia existiu.

Pensando em todas as obras em que a prostituição se faz presente, percebemos que o território da prostituição é principalmente localizado na zona do Tabuão, e é interessante também perceber em como em *Tenda dos Milagres*, há uma nova apropriação deste espaço que serve de complemento ao território da cultura popular, neste romance, o Tabuão é sede de ateliês, de santeiros e de outros artistas, igualmente na vida real da cidade, refletindo na literatura.

A cultura é o ponto de encontro de tudo que é tratado em *Tenda dos Milagres*, são as práticas culturais que ligam os sujeitos aos lugares dentro da narrativa, e a ênfase da obra, se dá na existência dessas práticas tão singulares e ricas por serem uma expressão do povo local. Com isso, percebemos uma nova configuração do território que inicialmente parte sempre da resistência, é o território da capoeira, outrora proibido, assim como o território sagrado dos terreiros, outrora perseguido, que em *Tenda dos Milagres* compõem um novo território do saber popular.

É preciso trazer o contexto em que essa obra é escrita, pois, se não traz mais esses territórios unicamente como denúncia, abre espaço para uma nova perspectiva, é interessante pontuar que publicado em 1969, *Tenda dos Milagres* chega às livrarias brasileiras no período da Ditadura Civil Militar brasileira. E as denúncias nesta obra dedicam-se mais a censura e a imprensa.

Já na primeira página de *Tenda dos Milagres*, somos apresentados ao território dos personagens amadianos, é o território dos típicos personagens, mas que agora são vistos como sujeitos ricos em saberes. Esse território que nos é apresentado tem como núcleo o Pelourinho apresentando também diversos lugares significativos que fazem parte desse território:

No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica no Tabuão, nas Portas do Carmo e em Santo Antônio Além-do-Carmo, na Baixa dos Sapateiros, nos mercados, no Maciel, na Lapinha, no largo da Sé, no Tororó, na Barroquinha, nas Sete Portas e no Rio Vermelho, em todas as partes onde homens e mulheres trabalham os metais e as madeiras, utilizam ervas e raízes, misturam ritmos, passos e sangue; na mistura criaram uma cor e um som, imagem nova, original. (AMADO, 2008. p.11)

Grande parte da narrativa de *Tenda dos Milagres* gira em torno dos saberes, Pedro Archanjo, protagonista da obra, é um bedel que trabalhou a vida inteira na Faculdade de Medicina, localizada no Terreiro de Jesus e que somente após a sua morte, sua obra alcança destaque. Pedro Archanjo escreveu um tipo de enciclopédia da vida baiana. Valorizando os saberes populares e de forma avessa ao conhecimento que é produzido academicamente. Morreu no esquecimento e o reconhecimento só vem postumamente.

Como alude a citação acima, o território do povo, no Pelourinho, funciona como uma espécie de universidade onde se ensina e onde se aprende. E esse território, é o território de circulação dos personagens. Assim, a sede da Tenda dos Milagres, que é nada mais do que um ateliê de arte onde são produzidos quadros, esculturas, entre outros, localiza-se na ladeira do Tabuão:

Na tenda dos Milagres, ladeira do Tabuão, 60, fica a reitoria dessa universidade popular. Lá está mestre Lídio Corró riscando milagres, movendo sombras mágicas, cavando tosca gravura na madeira; lá se encontra Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe? Curvados sobre velhos tipos gastos e caprichosa impressora, na oficina arcaica e paupérrima, compõem e imprimem um livro sobre o viver baiano. Ali bem perto, no Terreiro de Jesus, ergue-se a Faculdade de Medicina e nela igualmente se ensina a curar doenças, a cuidar de enfermos. Além de outras matérias: da retórica ao soneto e suspeitas teorias. (AMADO, 2008, p. 15-16)

Como podemos ver na citação acima, existe esse diálogo entre o que é produzido na Faculdade, e o que é produzido nas ruas, pelas pessoas. O próprio personagem protagonista, Pedro Archanjo é um elo que une esses dois lugares de conhecimentos, uma vez que ele trabalha na Faculdade, mas ali é apenas um inspetor, toda sua produção de conhecimento não se dá nos prédios da faculdade, mas no contato e convívio com os

outros personagens, e suas obras são impressas nesses lugares. Tudo isso produz no leitor momentos de reflexão sobre os tipos de conhecimentos e saberes existentes. O final da citação alude a “suspeitas teorias”, que são teorias produzidas com ideias nazistas publicadas na tese de um professor.

E se nos demais romances e obras de Jorge Amado a Faculdade de Medicina é citada, uma vez aqui, outra vez ali, em *Tenda dos Milagres* ela constitui-se como um lugar dentro do amplo território dos personagens. Não é apenas um elemento a vista na passagem entre outros lugares significativos como a Sé e o Pelourinho, mas é um lugar construído com base nos significados na vida de Pedro Archanjo que ali trabalha. E em determinados momentos, quando um personagem faz uma pesquisa a fim de descobrir quem foi Pedro Archanjo, a faculdade é um marco e talvez o elemento mais palpável na vida do personagem:

-Afinal, que tenta ele nos impingir como suprassumo da ciência? Baboseiras em mau português sobre a ralé, o zé-povinho. Quem foi esse tal Archanjo? Alguma figura exponencial, um professor, um doutor, um luminar, um prócer político, ao menos um comerciante rico? Nada disso: um reles bedel da Faculdade de Medicina, pouco mais que um mendigo, praticamente um operário. (AMADO, 2008, p. 51)

Essa crítica a Pedro Archanjo, parte de um cidadão “encolerizado”, contrário a todas mudanças visíveis na década de 1960, bem como, contrário as ideias de Marx, Fidel Castro, a pílula, é um conservador que milita inclusive no que diz respeito ao que é publicado na língua portuguesa, ou seja, um conservador. E nesse sentido é inevitável não refletir no quanto existe de Jorge Amado no próprio Pedro Archanjo, uma vez que datam dessa época também, diversas críticas a sua obra, que até hoje sofre certa resistência na academia por ter sido considerada sua escrita como inferior, errada, fora do padrão existente e de agrado das massas, e por isso menor.

Como já comentado anteriormente, a cultura, as práticas culturais são o cerne de *Tenda dos Milagres*, assim, a capoeira, o carnaval, os afoxés, as festas e procissões, estão sempre presentes na narrativa. E o ponto convergente que reúne todos os sujeitos, que dão existência a essas práticas, encontra-se na *Tenda dos Milagres*:

Ali se fundam terno de reis, afoxés de Carnaval, escolas de capoeira, acertam-se festas, comemorações e tomam-se as medidas necessárias para garantir o êxito da lavagem da igreja do Bonfim e do presente da mãe-d’água. A *Tenda dos Milagres* é uma espécie de Senado, a reunir os notáveis da pobreza, assembleia numerosa e essencial. (AMADO, 2008.p. 90)

Músicas são frequentes em *Tenda dos Milagres*, sejam da capoeira, sejam do samba de roda ou de outras manifestações, e o diálogo estabelecido entre o que é vivo e está fora dos muros da universidade e o que é produzido na Faculdade se estabelece também, através de um personagem pobre, um protegido de diversos personagens que consegue estudar engenharia e se formar através do esforço e suor da população pobre da cidade. É uma espécie de filho de Pedro Archanjo, que ao que tudo indica, possuía inúmeros filhos, sem assumir nenhum. Mas procurando vez ou outra e ajudando quando podia.

Também é muito comum na literatura de Jorge Amado, jovens que se mantêm na faculdade usando o dinheiro ganho de prostitutas apaixonadas, e assim como o personagem mencionado acima, após a conclusão dos cursos, renegam aqueles que foram a base para a obtenção do título.

Os territórios se relacionam diretamente com os demais conceitos que analisaremos na literatura, como os lugares e patrimônios, assim como a paisagem se fez presente nesta parte da análise, com isso, trataremos os demais territórios por outras perspectivas, a fim de não ficarem repetitivas, pois estes conceitos se apresentam tão entrelaçados na literatura que podemos tanto isola-los ou analisarmos em conjunto. Perceberemos os territórios da Cidade Alta e da Cidade Baixa em diversos momentos, numa relação que é complexa, e que a Cidade Alta com bairros ricos como Graça e Liberdade não são lugares que pertencem a população carente, mas que mesmo não sendo um território destes sujeitos é usado por eles através do trabalho.

Os meninos de rua furtam nestes locais, assim como a Cidade Baixa é responsável pelo abastecimento de toda cidade, incluindo a parte baixa, é pelo cais que chega todo o abastecimento, e com isso uma não existe sem a outra. Até mesmo quando a enfermidade se alastra com a pandemia de varíola as cidades se confundem e se entrecruzam.

4.2 - Os lugares de Massu, Tibéria e Cabo Martim

Os lugares são os elementos mais abundantes na literatura de Jorge Amado, e se num primeiro momento os conflitos existentes nos chamam atenção e percebemos que o sentido atribuído se traduz na perspectiva territorial, percebemos também, que esse

território onde tudo acontece é formado por diversos lugares, lugares como propõe Figueiredo:

O lugar guarda essa perspectiva, entendido como o resultado de práticas sociais distintas e do sentimento de pertença que lhe é inerente. O lugar equivale a uma representação, pois existe no real e transcende a ele, sendo imageado pelos indivíduos, tendo em vista os diferentes níveis de percepção espacial e do maior ou menor nível de inteligibilidade que o espaço geográfico adquire. (FIGUEIREDO, 2013, p.207)

Assim, são estes lugares que encontramos nas obras escolhidas, a literatura como um todo não tem nenhuma obrigação, um autor pode escrever sobre o que melhor lhe apetece, a literatura é livre na sua criação, portanto um autor pode trazer suas experiências de vida ou não. Em especial, a literatura aqui trabalhada traz muito do real em sua narrativa, a cidade, os problemas sociais, as experiências do autor, e tudo isso oferece diversas reflexões, ainda que a literatura de Jorge Amado seja também uma reflexão do próprio autor, é sua representação, uma perspectiva dos fatos, o que não quer dizer, jamais, que é a única, ou a verdade como um todo. Mas é uma representação válida, rica em detalhes, em testemunhos, críticas e possibilidades de reflexões como fazemos nesse momento.

Sendo uma representação, de fato, transcende na mente do leitor que passa então a conhecer o novo universo formado por lugares reais que sofrem transformações tanto na literatura, como no espaço real onde estão inseridos. E esses lugares são muito marcantes na literatura amadiana, a primeira observação que podemos fazer se dá na transformação do espaço como um todo no conjunto dos lugares, de centro da cidade, com o passar dos anos transformou-se em centro histórico, e muitos dos lugares que trabalharemos, também se patrimonializaram ao longo do tempo.

Podemos tomar como um exemplo do que estamos falando, a própria festa de Iemanjá celebrada em Salvador no dia 02 de fevereiro, e patrimonializada enquanto festa durante a escrita desta tese. Acreditamos sempre no caráter de prática cultural e sagrada que poderia ser incluída como um patrimônio da cidade, patrimônio este que é marcado por um lugar específico, ou seja, a orla do Rio Vermelho, estendendo-se um pouco ao cais e ao mar como um todo, como é tratado nas obras, uma vez que, o mar é o território de Iemanjá e todos aqueles que ali trabalham vivendo da pesca ou da vida marítima são devotos. Desta forma é impossível separar o lugar do que é patrimônio, pois esses elementos se relacionam, se cruzam e se complementam.

Como afirmamos recentemente, os lugares ao longo do tempo tornaram-se patrimônios e o centro da cidade passou a ser centro histórico, no pequeno intervalo de anos de escrita desta tese, do momento em que o parágrafo acima foi escrito ao momento de conclusão do estudo mais uma mudança aconteceu, em fevereiro de 2020 a festa de Iemanjá, emblematicamente no dia 02 de fevereiro passou a ser patrimônio da cidade.

É a dinâmica do espaço que sempre se transforma, acompanhamos a transformação deste espaço no tempo de escrita desta tese, quando, no dia 02 de fevereiro de 2020 a festa de Iemanjá em Salvador é então patrimonializada¹³. Reconhecida como patrimônio cultural da cidade, é tombada pela prefeitura junto da Fundação Gregório de Mattos (FGM), ou seja, a festa, diferente de outros patrimônios aqui trabalhados ainda não é reconhecida como patrimônio pelos órgãos que trabalhamos como o IPHAN e a UNESCO.

Mas o que garante e implica a patrimonialização? Segundo as notícias vinculadas a patrimonialização da festa de Iemanjá, a Fundação Gregório de Mattos fica responsável por desenvolver um plano que pretende salvaguardar e promover diversas ações que envolvem os fazeres e saberes envolvidos na manifestação cultural e religiosa. Esse plano, deverá ser realizado junto dos pescadores locais, responsáveis pela entrega dos diversos presentes que são oferecidos a Iemanjá anualmente no dia 02 de fevereiro. A patrimonialização neste caso, busca a proteção da manifestação no sentido de garantir apoio, divulgação, assim como a produção de conhecimento sobre o festejo e ainda a documentação dessa manifestação.

A festa de Iemanjá possui uma localização precisa na literatura de Jorge Amado, localiza-se no Rio Vermelho e a partir dessa localização, do uso do espaço por pescadores, fiéis, trabalhadores marítimos, percebemos a construção de um lugar que abrange a zona do cais. Esse lugar é construído a partir dos significados que os personagens vão atribuindo. Seu protagonismo enquanto lugar é mais expressivo em *Mar Morto*, mas de diferentes formas, o Rio Vermelho, o cais, a festa e o mar se fazem presentes em outras obras como veremos também.

¹³ Para saber mais: <https://g1.globo.com/ba/bahia/verao/2020/noticia/2020/02/01/festa-de-iemanja-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-de-salvador.ghtml>. Acessado em 08/02/2020.

Alguns lugares são muito significativos nas obras de Jorge Amado, alguns se fazem presentes em todos os livros, mas o que faz de cada um, um lugar? Como se dá esse processo? Isso tudo veremos estabelecendo reflexões na análise destes lugares, pensando os seus significados na literatura com relação ao que a literatura acadêmica define como lugar.

Existe então um conjunto de lugares presentes nas obras escolhidas, em sua maioria localizados no centro histórico da cidade e que vão adquirindo maior ou menor importância em cada obra. No entanto, são lugares que se repetem, alguns presentes em todas obras trabalhadas e principalmente, cada um deles faz parte de *Bahia de todos os santos* e possui neste guia sua descrição.

Todos estes lugares fazem parte do território da cidade de Salvador, e muitos destes lugares são reconhecidos como patrimônios. São lugares de lazer, de trabalho, de amor, de greves, de moradia, enfim, são espaços transformados em lugares pelos personagens através dos significados que são atribuídos. Destacamos e mapeamos nos livros analisados os lugares mais frequentes e mais significativos para os personagens, assim, nosso recorte encontrou: a Baixa dos Sapateiros, a Ladeira do Tabuão, o Pelourinho, o cais, o Largo da Sé e a igreja que um dia ali existiu, a ladeira da Montanha, a Rua Chile, a Praça Castro Alves, a Barra, o Rio Vermelho, a Igreja do Bonfim, a Feira de Água de meninos, o Elevador Lacerda, o Mercado e a rampa do mercado que um dia existiu, a Igreja de Conceição da Praia, a Igreja de São Francisco de Assis, o Terreiro de Jesus, o Largo das sete portas, o Solar do Unhão, a Faculdade de Medicina e a Igreja do Rosário dos Negros.

Cada um destes lugares possui suas particularidades e muitos se complementam, como é o caso de largos que abrigam igrejas e casarões. Alguns já não existem como a rampa do mercado, o próprio mercado que foi incendiado e depois reconstruído, ou a igreja da Sé, outros se transformaram com o tempo, ganharam novos usos, outros se modificaram como o cais, o Solar do Unhão, atualmente Museu de Arte Moderna da Bahia.

Desta forma, começaremos nossa análise pelo Pelourinho, presente em quase todas as obras analisadas, é um dos lugares mais expressivos presentes na literatura amadiana. Muito se passa no Pelourinho, são as baianas vendendo acarajé, é a escola de capoeira, os casarões, o sobrado de *Suor*, o caminho dos Capitães da Areia, a Igreja do

Rosário dos Negros, entre tantos fatos e vivências dos personagens como veremos. Localizado no coração da cidade, no caminho que leva a Cidade Baixa e a Cidade Alta, o Pelourinho abriga atualmente a Fundação Casa de Jorge Amado, fundação essa responsável por seu acervo de obras e documentos.

Figura 8 - Pelourinho, Fundação Casa de Jorge Amado



Produção da Autora (2018)

Como veremos a seguir, o pelourinho é o lugar onde tudo acontece, tudo passa por ele, a territorialidade passa por ele como veremos na literatura. Se por um ângulo temos a visão dos casarões que atualmente são sede da Fundação Casa de Jorge Amado e do Museu da Cidade, que está fechado há bastante tempo, ao redor, como veremos existem diversos outros casarões em estilo colonial português que são atualmente lojas de lembranças, hotéis, pousadas, restaurantes, estabelecimentos diversos, museus como o Museu da Gastronomia Bahiana do SENAC do SESC, que abriga ainda parte da muralha que protegia a cidade, erguida no início do século XVI, na fundação da cidade, ou seja, dentro do prédio do museu há resquícios e paredes aproveitadas da antiga muralha.

Ao lado do museu no sentido de quem vai para a Cidade Baixa, descendo o Pelourinho, à direita, está a Igreja do Rosário dos Negros, como podemos ver na imagem a seguir, um lugar de extrema importância também, e que faz parte do Pelourinho. Desta forma, lidamos com o território, com os lugares que fazem parte dele,

com alguns lugares que se tornaram patrimônios e que por fim formam uma paisagem. Tudo isso compõe o todo do espaço que trabalhamos.

Figura 9 - Pelourinho descendo à Cidade Baixa



Produção da autora (2018)

Se na literatura, o Pelourinho é um lugar de grande movimentação, atualmente, também o é. Em atividade de campo realizada em fevereiro de 2018, percebemos como demonstra a imagem, a presença de diversos adornos na rua e nos prédios em todo o espaço do centro histórico, resquícios da decoração de carnaval da cidade.

Através da observação diária, e registro fotográfico, bem como, pela pesquisa etnográfica, percebemos no Pelourinho, baianas que vendem acarajés, pais de santo que distribuem axés para turistas, um elemento recente, jovens com tintas brancas que fazem pinturas corporais em estilo africano. Tendas onde mulheres trançam o cabelo de outras mulheres, vendedores ambulantes em abundância, e tudo isso, cada movimento notado no Pelourinho obedece a um período do dia ou da noite. É palco de ensaios de bandas, à noite presenciamos um grupo de percussão, dança e por fim, os últimos sujeitos a ocupar o espaço em questão, moradores de rua.

Iniciamos nossa análise, tentando demonstrar como o Pelourinho se configura como um lugar na literatura amadiana. Já em *O país do carnaval*, primeiro romance de Jorge Amado e um dos seus livros que menos traz pontos de Salvador, notamos seu

surgimento, quando os personagens caminham pela subida do Pelourinho indo até um dos casarões. “Subiu a Ladeira do Pelourinho tão abstrato que nem sentiu as pedras soltas do calçamento colonial. O grupo onde ia Maria de Lourdes parou em frente do alto casarão.” (AMADO, 2011, p. 66)

Mas, não é somente a aparição de algo que faz do espaço um lugar, é preciso que esse lugar tenha significados para os sujeitos que o utilizam, seguindo uma das bases teóricas desta pesquisa no que diz respeito ao lugar, utilizamo-nos do conceito de Lugar pensado por Tuan (2013), onde o lugar parte da experiência dos sujeitos, e nesse sentido a experiência passa por momentos decisivos como vemos em *O compadre de ogum* e um batizado que passa pelo Pelourinho e acontece na Igreja do Rosário dos Negros. Também faz parte da experiência diária dos personagens como sugere *O país do carnaval*, neste, um dos casarões é moradia dos personagens, semelhante em *Suor*, e ainda que alguns trechos narrem somente a passagem por esse lugar, são todos esses fragmentos que dão força ao conjunto que faz do Pelourinho um lugar nessa literatura.

Três trechos, principalmente, de *Suor* demonstram parte da relação do sobrado que se localiza no Pelourinho e que é moradia dos personagens, o primeiro, nas páginas iniciais do romance, após a descrição do sobrado, narra o percurso pelo qual os personagens passaram para chegar até ali: “Tinham vindo da Cidade Baixa e, depois de subir a ladeira do Tabuão, tinham vencido a ladeira do Pelourinho e ali estavam, parados diante da casa imensa.” (AMADO, 2011, p. 9).

O lugar pensado como um microcosmo, tem o significado adquirido geograficamente com relação aos sujeitos e as relações simbólicas que são estabelecidas. E voltando aos referenciais que fundamentam o lugar, Santos (1994), nos coloca que o lugar é um ponto que representa algo no todo maior, mas algo destacado, onde são realizadas possibilidades do mundo. É desta forma que enxergamos os lugares na literatura, o lugar como singular.

Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandes na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina, cento e dezesseis quartos, mais de seiscentas pessoas. Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. (AMADO, 2011, p. 10)

O sobrado, para nós, pode ser entendido como um ponto, como sugere a literatura de Santos, um ponto que faz parte de um todo maior, mas que ainda assim, merece destaque no que significa, nesse sentido, o sobrado no Pelourinho é a moradia de centenas de pessoas, sendo parte de um conjunto de sobrados iguais, nesse conjunto que envolve os prédios do Pelourinho, destacamos apenas um, que funciona de fato como um universo.

Mais um trecho em *Suor* nos chamou a atenção, esse trecho demonstra a passagem do tempo e as transformações que foram se dando neste lugar onde mais atentamente podemos pensar pelo olhar da paisagem. O tom da narrativa é de denúncia, chamando atenção tanto para o passado quanto para o presente da obra, lembrando e buscando a origem do nome do lugar que mesmo transformado ainda é um lugar onde passa a miséria.

Ali embaixo, no centro da ladeira empedrada, ficava o Pelourinho, montado pelos colonizadores portugueses. Hoje, o pelourinho desaparecera, mas a ladeira que lhe tomara o nome era como um pelourinho também. Todos os que ali viviam passavam a vida apertada, sem pão, sem trabalho. (AMADO, 2011, p.71)

E ainda que em *Suor*, o Pelourinho e o casarão que faz parte do conjunto de sobrados seja um lugar e definimos lugar ligando aos autores citados anteriormente, lembrando sempre que todo lugar em comum entre os teóricos que utilizamos, possui em seu cerne, sentidos, significados e sentimentos, em *Suor*, a dor e o sofrimento fazem parte dos significados deste lugar. Como também expressa o trecho de *Tenda dos Milagres*:

A igreja toda azul no meio da tarde, igreja dos escravos no largo onde se ergueram tronco e pelourinho. É o reflexo do sol ou um laivo de sangue no chão de pedras? Tanto sangue correu sobre essas pedras, tanto gemido de dor subiu para esse céu, tanta súplica e tanta praga ressoaram nas paredes da igreja azul do Rosário dos Pretos. (AMADO, 2008, p. 42)

A população do sobrado de *Suor* é variada, sempre composta de lavadeiras, prostitutas, estivadores, operários, mendigos nas escadas, costureiras e como uma das citações utilizadas acima sinaliza, árabes, na figura de imigrantes. Assim, em *Mar Morto*, ao se referir a moradia de “Toufick, o Árabe” o Pelourinho, mais uma vez é um lugar de moradia: “Morava no bairro árabe da ladeira do Pelourinho, de onde saía todas as manhãs com sua mala de mascate. Depois foi melhorando de vida.” (AMADO, 2008, p.219). E de forma semelhante às passagens de *Suor*, onde o lugar do Pelourinho traz

significados ligados a dor e ao sofrimento, o trecho que diz “foi melhorando de vida”, demonstra um pouco disso também.

Em *Dona Flor e seus dois maridos*, dois trechos demonstram os casarões do Pelourinho como lugares ruins, insalubres, o que reforça os sentimentos presentes nas obras já citadas. No romance de Flor, temos a descrição de todo o esforço da mãe de Dona Flor em criar os filhos após a morte de seu marido, sem “descer” para ladeiras como a do Pelourinho a habitar um dos quartos dos inúmeros casarões:

Nem por ser quem era, agre e desabrida, de convivência desagradável e difícil, nem por isso devem-se negar ou esconder suas qualidades positivas, sua decisão e força de vontade, e tudo quanto fez para completar a criação dos filhos e para manter-se pelo menos na posição onde a deixara a morte do marido, sem rolar ladeira do Alvo abaixo para os cantos de rua ou para os sórdidos quartos dos casarões do Pelourinho. (AMADO, 2008, p. 61)

Se nesse momento o Pelourinho e seus casarões surgem como um medo evitado, mais tarde, na mesma obra, podemos conhecer quem de fato habita um dos quartos pertencentes aos sobrados coloniais da ladeira do Pelourinho. Ainda em *Dona Flor e seus dois maridos*, conhecemos Claudette, mulher viciada nos jogos e que busca através deles o sustento diário, já muito enferma e residente no Pelourinho:

Se a houvessem atendido quando penetrara, frustrando a vigilância do porteiro ou comovendo-o (havia ordens para barrar-lhe a entrada), então colocaria a ficha na roleta para multiplica-la com certeza e obter o dinheiro para o aluguel vencido da pocilga do sobradão do Pelourinho onde habitava com ratos e baratas (umas baratas negras e cascudas: subiam-lhe pela cama, um nojo). (AMADO, 2008, p. 367)

Esses trechos se unirão a outros onde existem lembranças e sentimentos positivos sobre o mesmo espaço que funciona como algo complexo, pois, pelo Pelourinho passou a escravidão, passa a miséria dos personagens, e ao longo do tempo este lugar onde são exercidas diversas práticas culturais torna-se patrimônio, ou seja, esse lugar conta a história dos que ali viveram e possui valor cultural para ser preservado e mantido.

De fato existiu e existe o prédio que inspirou *Suor*, e assim como *Capitães da Areia*, *Suor* parte de vivências do autor, que em sua juventude morou no sobrado na ladeira do Pelourinho. Atualmente o prédio possui uma placa em azulejo que sinaliza o local, afirmando que ali viveram os personagens de Jorge Amado em *Suor*:

Figura 10 - Sobrado de Suor



Fonte: Produção da autora (2018)

Atualmente no sobrado demonstrado acima, funciona um hotel. E como a vida ocorre nos casarões do Pelourinho, também acontece em suas passagens, nas suas ruas, em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, o choro de Quitéria ao saber da morte de Quincas chega até o largo do Pelourinho, e em outro momento:

Quincas Berro Dágua estava num dos seus melhores dias. Um entusiasmo incomum apossara-se da turma, sentiam-se donos daquela noite fantástica, quando a lua cheia envolvia o mistério da cidade da Bahia. Na ladeira do Pelourinho, casais escondiam-se nos portais centenários, gatos miavam nos telhados, violões gemiam serenatas. Era uma noite de encantamento, toques de atabaques ressoavam ao longe, o Pelourinho parecia um cenário fantasmagórico. (AMADO, 2008, p.81)

Ou seja, na mágica da cidade, o Pelourinho está incluído sob esse efeito. Com Vadinho, primeiro marido de Dona Flor, o Pelourinho também envolve em seus mistérios: “Quando, pela madrugada, saíssem do cabaré, a última dobra da noite da

Bahia os atendia nos mistérios do Pelourinho, nos caminhos das Sete Portas, no mar e nos saveiros da Rampa do Mercado.” (AMADO, 2008, p. 168)

Em *Os pastores da noite* o território do Pelourinho e este enquanto lugar, começa a ser celebrado, é palco do que há de melhor da Bahia e na cidade, ponto de encontro de amigos, lugar onde há capoeira, e onde Cabo Martim exhibe-se, Martim que é um dos personagens com maior destaque, existe em vários livros e na infância foi um Capitão da Areia, capoeirista:

Martim era mestre na capoeira, igualava-se aos maiores do passado e do presente: Querido de Deus, a Juvenal, a Traíra, a mestre Pastinha. Nos domingos à tarde, quando, para atender a solicitações de admiradores ou para alegrar os olhos de uma cabrocha, exibia-se no Pelourinho ou na Liberdade, dava gosto de ver. (AMADO, 2009, p. 38)

Diversas são as passagens em que o Pelourinho surge em *Os pastores da noite*, em muitas é apenas o caminho, mas, avançando na narrativa, temos uma passagem que confere legitimidade enquanto lugar e aos sujeitos que o compõe, quando chega o dia do aniversário de Tibéria, uma caftina muito respeitada, e seus amigos são convidados: “Festa de arromba, a do aniversário de Tibéria, acontecimento importante no mundo do Mercado, da Rampa, do Pelourinho, da feira de Água de Meninos, das Sete Portas e dos Quinze Mistérios.” (AMADO, 2009, p. 60), ou seja, é um microcosmo, um lugar onde estão as possibilidades do mundo.

Os casarões servem como moradia, como vimos em *Os pastores da noite* um dos quartos é ocupado por Curió, um dos protagonistas do romance, e como veremos, nesta obra, o Pelourinho é lugar de moradia, de ponto de encontros e um lugar que produz identidades como veremos no batizado do filho de Massu, na história de *O compadre de Ogum* que também faz parte de *Os pastores da noite*, por ora nos deteremos na moradia de Curió que nos é informada por Marialva, uma mulher apaixonada: “Por aquela não esperava Marialva, não viera preparada para uma recusa. Pensara vê-lo em delírio, apressado em levá-la para seu quarto no Pelourinho, nas águas-furtadas de um sobradão antigo.” (AMADO, 2009, p. 108).

A seguir podemos perceber o Pelourinho como ponto de encontro entre Curió, camelô e vendedor de um medicamento utilizado somente por homens: “Foi quando ouviu, no armazém de Alonso, alguém comentar as milagrosas virtudes do remédio

vendido por Curió. Conhecia o camelô, mantinham os dois cordiais relações, encontravam-se repetidamente no Pelourinho.” (AMADO, 2009, p. 142).

E na medida em que avançamos para o momento do batizado, momento principal na narrativa de *O compadre de Ogum*, o Pelourinho é citado cada vez mais, como lugar, com sujeitos pertencentes ao Pelourinho, como moradia e novamente como ponto de encontro para o batizado: “Martim ficara encarregado de conduzir, com a ajuda de Otália, a negra velha Veveva e a criança até a igreja. Marcaram o encontro para o dia seguinte, às sete da manhã, no largo do Pelourinho.” (AMADO, 2009, p. 172). A igreja é de Nossa Senhora do Rosário dos Negros.

E considerando que tratamos com o simbólico, sabemos que a obra de Jorge Amado é fortemente marcada pelo sagrado, por personagens que cultuam os orixás, e em diversos dos seus romances os orixás e os terreiros se fazem presentes, em alguns como *O Sumiço da Santa*, Yansã é de fato a protagonista da obra, em *O Compadre de Ogum*, o orixá decide apadrinhar o filho de Massu, e assim, até a divindade passa pelo Pelourinho: “O orixá subiu o Pelourinho em meio à maior agitação.” (AMADO, 2009, p.179).

Em *Tenda dos Milagres*, a morte de Pedro Archanjo, protagonista da obra, se dá no Pelourinho e igualmente é anunciada ali: “Mané Lima proclamou o nome e a morte do velho para o mundo inteiro, postado no meio da ladeira do Pelourinho, lugar próprio e certo, mas na hora baça da antemanhã apenas uns ratos enormes e um cachorro magro escutaram-lhe o grito.” (AMADO, 2008, p.36).

Por fim, consideramos relevante também incluir mais um trecho de *Tenda dos Milagres*, para falarmos do Pelourinho enquanto lugar, pois, o lugar, onde Pedro Archanjo vem a falecer é também o Pelourinho: “Quem o encontrou morto na ladeira do Pelourinho?” (AMADO, 2008, p.59). A fala é de um personagem ao indagar se havia conhecido Pedro Archanjo, bastante tempo depois de sua morte há toda uma pesquisa sobre quem foi Pedro Archanjo e como sua figura ficou esquecida. Mas o que gostaríamos de destacar é a função do Pelourinho, enquanto lugar, inclusive no momento da morte, assim como acontece em *Capitães da Areia* com Sem Pernas que se joga ao lado do Elevador Lacerda, são lugares com muitas marcas e significados.

Em *O sumiço da santa*, último romance escrito por Jorge Amado, e que trata da vinda de uma imagem de Santa Bárbara para o Museu de Arte Sacra da Bahia, para uma exposição de arte, onde ao desembarcar na rampa do Mercado, quem desembarca é a própria orixá, no sincretismo Yansã, provoca diversos rebuliços na cidade, o Pelourinho, assim como o Mercado, a Rampa, são lugares frequentes nos acontecimentos dos fatos.

Neste romance, o Pelourinho é retomado como acontece em *Tenda dos Milagres* como espaço onde está a escola de Capoeira, e são diversas as passagens em que ele se relaciona com a capoeira, o que veremos ao trabalharmos com a patrimonialização das rodas de capoeira. Além disso, em *O sumiço da santa*, uma equipe estrangeira se dedica a filmagens sobre a vida na Bahia, e uma dessas filmagens é realizada no Pelourinho com o objetivo de filmar o carnaval baiano:

No roteiro da gravação do *Le Grand Échiquier*, a sexta-feira era o dia mais atropelado pois iam filmar no Pelourinho uma amostra do Carnaval baiano, com a participação de grupos afros e de afoxés, dos Internacionais, dos Filhos de Gandhi e do Bloco do Jacu, este sob a batuta do compositor Waltinho Queiroz e de sua mãe amantíssima e foliona animadíssima, dona Luz da Serra. (AMADO, 2010, p. 319)

E assim, no decorrer da narrativa o Pelourinho segue como o lugar onde o carnaval na cidade está acontecendo, com isso, o Pelourinho é lugar também de celebração. Lugar este que não pode ser dissociado de outros lugares como a Igreja do Rosário dos Negros e de manifestações culturais como a capoeira, estando assim intimamente ligado ao território que envolve esses patrimônios. Para finalizarmos sobre como percebemos o Pelourinho como um lugar, acrescentamos parte do que o define em *Bahia de Todos os Santos*:

Largo do Pelourinho, do tronco onde os negros escravos eram castigados. Das sacadas dos grandes sobradões, então residências ricas de senhores de engenho, dos nobres do Recôncavo, as sinhazinhas contemplavam os negros no chicote, as costas em sangue, pagando pelos malfeitos, era uma diversão. As pedras do calçamento são negras como os escravos que as assentaram, mas quando o sol do meio-dia brilha mais intensamente, elas possuem reflexos cor de sangue. Muito sangue correu sobre elas, tanto e tanto que nem a distância do tempo pode apagar. Essa praça do Pelourinho é ilustre e grandiosa: sua beleza é feita de pedra e de sofrimento. (AMADO, 2012, p. 73)

Uma vez que a igreja do Rosário dos Negros localiza-se no largo do Pelourinho e que em muitas passagens esses dois lugares estão indissociados, daremos atenção a

este outro lugar que é brevemente comentado em *Bahia de todos os santos* como uma das igrejas mais populares:

A de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, no Pelourinho, toda azul, sempre cheia de gente, extremamente ligada aos ritos de candomblé – não há mãe de santo, babalaô, ogã, que não seja membro da confraria do Rosário dos Negros. Foi construída pelos escravos nos tempos coloniais. (AMADO, 2012, p.112)

Este trecho nos chama atenção para a localização da igreja e sua importância, colaborando com as demais obras. Se construirmos uma narrativa linear da igreja do Rosário dos Negros, perceberemos que durante sua construção e por um período de tempo esteve situada num lugar indesejado por grande parte da população, principalmente pela elite, e que ao longo do tempo transformou-se no extremo oposto, pois o Pelourinho atualmente faz parte do centro histórico da cidade, é tombado como patrimônio e talvez seja um dos lugares com maior poder econômico de propriedade. Abaixo, registro fotográfico deste lugar, realizado na atividade de campo.

Figura 11 - Igreja Nossa Senhora dos Negros



Produção da autora (2018)

E para falarmos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, traremos as obras onde a igreja é tratada como um lugar para os personagens que a utilizam. Desta forma, não seguiremos a ordem cronológica em que as obras foram escritas, mas utilizaremos do critério de expressividade, que se dá principalmente em *O compadre de Ogum* que faz parte de: *Os pastores da noite*.

Em *O Compadre de Ogum*, o grande acontecimento da história é o batismo do filho de Massu, homem muito estimado e de muitos amigos, assim, o batizado é um grande acontecimento, uma festa. Semelhante ao que acontece em *O sumiço da santa*, os orixás são personagens e protagonistas. Observamos então a construção da Igreja do Rosário dos Negros como um lugar, quando há a escolha da igreja onde deve se realizar o batismo, a definição de quem, que tipos de pessoas se batizaram e se batizam nela, o batizado em si e a grande festa que para a cidade e por fim, a presença ilustre do orixá que decide apadrinhar o menino que está sendo batizado e sendo o santo do padre decide “baixar” no padre que faz a missa, são elementos que constroem a igreja como um lugar.

O batizado tido como um grande acontecimento, fomentou muitas discussões entre o grupo de amigos, decidiram sobre o enxoval, os padrinhos, o dinheiro para a festa e a escolha da igreja, que indica uma tradição, pois, o pai do menino também ali se batizou há mais de 30 anos, e essa escolha é o ponto que iniciamos nossa reflexão:

A igreja deveria ser a do Rosário dos Negros, no Pelourinho, não só porque ali se batizara Massu há mais de trinta anos, como por conhecerem eles o sacristão, seu Inocêncio do Espírito Santo, mulato maneiroso, nas horas vagas corretor de jogo do bicho. (AMADO, 2009, p. 141)

Como podemos ver, existe uma questão de afetividade com o lugar, que busca unir pai e filho no batismo ao ser realizado na mesma igreja, há uma tradição que é movida por sentimentos positivos com relação ao lugar, somado ao fato das relações amistosas com o padre responsável. Quando o orixá decide ser o padrinho do filho de Massu, as discussões passam pela preocupação: como o orixá fará para ir à igreja? Conhecemos a história do padre que é sacristão e em seguida a definição dos que nela se batizam.

No dia do batizado a igreja encontrava-se lotada, o que despertou a curiosidade de Padre Gomes, um outro padre que ficou pensando o porquê de toda aquela gente presente, ao que Inocêncio, sacristão, tranquiliza-o contando ser um batizado, no

entanto Gomes ainda fica se interrogando, imaginando que os pais da criança deveriam ser muito ricos para terem tantos amigos e pensa: “Os filhos dos banqueiros não costumavam batizar-se ali, na igreja do Rosário dos Negros, no Pelourinho. Batizavam-se na Graça ou na Piedade ou em São Francisco, também na Catedral.” (AMADO, 2009, p. 165).

Ao negar, ou seja, ao começar com uma negativa, “os filhos de banqueiros não se batizavam na...” o trecho demonstra quem ali frequentava, ou seja, a população mais carente da cidade, como é o caso de Massu, o que não quer dizer que este não tenha amigos e convidados, o que a própria narrativa demonstra no decorrer da história. Também, ao nominar as igrejas onde os filhos de banqueiros se batizavam, percebemos de fato as igrejas com uma tradição diferente e de maior poder, estas estão presentes na literatura amadiana, mas não com tanta expressividade. A Igreja de São Francisco de Assis, em contraponto com os personagens de Amado é a igreja brasileira com mais ouro, e é tombada como patrimônio pelo IPHAN.

Avançando em *O compadre de Ogum*, chegamos ao momento em que a multidão se encaminha para a Igreja do Rosário dos Negros, inúmeros eram os amigos de Massu e o batizado acaba sendo um grande acontecimento na cidade, é como se o mundo estivesse ali, acontecendo naquele lugar:

O bonde ficou vazio, largado nos trilhos, pois, também o condutor e o motoneiro, num mesmo impulso, abandonaram o veículo e aderiram ao cortejo. Com isso iniciou-se o congestionamento de trânsito a criar tanta confusão na cidade, perturbando o comércio e a indústria. Alguns choferes de caminhão largaram, na mesma hora e sem combinação prévia, seus pesados veículos nas Sete Portas, em frente ao Elevador Lacerda, nas Docas, na estação da Calçada, no ponto de bonde de Amaralina, nas Pitangueiras e em Brotas, e dirigiram-se todos para a igreja do Rosário dos Negros. (AMADO, 2009, p. 178)

Claro que a comicidade faz parte da narrativa, mas é interessante perceber como outros lugares são também citados como pontos que estão ligados à igreja do Rosário dos Negros e que possuem uma relação. Alguns, muito populares nas obras escolhidas, como o mercado das Sete Portas, o Elevador Lacerda, as Docas e outros que também surgem, mas não com tanta frequência.

Por fim fechamos nossa exposição neste romance com o ápice da narrativa que se dá na igreja, com a presença do orixá: “Quando o orixá atravessou com seu cortejo a porta da igreja do Rosário dos Negros, padre Gomes, na sacristia, terminada a missa,

retirava os paramentos, perguntava a Inocêncio se a gente do tal batizado já estava a postos.” (AMADO, 2009 p. 180).

Em *Tenda dos Milagres* quando Pedro Archanjo vem a falecer, é lembrado que ele foi membro da confraria, tendo direito a jazigo perpétuo no cemitério, mais uma vez percebemos aí os laços e a relação da igreja do Rosário dos Negros com a população, pois, Pedro Archanjo, protagonista da obra é um ilustre personagem:

Mas o sacristão da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, parceiro de longa data e de muita pagodeira, lembrou ser Pedro Archanjo membro antigo da Confraria, benemérito e remido, com direito a velório no templo, encomendação do corpo, missa de sétimo dia e a jazigo perpétuo no Cemitério das Quintas. (AMADO, 2008, p.37).

Há também mais uma passagem que descreve o Pelourinho e a Igreja do Rosário dos Negros em *Tenda dos Milagres*, na página 42, no entanto, já nos utilizamos desta citação para falarmos do Pelourinho. Já em *O sumiço da santa*, quando uma roda de capoeira é formada e uma cantiga é entoada o lugar escolhido é à frente da igreja: “O coro dos capoeiristas estremeceu o chão negro, de pedras lisas, em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.” (AMADO, 2010, p. 281).

Mais uma vez a igreja aparece em *O sumiço da santa*, agora citando também o Museu da Cidade, localizado no Pelourinho, ao lado do prédio da Fundação Casa de Jorge Amado, e que em dois trabalhos de campo, realizados entre os anos de 2015 e 2018 encontrava-se fechado: “O Trio Elétrico estacionara no alto do Largo, entre o Museu da Cidade e a Igreja do Rosário dos Negros.” (AMADO, 2010, p. 344).

O trecho acima refere-se à festa de carnaval que está sendo filmada para uma emissora francesa em viagem a Salvador, e mais uma vez o local, é o Pelourinho, ainda que não nomeado, pois, a filmagem prevê a exibição dos casarões e do lugar como um todo.

Ao pensarmos como é feita a construção de um lugar a partir do Elevador Lacerda, é interessante ver como acontece essa construção, no sentido das diversas formas como o Elevador faz parte da vida de cada personagem, seja como passagem, como algo que leva até o destino desejado, seja como marca, lembrança contida numa fotografia, como imagem que compõe uma paisagem, veículo de greve, lugar de propagação de cultura e saberes ou ainda o fim de uma vida. Tudo isso está contido nas

experiências e relações dos personagens com o Elevador Lacerda, registrado abaixo, na atividade de campo.

Figura 12 - Elevador Lacerda



Produção da autora (2018)

Aqui trataremos o elevador enquanto lugar, no entanto no ano de 2011 o Elevador Lacerda foi tombado pelo IPHAN, o que veremos com maiores detalhes no capítulo que nos dedicamos a reflexão sobre os patrimônios. Notamos na literatura analisada, as diversas formas com que o Elevador surge e faz parte da vida dos personagens.

Percebemos a presença do elevador em pelo menos sete obras, *Jubiabá*, *Mar Morto*, *A Morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, *Capitães da Areia*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Os pastores da noite*, *Bahia de todos-os-santos* e *Tenda dos Milagres*. Além de considerarmos o Elevador como um lugar dentro da literatura, ele ainda é um o patrimônio que compõe a paisagem, como também veremos. Sua presença é narrada de diversas formas.

Notamos seu uso pelo serviço prestado em ligar à Cidade Baixa à Cidade Alta, o impacto das suas luzes na construção de memórias, assim como a paisagem que faz parte da história dos personagens, um lugar que se faz presente nos momentos decisivos dos personagens e no alcance das notícias. É também o lugar onde a vida pode terminar, como acontece com um Capitão da Areia, lugar de troca cultural, de venda de poesias, e também um lugar de luta, que para se há uma greve.

Em *Jubiabá*, as aparições do Elevador Lacerda são duas e demonstram seu uso prático na vida cotidiana dos personagens, temos uma mãe que retorna para o quarto que vive, e no deslocamento faz uso do elevador, em seguida podemos ver o período de término do serviço: “Lindinalva passou junto do velho elevador que liga às cidades Baixa e Alta. Sorriu para o sorriso do condutor de bonde e seguiu para o número 32, onde alugara o quarto.” (AMADO, 2008, p. 269).

E em seguida: “A ladeira do Tabuão é silenciosa a estas horas da noite. O serviço do velho elevador já terminou e a torre se debruça sobre a cidade. Nas janelas mais altas brilham luzes. São as mulheres da vida que voltam da rua e que despacham os últimos homens.” (AMADO, 2008, p. 272). Neste primeiro romance não há propriamente trechos que demonstrem uma relação afetiva com o Elevador, mas que se pensarmos em como ele surge e como vai sendo construída essa relação com personagens, faz-se coerente incluir esta primeira aparição que demonstra o Elevador em sua forma concebida.

Já em *Mar Morto* a relação com o Elevador ganha seus primeiros sinais na construção de um Lugar, ele ainda é narrado como um serviço que liga dois pontos da cidade, pontos que em determinados sentidos são dois universos e quase cidades diferentes, mas em *Mar Morto* suas luzes compõe uma paisagem, é passagem e é o espaço de memória que fica gravado através da fotografia na vida do protagonista do romance marítimo. No recordar de Guma:

Nas noites de sua infância muitas vezes dormiu no tombadilho do saveiro atracado ao pequeno cais. De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. Subia pela montanha e seus sinos badalavam, dela vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. A luz do elevador subia e descia, era um brinquedo gigantesco. Do outro lado era o mar, a lua e as estrelas, tudo iluminado também. (AMADO, 2008, p. 51)

Como podemos ver, o trecho acima trata-se de uma lembrança, uma descrição da paisagem na infância de Guma, as luzes do elevador somam-se as luzes da cidade e das

estrelas no céu. Em seguida, notamos a presença do elevador como uma passagem, que leva as pessoas que saem do cais pela anúncio de um temporal que se aproxima: “Vendo que os saveiros não saíam, várias pessoas deixaram o mercado e tomaram o elevador.” (AMADO, 2008, p. 65). Este romance, *Mar Morto*, é um dos que mais frequentemente vemos o Elevador Lacerda, sempre citado como num conjunto, ligando outros lugares, associado a uma paisagem, a algo importante que está ou vai acontecer: “O mercado começa a se movimentar, descem homens pelo elevador que liga as duas cidades, a Alta e a Baixa.” (AMADO, 2008, p. 166). Assim, seguem trechos onde liga a Cidade Alta à Baixa e por fim, fica registrado numa foto de Guma:

Lívia trouxe de Mar Grande um punhado de conchas e nelas emoldurou o retrato de Guma, um que ele tirou no jardim, debaixo do elevador, encostado numa árvore. O outro, o que traz ele e o Valente, ela mandou num envelope para Janaína, pedindo que não levasse consigo aquele que é pai do seu filho. (AMADO, 2008, p. 172)

Refletindo sobre o quão raro é a presença de fotografias na narrativa, é interessante ressaltar a importância do registro e a escolha dos elementos que os compõe. São duas fotografias, uma que fica com Lívia e nela está Guma com o Elevador ao fundo, e ao compararmos com a outra fotografia em que Guma está com seu saveiro, o Valente, sabemos que a escolha do elevador ao fundo não é mero acaso, mas que os elementos que compõe as imagens são os mais relevantes para o fotografado. O que constatamos analisando a construção de como o Elevador faz parte da vida e das memórias de Guma.

Também podemos perceber o jogo dos elementos, o Elevador que faz parte da cidade, do espaço de Lívia, esposa apaixonada e agora mãe de um filho de Guma, toma para si a imagem em que Guma está em terra, e ao divino, ao sagrado, Janaína que também é Iemanjá, oferece uma foto de Guma com seu barco, pedindo proteção. E assim, não podemos deixar de ressaltar um ponto interessante na obra de Jorge Amado que diz respeito aos filhos.

Se pensarmos nas suas personagens femininas, tanto nas obras escolhidas, como para além da literatura soteropolitana, percebemos que embora existam personagens femininas muito marcantes como Gabriela, Tieta, Dona Flor, Tereza, e personagens de um modo geral, notamos que muitas não são mães, nenhuma de suas principais personagens mulheres possui filhos. Lívia é uma exceção. Dona Flor, não tem filhos e não quer ter.

Em *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* o elevador está presente como lugar onde há circulação de notícias. Com a morte do protagonista Quincas, a notícia se espalha pela cidade e a ironia é um elemento presente em toda a narrativa, sendo a obra que mais se utiliza deste recurso entre as aqui trabalhadas. Assim, já nas primeiras páginas desta novela, na repercussão da notícia:

E memória de morto, como se sabe, é coisa sagrada, não é para estar na boca pouco limpa de cachaceiros, jogadores e contrabandistas de maconha. Nem para servir de rima pobre a cantadores populares na entrada do Elevador Lacerda, por onde passa tanta gente de bem, inclusive colegas de repartição de Leonardo Barreto, humilhado genro de Quincas. (AMADO, 2008, p. 17)

E sendo Quincas, uma personalidade na cidade, entre a população de malandros, prostitutas, trabalhadores do cais e no mercado, baianas que vendem comida de tabuleiro pelas ruas, a notícia de sua morte repercutiu em cada canto da cidade, inclusive colaborando na alta dos objetos vendidos no Mercado. Bem como, no tumulto e agitação chegando ao elevador:

Já naquela hora a notícia da inesperada morte de Quincas Berro D'água circulava pelas ruas da Bahia. É bem verdade que os pequenos comerciantes do mercado não fecharam suas portas em sinal de luto. Em compensação, imediatamente aumentaram os preços dos balangandãs, das bolsas de palha, das esculturas de barro que vendiam aos turistas, assim homenageavam o morto. Houve nas imediações do mercado ajuntamentos precipitados, pareciam comícios relâmpagos, gente andando de um lado para outro, a notícia no ar, subindo o Elevador Lacerda, viajando nos bondes para a Calçada, ia de ônibus para a Feira de Santana. (AMADO, 2008, p. 47)

Ou seja, se há algo importante acontecendo, esse algo chega até o Elevador Lacerda, passa por ele para seguir seu fluxo de propagação. E isso se confirma, quando algumas páginas a frente, chegamos ao momento em que o apelido de “Berro D'água” é dado a Quincas, e mais uma vez, nesse momento de consagração do personagem, o elevador está presente.

Eis que Quincas entra no Mercado, em uma banca onde já adquirira o direito de servir-se livremente e ao ver sob o balcão uma garrafa com líquido transparente, aparentemente cachaça, enche um copo e bebe, ao que um grito é ouvido: “E um berro inumano cortou a placidez da manhã no mercado, abalando o próprio Elevador Lacerda em seus profundos alicerces.” (AMADO, 2008, p. 50). O líquido transparente era água e foi tão grande o berro que:

Corria gente de todos os lados, alguém estava sendo com certeza assassinado, os fregueses da venda riam às gargalhadas. O “berro d'água” de Quincas logo

se espalhou como anedota, do mercado ao Pelourinho, do largo das Sete Portas ao Dique, da Calçada a Itapuã. (AMADO, 2008, p. 51)

E como um ponto numa rede de lugares, o Elevador Lacerda faz parte do conjunto de lugares, alguns presentes na citação cima, como o mercado e o Pelourinho, que consideramos como lugares que são construídos pelos sujeitos literários. O apelido de Quincas passa pelo elevador, e a vida de Sem Pernas em *Capitães da Areia*, também se dá nesse lugar.

O destino de cada menino de rua membro dos capitães da areia é descrito no final do livro, alguns morrem de varíola, um vira um artista famoso, Pedro Bala torna-se um organizador de greves e membro de um sindicato, outro passa a ser marinheiro, entre muitas outras ocupações, e Sem pernas, perseguido pela polícia, encurralado, se suicida ao lado do Elevador:

Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. (AMADO, 2008, p. 251)

Assim, termina a vida de Sem Pernas que “se rebenta” na montanha, dando fim a uma existência infeliz. Ainda em *Capitães da Areia*, já no fim da narrativa, o elevador é palco de greve, como também acontece em *Tenda dos Milagres*: “-Da greve? Geral, não? Parou tudo, não foi? Bondes, pranchas, o Elevador Lacerda, o Xarriô, tudo parado. Formidável, hein!” (AMADO, 2008, p. 271). Mais uma vez, é um lugar, pois faz parte dos acontecimentos expressivos dos personagens, é local de luta como a greve, é o lugar onde o sofrimento termina para Sem Pernas, entre outros fatos que ainda veremos.

Em *Dona Flor e seus dois maridos* o elevador se faz presente como passagem uma única vez: “Lá se foi novamente para a Rádio Sociedade, na rua Carlos Gomes: subiu o Elevador Lacerda, andou a rua Chile, e, cortando a praça Castro Alves, por fim, suada e tonta, deteve-se na porta da emissora.” (AMADO, 2008, p. 330).

E em *Os pastores da noite*, que é formado por três histórias, onde, alguns personagens são comuns, o Elevador Lacerda faz parte apenas de *O compadre de Ogum*, e depois em *A invasão do Morro do Mata Gato*, surgindo primeiramente como um dos lugares de onde as pessoas vem para o batizado do filho de Massu, trecho este que contempla o Pelourinho e a Igreja do Rosário dos Negros, página 178 e que já

utilizamos para falar da igreja. E depois, na história do Morro do Mata Gato, onde há mais uma passagem significativa onde o Elevador Lacerda aparece, em conjunto de outros lugares e onde são vendidas poesias:

Bolada alta deve ter recebido o poeta, bom sujeito, todo mundo gostava dele, mas sempre pronto a elogiar e a atacar se lhe soltassem um cobrezinho. Também, coitado, com família enorme e precisando ganhar a vida, a vida cara pela hora da morte, e Cuíca vivendo exclusivamente de seu intelecto. Escrevia suas histórias em versos, algumas bem bonitas, e ele mesmo as compunha e imprimia, desenhava a capa e saía a vendê-las pelo Mercado e pelo cais, junto ao Elevador ou em Água de Meninos, gritando-lhes os títulos e os méritos. (AMADO, 2009, p. 187)

Eis que o sujeito vendedor de poesias escrevia elogios caso lhe pagassem por isso, e quando houve a invasão do Morro do Mata Gato, história que traz personagens que nasceram lá em *Mar Morto*, nas primeiras histórias de Jorge Amado e então realizam a ocupação do morro na busca por moradia, entre os personagens Tibéria, a caftina. Cuíca traça elogios para quem estava como opositor da população a qual ele mesmo faz parte. Mas, fora isso, pensando no elevador como um lugar, mais uma vez ele se mostra emblemático e pertencente a um conjunto, envolvendo um elemento cultural e sua comercialização.

Ao descermos pelo Elevador Lacerda nos deparamos com o Mercado Modelo, e tanto na literatura como no espaço da cidade, ambos são quase indissociáveis, fazendo um, parte da paisagem do outro, devido a proximidade e as relações que já pertenceram. Uma das imagens mais difundidas de Salvador trata-se da fotografia tirada ao lado do Elevador Lacerda com o Mercado Modelo ao fundo e o Forte de São Marcelo, como podemos ver abaixo:

Figura 13 - Mercado Modelo



Fonte: Produção da autora (2018)

Este Mercado Modelo que vemos atualmente, não é o único mercado que encontramos na literatura de Jorge Amado, as diferenças são muitas, a primeira delas é que o primeiro mercado foi destruído por um incêndio (1969), que o destruiu por completo e só então foi erguido esse novo mercado. As diferenças seguem também nos itens comercializados, contados nos romances, outrora o Mercado Modelo abastecia a cidade com frutas, peixes e outras coisas, e após a revitalização passou a atender uma demanda turística vendendo principalmente lembranças de Salvador. Como podemos ver em *Bahia de Todos-os-Santos*:

O atual Mercado Modelo, situado na Praça Cairu, ao lado da grande escultura de Mário Cravo, uma fonte de Oxalá, ocupa um grande e belo prédio onde funcionou durante séculos a Alfândega. Substitui o antigo Mercado Modelo, de inesquecível memória, engolido pelo fogo em incêndio ao que tudo indica, proposital. Nunca se esclareceu como o fogaréu surgiu ao mesmo tempo nos quatro cantos e no centro do velho casarão. Consta que havia interesses de poderosos senhores, daí o inquérito não ter ido adiante. Em poucas horas foi devorado aquele centro de vida e alegria. Cheguei a tempo de amparar o desespero de meu irmão Camafeu de Oxóssi, em pranto diante das chamas que consumiam barracas e restaurantes. Depois ele havia de compor um samba celebrando o triste evento. (AMADO, 2012, p. 347).

Como podemos ver, nesta primeira parte, o texto se dedica a falar do Mercado antes do incêndio, e atualmente há dentro do novo mercado alguns painéis que contam sobre o mesmo incêndio. Nesta citação temos a menção a escultura de Mário Cravo que em dezembro de 2019 também foi completamente destruída por um incêndio. Um pouco antes, outro ponto, o monumento em homenagem as baianas, também foi

queimado. Não sabemos se os incêndios foram propositais ou não, mas os dois monumentos estavam ligados a cultura do candomblé. Abaixo segue a complementação do texto de Amado no guia soteropolitano sobre o Mercado:

O novo Mercado, apesar de instalado em imóvel tão bonito, nada tem que recorde o antigo. Muito diferente, é uma imensa feira de artesanato, onde se encontra de tudo, desde belas esculturas do Louco até o lixo de todos os comércios desse tipo – o puro se mistura com o falso, o belo com o horrível. Em toda parte do mundo é assim. Buscando porém, o visitante pode encontrar bastante material digno de interesse e de compra, em couro, em madeira, em ferro, sem falar nos objetos rituais de candomblé e nos instrumentos de capoeira. Outra curiosidade do Mercado: postos de venda de batidas; as lambretas são maravilhosa bebida. Dois restaurantes, um da família da falecida Maria de São Pedro, outro de Camafeu, servem excelente comida baiana. (AMADO, 2012, p. 347-348)

Dentro do Mercado atual há um espaço com painéis que contam a história do prédio que foi incendiado mais de uma vez. Ainda se mantém no terraço do mercado dois restaurantes, ainda os mesmos, com os mesmos nomes presentes nas obras de Jorge Amado.

Figura 14 - Passado do Mercado



Produção da Autora (2018)

Em atividade de campo percebemos nos arredores do Mercado, rodas de capoeira, baianas vendendo e fazendo acarajé, inúmeros vendedores ambulantes e mulheres que fazem tranças em outras mulheres. Por ser o principal lugar de venda de artesanatos e lembranças de Salvador, além de fazer parte de um dos lugares mais bonitos na cidade é um dos pontos turísticos mais visitados.

Nos deteremos especificamente num elemento que foi muito importante no antigo mercado, a Rampa do Mercado e que fazia parte de toda uma dinâmica da cidade que se modificou com o seu desaparecimento. A rampa é amplamente reclamada, sua ausência, na literatura de Jorge Amado, assim, a seguir da nossa análise sobre o mercado, passaremos para a Rampa do Mercado.

O Mercado Modelo é extremamente presente na literatura de Jorge Amado, e os motivos pelos quais se faz presente são diversos, envolvendo o trabalho de muitos personagens, a proximidade com o cais, sendo um espaço de diversão, de encontro de amigos, entre muitos outros. Percebemos o Mercado Modelo em pelo menos sete obras, *Mar Morto*, *Capitães da Areia*, *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, *Os pastores da noite*, *Tenda dos Milagres*, *O sumiço da santa* e *Bahia de Todos-os-santos*. Tentaremos mostrar como ele surge nestas obras e como se constitui um lugar para os personagens.

Em *Mar Morto*, romance marítimo que fala principalmente da vida de pescadores no mar, o Mercado Modelo faz parte cotidianamente da narrativa que envolve Guma e os demais personagens. Já no início do romance quando a mãe de Guma surge na narrativa, antes então nunca mencionada, e diz ao seu tio Frederico que veio buscá-lo, há uma referência quanto a um lugar neste momento importante da trama:

De trás do mercado, vinha um barulho de conversa, de discussões, de gargalhadas. –Faz só três dias que cheguei do Recife. Já tava mesmo pra vim ver o menino, foi um conhecido que me disse que Frederico morreu, faz dois anos. Agora vim buscar meu filho...Vou criar ele... Francisco não ouvia mais o barulho que vinha do mercado. Ouvia somente aquela mulher que dizia ser mãe de Guma e o vinha buscar. (AMADO, 2008, p. 33)

Mais tarde o Mercado surge mostrando o fluxo de pessoas que passam por ele, mais além é o espaço onde Guma briga com Severiano, outro momento importante dentro da narrativa, é quando Rosa Palmeirão deixa o cais, e Guma com raiva, importou-se com uma brincadeira que levou a uma briga com seu oponente que estava encostado no mercado: “Severiano encostou-se na parede do mercado, faca na mão e

gritou para Guma.”(AMADO, 2008, p. 95). A seguir é descrita a luta dos dois até que Guma deixa Severiano “estirado”.

Já na página seguinte, o mercado surge como um lugar de trabalho: “-O velho concórdia? Me alembro, sim... Tinha uma bodega no mercado.” (AMADO, 2008, p.96). E como múltiplas são suas funções, em seguida o mercado está relacionado com o “amor”: “Guma se move inquieto. A noite é para o amor de aventura, o amor que se encontra ao acaso, na areia do cais, nas margens do rio, no mercado, uma cabrocha qualquer.” (AMADO, 2008, p.125).

O Mercado faz parte da paisagem que é descrita em *Mar Morto*, é o lugar de trabalho nas bodegas, de amor, de aventura, de apostas, de encontro de amigos, de partidas e de chegadas, e compõe a paisagem deste romance num conjunto que não exclui outros lugares que também destacamos, no entanto, até o cheiro compõe a paisagem que o mercado faz parte.

A manhã é bela, cheia de sol. Outubro é o mês mais belo desta beira de cais. O sol não é quente ainda, as manhãs são claras e frescas, são manhãs de mistério. Dos saveiros próximos vem um cheiro de fruta madura que chega para o mercado. Seu Babau compra abacaxis para fabricar cachaça gostosa para os fregueses do Farol das Estrelas. (AMADO, 2008, p. 166)

E em seguida da narrativa, ainda se tratando do mesmo momento no cais onde estão Mestre Manuel, saveirista, esposo de Maria Clara, personagens que fazem parte de muitos romances dos aqui trabalhados, Francisco tio de Guma, e Guma que aposta uma corrida de saveiro com Mestre Manuel:

Mestre Manuel já tinha embarcado. O velho Francisco foi andando para um grupo no mercado. Mas antes avisou Guma: -Na volta da ilha, ganhe terreno. Manuel não é forte nessas manobras. -Tá certo – porém Guma tinha certeza de perder. Faziam apostas no mercado. (AMADO, 2008, p. 167)

Enquanto isso, muitos que ficaram no mercado apostavam em Guma, outros em Mestre Manuel. Guma leva Lívia, Manuel, Maria Clara, as duas cantam e depois de uma dura corrida pelas águas, o saveiro de Guma ganha a corrida chegando na frente em Mar Grande, o destino final onde os dois descarregam os barcos e tornam a carrega-los com charutos e fumo.

Avançando na narrativa, temos a volta de Chico Tristeza, marinheiro que passa dois dias na “Bahia”, no porto, filho de uma baiana que vende cocada traz um xale para

ela, e a noite quando se reúne com velhos conhecidos no mercado, conta sobre os lugares por onde passou:

Guma apertou sua mão, o velho Francisco pedia novidade. Chico Tristeza ria, tinha trazido um xale de seda para sua velha mãe que vendia cocada. De noite veio para a frente do mercado, os homens se reuniram em torno dele, contou histórias daquelas terras. Histórias de cais, de marinheiros, de navios, histórias ora cômicas, ora melancólicas. Quase todas tristes, porém. Os homens o ouviam pitando os compridos cachimbos, olhando os saveiros. O vulto do mercado ao fundo se despenhava sobre eles. (AMADO, 2008, p.205)

Pensando nessa passagem, o mercado é um lugar de encontro, e essa não é a única passagem que este lugar serve para o encontro entre amigos, onde os fatos são comentados: “Os mestres de saveiro e os canoeiros passavam grande parte do tempo na frente do cais do mercado comentando a vida difícil, o paradeiro do fim do ano.” (AMADO, 2008, p. 225). Assim, como é referência de ponto de encontro, também é de informações, e esse é um ponto importante na definição de um lugar, como nos fundamenta a literatura acadêmica aqui utilizada.

As informações passam pelo mercado, assim, quando precisa-se saber algo na narrativa, é comum que a notícia passe pelo mercado, ou que alguém lá possa informar: “Na frente do mercado, porém, alguém informou que Guma estava no Farol das Estrelas.” (AMADO, 2008, p. 226). O mesmo acontece com a notícia da morte de Quincas Berro Dágua, a notícia passa pelo mercado.

Quando em *Capitães da Areia* surge o mercado, surge no mesmo contexto em que existe em *Mar Morto*, ligado ao cais e aos saveiros que ali chegam e partem: “Diante deles estavam os saveiros ancorados. Do Mercado saíam mulheres e homens. Eles esperavam nesta tarde o saveiro do Querido-de-Deus. O capoeirista estava numa pescaria, que sua profissão era de pescador.” (AMADO, 2008, p.83).

Mais tarde, ainda no romance dos meninos de rua, o mercado é citado por sua população, por seu povo estar triste, com fome. Na mesma página, 136 o mercado compõe a paisagem que Pedro Bala e Professor veem, Bala chega a sugerir que professor faça uma pintura do que estão vendo:

E vão rindo sem ter do quê, Pedro Bala com o braço passado no ombro de Professor. De onde estão podem ver o Mercado e o cais dos saveiros e mesmo o velho trapiche onde dormem. Pedro Bala se recosta no muro da ladeira e diz a professor: -Tu devia fazer uma pintura disto... É porreta. (AMADO, 2008, p. 136)

Na novela de Quincas, o Mercado é palco das fofocas e até de vendas de um folheto de poesias que desrespeitava a memória do ilustre protagonista recém falecido Quincas Berro D'água, anteriormente um frequentador assíduo do mercado. No entanto, recém falecido e os boatos já se espalhavam em lugares específicos, não por acaso.

Os patifes que contavam, pelas ruas e ladeiras, em frente ao mercado e na feira de Água de Meninos, os momentos finais de Quincas (até um folheto com versos de pé-quebrado foi composto pelo repentista Cuíca de Santo Amaro e vendido largamente), desrespeitavam assim a memória do morto, segundo a família. (AMADO, 2008, p. 17)

Essas são as primeiras palavras da novela de Quincas Berro D'água, e como podemos ver o mercado surge ao lado de outro lugar expressivo, a feira de Água de Meninos que trataremos em seguida. Ainda que se trate de boatos, comentários e fofocas com a comercialização de algo sobre a vida de Quincas, o mercado como um lugar é entendido, pois, não é mero acaso a escolha para a propagação das informações.

Em seguida nos é anunciado que os vendedores do mercado não fecharam as portas dos estabelecimentos em luto, mas que aumentaram o preço dos produtos para os turistas em homenagem a Quincas. O mercado também é citado como, um dos lugares, onde foi ouvido o berro de Quincas ao tomar água por cachaça, como mostramos ao citarmos o trecho para falarmos do Elevador Lacerda como um lugar.

Se na novela de Quincas conhecemos os vendedores do mercado, aqueles que são donos das barracas e que vendem as mercadorias, em *Os pastores da noite*, por sua vez podemos ver Cabo Martim, personagem já citado anteriormente, que compra um presente para Tibéria, sua amiga e caftina que está de aniversário, e a compra é feita no mercado. E como demonstra a citação a seguir, o presente é vendido sem lucro, ou seja, uma venda entre amigos, solidária: “E para a própria Tibéria, amizade do peito, o cabo levou um penduricalho de ouro, coisa de primeira, vendido por Chalub, no Mercado, pelo preço de custo, sem lucro.” (AMADO, 2009, p. 41). Em seguida, o mercado surge novamente, como um lugar de lazer, de encontro, de conversa:

Martim deu de ombros, sem escutar as precavidadas palavras de Galo Doido como se opinião de Jesuíno fosse de se deixar perder. E já no dia seguinte pela manhã dirigia-se ao Mercado Modelo onde pretendia discutir assunto de afoxé de Carnaval com Camafeu, proprietário da barraca São Jorge e figura importante no referido afoxé. O Carnaval ainda tão distante, é claro ter sido o afoxé apenas um pretexto. O cabo não perdia oportunidade de ir bater um papo na barraca, admirar o peji de Oxóssi e Iemanjá, um dos mais belos da cidade, tocar berimbau com Camafeu e Didi, tirar pilhérias com Carybé, comentar acontecimentos. (AMADO, 2009, p. 44)

Como podemos ver, existem motivos para que o personagem Cabo Martim vá seguidamente ao Mercado Modelo, esse espaço torna-se um lugar para o personagem, a medida em que é entendido implicitamente como um lugar com significados, neste caso positivos que representam a amizade, o lazer, o encontro, e também a religiosidade, pois, como se lê acima, Martim também frequentava o Mercado para ver o altar dos santos dos quais é devoto.

Seguindo a narrativa, o Mercado e o povo do mercado, toda gente que é representada por esse lugar é convidada ao aniversário de Tibéria, como já comentamos quando nos dedicamos a explicar sobre o Pelourinho como um lugar. Assim, na página 60 de *Os pastores da noite*, a festa de Tibéria é comentada como algo importante para o povo do Pelourinho, do Mercado e de outros lugares.

Mais tarde, também vemos o Mercado como um dos lugares preferidos de Cabo Martim que após uma paixão que culmina em casamento, muda todos seus hábitos da vida toda, percebemos que das poucas coisas que o Cabo ainda faz, como em sua vida de solteiro, está ligada ao Mercado, ao frequentar esse lugar:

Não havia jeito de acostumarem-se com a mudança radical da vida do Cabo. Para vê-lo, atualmente, era necessário buscá-lo em casa, não aparecia como antes, figura difícil. É certo ter voltado ao Mercado e a Água de Meninos, aos seus pontos preferidos para um rápido carteadado, ter começado suas exhibições com o baralho, para gáudio e exemplo das jovens gerações. (AMADO, 2009, p. 85)

O Mercado em *Os pastores da noite*, também é um lugar para os capitães da areia, pois, no correr da narrativa, há um momento onde se encontra um dos meninos num momento de tristeza. E por fim para encerrarmos nossas observações com relação ao Mercado como um lugar na obra em questão, encontramos nas últimas páginas, na história da invasão do Morro do Mata Gato um fato interessante sobre o mercado e um já conhecido personagem, Cuíca fazedor de versos.

Trazido anteriormente como um trecho onde se fala no Elevador Lacerda enquanto lugar, o Mercado Modelo surge no mesmo conjunto de lugares onde são vendidos versos. Cuíca que vende versos de acordo com quem lhe paga, neste momento os vende nas imediações do mercado noticiando a morte de Jesuíno Galo Doido que morre no embate com a polícia na reintegração do Morro. Na página seguinte, porém, há um momento de compreensão pelo que Cuíca é levado a fazer e tudo isso passa-se no Mercado:

Coitado, precisava de dinheiro, vendia a verdade das coisas. Não seremos nós a criticá-lo, por que haveríamos de fazê-lo? Era um poeta popular do Mercado, com seus versos de pé-quebrado, de rima pobre, paupérrima as vezes, com suas invenções de verdadeira poesia de quando em quando para compensar. Mudava de conceito e de preconceito nos seus versos, conforme o lado de onde lhe vinha um dinheirinho. (AMADO, 2009, p. 188)

E assim passamos a próxima obra, na qual o Mercado é um lugar para os personagens, ou seja, em *Tenda dos milagres*. Além da abertura de *Tenda dos Milagres* onde vários lugares são nomeados como o Pelourinho, o Elevador, o Mercado, e que já utilizamos destes trechos para falarmos do Pelourinho, avançamos na obra e descobrimos passagens muito interessantes sobre o Mercado. Este lugar é citado por abrigar um restaurante, que descobrimos através do trabalho de campo, ainda existir:

Foi comer vatapá, caruru, efó, moqueca de siri mole, cocada e abacaxi no alto do Mercado Modelo, no restaurante da finada Maria de São Pedro, de onde via os saveiros de velas desatadas cortando o golfo, e as coloridas rumas de frutas na rampa sobre o mar. (AMADO, 2008, p. 65)

Como podemos ver essa passagem além de citar o mercado, cita também a rampa do mercado que não mais existe, mas que compunha essa paisagem por onde os saveiros abasteciam a cidade. Em *Bahia de Todos-os-santos*, o restaurante de Maria de São Pedro também é citado, tanto no primeiro mercado que foi devorado pelo fogo, como no atual.

Maria de São Pedro era uma rainha feita de alegria, bondade e arte. Mestre da maior das artes, a da culinária, preservou e engrandeceu a tradição da inexcelável comida baiana, sua cor, seu perfume, seu sabor divinos. Seu antigo restaurante era uma festa em frente à rampa do Mercado Modelo, que o fogo devorou. Creio que Odorico Tavares, Wilson Lins e eu muito concorremos para que Maria de São Pedro e seu restaurante se fizessem célebres em todo país. Seus fregueses durante trinta anos, seus amigos de todos os dias, celebramos em prosa e verso sua fama. Inesquecível Maria de São Pedro, rainha do vatapá e do efó, do caruru e do abará, das moquecas e dos xinxins, do dendê e da pimenta, rainha da delicadeza e da cordialidade! Sua morte abalou a cidade. (AMADO, 2012, p. 248)

Como podemos ver, neste primeiro trecho da descrição de Maria de São Pedro em *Bahia de Todos-os-santos*, percebemos a relação com o próprio autor, o tempo de existência do restaurante, 30 anos, no momento em que Jorge Amado faz o guia sobre a Bahia. A fama, os temperos e os típicos ingredientes baianos como o dendê e a pimenta. Além dos pratos, também típicos como o abará, as moquecas, o xinxim. Ao que a citação segue:

Antigamente a entrada do restaurante de Maria de São Pedro ficava em frente à rampa do primeiro Mercado Modelo, e a porta servia ao mesmo tempo a uma barbearia e a uma banca de jogo do bicho. Assim o freguês resolvia de uma vez uma série de problemas: fazia a barba, arriscava um palpite no bicho

e almoçava excelentemente. Nessa época o restaurante servia a uma freguesia modesta de gente do cais, empregados no comércio, barraqueiros do mercado, marítimos e uns poucos amantes da boa cozinha – escritores e artistas – amigos de Maria. Aos poucos a fama do restaurante propagou-se e a freguesia foi acrescida dos turistas. (AMADO, 2012, p. 248-249)

Assim como o cais, que foi modernizado, perdeu os trapiches, passou pela construção de um novo porto, moderno a fim de atender a nova demanda de importações e exportações de cargas, percebemos também a mudança na paisagem do antigo cais presente na literatura amadiana, onde podia-se ver um extenso areal e que já não existe, notamos, as mudanças no público que frequenta o Mercado Modelo, sendo em sua grande maioria, turistas. E se ao lermos sobre o Mercado de Jorge Amado percebemos que anteriormente o Mercado existia para atender a população da cidade, atualmente a percepção é a de que ele existe para atender aos turistas e ao turismo, o que é percebido por Jorge Amado e comentado na última parte que descreve o Mercado:

Hoje, no novo Mercado Modelo instalado no prédio tão belo da antiga Alfândega, na mesma moldura da rampa, envolto na brisa do mar, prossegue o restaurante de Maria de São Pedro na sua obra de civilização. Sob a direção do bom Luiz Domingos, titular da casa de Xangô e cantor de música popular, filho de Maria de São Pedro, o restaurante continua a ser uma festa onde as filhas e as netas de Maria, herdeiras de sua arte e de sua beleza, criam diariamente a mais pura e a mais saborosa comida baiana. (AMADO, 2012, p. 249).

E como podemos ver abaixo, segue a imagem do restaurante que leva o nome de Maria de São Pedro, e que fica no terraço do Mercado Modelo, ao lado de outro restaurante, de Camafeu de Oxóssi, também existente na literatura. Notamos dentro do restaurante placas com frases de Jorge Amado, como mostraremos.

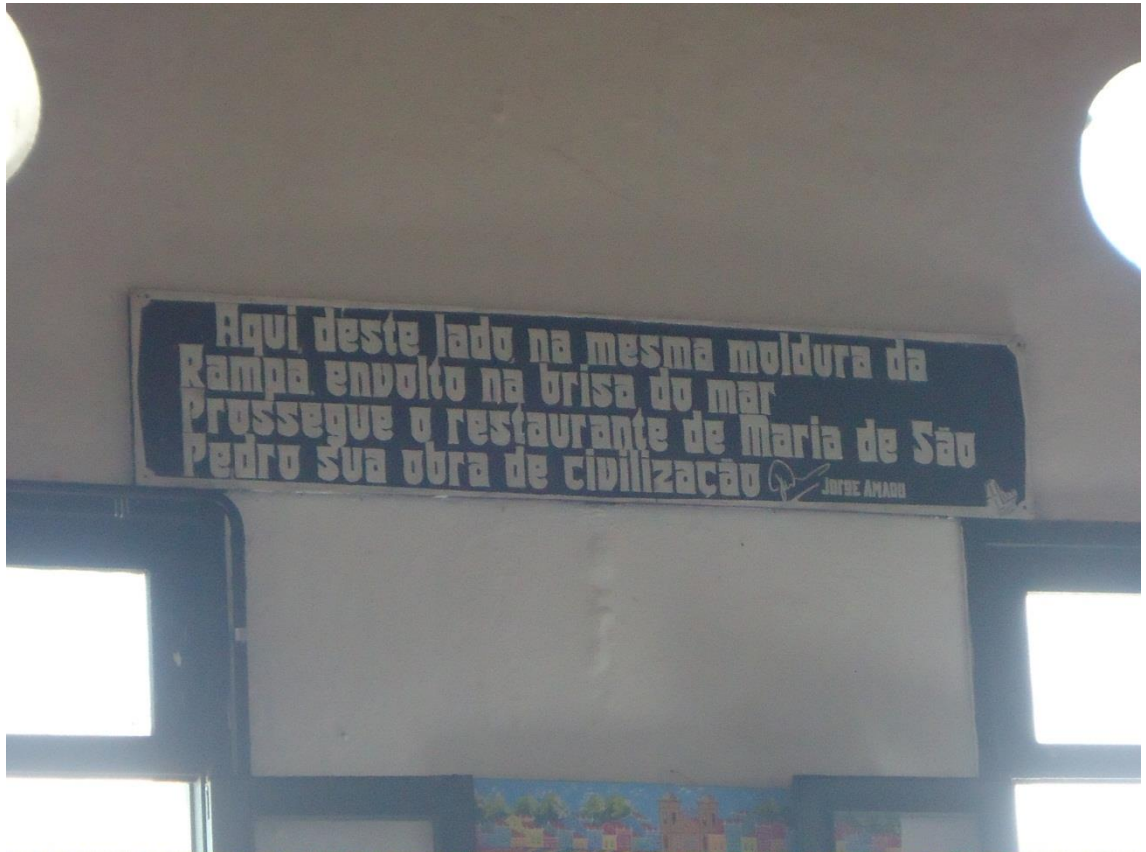
Figura 15 - Restaurante no Mercado



Produção da autora (2018)

O restaurante oferece um espaço fechado e também um espaço aberto de onde se pode ver a marina de Salvador, não se veem mais os saveiros, mas sim, barcos de luxo. Dentro do restaurante, acima das janelas está a seguinte placa com um trecho de Bahia de Todos-os-santos que citamos anteriormente.

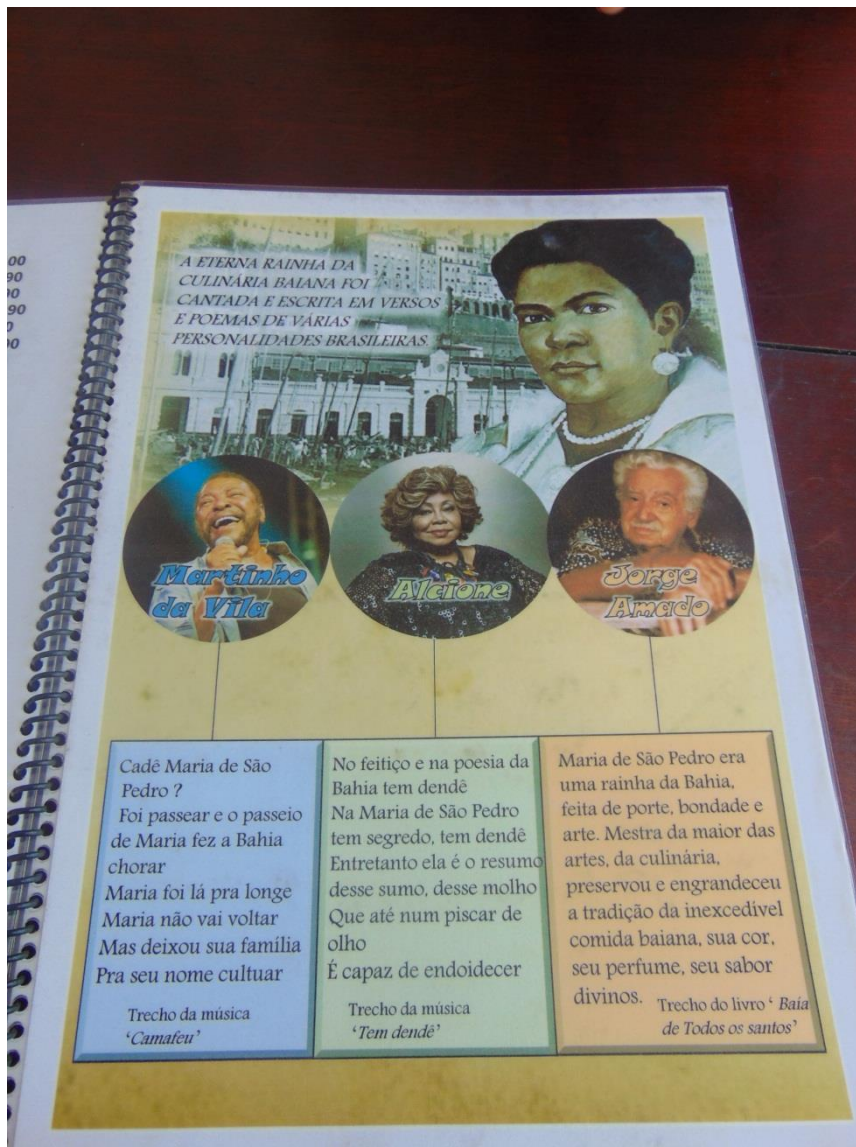
Figura 16 - Placa com a inscrição literária



Produção da autora (2018)

É interessante notar como a escrita de Jorge Amado parece ter legitimado alguns lugares, no cardápio do restaurante encontramos também, mais uma frase de Jorge Amado, e isso não acontece somente no Mercado Modelo, também no sobrado no Pelourinho há uma placa que diz: “aqui viveram os personagens de Suor”, assim como no memorial de mãe menininha de Gantóis, há um banner com as palavras de Jorge Amado sobre a mãe-de-santo. Isso tudo nos faz pensar em como estes lugares foram inseridos na literatura de Jorge Amado e no presente é a literatura que faz parte destes lugares. Como podemos ver mais um pouco no cardápio do restaurante que existe desde 1925:

Figura 17- Material do Restaurante



Produção da autora (2018)

Como podemos ver acima, mais uma vez no espaço do restaurante, encontramos referência a Jorge Amado e sua literatura que fala sobre o lugar. Assim, temos autor e personagens que frequentam o mesmo lugar. Sendo o restaurante tão estimado pelos personagens, isso soma-se a relação que estabelecem com o mercado.

Mais uma marca é perceptível em *Tenda dos Milagres* com relação ao Mercado como um lugar para os personagens. Em muitos momentos anteriores vimos como a gargalhada é uma espécie de marca, de grito, até de identidade de determinados grupos dentro da literatura. Eis que mais uma vez, ela é percebida “abalando as estruturas do

Mercado”: “Rio com toda a força Manuel de Praxedes e sua gargalhada estremeceu os fundamentos do Mercado.” (AMADO, 2008, p. 73).

Podemos ainda destacar mais duas passagens do Mercado Modelo em *Tenda dos milagres*, associando esse espaço como um lugar de diversão, um lugar que é caro aos personagens, onde pode-se conversar com amigos e ter momentos de lazer. Primeiro podemos ver como um lugar de jogo de dominó:

Por seu gosto, continuaria na banca do jornal onde começara ganhando aviltante salário mas desobrigado dessa máscara de pró-homem tão pouco adaptável a seu rosto prazenteiro, folgazão, para quem o prazer da vida era uma partida de dominó na porta do Mercado Modelo, um trago de festa, um bate-papo sem compromisso. (AMADO, 2012, p. 104).

E já no final da narrativa, surge como espaço de conversa, relacionado a outros lugares com o mesmo propósito: “Na tenda de Miguel, nas oficinas do Pelourinho, nas barracas do Mercado do Ouro, do Mercado Modelo, do Mercado de Santa Bárbara, passava manhãs e tardes em conversas”. (AMADO, 2012, p. 275). Já o Mercado do Ouro é um espaço que aparece somente nesse romance.

Em *O sumiço da santa*, o Mercado também faz parte dos lugares onde a vida acontece, e por ser um livro de grandes embates, religiosos, amorosos, sexuais, o Mercado é um lugar ocupado pela polícia, como também é um lugar de música e de celebração: “Compositores e poetas do Mercado apregoavam:[...]” (AMADO, 2010, p. 277). E segue uma canção. Na sequência o Mercado também faz parte do trabalho de um personagem e do almoço de outro.

Como podemos ver em diversas citações sobre o Mercado Modelo, notamos a menção da Rampa do Mercado, e da mesma forma como notamos a construção de um lugar quanto ao Mercado, o percebemos quanto a Rampa, esse lugar que atualmente existe somente na literatura, como o próprio *Bahia de todos-os-santos* nos conta, a rampa deixou de existir. E as mercadorias que outrora chegavam por ali, passam a ser recebidas no novo porto da cidade.

Na literatura de Jorge Amado, notamos diversas modificações pelas quais a cidade passou, a rampa do mercado não é a única a deixar de existir, assim como os diversos trapiches que outrora existiam. Conforme descobrimos através de entrevista em trabalho de campo com Myriam Fraga em 2015, foram aos poucos deixando a cidade e restaram apenas seu testemunho na literatura, como em *Capitães da Areia*. Também a

antiga catedral da Sé, que foi demolida para a construção de um ponto de bonde. Hoje existem apenas ruínas na sua fundação e da mesma forma o testemunho na literatura que reclama a demolição. No lugar onde um dia existiu a igreja, há o monumento da Cruz Caída de Mario Cravo, artista plástico soteropolitano e personagem frequente na literatura que trabalhamos.

Desta forma, falaremos também destes lugares, iniciando pela Rampa do Mercado que é frequente em diversos romances, em pelo menos na metade dos que analisamos. E para que não se torne um tanto repetitiva nossa análise, visto que a rampa existe em muitos casos, junto do Mercado, traremos ao leitor os trechos mais expressivos que a tornavam um lugar.

A primeira menção que percebemos da rampa se dá somente em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, e que estranhemos não existir em *Mar Morto* onde toda narrativa se passa principalmente no cais, envolvendo a vida de pescadores que vivem a desembarcar e a frequentar o mercado. No entanto, a rampa, só surge com Quincas, já em suas primeiras páginas como um dos seus lugares.

Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a própria memória: estendido bêbedo, ao sol em plena manhã alta, nas imediações da Rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvado sobre cartas sebetas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando com voz rouquenha na ladeira de São Miguel abraçando negras e mulatas de má vida. Um horror! (AMADO, 2008, p. 18)

O trecho acima, refere-se ao protagonista da obra, Quincas Berro Dágua, que é apresentado ao leitor no início da obra, devido a sua repentina morte. Assim, existem lugares onde sempre se poderia encontrar Quincas, sendo a Rampa do Mercado um destes lugares. O trecho em si, apenas ilustra e comprova a presença de Quincas na rampa, mas a narrativa como um todo, constrói a relação do boêmio com este lugar.

A rampa também é mencionada como um dos poucos três lugares onde podemos encontrar Cabo Martim em outros romances, em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, ou seja, a rampa é um ponto de encontro entre amigos, que possui significado na definição de ambos. Da mesma forma, ao avançarmos na narrativa, temos a ciência da formação frequente de rodas de capoeira próximas à rampa:

A roda, em frente à rampa dos saveiros, na feira noturna de Água de Meninos aos sábados, nas Sete Portas, nas exposições de capoeira na estrada da Liberdade, era quase sempre numerosa: marítimos, pequenos comerciantes do mercado, babalaôs, capoeiristas, malandros participavam das longas

conversas, das aventuras, das movimentadas partidas de baralho, das pescarias sob a lua, das farras na zona. (AMADO, 2008, p. 55)

Notamos também que os lugares estão sempre num conjunto, assim, ao citarmos um, citamos outros também, todos que fazem parte do território dos personagens, e que faz parte também da paisagem das obras. Aqui, a rampa faz parte do conjunto que envolve a feira de Água de Meninos, o Mercado das Sete Portas e ainda a estrada da Liberdade. Em alguns momentos esse conjunto é formado pela proximidade destes lugares, em outros pelo uso destes espaços, como é esse caso.

Em *Dona Flor e seus dois maridos* parte deste conjunto de lugares que envolve a rampa do Mercado volta a aparecer como um dos lugares frequentes de Vadinho, primeiro marido de Dona Flor, então falecido, e que vivia a jogar e a viver sem pudores. Assim, em suas noitadas, rodava por esses lugares:

Nos tempos em que o jogo funcionava à tarde e à noite no Tabaris, Vadinho nem vinha jantar. Comia uma besteira qualquer, um acarajé, um abará, um sanduíche, indo cear alta madrugada, quando a última porta se fechava na derradeira arapuca... Os mais renitentes – ele, Giovanni, Anacreon, Mirabeau Sampaio, Meia Porção, o negro Arigof, elegante como um príncipe de romance russo – saíam em grupo para a Rampa do Mercado, as Sete Portas, a casa de Andreza, para um fregemosca qualquer onde houvesse um caruru de folhas, um vatapá de peixe, cerveja gelada, cachaça pura. (AMADO, 2008, p. 124)

Também é comum na literatura amadiana além da inclusão dos lugares reais, pessoas reais, amigos do autor, nesta citação podemos ver Mirabeau Sampaio, e o mesmo acontece com Caymmi, Carybé, Mario Cravo, Pierre Verger, entre outros que acompanham seus personagens. Desta forma, a Rampa do Mercado é duas vezes citada na obra como o destino final das noitadas de Vadinho.

Em *Os pastores da noite* que é formado por três histórias, notamos a rampa do Mercado como um lugar que legitima muitos momentos na vida dos personagens. Faz parte da formação e essência de alguns, das mudanças, da consumação e de celebrações. Já no início da obra, quando fala-se nas mudanças de Cabo Martim devido ao casamento, encontramos a Rampa do Mercado como um lugar que é formador dos personagens:

Quem não sabe das transformações operadas pelo amor no caráter dos homens? O triste fica alegre, o extrovertido transforma-se em melancólico, o otimista em pessimista e vice-versa, o covarde ganha coragem e o indeciso faz-se decidido. No entanto jamais alguém pensou ver um dia o cabo Martim, cuja inteireza de caráter era tão citada e cuja fidelidade às convicções era arraigada, falando em emprego. Abandonando princípios e convicções,

alarmando seus amigos, desiludindo muitos admiradores, criando perigoso precedente para a juventude a iniciar-se na vida na Rampa do Mercado, em Água de Meninos, nas Sete Portas. (AMADO, 2009, p. 34)

Como a primeira história se dedica a vida e ao casamento de cabo Martim, no avançar da narrativa chegamos ao momento em que o cabo desembarca na cidade, acompanhado de sua esposa Marialva justamente na Rampa do Mercado. O que anteriormente era somente especulação, se confirma no momento do desembarque dos noivos na Rampa:

Nos quinze dias de intervalo entre aquela noite de chuva, quando recuperaram a bagagem de Otália, e a luminosa manhã do desembarque do cabo em companhia de sua esposa Marialva na Rampa do Mercado, os comentários ferveram, multiplicaram-se os boatos, a notícia atingiu os recantos mais distantes, subúrbios e mesmo outras cidades. (AMADO, 2009, p. 56)

Também, chegada a data de comemoração do aniversário de Tibéria, acontecimento que já mencionamos anteriormente, uma caftina de muitos amigos, seus convidados são o povo da Rampa, do Mercado, das Feiras, passagem que se situa na página 60 de *Os pastores da noite* e que não retomaremos por já ter sido citada para demonstrar outro lugar.

Por fim, a Rampa é um lugar tão poderoso, e possui tanta importância na formação dos personagens, que atua como um lugar de encontro, de legitimação e também de mudança, de mudança que desperta a essência dos personagens como vemos quando Cabo Martim chega na Rampa e Marialva sente o esposo diferente, como se aquele lugar evocasse nele sua essência enquanto pessoa: “Mal desembarcaram, porém, na Rampa do Mercado, e ela sentiu uma sutil mudança. Como se ao pisar as pedras da cidade, algo crescesse dentro de Martim.” (AMADO, 2009, p.72).

Ou seja, os lugares são repletos de memórias, de significados, são espaços que formam a identidade dos sujeitos, que dizem muito sobre quem somos. E isso é visível com o personagem de Cabo Martim apaixonado, muda seus hábitos para agradar a recente noiva, o que vem a mudar assim que chega ao seu lugar.

É curioso perceber a relação dos lugares com os personagens, pois, em *Tenda dos Milagres*, assim como em outros romances, percebemos que a descrição de alguns personagens possui atributos que são lugares, ou seja, na definição de um personagem, os lugares que ele frequenta o definem e fazem parte de quem ele é. Isso ocorre com Major:

Vista excelente, nunca usou óculos. Numa idade em que a maioria está com o pé na cova, nas aposentadorias da espera da morte, mantinha-se rijo e espigado, “conservado em cachaça”, comendo sarapatel à meia-noite em São Joaquim, nas Sete Portas, na Rampa do Mercado, derrubando mulheres na cama, “se for dormir sem pitocar não concilio o sono”, o charuto barato na boca de maus dentes, as mãos grandes e nodosas, o colarinho alto, o terno branco – sendo de Oxalá não veste senão branco -, por vezes de gola e punhos encardidos. (AMADO, 2008, p. 60-61).

E no decorrer da narrativa, após um fuzuê presenciado por Pedro Archanjo, que Zé de Ogum é preso justamente na Rampa do Mercado, após um embate com a polícia numa festa da Igreja de Conceição da Praia, localizada muito próxima do Mercado, foge para ser pego na rampa: “Só conseguiram prendê-lo no dia seguinte quando, inocente, dormia a sono alto na Rampa do Mercado.” (AMADO, 2008, p. 239).

O sumiço da santa começa com a viagem da imagem de Santa Bárbara, a do Trovão, que sai de Santo Amaro da Purificação para uma exposição de arte em Salvador, e é transportada no Viajante sem porto de Mestre Manuel e de Maria Clara, na travessia, vão junto um padre e uma freira e ainda dona Canô. Este é o acontecimento do ano na cidade. Imagem secular e milagreira viaja a contragosto do vigário.

Eis que, existe toda uma ambientação para a chegada da santa, que ao desembarcar em Salvador, assume-se no sincretismo como Yansã e mexe com a vida de todos na cidade. A chegada da Orixá representada na imagem, se dá pela Rampa do Mercado e é neste lugar onde acontece toda essa transformação, a imagem some e a encantada ganha vida passando a passear na cidade baiana. No momento de sua chegada:

No alto da rampa do mercado, sentado sobre vazio caixão de querosene, um negro bem-vestido, trajando duque branco, gravata-borboleta e sapatos de duas cores reluzindo no brilho do lustre, executava naquele fim de tarde solos de berimbau para pequeno público composto de mercadores de frutas, de vadios capitães da areia e do casal de namorados.(AMADO, 2010, p. 22-23)

Em seguida dá-se a chegada e o sumiço da santa, o que mais tarde fomenta uma grande investigação para saber o paradeiro da mesma. Pessoas foram entrevistadas, e sendo a rampa o lugar do sumiço, ela volta a aparecer: “Acontecera na véspera, na Rampa do Mercado, à chegada do saveiro.” (AMADO, 2010, p. 152-153).

Por fim, há mais um momento de grande fervor que acontece na narrativa envolvendo a Rampa do Mercado. Organizado um grande protesto requerendo a devolução da santa, um grupo se reúne e para a chegada na cidade onde vão desembarcar pela rampa:

Antes que caísse a noite precisavam desembarcar na rampa do Mercado para a manifestação monstro diante dos muros do convento de Santa Tereza, nos portões do Museu de Arte Sacra, na hora em que dom diretor recebesse o governador e o cardeal para o vernissage da exposição: *A Santa É Nossa*. Conduziam doze faixas e cinquenta e dois cartazes. (AMADO, 2010, p. 352)

Ou seja, tudo que acontece de importante passa pela Rampa do Mercado, incluindo o que é mágico. Toda chegada e partida, mudança, encontro, lazer, trabalho, festas, o protagonismo passa por esse lugar que dificilmente está sozinho. Como podemos ver nas citações acima, em muitos casos faz parte de um conjunto de lugares significativos como a feira de Água de Meninos, ou Feira de São Joaquim na imagem abaixo:

Figura 18 - Feira de São Joaquim



Produção da autora (2018)

Presente em muitos dos livros aqui analisados, é em Bahia de todos-os-santos que descobrimos não ser essa feira da qual Jorge Amado cita em seus romances, não a do mesmo tempo, pois, assim como o Mercado, a feira também foi destruída pelo fogo. Na imagem acima está a atual Feira de Água de Meninos/ Feira de São Joaquim, localizada nas proximidades do cais moderno da cidade, e um pouco afastada do centro histórico, onde se encontram os principais pontos turísticos citados por Jorge Amado.

No capítulo que se dedica a falar das feiras e mercados podemos conhecer um pouquinho do que a feira já passou:

A Feira de Água dos Meninos era uma festa noturna, prodigiosa. Um incêndio colossal a destruiu numa noite de tragédia. Proposital, dizem, como o do Mercado Modelo. O incêndio comoveu toda a cidade e o pintor Jenner Augusto fixou para sempre, numa série de quadros belíssimos, o fogo a devorar barracas e entrepostos, labaredas e lágrimas. A feira mudou-se para São Joaquim, mais adiante, provisoriamente. Já vai sair dali, não se sabe ainda aonde irá parar em definitivo esse centro de abastecimento fundamental na vida de Salvador. (AMADO, 2012, p. 348)

A atual Feira de Água de Meninos, diferente de todos os lugares aqui mencionados, dos que são patrimônios, e dos que se localizam no centro histórico da cidade se diferencia dos demais por não ser um lugar que vive do turismo, ou que serve ao turismo da cidade. Percebemos no trabalho de campo através do registro fotográfico, e da pesquisa etnográfica no lugar, que a feira está passando por um processo de reforma e transição nos barracões.

De fato, como Jorge Amado termina sua apresentação da feira como “centro de abastecimento fundamental”, é o que nos pareceu. Existente para abastecer a população local, na feira, encontramos itens que não são os procurados por turistas e que nem podem ser consumidos numa viagem. Ou seja, são mercadorias como feijão, caranguejos vivos na frente da feira, carnes sem refrigeração, corações bovinos, patas, cabeças de cabras, flores, poucos artesanatos, somente em barro, algumas galinhas e namoradeiras, vasos e moringas.

Também percebemos linguiças, azeite de dendê, leite de coco, quiabo, diversos tipos de pimenta, banana, maracujá, acerola, velas, pilões, alho, cestos, esfregões naturais, sardinhas secas, camarões secos, utensílios de alumínio como funis, raladores, lamparinas, colheres de pau, cenouras, chuchus, limões, abóboras, cachimbos, e muitos temperos, açafrão, canela, erva doce, orégano cominho, manjericão, louro, páprica e pamonha de puba que só encontramos lá. Podemos observar um pouco do colorido dos temperos e frutas na imagem abaixo registrada no trabalho de campo:

Figura 19 - Banca na Feira de Água de Meninos



Produção da autora (2018)

Há uma parte recente, onde fica o setor dos peixes, e por ser uma feira muito grande existem diversos setores, de animais vivos, de carnes de diversos animais como cabras, vacas, sem refrigeração, um setor de venda de artigos religiosos de candomblé, de objetos de barro como moringas, vasos, jarros, e ainda nos setores alimentícios, diversos temperos, frutas variadas, chás, folhas medicinais. Os preços são muito acessíveis, sendo bastante baratos. Como a imagem demonstra um saquinho de temperos pode sair por R\$:1,00 real.

A parte mais precária da feira trata-se da parte onde são vendidas as carnes, sem refrigeração, de chão batido, diversas barracas, algumas de alvenaria outras com lonas e tábuas somente, não são planejadas e entre o trânsito por entre as bancas passam

pessoas e motociclistas em corredores apertados. A parte externa da feira é repleta de vendedores ambulantes que vendem diversos produtos, entre eles, caranguejos e frutas.

Então, as aparições da feira de Água de Meninos na literatura amadiana são frequentes e bastante diversificadas quanto ao motivo, a feira é o destino que Balduino deve seguir para comprar um par de sapatos, é também o local de trabalho de um feirante, espaço de briga, território de Mestre Manuel, é local de venda, mas também de canto em celebração a Iemanjá, é o local onde cargas são descarregadas, meio onde as fofocas são espalhadas, comidas saboreadas e é o lugar mais expressivo quanto ao trabalho e mercadorias para os personagens. Seu envolvimento com esse espaço resulta na construção de um lugar que possui várias funções e que quase sempre faz parte de um conjunto maior de lugares.

O que acontece como vimos em análises de outros lugares, é que muitas vezes a feira de Água de Meninos é citada como um dos lugares que dizem respeito as relações de um personagem. Assim, ao falarmos de um lugar, outro é incluído também e o leitor deve recordar nas inúmeras vezes em que isso aconteceu com este lugar. Ainda assim, existem trechos expressivos que merecem ser destacados com relação a feira, por isso, mostraremos alguns deles.

Em mais da metade das obras aqui analisadas a Feira de Água dos Meninos é um lugar frequente aos personagens, em alguns romances sua frequência é maior como em *Os pastores da noite*, como veremos na análise, em outros é menor, e em alguns já demonstramos amplamente através de outros lugares como é o caso na novela de Quincas. Assim, começando por *Jubiabá*, onde Balduino, que vende sambas e que é um dos personagens mais queridos, deseja comprar um par de sapatos: “Antônio Balduino estava bem preciso de dinheiro para comprar um sapato novo que vira na feira de Água de Meninos, Foi buscar o violão e cantou vários sambas. O homem gostou de dois.” (AMADO, 2008, p. 87).

Como observamos também com outros lugares, a relação dos personagens com o lugar vai sendo construída na narrativa, de diversas formas, até que percebemos a importância do mesmo na essência do personagem. Mestre Manuel que figura em muitos romances tem seu território delimitado em *Jubiabá* e entre os lugares por onde é respeitado está a feira: “É um marinheiro cor de bronze, isso sim, um marinheiro que raramente fala, e que é respeitado em toda a zona de cais do porto da Bahia, da feira de

Água de Meninos, dos botequins do cais, dos botequins de todos os pequenos portos onde para seu saveiro.” (AMADO, 2008, p. 143).

Em seguida, ainda no mesmo romance, a feira é o local onde alguns personagens levam um urso para tentar ganhar algum dinheiro com o animal, usando-o como uma atração. Também há um momento de briga, onde toda a feira briga, como um conjunto e ainda, uma descrição da feira na literatura, pela voz dos personagens, diferente da descrição que é feita pelo autor em *Bahia de todos-os-santos*. Então em *Jubiabá*:

A feira de Água de Meninos começa na noite do sábado e se estende pelo domingo até o meio dia. Porém, na noite de sábado é que é bom. Os canoieiros atracam as suas canoas no porto da Lenha, os mestres de saveiros deixam os seus barcos no pequeno porto, homens chegam com animais carregados, as negras vêm vender mingau e arroz-doce. Bondes passam perto, cheios de gente. Todo mundo vem à feira de Água de Meninos. Uns vêm para comprar mantimentos para a semana, outros vêm pelo prazer do passeio, para comer sarapatel, para tocar violão, para arranjar mulher. A feira de Água de Meninos é uma festa. (AMADO, 2008, p. 240)

Como podemos ver, na citação acima nos é apresentada a dinâmica temporal da feira que varia de acordo com o dia da semana e a multiplicidade de relações que existem, e seus usos variados. No romance marítimo *Mar Morto* a feira é um lugar de vendas: “Já Rodolfo não parecia um homem dali. Seu pai chegara um dia, abrira uma venda, que faliu. Apesar disso não saiu do cais, arranjou uma portinhola no mercado, vendia na feira de Água dos Meninos.”(AMADO, 2008, p. 54), relacionada com o Mercado da cidade, é o lugar de desembarque de cargas que vem para abastecer a cidade como podemos ver no trecho que descreve o medo de Guma de encontrar o marido de sua amante:

Logo que Livia melhorou ele viajou. Fugia de Esmeralda que agora o perseguia, queria marcar encontros em pontos desertos do areal do cais, ameaçava fazer escândalo. Mas fugia principalmente de encontrar Rufino que chegava daí a poucos dias trazendo uma carga para a feira de Água dos Meninos do próximo sábado. (AMADO, 2008, p. 184)

São mais raras as citações em que encontramos a feira sem demais lugares relacionados, e mais raro ainda são passagens que associem a feira a religiosidade baiana, o que acontece em *Mar Morto* com relação a Orixá das águas do mar, Iemanjá, onde, no dia de sua festa há música em sua homenagem: “Cantam assim nessa noite de Iemanjá. Aquele terreno ali é onde se realiza a feira de Água dos Meninos, a maior da Bahia. Adiante, em Itapagipe, fica o porto da Lenha, porto dos canoieiros. E entre os dois, a morada de Iemanjá, numa pedra do mar.” (AMADO, 2008, p. 81).

Além da música que é cantada, podemos perceber a proximidade com o lugar que é morada da divindade, isso só nos é revelado neste romance. Assim, como, só desta vez o sagrado está associado a Feira de Água de Meninos. Já em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, ao contrário de *Mar Morto* onde vimos alguns pontos únicos sobre a feira, na novela de Quincas a feira somente se faz presente se associada a outros lugares.

E como citamos muitos dos lugares anteriormente, todas essas passagens da feira de Água de Meninos estão nas análises anteriores, seja do Mercado, seja da Rampa ou de outra forma. Lembramos que sua primeira aparição se dá com a proliferação da fofoca sobre a morte de Quincas, e assim, vem junto da relação com o Mercado, em seguida surge como um dos lugares onde frequentemente havia uma roda de capoeira, e neste momento faz parte do conjunto de lugares com a Rampa, o mercado das Sete Portas e ainda a estrada da Liberdade. Mais tarde, no mesmo romance a Feira de Água de Meninos é um dos lugares preferidos de Cabo Martim junto da Rampa do Mercado, e por fim, já nas páginas finais da obra, mais uma vez é relacionada as Sete Portas e a Rampa.

Também em *Tenda dos Milagres*, a Feira vem acompanhada do mercado das Sete Portas na descrição do Major, que anteriormente trouxemos na análise, sendo um dos lugares frequentes do personagem. E assim, a obra onde mais há referência a feira trata-se de: *Os pastores da noite*. Mais de uma dezena de vezes a feira é mencionada como um lugar importante na narrativa.

De variadas formas vamos encontrando a feira nas três histórias que compõem *Os pastores da noite*, nas primeiras páginas, há a menção de um batoteiro da feira, mais tarde é Cabo Martim quem visita a Feira de Água dos Meninos e também o Mercado das Sete Portas, sujeitos encontram a feira por acaso, assim como três sertanejos se espantam com ela:

Iam os três sertanejos andando por Água de Meninos, de boca aberta, nunca tinham visto feira como aquela nem imaginavam sequer enormidade assim, quando depararam com o cabo instalado à sombra de uma árvore, os parceiros sentados em caixões e tamboretas, os moleques em redor, os choferes de arquibancada nos caminhões. (AMADO, 2009, p. 40)

Quando a polícia está em lugares estratégicos na cidade, estes localizam-se na feira de Água de Meninos, no Mercado, no Pelourinho, nas Sete Portas. Chegada a data

da celebração do aniversário de Tibéria, festa de arromba, de durar vários dias e de muitos convidados, classificados por “lugares”, como já citamos anteriormente, fazem parte dos convidados o povo do Mercado, do Pelourinho, da Rampa, das Sete Portas e de Água de Meninos. As notícias e informações passam pela feira em *Os pastores da noite*, ou seja, há a circulação de informações por esse lugar. Assim, como a feira é citada entre os lugares que definem Cabo Martim, como um dos seus lugares preferidos.

Como pudemos perceber, existem lugares que sempre aparecem junto de outros lugares, assim, não poderíamos ignorá-los, mas é interessante destacar sua diferença quanto aos demais. É o caso do Mercado das Sete Portas, esse lugar é sempre citado junto de outros lugares, Pelourinho, Mercado, Feira de Água de Meninos, sendo um lugar que aparece em pelo menos cinco obras analisadas e possuindo pelo menos onze passagens com citações. No entanto, somente em um momento o Mercado das Sete Portas não surge na literatura em conjunto de outros lugares.

Se rememorarmos os trechos que se dedicam a falar do território do Pelourinho em *Tenda dos Milagres*, se pensarmos nos lugares por onde se ouviu o berro de Quincas, onde as rodas de capoeira se formam, todos esses acontecimentos são situados também neste Mercado, mas nos chamou atenção em como somente em *Os pastores da noite*, em referência a um botequim, o Mercado das Sete Portas surge exclusivamente:

E se lá não estivessem os amigos, Pé-de-Vento iria até o botequim de Isidro do Batualê, nas Sete Portas, iria ao cais, ao bar de Cirilíaco nos limites da lei, com seus contrabandistas e seus maconheiros, iria ao ensaio do afoxé, ao castelo de Tibéria, iria por toda parte até encontrá-los, mesmo ensopado de chuva começando a cair em grandes bategas. (AMADO, 2009, p. 23)

É uma peculiaridade do lugar que justamente se torna um lugar pela ideia coletiva dentro de um território, mas que não narra as experiências individuais dos personagens com esse espaço. Assim, citamos anteriormente para falarmos dos outros lugares, todos os trechos onde o Mercado das Sete Portas se faz presente, com exceção do trecho que se dedica a sua explicação em *Bahia de todos-os-santos*:

O Mercado das Sete Portas, tradicional, reúne ainda, às noites, os apreciadores do bom sarapatel, para as longas prosas sobre as festas de candomblé e os afoxés de Carnaval. Ali fretam-se mulheres e ainda se ri a boa gargalhada. Há quem diga que o pintor Carybé nasceu nas imediações do Mercado das Sete Portas. Ele próprio o afirmou numa entrevista e o escultor Mirabeau Sampaio diz possuir provas do fato. (AMADO, 2012, p. 348)

A citação acima encontra-se no capítulo que se dedica a comentar os mercados e feiras da cidade, estando no grupo dos mercados mais populares. E ainda que este seja

um guia, e que trate de lugares reais, a liberdade da literatura se faz presente, incluindo amigos de Jorge Amado como Carybé e Mirabeau e vale ressaltar que Carybé é argentino.

O Mercado das Sete Portas é um mercado que tem sua finalidade como a Feira de Água de Meninos, ou seja, é voltado muito mais ao abastecimento da população local do que ao turismo. Assim, este mercado se localiza longe do centro histórico e turístico da cidade. Não constando nos mapas turísticos que ilustram quase todos os lugares que analisamos.

Para Tuan, “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar.” (TUAN, 2013, p. 96). Ou seja, todo lugar é marcado por uma localização, assim, funcionam como um conjunto que possui significado, história, para que seja um lugar, é preciso existir uma relação de proximidade entre o espaço em questão e os sujeitos que o habitam. Desta forma, através das vivências, os lugares carregam tanto as experiências, como as aspirações das pessoas.

Pensando assim, consideramos a “zona do cais” como mais um lugar dentro da narrativa, pois, além de ser um dos elementos essenciais da paisagem da cidade, possui fortes laços com os personagens através da moradia, do trabalho, do lazer, estando presente em pelo menos, oito obras das analisadas, ou seja, em quase todas. Em *Suor*, o cais surge como um lugar de trabalho: “Os homens que suavam durante o dia na labuta do cais, na condução das carroças, saltando pelos estribos dos bondes a recolher as passagens, se nem sempre tinham dinheiro para comer, quanto mais para pagar mulher.” (AMADO, 2011, p. 43).

Se, num primeiro romance o cais é um lugar de trabalho, em *Jubiabá*, surge como opção de lar, de casa onde o protagonista, Antônio Balduino, pode passar a noite, no entanto o lugar da escolha não se dá por mero acaso, a narrativa para além do trecho citado expressa o sentimento de pertencimento quanto a cidade e a liberdade, citando assim o cais: “Isso quando não preferem dormir no areal do cais do porto, olhando os navios enormes, as estrelas no céu, o verde mar misterioso.” (AMADO, 2008, p. 74). Nessa curta passagem, podemos notar que começa uma construção na relação com o cais, não mais somente o lugar de trabalho, ainda que seja o lugar de trabalho de muitos personagens, mas é também um lugar seguro.

Ainda em Jubiabá, em outros momentos são citados estivadores do cais, e assim como o Elevador Lacerda torna-se um lugar de morte para Sem-Pernas, o cais oferece também o sentimento de medo para muitos trabalhadores, como veremos, existem muitas passagens que expressam o medo da morte pelos guindastes do cais, são homens que vão ao trabalho com medo e esposas que esperam receosas, há inclusive diversos momentos de greve e entre as pautas estão as condições de trabalho e a morte de diversos homens pelos guindastes, assim, em Jubiabá, a vítima é Clarimundo: “Ele saíra para comprar mas se encontrara com Vicente e deu dez mil-réis para o enterro de Clarimundo, que morreu debaixo de um guindaste no cais do porto.” (AMADO, 2008, p. 252).

Se tivéssemos que escolher um único livro para falarmos sobre o lugar na obra de Jorge Amado esta obra poderia ser *Mar Morto* refletindo sobre o cais como um lugar. Este romance que trata da vida de pescadores e de pessoas que vivem do mar, passa-se justamente no cais da Bahia, e por isso, o cais apresenta todos os elementos sugeridos pela literatura acadêmica na definição de um lugar.

Em *Mar Morto* o cais está presente da primeira a última página do romance, tudo se passa nele, o passado, o presente dos personagens e o futuro que é certo ser uma continuidade da vida marítima que prende as pessoas em redes invisíveis, Lívia, antes mesmo de ter um filho, sabe que se o tiver, seu destino será o mar, como Guma. E o lugar nesta obra vai sendo construído através das vivências e dos significados que vão sendo construídos pelos personagens.

O cais, é o lugar onde simplesmente as pessoas podem estar, é o lugar onde há uma escola e portanto educação, é também o lugar de retorno dos barcos que saem para a pesca, é onde se deve estar num momento de tristeza e num momento de amor, na obra, é onde existe um sentimento familiar, onde há canções que são cantadas e que contam a vida no cais, e até a marcha nupcial dos protagonistas é uma canção do cais. É o lugar onde são contadas velhas histórias do passado e portanto, há uma história, há festa, dificuldades em se viver, trabalho e na última página há a metalinguagem, pois a história que nos foi narrada é também uma história da beira do cais. O que veremos a seguir.

Despretensiosamente o cais é pontuado como um lugar, já nas primeiras páginas da obra quando a mãe do protagonista, Guma, vai até o cais para conversar com

Francisco, na tentativa de reaver seu filho. “Estavam na beira do cais e no mercado vizinho vendiam laranjas e abacaxis.” (AMADO, 2008, p.31). Em se tratando de um momento definitivo da obra o lugar onde a conversa acontece, deve ser considerado.

Mais adiante, podemos perceber o destino daqueles que nascem ali: “Trazia bem pouca coisa da sua infância de filho do mar, cujo destino já estava traçado pelo destino do pai, do tio, dos companheiros, de todos que o rodeavam naquela beira de cais: seu destino era o mar e era um destino heroico.” (AMADO, 2008, p. 46), trata-se de Guma, que vamos conhecendo aos poucos. Sua educação também se dá no espaço do cais, seja a educação formal, seja a educação empírica envolvendo a pesca:

Estivera na escola sim. Era uma casa tosca detrás do cais, a professora rimando sonetos de amor (talvez o amor viesse num navio na noite sempre misteriosa do mar, talvez não viesse nunca e ela era lânguida e tinha voz fresca de desencantada), a garotada contando aventuras de pesca, falando a língua estranha dos marítimos, fazendo apostas sobre corrida dos barcos. (AMADO, 2008, p. 46)

A vida acontece no cais, o trabalho parte dali, e as residências são todas no mesmo espaço, então a partida e a chegada são sempre pelo cais: “Os barcos de pesca voltaram para o cais. Alguns mal tinham começado a pescaria e não tinham feito ainda para as despesas.” (AMADO, 2008, p. 65). É neste momento que os pescadores retornam, que conhecemos algumas leis do cais, como o socorro a quem se encontra em perigo no mar.

Ou seja, existe uma solidariedade que é uma lei para os habitantes do cais: “É mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro e a lei do cais manda que se atenda aos que no mar pedem socorro. Assim, Iemanjá ficará satisfeita com ele, e, se voltar com vida, ela lhe dará a mulher que pediu.” (AMADO, 2008, p. 73).

Num momento de temporal, Guma assume uma postura de herói e busca um navio que esperava entrar no porto, só podendo ser resgatado por um barco menor que o guiaria pelo caminho livre das coroas de pedras que afundam os navios. No perigo iminente, nenhum outro pescador queria ir, então Guma vai e percebemos além da lei que envolve o grupo, também a religiosidade que se faz presente constantemente através da fé em Iemanjá que vive no mar.

Podemos ver momentos de aprendizagem, de memória, de alegria, medo e tristeza que se passam no cais, quando Rosa Palmeirão, amiga de Guma parte da Bahia, o personagem caminha triste pelo cais: “Vai pela beira do cais assoviando baixinho. No mercado cantam.” (AMADO, 2008, p. 93). E mais além, quando avançamos na narrativa, podemos perceber a rede subjetiva que envolve os moradores com o cais:

Se de uma coisa há certeza no cais, mas certeza absoluta, inabalável, é que o dr. Rodrigo é de família de marinheiros, seus pais, seus avós ou outros mais antigos cruzaram os mares nas embarcações, fizeram daquilo seu meio de vida. Porque essa é a única explicação para que um doutor, de diploma e quadro, largasse as ruas bonitas da cidade e viesse morar na beira do cais, numa casa tosca junto com livros, um gato e as garrafas de bebidas. (AMADO, 2008, p. 116)

São constantes no cais as músicas, muitas que cantam a vida no mar são citadas como a seguir: “O barulho da música se estendia até o cais próximo.” (AMADO, 2008, p. 151). A música em si trata-se do momento da festa de casamento de Guma e Lívia: “Sua marcha nupcial fora aquela canção de desgraça. Canção que resumia a vida do cais. “Ele se foi a afogar”, podia qualquer mulher dizer quando o marido saía. Destino triste o dela.” (AMADO, 2008, 153). Em muitos momentos temos a descrição de toda a letra da canção. E como vemos neste trecho, ainda que pequeno, a música expressa o medo real da vida no cais.

Quando Lívia casa-se com Guma passa a acompanhá-lo em suas viagens e quando não o acompanha o medo se faz presente, principalmente ao ouvir as histórias do cais: “Quando não ia , quando ficava em casa sozinha, com o velho Francisco, ouvindo velhas histórias do cais, sabendo de naufrágios, mortes e afogados, o terror a invadia.” (AMADO, 2008, p. 160). E na mesma página, podemos ver mais uma das leis do cais:

Outras mulheres do cais olhavam indiferentes os maridos que partiam. Mas aquelas haviam nascido ali, haviam assistido à chegada do corpo do pai, de um irmão, de um tio. Sabiam que era assim, que era a lei do cais. Há no cais qualquer coisa ainda pior que a miséria das fábricas, a miséria dos campos: há a certeza de que o fim será a morte no mar, numa noite inesperada, numa noite de repente. Elas sabiam disso, era uma sina milenar, era um destino traçado. Ninguém se revoltava. Choravam pais, arrancavam os cabelos quando os maridos ficavam, se atiravam com fúria ao trabalho ou à prostituição até que os seus filhos crescessem e se fossem também por sua vez. Elas eram do cais, traziam os corações já tatuados. (AMADO, 2008, p. 160)

Mas, não só a dor é sentida no cais, ainda que a dor seja uma constante na vida dos que ali vivem. As festas também são comemoradas no cais, as juninas e em

dezembro: “Dezembro era mês de festa na cidade e no cais.” (AMADO, 2008, p.213). Mais adiante as dificuldades na pesca culminam numa greve que os estivadores vencem: “Os mestres de saveiro e os canoieiros passavam grande parte do tempo na frente do cais do mercado comentando a vida difícil, o paradeiro do fim do ano.” (AMADO, 2008, p. 225), e a greve: “Estavam tão ruins que os estivadores falavam mesmo em entrar em greve.” (AMADO, 2008, p. 225).

E por fim, a obra é fechada pela religiosidade presente na narrativa, no momento final, quando Lívia assume o lugar de Guma, dando continuidade a sua história no *Valente* (barco de Guma), para sustentar seu filho através do seu trabalho, Iemanjá está presente:

Olharam e viram. Dona Dulce olhou também da janela da escola. Viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. Começava a se realizar. No cais os marítimos viam Iemanjá, dos cinco nomes. O velho Francisco gritava, era a segunda vez que ele a via. Assim contavam na beira do cais. (AMADO, 2008, p. 272)

O trecho final revela-se como mais uma história contada na beira do cais, Dona Dulce é a professora da escola do cais, e o milagre é a utopia, a fé na mudança do mundo para melhor, é a luta do povo que em diversas passagens das obras é mencionada como milagres do povo, como a luta diária em meio a tanta pobreza e miséria e que por ser tão guerreiro, o povo ainda consegue ter alegria. No leitor fica a dúvida e os diversos significados que podem ser entendidos nesse final. Iemanjá a orixá poderia estar no barco junto de Lívia, alguns a veem, mas também, a própria Lívia, no ato de coragem, nunca antes visto uma mulher assumir um saveiro, pode ser a força da Orixá e assim ter um pouco da divindade em si.

Capitães da Areia também se passa principalmente no cais da cidade, uma vez que o grupo de meninos de rua descobre um casarão abandonado e o escolhe para ser o seu lar, então, assim como é frequente em *Mar Morto*, o cais é um lugar de amor e de dor para os meninos que ali vivem:

Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches onde por vezes a água subia tanto que ameaçava leva-los. E desde esta noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela. Na frente, a vastidão da areia, uma brancura sem fim. Ao longe, o mar que arrebentava no cais. (AMADO, 2008, p. 28).

O cais possui um papel tão importante na obra *Capitães da Areia* que chega tornar-se parte do território dos meninos de rua. Em seu núcleo temos o trapiche e o casarão abandonado, há hipóteses de que esse casarão seria o solar do Unhão, mas essa hipótese não foi comprovada. A localização exata do esconderijo nunca foi descoberta. Mas sabe-se que era nessa zona portuária, próxima aos lugares que destacamos. O cais é um lugar de circulação de informações, e de afetividade de Quincas, sendo um dos lugares citados na obra por onde a notícia de seu berro correu. Somente não citaremos esta passagem por já ter sido citada em outro momento.

Em *Os pastores da noite* o cais faz parte da vida dos personagens de forma semelhante como nas obras já citadas, Otália gosta de passear pelo cais para espiar os navios após o trabalho, histórias de valentia saem da volta do cais e percorrem a cidade, a festa de aniversário de Tibéria retumba até no cais, entre outros momentos em que podemos observar este lugar como essencial aos personagens.

Outro ponto interessante que podemos destacar, acontece em *O sumiço da Santa*, quando a imagem de Santa Bárbara some na cidade, mexendo com a vida de todos os habitantes, o cais é ocupado pela Polícia Federal na operação de busca da imagem que acabou gerando um evento sensacionalista, onde inúmeros telefonemas anônimos eram feitos aos jornais com pistas sobre o possível meliante da imagem:

Ficassem a postos, recomendavam, pois novas e maiores informações seriam transmitidas. Detalhe curioso: os telefonemas, fora fácil comprovar, não provinham das repartições policiais, mas tampouco houve desmentido: nem no edifício do Largo da Piedade nem no armazém do Cais do Porto. (AMADO, 2010, p. 142)

Por fim, em *Tenda dos Milagres* o cais serve também como lugar de partida para alguns personagens, sempre acompanhados até o local por Pedro Archanjo, mas também é um dos lugares por onde passam as informações, as histórias dos feitos do protagonista: “Até hoje narram nas casas de santo, nos mercados e feiras, no cais do porto, nas esquinas e becos da cidade, diferentes versões, todas heroicas, do encontro de Pedro Archanjo, quando a atrabiliária autoridade invadiu o terreiro de Procópio.” (AMADO, 2008, p. 130).

Em *Bahia de Todos-os-Santos* o cais possui grande dissertação, no entanto escolhemos o trecho que melhor retrata os elementos que percebemos no cais durante a narrativa, ou seja, um cais que já não existe e que está no passado, com boêmios,

malandros, grevistas, estivadores e Capitães da Areia, esse é o cais que até no próprio guia, diversas vezes atualizado já não existe mais:

O cais dos grandes navios estende-se ao largo de dez armazéns de docas e da Estação Marítima. Nas proximidades, a Base Naval. Antes, aqui, era o areal onde os malandros, os boêmios, os Capitães da Areia dormiam a sesta, conversavam sob o solão da tarde, jogavam ronda. Velhos estivadores ainda relembram a saga das grandes greves quando figuras de doqueiros e capoeiristas ficaram lendários. (AMADO, 2012, p. 93)

Um dos lugares mais emblemáticos dentro da narrativa que se compõe no conjunto de obras amadianas é a Baixa dos Sapateiros, e o interessante é perceber que esse lugar não se materializa em um prédio ou outra construção, mas sim no lugar em si, que envolve uma área de comércio usada pelos moradores, diferente dos outros lugares anteriormente trabalhados e que atualmente possuem uma ligação com o turismo da cidade. Como podemos ver abaixo, é o comércio da cidade, próximo ao centro histórico.

Figura 20- Baixa dos Sapateiros



Produção da autora (2015)

A Baixa dos Sapateiros é um dos lugares mais frequentes nas obras aqui trabalhadas, sua ausência somente acontece em *Mar Morto*. Já no primeiro romance de Jorge Amado, *O país do carnaval*, podemos conhecer a Baixa dos Sapateiros como um local de comércio: “Somente a Bebê, a mais moça, seios ainda a aparecer, ficava em

casa a bordar sapatinhos para recém nascidos. (Tinham grande saída. Vendiam-se numa loja da Baixa dos Sapateiros como produto francês).” (AMADO, 2011, p. 60).

Mas, se em *O país do carnaval* uma personagem vende algo na Baixa dos Sapateiros, em *Suor*, acontece de alguém comprar algo: “A latinha de brilhantina custava quinhentos réis nas lojas da Baixa dos Sapateiros. Ele preferia não tomar a média com pão no Bar Elegante a deixar de comprar a brilhantina.” (AMADO, 2011, p.16). No entanto, além do comércio, a Baixa dos Sapateiros configura-se como um lugar devido principalmente pela sua relação com o cinema e os personagens que os frequentam, em diversas das obras analisadas, podemos ver principalmente mulheres que frequentam o cinema na Baixa dos Sapateiros e esse é o único lazer que possuem, assim como a única atividade cultural que tem acesso, em *Suor* podemos ver um grupo de trabalhadores que vai ao Olímpia:

Os grandes cinemas estavam fechados para eles. Também as farras de automóvel, com bebidas finas. Restava o Olímpia, na Baixa dos Sapateiros, onde, de mistura com filmes falados, passavam películas velhíssimas. Eles não se importavam. Como as crianças, aqueles homens suados amavam as fitas de caubóis, nas quais, invariavelmente, o rapazinho surrava o bandido na conquista da mocinha e do ouro do Oeste americano. (AMADO, 2011, p. 48)

Em contrapartida, em *Jubiabá* a Baixa dos Sapateiros aparece em diversos momentos somente como um local de passagem, e mais tarde como um lugar de protesto. Acreditamos que essa variedade de usos do mesmo lugar complementa a formação do mesmo, assumindo importância para os personagens que de uma forma ou de outra criam relações e significados com esse espaço. Assim em *Jubiabá* quando são propagadas ideias de greve: “Todos os postes têm manifestos. Também nos muros do Ramos de Queirós, da Baixa dos Sapateiros, pregaram manifestos.” (AMADO, 2008, p. 302),

A Baixa dos Sapateiros é um dos percursos dos Capitães da Areia, inclusive na fuga de Sem Pernas a caminho da morte, também é o local de furto como podemos ver: “Depois bateram juntos um par de sapatos novos que estava exposto na porta de uma casa na Baixa dos Sapateiros.” (AMADO, 2008, p. 40).

Em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, primeiro a família de Quincas discute sobre a morte em um restaurante e soubemos existir um cinema logo a frente: “O conselho de família não durou muito tempo. Discutiram na mesa de um restaurante

na Baixa dos Sapateiros. Pela rua movimentada passava a multidão, álcere e apressada. Bem em frente, um cinema.” (AMADO, 2008, p. 31). Mais adiante, percebemos a Baixa dos Sapateiros como o local de trabalho de Curió: “Empregava ele seus múltiplos talentos na propaganda de lojas da Baixa dos Sapateiros.” (AMADO, 2008, p. 54).

Ou seja, já observamos esse lugar como um local de comércio, de venda e de compra, também de roubo pelos Capitães da Areia, é o local de lazer com o cinema, de encontro de uma família e o local de trabalho de Curió. Para Dona Flor, a Baixa dos Sapateiros é o lugar onde vive uma amiga. E em *Os pastores da noite* Curió continua a trabalhar no mesmo lugar como podemos ver: “Atira-se Curió em desespero à propaganda do queima da Barateza do Mundo. Sua voz corta a Baixa do Sapateiro, gritando as chalaças habituais, soltando as graçolas de infalível sucesso.” (AMADO, 2009, p. 83). Assim, Curió trabalha no mesmo comércio em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* e em *Os pastores da noite*.

O “povo” da Baixa do Sapateiro faz parte dos convidados dos eventos como o aniversário de Tibéria, o batizado do filho de Massu, e são assim referidos os que vivem e frequentam estes lugares. E como neste sentido, são sempre citados junto de outros lugares que já trabalhamos anteriormente, não tornaremos a repetir aqui estes trechos, mas salientamos a sua existência.

Já em *Tenda dos Milagres*, as menções a Baixa dos Sapateiros são variadas nos usos, é lá que trabalham ouro, é lugar onde chega a notícia da morte de Pedro Archanjo, e os cinemas são frequentes, faz parte do percurso da greve e o povo da Baixa do Sapateiro faz parte da freguesia da Tenda dos Milagres. É interessante pontuar a presença de prateleiros que trabalham quase como artesãos na baixa dos sapateiros: “Prateleiros trabalham os metais nobres: a prata e o cobre se revestem de uma sóbria beleza em frutas, peixes, figos, balangandãs. Na Sé e na Baixa dos Sapateiros tocam o ouro e ei-lo virado em colares e pulseiras.” (AMADO, 2008, p.15)

Os Balangandãs são espécies de amuletos contra o mau olhado, usados por baianas e compõem objetos expressivos sobre a Bahia, no Museu Afro Brasil, localizado no Ibirapuera em São Paulo, podemos ver na exposição permanente, inúmeros balangandãs feitos de ouro e prata usados por escravas e baianas em Salvador onde desconhece-se a origem de compra destas joias que formam uma penca com figas,

pimentas e outras formas. Na cozinha da casa de Jorge Amado no Rio Vermelho é possível ver um balangandã:

Figura 21 - Balangandã



Produção da autora (2018)

E por fim, podemos reconhecer mais uma vez a Baixa dos Sapateiros como o lugar de uma “população”, ou seja, de um grupo de pessoas que pertence a esse lugar e que é assim referida em acontecimentos importantes como o batizado do filho de Massu e abaixo, a notícia da morte de Pedro Archanjo, Ojuobá:

De repente a ladeira começou a animar-se. Do largo da Sé, da Baixa dos Sapateiros, do Carmo, surgiram homens e mulheres apressados e aflitos. Não vinham pela morte de Pedro Archanjo, sábio autor de livros sobre miscigenação, talvez definitivos, e, sim, pela morte de Ojuobá, os olhos de Xangô, um pai daquele povo. (AMADO, 2008, p. 36)

A partir de agora, analisaremos alguns lugares que são fundamentais em algumas obras, mas que são diferentes aos já trabalhados, comuns em muitas obras. Os lugares a seguir adquirem uma importância muito grande em determinadas narrativas, e sendo assim, não podemos ignorá-los como lugares que são.

Iniciamos esse bloco de lugares menos frequente pela Igreja e Convento de São Francisco de Assis, que fica localizada no Terreiro de Jesus, Largo do Cruzeiro. Inaugurada em 1713 a Igreja de São Francisco possui mais de trezentos anos, tendo sido erguida entre os séculos XVII e XVIII é considerada um ícone do barroco brasileiro, atualmente ainda funciona como igreja e como convento franciscano. Foi tombada como patrimônio pelo IPHAN em 1985 e é considerada como uma das sete maravilhas de origem portuguesa no mundo. Portanto é patrimônio da humanidade.

Figura 22 - Igreja de São Francisco de Assis



Produção da Autora (2018)

Notamos que essa igreja existe na literatura amadiana como a igreja “oficial” dos cultos católicos, ou seja, ela apresenta uma particularidade dentro da narrativa, a Igreja do Bonfim é marcada pelo sincretismo nas festas e cultos, a do Rosário dos Negros pertence a população típica de Jorge Amado, ou seja, os mais pobres, e a de São Francisco percebemos a menção aos ritos católicos como casamentos e batizados como

vimos ao trabalharmos o lugar com a Igreja do Rosário dos Negros, na fala do padre o batizado dos ricos acontecia na Igreja de São Francisco de Assis ou na da Graça.

Na primeira história de: *Os pastores da noite*, três sujeitos que vieram do sertão passeiam pela cidade de Salvador e entram na Igreja de São Francisco de Assis, e o que é pontuado quanto a ser visto na igreja? O ouro. Essa igreja é a igreja brasileira com maior quantidade de ouro em seus ornamentos:

Estavam passeando na capital, trocando pernas pelas ruas, entrando em igrejas, na do Bonfim para pagar promessa, na de São Francisco para ver a ourama desparramada pelas paredes, visitando os lugares afamados, e dessa forma chegaram à Feira de Água de Meninos. (AMADO, 2009, p. 39)

Em *Tenda dos Milagres*, na quarta de cinzas, após o carnaval na cidade, podemos perceber a Igreja de São Francisco de Assis, junto de outras igrejas na cerimônia de cinzas, ou seja, em culto católico, diferente da forma como as outras igrejas aparecem na narrativa. Assim, cada lugar possui um uso específico, com suas particularidades e com isso um significado para os personagens:

Com gestos e risos, se entendiam fácil; de mãos dadas passearam: assistiram às Cinzas na igreja de ouro de São Francisco, na igreja de pedras da Sé, na igreja azul do Rosário dos Pretos. Espectros de luto, velhas beatas curvas ao peso das culpas do tempo pagão do Carnaval, dos pecados dos homens, recebiam as cinzas da penitência. (AMADO, 2008, p. 74)

Vão de mãos dadas uma Sueca, turista e Pedro Archanjo. E mais uma vez podemos perceber a menção do ouro da igreja. Ao pensarmos na igreja de São Francisco, inconfundivelmente a imagem do ouro vem a mente daquele que o faz, tamanha é a quantidade e exuberância da riqueza da igreja como podemos ver na imagem abaixo, registrada no trabalho de campo em 2015:

Figura 23 - Interior da Igreja de São Francisco de Assis



Produção da autora (2015)

Na narrativa não encontramos passagens que estão ligadas somente aos momentos de ritos na igreja, há também as relações com os sujeitos que trabalham com a igreja, na história de Pedro Archanjo, algumas pessoas foram importantes na sua educação e em sua vida, e entre elas está um frade do convento de São Francisco.

O resto aprendeu sozinho, entretanto jamais esteve solitário, não lhe faltou apoio e amizade. A lembrança de Noca, a presença de Tadeu, a urgência de Lídio, a vigilância de Majé Bassã, a ajuda do professor Silva Virajá, o estímulo de frei Timóteo, o frade do convento de São Francisco, a assistência da boníssima Zabela, amiga inigualável. (AMADO, 2008, p.173).

Eis que a Igreja e Convento de São Francisco de Assis possui um claustro todo revestido de azulejos portugueses, que infelizmente estão necessitados de restauração, sem perspectiva de restauro, pois depende exclusivamente de verba governamental. Neste sentido percebemos que a cidade com o turismo movimenta grande parte de sua economia, mas não existem taxas para os turistas, de forma que não há um imposto que seja revertido para a manutenção da parte histórica na cidade. Como acontece em outras cidades pelo mundo como Roma.

Figura 24 - Claustro da Igreja de São Francisco de Assis



Produção da autora (2015)

Ainda que um lugar seja tombado e reconhecido como patrimônio, isso não garante a sua preservação, e nem mesmo o cuidado necessário para que seja restaurado e reparado, e essa é uma realidade vivida por diversas cidades brasileiras com relação aos seus patrimônios materiais históricos.

Continuando nossa análise, mais uma vez podemos perceber a igreja de São Francisco em *Tenda dos Milagres* com relação ao seu propósito católico, desta vez, um personagem que participa da missa: “Na missa, em São Francisco, viu a moça Lu com grandes olhos e os cachos loiros; a imagem o perseguiu no sonho.” (AMADO, 2008, p. 223). Por fim, a igreja é o local da cerimônia de um casamento onde o noivo sofre preconceito:

Em desespero, o coronel ameaçou fazer e acontecer, acabar com o casamento a tiros, “romper a cara do negro no chicote”. Não fez nada, embarcou para a fazenda quando os proclamas foram fixados no fórum e os banhos lidos na igreja de São Francisco. Os comentários, os fuxicos, as comadres em risinhos e perguntas não ecoavam nas plantações e nas pastagens. (AMADO, 2008, p. 233)

O racismo é abordado de várias formas neste romance, seja por uma tese defendida por um professor na Faculdade de Medicina que possui ideologia nazista e

que defende a supremacia de raças, seja como vemos na citação acima no comportamento de um pai sobre o casamento de sua filha com um “mulato”, expressão contida no romance para designar o personagem. O escândalo, confronto familiar, a renegação da filha pelo pai, são consequências do racismo existente.

E como um lugar puxa outro lugar, partimos então para a explanação sobre o Terreiro de Jesus, onde a Igreja de São Francisco fica localizada. O Terreiro de Jesus é mais frequente que a igreja recém trabalhada. Se faz presente em pelo menos seis obras e dentro destas possui grande importância. O Terreiro de Jesus é um lugar que surge sempre relacionado a outros lugares, seja a Igreja de São Francisco, seja a Faculdade de Medicina e também como um lugar de passagem, por ser um largo, como se vê na imagem abaixo:

Figura 25 - Terreiro de Jesus



Produção da autora (2015)

Neste sentido chega-se à Igreja de São Francisco de Assis e no sentido oposto a catedral da cidade e a Faculdade de Medicina, atualmente Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, que veremos em seguida. Em *Dona Flor e seus dois maridos*, o

Terreiro de Jesus surge em três momentos como um caminho de passada que leva à igreja, ou como caminho de quem sai da Faculdade de Medicina e por isso atravessa o terreiro.

No entanto, há uma passagem significativa, aonde Dona Flor vai a Sociedade Baiana de Farmácia que se localiza no terreiro de Jesus, pois, seu segundo marido é farmacêutico: “Mal completara dona Flor dois meses de casada quando subiu pela primeira vez as escadarias a conduzir às salas da Sociedade Bahiana de Farmácia, no segundo andar de um prédio colonial no Terreiro de Jesus.” (AMADO, 2008, p. 313).

Já em *Os pastores da noite*, cabo Martim mete-se em um escândalo próximo do Terreiro de Jesus, um padre precisa ir num consultório do Terreiro, Massu caminha pelo largo e um cortejo parte do Terreiro de Jesus para o Batizado do filho de Massu na Igreja Rosário dos Negros, muitas dessas passagens foram utilizadas em citações de outros lugares já trabalhados. Assim, predominantemente nesta obra o Terreiro de Jesus é um espaço de deslocamento, mas que é um lugar, pois, há um “povo” do terreiro: “Enquanto Cravo na Lapela foi com a filha atender ao chamado da mulher, Massu saiu pelo Terreiro de Jesus e imediações a procurar o jovem esteio da sociedade e futuro benemérito da pátria.” (AMADO, 2009, p. 166).

Em tenda dos milagres são inúmeras as passagens em que identificamos o Terreiro de Jesus seja como caminho, como um lugar que leva a Faculdade de Medicina, ou como um lugar que possui sua população própria, seus trabalhadores, seus passantes: “Numa dessas tardes, de sol claro e doce brisa, Archanjo vinha pelo Terreiro de Jesus em seu passo levemente gingado.” (AMADO, 2008, p. 92). Ou ainda: “Enquanto de joelhos ela reza o padre-nosso, Pedro Archanjo foi em busca de Anísio, sacristão da catedral e seu conhecido de muitos anos no Terreiro de Jesus.” (AMADO, 2008, p. 201).

Tenda dos milagres, escrito durante a Ditadura Civil Militar brasileira possui discussões bastante interessantes sobre a imprensa, o papel da imprensa, teorias de raça, de superioridade, de preconceitos e em meio a discussão sobre nazismo, separatismo eis que surge o diálogo que se passa no Terreiro de Jesus:

-Será que não? Eu penso que os orixás são um bem do povo. A luta da capoeira, o samba de roda, os afoxés, os atabaques, os berimbaus são bens do povo. Todas essas coisas e muitas outras que o senhor, com seu pensamento

estreito, quer acabar, professor, igualzinho ao delegado Pedrito, me desculpe lhe dizer. Meu materialismo não me limita. Quanto à transformação, acredito nela, professor, e será que nada fiz para ajudá-la? O olhar se perdeu na praça do Terreiro de Jesus: -Terreiro de Jesus, tudo misturado na Bahia, professor. O adro de Jesus, o terreiro de Oxalá, Terreiro de Jesus. Sou a mistura de raças e de homens, sou um mulato, um brasileiro. (AMADO, 2008, p. 247).

E todas essas discussões se dão entre a população e entre aqueles que estão ligados a faculdade de medicina, Pedro Archanjo, protagonista, é um dos principais elos deste universo, trabalha na faculdade, mas não possui formação superior, embora possua grande conhecimento sobre diversos assuntos. Assim, no confronto de ideias de superioridade e racismo: “Os estudantes manifestaram a favor de Pedro Archanjo, discursos cadentes no Terreiro de Jesus contra a discriminação e o racismo.” (AMADO, 2008, p.253). Ou seja, o Terreiro de Jesus é um lugar também de luta e de protestos.

Em *O sumiço da santa* percebemos capoeiras no Terreiro de Jesus, são um grupo que passa por esse lugar, e é interessante considerar que atualmente há um grupo de capoeiristas que fica diariamente, durante todo o dia no Terreiro de Jesus, e estes capoeiristas interagem com os turistas passantes, tiram fotos, chamam os turistas para a roda, mas através da observação entre os anos de 2015 e 2018, percebemos que esse grupo, não parece ser uma continuidade como acontece com as baianas do acarajé. Abaixo podemos ver a roda de capoeira no Terreiro de Jesus, muito próximo a faculdade de medicina que atualmente é o Museu de Arqueologia e etnologia da UFBA:

Figura 26 - Capoeira no Terreiro de Jesus



Como podemos ver na imagem acima, há um grupo de capoeiristas no Terreiro de Jesus. No entanto, há outro espaço onde podemos conhecer acapoeira na cidade de Salvador, em Santo Antônio Além do Carmo, um lugar pouco citado por Jorge Amado, num antigo forte, atualmente existe uma espécie de museu da capoeira na Bahia e sua história. Mas em sua literatura a capoeira se faz presente na parte mais central próxima aos lugares mais conhecidos como vemos:

Depois de atravessar o Terreiro de Jesus, a Praça da Sé e a Misericórdia, os capoeiristas desceram a Ladeira da Praça, saíram em frente ao Corpo de Bombeiros, cruzaram a Praça dos Veteranos, subiram a Ladeira da Independência, ocuparam o Campo da Pólvora onde foi fuzilado frei Caneca, o revolucionário. (AMADO, 2010, p. 289)

Mais uma vez, o Terreiro de Jesus é citado e junto dele outros lugares não tão comuns nas obras trabalhadas, o que dá destaque ao lugar que é frequente, ou seja, o terreiro: “O povo descia do Carmo e do Terreiro de Jesus, subia do Taboão, desembocava na Baixa dos Sapateiros. Já vinha pulando e cantando a música de Gilberto Gil [...]” (AMADO, 2010, p. 344)

E assim, como pudemos ver o Terreiro como um lugar de passagem, que liga outros lugares, cenário de greve, de protestos, também o vemos como lugar de festa, onde o carnaval acontece juntando tanto os soteropolitanos como estrangeiros que estão na cidade.

Do Terreiro de Jesus ao Largo do Carmo, no centro histórico, patrimônio da humanidade, o Carnaval dos franceses pegou fogo até alta madrugada: os derradeiros foliões só pararam de brincar quando a barra da manhã destrancou a porta do arco-íris e clareou o sábado de aleluia. (AMADO, 2010, p. 363).

E dando continuidade analisaremos brevemente outro lugar que se mostra singular na narrativa, a faculdade de Medicina, que, como vimos anteriormente está sempre ligada ao Terreiro de Jesus, mas principalmente ao nome de Pedro Archanjo. A faculdade surge em algumas obras, mas sua importância se dá de forma efetiva em *Tenda dos Milagres*, e por isso, trabalharemos somente com este romance em sua análise, uma vez que no panorama geral de análise dos lugares a faculdade já foi mencionada e assim incluída por outras perspectivas, abaixo podemos vê-la:

Figura 27 - Faculdade de Medicina



Produção da autora (2018)

E mais uma vez, podemos ver a roda de capoeira que se reúne diariamente no Terreiro de Jesus. Em *Tenda dos milagres*, a faculdade de medicina é o lugar de trabalho de Pedro Archanjo, é também o lugar onde ele será desacreditado e postumamente valorizado, como veremos adiante. Sua primeira aparição nesta obra surge após a descrição da *Tenda dos Milagres*, a universidade do povo, dos saberes populares, e em contrapartida: “Ali bem perto, no Terreiro de Jesus, ergue-se a Faculdade de Medicina e nela igualmente se ensina a curar doenças, a cuidar de enfermos. Além de outras matérias: da retórica ao soneto e suspeitas teorias.” (AMADO, 2008, p. 16).

Aproximadamente são quarenta e uma vezes em que podemos encontrar a faculdade de medicina em *Tenda dos Milagres*, muitas vezes associada a um de seus professores ou funcionários, como acontece com o protagonista, e que na citação abaixo podemos ver o momento em que assume o trabalho, por intermédio de uma mãe de

santo é também o momento em que assume um posto no terreiro de candomblé, ritual esse descrito anteriormente na obra:

Aos trinta e dois anos, exatamente em 1900, Pedro Archanjo foi nomeado bedel da Faculdade de Medicina e assumiu seu posto no terreiro. Logo popular entre os estudantes, em breve lhes ensinava rudimentos das matérias. O lugar fora obtido graças à intervenção de Majé Bassã, multipotente em suas relações e amizades, temida até por graúdos do governo. (AMADO, 2008, p.90-91)

Desta forma, a palavra terreiro, na citação possui duplo significado, pois, refere-se tanto ao lugar que será ocupado por Pedro Archanjo no Terreiro de Jesus, como ao seu lugar no terreiro de candomblé. Sua história de vida não é contada de forma linear, a narrativa vai e vem no passado e no presente. Caído no esquecimento por longos anos, sua pessoa e sua obra, postumamente Pedro Archanjo obtém reconhecimento por alguém de fora da cidade que vai a Bahia fazer uma pesquisa sobre o próprio e assim inclusive a Faculdade de Medicina lhe presta homenagens: “Entre as contribuições mais entusiásticas às homenagens ao centenário de Pedro Archanjo, deve-se destacar a da Faculdade de Medicina da Bahia.” (AMADO, 2008, p. 144).

Quando Pedro Archanjo publica um livro sobre usos e costumes da Bahia, incluindo assuntos como miscigenação, e seus exemplares conseguem chegar ao Rio, e ao Sul do Brasil obtendo algumas vendas, sua repercussão não passa despercebida em seu local de trabalho:

Na Faculdade de Medicina tampouco a publicação passou despercebida. Sem falar nos estudantes amigos de Pedro Archanjo a quem Lídio empurrava exemplares, a preços variados, na dependência das disponibilidades do freguês – era preciso vender para pagar a despesa do papel -, o livro provocou debates entre os professores, na sala da secretaria. (AMADO, 2008, p. 198-199)

Lídio a quem são atribuídas as vendas é um dos melhores amigos de Pedro Archanjo e é quem possui uma tipografia na Tenda dos Milagres onde imprime pequenas brochuras, como também “risca milagres”, é um artesão, que trabalha com pintura e escultura. E com o passar dos anos, após a morte de Lídio Corró, quando a tenda dos milagres já não existe mais, e Pedro Archanjo já não trabalha mais na Faculdade de Medicina, demitido por publicar seu livro contrariando uma tese de um professor racista, provando serem todos na Bahia mulatos, agora entrega contas de luz e num dia, Pedro volta-se ao seu local de trabalho anterior:

Pela primeira vez, em seis anos, parou na porta da Faculdade de Medicina. Os alunos de seu tempo já haviam se formado, Archanjo não conhecia os atuais nem era por eles conhecido. Os lentos, porém, ao reconhecer o antigo bedel, sustinham o passo. Alguns lhe disseram boa-tarde. Pedro Archanjo aguardava o docente Fraga Neto, a ele se dirigiu ao vê-lo aparecer entre estudantes, em conversa acalorada. (AMADO, 2008, p. 269-270)

Neste momento na Faculdade de Medicina, o professor Fraga Neto apresenta Pedro Archanjo aos alunos próximos, explicando-lhes que ali estava Pedro Archanjo, antigo bedel que trabalhou na faculdade por mais de trinta anos e que havia publicado um livro sério rebatendo a tese racista de um dos professores. E é muito interessante perceber e pontuar aqui que primeiramente a Faculdade renegou e demitiu Pedro Archanjo, mas que após sua morte e somente com o reconhecimento de fora que surge anos mais tarde, a Faculdade tenta incluir-se no mérito de Archanjo, como podemos ver na última citação da obra: “O diretor da Faculdade de Medicina insistiu em conhecida tese: “Pedro Archanjo pertence à Faculdade de Medicina, é patrimônio da grande escola, ali trabalhou e construiu, a faculdade concedeu-lhe ambiente e condições.”.(AMADO, 2008, p. 285).

No entanto, a faculdade formadora de Pedro Archanjo não é aquela pertencente aos ricos, aos que estudaram e foram embora da cidade, como o próprio menino que Pedro Archanjo cria e torna-se engenheiro indo morar no Rio. A faculdade de Pedro Archanjo tem a sede, a reitoria na tenda dos milagres, e é formada pelo povo que trabalha para os estudantes, lavadeiras, prostitutas e sua própria figura, bedel.

Poderíamos ainda citar outros lugares que são significativos nas obras, como a Rua Chile, mas esta, assim como a Baixa dos Sapateiros, surge como um lugar de comércio para os personagens, portanto, sua análise poderia ser um tanto repetitiva. Pois, embora seja um dos lugares frequentes dos personagens, não o é tanto como a Baixa dos Sapateiros que já trabalhamos.

Da mesma forma, poderíamos pontuar a Ladeira da Montanha, que surge em alguns momentos e que faz parte do conjunto de lugares entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, predominantemente como um lugar de passagem. Em trabalho de campo realizado no ano de 2015, e após um período de mais de 20 dias de chuva, a Ladeira da Montanha sofreu graves deslizamentos¹⁴, dando lugar a destruição de diversos prédios

¹⁴ Para saber mais: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/05/encosta-desaba-e-atinge-casas-perto-do-elevador-lacerda.html>. Último acesso em 15/03/2020.

históricos em parte pelo desastre “natural” em parte por interesses da iniciativa privada em realizar novas construções nesse local que é habitado principalmente pela população mais carente.

Também poderíamos considerar como um lugar a ser analisado nesta parte do trabalho o Rio Vermelho, diante da importância deste lugar ligado ao culto de Iemanjá, mas o trabalharemos como o lugar onde está um patrimônio, ou seja, a festa de Iemanjá que foi tombada como patrimônio em 02 de fevereiro de 2020, no dia em que se realiza sua festa. Presente em alguns dos romances o Rio Vermelho a festa de Iemanjá tem maior expressão em *Mar Morto*, como veremos na análise patrimonial.

Por fim, ainda poderíamos pensar na Barra de Salvador, no farol da Barra, um dos cartões postais da cidade, mas esse, assim como outros lugares que trabalhamos mescla-se a outros lugares, são patrimônios e compõem a paisagem soteropolitana. Assim, se algum desses lugares significativos não é tratado exclusivamente como um lugar, ainda assim, no entrelaçar do conjunto de conceitos trabalhados podemos encontrá-los sob outra ótica e ainda assim como um lugar. Visto que tanto a paisagem, como os patrimônios são formados também por lugares.

4.3 – Os Patrimônios dos Pastores da Noite

O estudo do patrimônio pelos geógrafos, segundo Maria Geralda De Almeida (2013), bem como, de acordo com Lauro César Figueiredo (2013) é algo mais recente e que surge dentro da abordagem cultural na geografia, e que tem seu início principalmente com a inclusão das paisagens como uma forma de patrimônio. Ainda que eventualmente alguns geógrafos trouxessem às suas pesquisas um olhar acerca do patrimônio, este ganha ênfase quando as paisagens passam a ser consideradas como uma forma de patrimônio através do tombamento e da política de preservação e conservação.

Se no âmbito da geografia os estudos que se dedicam a temática patrimonial são em sua maioria recentes, o mesmo não se dá em determinadas áreas como a história, a sociologia, arqueologia, antropologia, entre outras. Desta forma, o pensamento sobre patrimônio não surge do zero na ciência geográfica, mas considera toda a evolução do conceito e ainda aqui, parte do pressuposto que vai além da política de preservação dos bens. Sejam materiais ou imateriais.

Intimamente ligado aos estudos culturais, o patrimônio, enquanto conceito, a ideia de patrimonialização traz como núcleo os bens culturais, esses bens culturais dizem respeito as mais diversas formas de manifestações culturais existentes, sejam modos de fazer, de viver, de festejar, ritualizar entre muitos outros. Ou seja, ao pensarmos os bens culturais como manifestações, significativas para os grupos sociais, pensamos tudo aquilo que é digno de ser preservado considerando a diversidade existente no nosso país.

Portanto, ao analisarmos nosso objeto de estudo, destacamos primeiramente o que identificamos como bens culturais, para posteriormente relacionarmos com o que de fato pertence a política de patrimonialização. Mas, como definir o que é importante? E esse questionamento faz parte também do processo da patrimonialização enquanto política pública. Inicialmente foram considerados como patrimônio somente bens oriundos dos grupos de classes sociais mais favorecidas. A história se contada através dos patrimônios, pautava-se e talvez ainda se pautem pelo viés do vencedor, do colonizador, daquele que impôs algo ao grupo de menor prestígio social.

Somente mais recentemente é que bens relacionados a grupos menos favorecidos da sociedade, começaram a ser reconhecidos como importantes para a história e trajetória da cultura brasileira e assim conquistaram seu tombamento. Curiosamente o primeiro patrimônio tombado no campo da religiosidade afro-brasileira, um terreiro de candomblé, deu-se na Bahia.

Fundamentamos essa pesquisa sobre patrimônio pela conceituação desenvolvida por Almeida (2013) para quem faz-se importante definir o que vem a ser bem cultural, antes mesmo de começarmos o diálogo sobre patrimônio. Na concepção da autora, bem cultural é um tema recente e emergente, que surge do interesse em criar objetos que devem ser valorizados. (ALMEIDA, 2013.p.188).

Assim, os bens culturais podem ser entendidos como documentos, monumentos, tudo aquilo que seja de interesse histórico, bem como arqueológico, cultural e até mesmo o ambiente natural, uma vez que a paisagem foi incluída como um tipo de patrimônio. Neste sentido, o bem cultural pode ser tudo aquilo que é produzido pela humanidade e que possui valor simbólico, podendo ser uma obra de arte, um registro, uma dança, um modo de fazer algo. É tudo aquilo que diz respeito a história do grupo que o pratica/fez ou usa, sendo único e diverso de acordo com o lugar onde é produzido.

Se pensarmos nos bens culturais que compõem o patrimônio baiano e que fazem parte da literatura de Jorge Amado, podemos destacar: o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda, a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, a da Nossa Senhora da Conceição da Praia, a Festa do Nosso Senhor do Bonfim, o Carnaval, a Festa de Iemanjá, o Pelourinho e seus casarões, o samba de roda, a capoeira, o Terreiro de Jesus, a Igreja de São Francisco de Assis, igreja essa com a maior quantidade de ouro no Brasil. Ainda podemos citar, as Ladeiras, do Taboão, da Preguiça, da Montanha, o Solar do Unhão, as comidas que são vendidas nas ruas como o acarajé, abará, cocada, mingau de puba, mungunzá, cuscuz, as feiras como a de Água de Meninos, a Baixa dos Sapateiros, os terreiros de candomblé, o cais, os fortes da cidade, o largo da Sé e a praça Castro Alves, o samba, o ofício de santeiro entre outros.

Cada um destes bens faz parte do que consideramos patrimônio, assim como compõe o patrimônio baiano e brasileiro, cada bem cultural age como núcleo seja de como pensamos a paisagem, o lugar e até mesmo os territórios, pois, cada elemento destes traz em si marcas e significados afetivos para os sujeitos que com eles vivem, e assim estão imbuídos de memórias, de marcas afetivas e de historicidade.

Nossa sociedade, segundo Almeida (2019) se caracteriza como uma sociedade de conservação, pois, a patrimonialização demonstra o apego ao passado, ainda de acordo com a autora, a patrimonialização funciona como uma nova base de reafirmação de identidades. Neste sentido torna-se extremamente interessante a preservação e conservação de bens e de saberes que representam nossa constituição enquanto sociedade, mas precisamos admitir que toda política de patrimonialização, bem como determinado saudosismo com o passado no Brasil apresenta grandes contradições.

Podemos pensar no órgão responsável no nosso país pelo tombamento do que conhecemos como patrimônio, o IPHAN, este órgão foi criado no governo de Getúlio Vargas, assim, por uma perspectiva, podemos pensar na política de Getúlio Vargas que tentou unificar o país, ou seja, se pensarmos pela ótica da criação de uma identidade de nação, a criação de um órgão como o IPHAN parece-nos linear as demais ações praticadas por Getúlio Vargas, no entanto, na era Vargas, foram combatidas diversas literaturas, entre elas a literatura de Jorge Amado, que é considerada por muitos como uma literatura que cria identidades.

Em praça pública na cidade de Salvador (como consta em uma das páginas finais de *Capitães da Areia*, numa breve pesquisa que reúne informações sobre a obra, na edição da editora Companhia das Letras), na área central, próximo ao elevador Lacerda, num dos locais mais frequentes na literatura de Jorge Amado foram queimados seus livros junto de outras obras de autores como José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Havia uma perseguição a tudo que representasse “ideias comunistas”, e ainda, essa literatura era considerada como regional, capaz de representar parte do país, uma parte que se difere das demais e isso foi combatido na Era Vargas.

Podemos pensar em como cada elemento que representava uma identidade dentro do país que não fosse a “identidade nacional”, deveria ser banida, como aconteceu com diversas línguas no Rio Grande do Sul, línguas como o italiano, alemão, ou mesmo o japonês em São Paulo e Paraná. Com a alegação de conspiração do governo, mas obviamente com a intenção de reprimir a língua que é um elemento central dentro do que se constitui como pertencimento, identidade e grupo, estes idiomas foram proibidos de serem falados no período de Vargas.

As contradições podem ser observadas no sentido de que, embora neste período houve um esforço em se pensar e criar uma identidade única, percebemos na literatura a geração de 30 que justamente narra elementos essenciais e de base de determinados lugares no Brasil, como é o caso de Jorge Amado, Rachel de Queiroz, entre outros.

Desta forma, trazer a literatura de Jorge Amado, que foi combatida na era Vargas e que funciona como importante bem para o estudo de patrimônios ligados a uma política de Vargas, o IPHAN demonstra a complexidade envolvida quando pensamos na história do nosso país, em como as políticas públicas são pensadas e efetivadas. E se a patrimonialização sugere o apego ao passado e recentemente temos um número grande de tombamentos, podemos pensar que existe uma preocupação com o passado.

Mas, ao visitarmos diversas cidades brasileiras como Salvador, Ouro Preto, Recife, apenas citando cidades que recebem muitos turistas, ainda que pudéssemos citar inúmeras outras capitais e cidades menores, percebemos o grande descaso do poder público para com os patrimônios, bem como a inexistência de verbas destinadas ao reparo dos patrimônios materiais e imateriais.

Há uma contradição, algo que incomoda e que sugere um saudosismo com o passado brasileiro, ainda que esse passado não seja claro para os grupos que o reclamam. O que percebemos é que existe um grande desconhecimento sobre o passado brasileiro por grande parte dos brasileiros. Seja se pensarmos fatos gerais como a escravidão, seja se pensarmos em pequenos fatos se comparados ao todo da história deste país continental como a invasão holandesa ou mesmo o período em que a Companhia de Jesus se fez presente nas missões jesuíticas.

Tudo isso, nos leva a pensar que a educação, a via mais efetiva para essa lacuna de desconhecimento, merece mais atenção por parte das políticas públicas. Mas aí nos confrontamos com o jogo de poder existente em nossa sociedade, seria um mero acaso todo o desconhecimento existente ou, como sabemos cientificamente, não existe acaso dentro de âmbitos políticos, existem projetos.

Outro fato que nos leva a pensar nessa relação de saudosismo com o passado proclamado nos últimos anos por candidatos e grupos manifestantes e o quanto esse apelo reflete na prática enquanto inexistência de museus que tratem dos episódios mais violentos da nossa história enquanto país, como a escravidão e a ditadura, demonstram que existe um grande caminho a ser trilhado seja na educação como um todo, seja no que cabe a geografia e aos estudos patrimoniais e históricos.

Percebendo todas essas lacunas e emergência vivida atualmente, acreditamos na importância de se pensar em diálogos como este com a literatura de Jorge Amado e a Geografia, assim como com a História, e outras áreas, o momento não nos permite o engavetamento de saberes, nossos problemas são complexos demais, e portanto os conhecimentos e áreas se cruzam na difícil tarefa que é a construção do conhecimento.

Neste sentido, onde diversos saberes são cruzados aqui como provenientes de áreas diferentes, mas que em seu conjunto resultam sempre na formação de cidadania, de autonomia da sociedade, é que reconhecemos o potencial das obras escolhidas, pois, estas, trazem as feridas da nossa sociedade, e justamente precisamos desvelar os episódios mais cruéis aqui vividos para que só assim, consigamos pensar e construir de forma lúcida um país mais justo e melhor para se viver.

O patrimônio é capaz de refletir a história de um povo, e nesse sentido, de perceber o patrimônio presente na literatura é que o trazemos a essa pesquisa, a história

que queremos pensar e refletir é a história com suas lutas e conquistas, suas crenças, valores, tudo aquilo que constitui o período que se quer conhecer.

Por já existir uma vasta bibliografia epistemológica do conceito de patrimônio, não faremos sua retomada aqui, apenas sinalizaremos para os principais desdobramentos do mesmo através dos órgãos oficiais. Assim, consideramos a concepção da UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, onde o patrimônio é tido como um conjunto que engloba tanto os elementos naturais como os elementos culturais sejam eles tangíveis ou intangíveis, que possam ser preservados e repassados as gerações futuras, o que expressa a ideia de continuidade dos grupos envolvidos. E desta forma, mais recentemente temos a inclusão da paisagem como uma forma de patrimônio.

Enquanto política pública, segundo Almeida (1988) a Constituição Federal foi um importante passo na compreensão sobre patrimônio. O artigo que trata do patrimônio, 216, define o patrimônio cultural brasileiro como os bens individuais ou coletivos, materiais ou imateriais, individuais ou considerados em conjunto, que referem-se a memória e a identidade dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira.

Nisto se inclui, as formas de expressão, os modos de criar e fazer e mesmo viver, os conjuntos urbanos e sítios históricos, obras, objetos, documentos, edifícios, entre outros. Esta definição aproxima-se da conceituação da UNESCO. Ambas consideram o patrimônio como algo capaz de legitimar e conservar a identidade dos grupos sociais.

Uma vez que o patrimônio é constituído por bens culturais, materiais, extáticos e imateriais, móveis e que se dão através das manifestações culturais do seu uso, o patrimônio torna-se algo que possui suas raízes no passado, mas que convive na contemporaneidade através do turismo, numa perspectiva dinâmica. E assim, pensando em todos os bens culturais que identificamos representados nas obras amadianas, bem como, a importância do turismo na cidade de Salvador, sendo a segunda cidade no Brasil mais procurada pelos turistas, percebemos como refere-se Almeida (2013,p.190), na mercantilização da turistificação do patrimônio.

Essa mercantilização se dá através do valor ao qual os bens culturais passam a possuir, de acordo com a lógica do mercado, e a literatura de Jorge Amado nos

proporciona reflexões sobre o que faz parte da literatura e o que percebemos em trabalho de campo na capital baiana quanto aos sujeitos que são representados nas suas obras.

Lembramos que ao trabalharmos com os personagens de Jorge Amado, não estamos tomando sua literatura como a verdade histórica única existente, mas sim, uma representação, apenas uma perspectiva do contexto em que a obra foi escrita e da visão do autor. Ao que trabalhamos, na perspectiva de Antonio Candido (2006), como sistema literário, onde se considera autor, obra e leitor. Portanto, a reflexão a que nos propomos através dos conceitos geográficos relacionados às obras é a complexidade do que é narrado.

Essa complexidade que envolve os sujeitos, evidencia-se quando percebemos que cada elemento não pode ser simplificado ou tratado como parte de um todo que é homogêneo, pois, não o é. O que estamos querendo dizer, é que, através da observação da dinâmica do centro histórico de Salvador, percebemos sujeitos como as baianas que vendem acarajé, e o acarajé, o modo de o fazer, considerado patrimônio reconhecido. Ao mesmo tempo em que percebemos outros sujeitos que dinamizam o turismo local, acrescentando novos elementos, como é o caso das pinturas africanas.

No centro do centro histórico, na localidade do Pelourinho, um dos lugares mais citados nas obras de Jorge Amado, diariamente encontramos baianas diferentes, que vendem acarajés e outras comidas e bebidas, e podemos refletir sobre como as baianas são representadas na literatura amadiana e o quanto a figura das baianas compõe o imaginário sobre a Bahia, sobre a paisagem baiana e o lugar da narrativa.

Numa outra perspectiva, notamos na mesma localidade do Pelourinho a presença durante o período da tarde, de pais e mães de santo que dão axés aos turistas e a todos que desejarem, estes podendo receber uma espécie de doação em dinheiro. Quanto a estes sujeitos, podemos pensar que a obra de Amado tem entre seus protagonistas e principais personagens mães e pais de santo, no entanto, a representação que Jorge Amado faz destes sujeitos, em nada se assemelha ao que observamos em trabalho de campo (2018), pois, os personagens amadianos ligados ao candomblé, fazem parte, sempre de um grupo em um contexto religioso, ou seja, estão ligados ao trabalho em seus terreiros.

Estes dois exemplos apenas tentam mostrar um pouco da análise e reflexão que nos propomos desenvolver. Nos guiando sempre com base no que é desenvolvido como patrimônio e sua função de acordo com Almeida (2013), sabemos que o turismo tem o poder de reinventar o patrimônio cultural, o que confere um caráter dinâmico deste.

Ainda que a patrimonialização seja uma tentativa de conservar algo, e aí podemos pensar na estagnação do que é patrimônio, mas, a cultura que é o que envolve os patrimônios é dinâmica e se transforma com o tempo, com o uso a que nos propomos com aquilo que nos relacionamos, assim, a cultura é o elemento que traz a dinamicidade aos patrimônios.

Entendemos aqui que os conceitos de território, lugar, paisagem e patrimônio estão entrelaçados, de forma que cada um possui um elemento em comum com o outro formando uma relação que é cíclica. Assim, a paisagem recentemente foi incluída como um patrimônio, pois, uma paisagem pode manifestar toda a historicidade de um lugar e seus significados simbólicos, como acreditamos se tratar da paisagem que encontramos no Pelourinho.

Paisagem esta, composta por uma ladeira, casarões coloniais que ao longo do tempo variaram seu uso, como a própria literatura de Jorge Amado demonstra e curiosamente, o Pelourinho pode ser entendido como o coração do centro histórico da cidade e atualmente é onde se localiza a Fundação Casa de Jorge Amado, fundação esta responsável pelo acervo de sua obra, por toda documentação de sua vida enquanto escritor. É curioso como um dos lugares mais significativos para os personagens de suas histórias, abriga hoje as obras, traduções, prêmios, cartazes, presentes, promove eventos e fomenta a pesquisa sobre a literatura de Jorge Amado.

No mesmo espaço que compõe o Pelourinho, podemos ver, o sobrado onde um dia funcionou uma pensão e que serviu de moradia a Jorge Amado na sua juventude, e que é retratado em *Suor*, (1934), obra que trata justamente da vida no casarão insalubre e do restante da vida cotidiana que passa pelo Pelourinho. Próximo, aproximadamente na frente da Fundação Casa de Jorge Amado encontramos a Igreja do Rosário dos Negros. Outro lugar significativo para os personagens de Amado como mostraremos na análise, pois, constitui um lugar expressivo de afetividade, principalmente na obra *O compadre de Ogum*, sendo a Igreja escolhida para o batismo de uma criança, cujo o pai também ali se batizou.

Todos esses prédios citados, o casarão que é sede da Fundação, o sobrado que um dia foi um hotel e hoje funciona como uma loja de artigos de lembranças para turistas, bem como, a Igreja do Rosário dos Negros, compõem a paisagem do Pelourinho, é um sítio tombado e são lugares entendidos na literatura, todos eles possuem significados afetivos a diferentes tipos de personagens, ao mesmo tempo em que compõem uma paisagem, que faz parte de um território e que por fim, hoje, são considerados individualmente e em conjunto como patrimônios.

Para além das paisagens e dos bens imóveis, ainda precisamos considerar os ritos e cerimônias que são realizados nos espaços de festas e que são repletos de significados e simbolismos capazes de qualificar os espaços. Quanto a isso, podemos pensar nos espaços onde são realizadas as festas narradas por Jorge Amado como a Festa de Iemanjá e a Festa do Nosso Senhor do Bonfim, apenas para citar algumas, ao que adiante escreveremos com maiores detalhes. Pois, são várias as festas narradas nas obras escolhidas, festas com procissões, promessas, comidas típicas, obrigações dos devotos, vestimentas próprias, entre outras coisas que num conjunto acrescentam uma dimensão mítica, Almeida (2011).

Retomando então, o que já foi exposto acerca do que vem a ser patrimônio e quais as características de cada tipo patrimonial, iniciamos nossa análise, relacionando a literatura acadêmica com a literatura de Jorge Amado. E se antes de falarmos do patrimônio em si, devemos pensar primeiramente nos bens culturais, podemos dizer que dos diversos bens culturais que podemos apontar nas obras selecionadas, muitos, senão todos, estão além de presentes nas narrativas, fazem parte do guia *Bahia de Todos-os-santos: guia de ruas e mistérios de Salvador* (1945), livro este que foi atualizado diversas vezes por Jorge Amado.

Bahia de Todos-os-santos, não trata-se de um romance, ou livro de contos e novela como os demais aqui trabalhados, mas, propõe-se também a contar o que existe em Salvador e o que segundo o autor, segundo sua perspectiva na época da escrita, é importante e merece ser conhecido pelos leitores e todos aqueles que pretendem conhecer a Bahia, seja através das suas páginas, seja pessoalmente através do turismo.

E com isso, é como se os diversos elementos culturais existentes tivessem sido catalogados e apresentados de forma resumida. Estando cada um destes elementos presentes em várias obras amadianas. A inclusão desta obra na pesquisa, colabora na

complexidade de cada elemento que estamos tratando, pois, podemos situar o que desejamos nas narrativas romanescas, e ainda, verificar sua percepção através do guia. O que acreditamos, contribui na totalidade de conhecimentos sobre o mesmo objeto.

4.3.1 - A Igreja do Bonfim

Figura 28 - Igreja de Nosso Senhor do Bonfim



Produção da autora (2018)

Os bens culturais que encontramos na narrativa de Jorge Amado são diversos e múltiplos, alguns já citados anteriormente, estes bens, são catalogados como patrimônios materiais e imateriais, e o mais interessante na literatura estudada é que encontramos a junção desses patrimônios, por exemplo, se pensarmos na igreja do Senhor do Bonfim, patrimônio material e pensarmos ainda nos festejos da lavagem das escadas da igreja, considerado esse rito como patrimônio imaterial, temos, num mesmo espaço, dois tipos de patrimônio numa relação que é viva e dinâmica. Essa celebração surge em diversos livros dos aqui estudados, no entanto, em *O Sumiço da Santa*, a igreja, bem como a festividade, com procissão, vestimentas, e tudo que é envolvido é narrado em detalhes.

Manela, uma jovem personagem vive com a tia que a mantém num regime de educação ditatorial, órfã ficou aos cuidados de Adalgisa. Após muito tempo de repressão Manela liberta-se e junto de sua outra tia, participa da procissão e de todo o

festejo da festa do Senhor do Bonfim: “A PROCISSÃO DE MANELA – Manela não chegava de Sevilha no cortejo da Procissão do Senhor Morto, na Sexta-Feira da Paixão. Sua procissão era a da Quinta-Feira do Bonfim, ou seja, a das Águas de Oxalá, a maior da Bahia, única do mundo.” (AMADO, 2010.p.55).

Este primeiro trecho funciona como uma anunciação à festa do Bonfim, e Manela será uma entre as milhares de pessoas participantes, católicos e do candomblé, a seguir veremos a narrativa que inclui o trajeto da procissão, incluindo diversos lugares e patrimônios como a Igreja da Conceição da Praia, o Elevador Lacerda, entre outros numa trama onde os tipos de patrimônio coexistem.

Da Igreja da Conceição da Praia, junto ao Elevador Lacerda, até a Basílica do Bomfim, na Colina Sagrada, a distância medeia dez quilômetros, um pouco mais, um pouco menos, depende da devoção e da cachaça. Milhares de pessoas, o cortejo é um mar de gente, estende-se a perder de vista. Automóveis, caminhões, carroças, jumentos enfeitados de flores e folhagens, levando ao dorso barris repletos: não pode faltar água-de-cheiro. Nos caminhões grupos animados, famílias inteiras, blocos e afoxés. (AMADO, 2010.p.57)

Junto dos bens tangíveis como as edificações históricas, há a procissão como um bem intangível que neste caso compreende as crenças ali existentes, os sons, as músicas, as danças e tradições como segue-se na narrativa, onde o sincretismo religioso é revelado através do espaço que cada personagem pode ocupar no momento de devoção e de homenagem como veremos:

A subida da ladeira se inicia ao som dos atabaques, ao canto dos afoxés, são as águas de Oxalá. A massa de povo dirige-se para a Basílica, que está fechada por decisão da Cúria. Antes lavava-se a Igreja inteira, celebrava-se Oxalá no altar de Jesus, um dia voltará a ser assim. As baianas ocupam o átrio e a escadaria, a lavagem começa, cumpre-se a obrigação de candomblé: Exê-ê-babá! (AMADO, 2010.p.58)

Muitos elementos estão presentes neste trecho, a música é expressa pelo som dos atabaques, bem como pelo canto dos afoxés, dois elementos culturais de extrema relevância se pensarmos nas manifestações culturais de que se constituem os patrimônios, são expressões. A seguir compondo esse conjunto, está a lavagem e as baianas, personagens protagonistas nessa manifestação sincrética que é mais evidente no trecho abaixo:

Chegado de Portugal, ao tempo da colônia, no voto aflito de um náufrago lusitano, Nosso Senhor do Bomfim; chegado da costa da África, ao tempo do tráfico dos negros, no lombo em sangue de um escravo, Oxalá. Sobrevoam a procissão, encontram-se no seio das baianas, mergulham na água-de-cheiro e se confundem, são uma única divindade brasileira. (AMADO, 2010.p. 58)

Existe aí a naturalização de diversos elementos do candomblé em relação a igreja católica no que é chamado pelo próprio Amado de sincretismo religioso, e algo interessante que deve ser observado e que pode ser pensado devido a sua complexidade é que a Festa do Senhor do Bonfim é uma grande manifestação cultural e religiosa que tem em sua raiz os povos africanos trazidos ao Brasil.

No trabalho de campo realizado em Salvador em fevereiro de 2018, em visita a Casa Benin localizada na parte baixa da ladeira do Pelourinho, descobrimos em um vídeo oferecido pelo museu, que a festa em celebração ao Senhor do Bonfim passou a ser realizada no Benin após seu surgimento no Brasil, ou seja, a celebração é levada daqui. Podemos ver aí a continuidade de algo que é cultural, que não é estático, mas que está vivo e que vai se modificando com o tempo, acrescentando novos elementos e deixando aquilo que já não é considerado tão importante.

E para encerrarmos apenas o que queremos tratar quanto a celebração da festa e procissão do Bonfim, apresentamos um trecho que conclui em parte o festejo, retomando a procissão, os cantos, as danças, os rituais sagrados, a fé, a lavagem as comidas típicas e a festa em si:

As duas tias- aquela Quinta-Feira do Bomfim foi decisiva na vida de Manela. Para a determinação e a mudança, tudo concorreu, os episódios e os detalhes. A procissão, fausta jornada de canto e dança, a pompa das baianas, a praça da Colina embandeirada com papel de seda, enfeitada com palmas de coqueiro, a lavagem do átrio da Basílica, as feitas recebendo os encantados, o ritual sagrado e o almoço com os primos na mesa de namoro, os comes e bebes, o dendê escorrendo da boca para o queixo, as mãos lambuzadas, a cerveja gelada, as batidas e o quentão de cachaça, canela e cravo, o fútingue em torno do largo com a irmã, a prima e os rapazes, os assustados em casas de família e o baile público na rua, os trios elétricos, o acender das gambiarras, das lâmpadas coloridas na fachada da Igreja, ela vagando em meio à multidão e Miro a seu lado, conduzindo-a pela mão.(AMADO, 2010,p.58).

Desta forma, apresentando esse conjunto que expressa diversos patrimônios, queremos introduzir nossa análise apresentando os diversos bens culturais que vão sendo narrados ao longo das obras escolhidas. Esses patrimônios vão se mesclando e podemos perceber que muitos constituem lugares, a festa do Bomfim é um momento decisivo na vida de Manela, pois, na sequência da narrativa demonstra como funcionou de forma a libertar a personagem de toda opressão até então vivenciada. Desta forma, o espaço onde a festa é celebrada pode demonstrar diversos lugares através dos significados que vão sendo expressos pelos personagens.

A Festa do Bomfim não é fato exclusivo narrado em *O sumiço da santa*, essa festividade também aparece em *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e em *Dona Flor e seus dois maridos*, no primeiro há apenas a menção a festa: “O pai a acompanhava a um circo de cavalinhos, armado na Ribeira por ocasião de uma festa do Bonfim”¹⁵(AMADO, 2008.p.41). Já em *Dona Flor e seus dois maridos*, a festa surge através de uma promessa: “Concedei-me, meu Senhor do Bonfim, a graça desse milagre e acompanharei descalça a procissão da lavagem, levando flores e uma quartinha de água pura” (AMADO, 2008.p.87).

E para citar mais um exemplo, em *Tenda dos Milagres* a fé ao Senhor do Bonfim é proclamada diversas vezes por diferentes personagens, em promessas e agradecimentos, a igreja também se faz presente na escolha do lugar de um casamento e a lavagem das escadas é mencionada num dos lugares mais simbólicos destacados, o próprio espaço que compreende a tenda dos milagres, lugar de grandes manifestações da cultura popular, no trecho podemos observar: “Ali se fundam ternos de reis, afoxés de Carnaval, escolas de capoeira, acertam-se festas, comemorações e tomam-se as medidas necessárias para garantir o êxito da lavagem da igreja do Bonfim e do presente da mãe-d'água.”(AMADO, 2008.p.90).

Como podemos ver, há a menção a comemoração e ao ritual da lavagem ao lado da celebração a Iemanjá, bem como, este pequeno trecho ainda cita o terno de reis, manifestação essa mais rara na literatura amadiana e ainda, a capoeira, o carnaval e os afoxés. Tudo isso sendo discutido no espaço da Tenda dos milagres, um lugar que é ponto de encontro de diversos sujeitos e que se localiza na ladeira do Pelourinho.

Iniciaremos então nossa análise reflexiva pela representação do que conhecemos hoje por patrimônios Imateriais, como, o samba de roda, a capoeira, o acarajé, as festas religiosas, festas estas que povoam a literatura como quermesses, a Festa de Iemanjá, do Senhor do Bonfim, de Santa Bárbara, o São João, a Festa de Conceição da Praia, o carnaval, os afoxés, entre outros. Daremos maior ênfase aos elementos mais significativos dentro da narrativa.

¹⁵ Respeitamos aqui a grafia de Bonfim como a palavra é escrita originalmente em cada obra, visto que em alguns livros está Bomfim e em outros Bonfim.

4.3.2 - Samba de Roda

O Samba de Roda, considerado patrimônio mundial pela Unesco¹⁶ tombado no ano de 2008, e pelo IPHAN¹⁷ em 2004, é uma manifestação cultural que envolve a dança, a música e a poesia através das letras, é considerada uma das manifestações culturais mais significativas para a cultura popular brasileira, assim, o samba de roda é considerado uma manifestação do Recôncavo Baiano, que inclui a região metropolitana de Salvador, foco da narrativa, e ainda as cidades circundantes à Baía de Todos os Santos.

Influenciou o samba do Rio de Janeiro e traz em sua origem as tradições culturais africanas, pois, é um elemento da cultura que veio com a população do continente africano, trazida na condição de escravizados. A dança se dá com os participantes em formato de roda, geralmente apenas as mulheres dançam, uma de cada vez, enquanto os demais se mantêm na roda cantando e batendo palmas. A dança se dá de forma espontânea, sem uma coreografia específica.

Podemos perceber que o reconhecimento enquanto patrimônio do Samba de Roda se deu nas últimas duas décadas, podendo ser considerado algo recente, e sua menção e existência na literatura que estamos trabalhando data dos anos de 1964, 1969 e 1988 para citarmos alguns exemplos. Desta forma, o Samba de Roda aparece na literatura amadiana em *Tenda dos milagres* [1969], *Os pastores da Noite* [1964] *O sumiço da Santa* [1988], e em *Bahia de Todos-os-Santos* [1945], apenas citando trechos dos livros para serem aqui destacados e exemplificados.

Em *Os pastores da noite*, a narrativa começa falando da noite da Bahia, e a noite é transfigurada como uma personagem que vive cada elemento da cidade, assim, o samba de roda aparece protagonizado pela própria noite: “Dançava o samba de roda com sua saia dourada de astros, requebrando as negras ancas africanas, os seios como ondas agitadas”.(AMADO, 2009.p.12). Já em *Tenda dos Milagres*, tratando justamente do espaço como território da arte, rico em manifestações culturais, o samba de roda acontece frequentemente como podemos perceber:

¹⁶Para saber mais: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-cultural-heritage-list-brazil/#c1414250>>. Acesso em 18/04/2020.

¹⁷ Para saber mais: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1613/>>. Acesso em 18/04/2020.

No grande pátio se estabeleceu também o samba de roda, aos sábados e domingos, e nele se exhibe o negro Ajaiy, rival de Lídio Corró no posto de embaixador de afoxé, mas único e absoluto na roda de samba, seu ritmista principal, seu maior coreógrafo.(AMADO, 2008.p.13).

Em *O Sumiço da santa*, o trecho que envolve o samba de roda trata-se da filmagem de um programa com vistas a mostrar a vida e os costumes do lugar: “Emissão de duas horas e quinze minutos, dedicada toda ela à vida e aos costumes da Cidade da Bahia: candomblé, capoeira, samba de roda, blocos e afoxés, o casario, o mar, o povo e a música.” (AMADO, 2010.p.163).

Já em *Bahia de Todos-os-Santos*, que funciona como um guia, o Samba de Roda vem à frente da Capoeira Angola e Capoeiristas, na mesma ordem a que estamos trabalhando aqui. Neste, o Samba de Roda é descrito a moda do autor que ainda acrescenta uma cantiga e mostra os “instrumentos” que são utilizados:

PARA O SAMBA DE RODA BASTA COMO ACOMPANHAMENTO UM PRATO, uma faca ou uma colher. Se houver uma violinha então a coisa pega fogo. Mas se nada houver, marca-se o ritmo ao som das palmas batidas pelas mãos. O povo sempre consegue superar as dificuldades e viver. E sambar na hora do samba, do samba de roda que é uma dança coletiva. No meio da roda, a baiana canta:

Moinho da Bahia queimou

Queimou

Deixa queimar. (AMADO, 2012.p. 339)

O que podemos refletir acerca destas passagens sobre essa manifestação cultural é que muito antes das formas oficiais de reconhecimento da mesma, ela surge nesta literatura e sua complexidade se dá também no fato de ser uma manifestação realizada por protagonistas mulheres, estas na literatura não são retratadas na dança com destaque, pois, primeiramente temos a noite, em seguida um personagem homem, depois sua descrição com a inclusão da música e por fim apenas a menção ao samba de roda. Ainda assim, a inclusão do samba de roda na narrativa, dialoga com o que Carlos Fuentes (2006) coloca sobre o papel da literatura capaz de representar aspectos históricos e sociais de determinada sociedade e isso faz com que haja a legitimação de algo.

Entre as expressões com maior significado dentro da obra amadiana estão as festas populares, como do Senhor do Bonfim e a de Iemanjá, o São João, a capoeira e a comida, principalmente o acarajé, que nunca surge sozinho, o acarajé junto do abará faz parte de um conjunto de comidas de rua, de tabuleiro que são vendidos pelas ruas de

Salvador junto do mungunzá, das cocadas, do mingau, entre outros. A estes elementos que são tombados como patrimônios e devido a grande presença na literatura, daremos maior ênfase na sua representação. No entanto, em menor grau, não deixaremos de mencionar o carnaval, os afoxés, e o ofício de santeiro, estes elementos são de grande relevância para se pensar o patrimônio, mas não possuem a mesma expressividade dentro da obra se comparados aos demais.

4.3.3 - Roda de Capoeira

A capoeira, capoeira angola, a roda de capoeira é um dos elementos mais frequentes na literatura amadiana, poderíamos dizer que é uma marca de sua literatura. Além de trazer como personagens pessoas reais como Mestre Pastinha, João Grande e outros, a capoeira faz parte da vida dos seus personagens, sejam os Capitães da Areia que aprendem com um mestre e que a usam para sua proteção, sejam os mestres da escola de capoeira em *Tenda dos Milagres* e seus alunos.

A Capoeira Angola funciona como elemento de base na cultura e nas manifestações culturais que podem ser identificadas nos livros aqui tratados. E que como demais patrimônios que estamos trabalhando, a Capoeira foi recentemente reconhecida como patrimônio imaterial. Se quanto ao Samba de Roda iniciamos nossa reflexão com as definições oficiais, aqui iniciamos apresentando primeiramente como a capoeira se faz presente na narrativa de Jorge Amado.

Vale lembrar que ao falarmos em Capoeira, essa consiste numa manifestação que possui seus próprios atores, músicas próprias, instrumentos, letras, os tipos de golpes, entre outros elementos que se fazem presentes nos trechos citados. Iniciamos então nossa análise com o trecho de *Tenda dos Milagres*, onde há a Escola de Capoeira Angola, ao lado da Igreja do Rosário dos Negros no Pelourinho:

Ao lado da igreja do Rosário dos Pretos, num primeiro andar com cinco janelas abertas sobre o largo do Pelourinho, mestre Budião instalara sua Escola de Capoeira Angola: os alunos vinham pelo fim da tarde e à noitinha, cansados do trabalho do dia mas dispostos ao brinqueado. (AMADO, 2008.p.11).

A seguir deste trecho, temos seu seguimento onde se fazem presentes os instrumentos como berimbau, a nomenclatura dos golpes e indo além as músicas são inseridas, assim como o nome de alguns mestres entre eles Pastinha, e ainda há a menção da transformação da capoeira, que tanto é luta como é dança.

Os berimbaus comandam os golpes, variados e terríveis: meia-lua, rasteira, cabeçada, rabo de arraia, aú com rolê, aú de cambaleão, açoite, bananeira, galopante, martelo, escorão, chibata armada, cutilada, boca de siri, boca de calça, chapa de frente, chapa de costas e chapa de pé. Os rapazes jogam ao som dos berimbaus, na louca geografia dos toques: São Bento Grande, São Bento Pequeno, Santa Maria, Cavalaria, Amazonas, Angola, Angola Dobrada, Angola Pequena, Apanhe a Laranja no Chão Tico-tico, Iúna, Samongo e Cinco Salomão – e tem mais, oxente!, ora se tem: aqui nesse território a capoeira angola se enriqueceu e transformou sem deixar de ser luta, foi balé. (AMADO, 2008.p.12).

No mesmo livro, *Tenda dos Milagres*, a capoeira e seus elementos surgem em 23 passagens, se faz presente de diversas formas na vida dos personagens, seja nos festejos, no estudo, na vida diária daqueles que vivem em Salvador. Ela também é mencionada em *Mar Morto*, em *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*, em *Dona Flor e seus dois maridos*, em *Os Pastores da Noite*, *Capitães da Areia*, *Jubiabá* em *O sumiço da santa* e em *Bahia de Todos-os-Santos*.

Nem sempre a capoeira foi livremente praticada, perseguida desde o período da escravidão, foi oficialmente proibida do ano de 1890 a 1937, ou seja, Jorge Amado publicou seis livros no período em que a capoeira era considerada uma atividade criminosa, proibida, sendo eles *O país do Carnaval* [1931], *Cacau* [1933], *Suor* [1934], *Jubiabá* [1935], *Mar Morto* [1936] e *Capitães da Areia* [1937], destes pelo menos três incluem a capoeira em suas narrativas, como veremos no decorrer da análise.

Assim, entre 1890 a 1937 a prática da capoeira foi proibida no Brasil através do decreto de nº 847 de onze de outubro de 1890, que previa a pena de prisão aos “vadios e capoeiristas”, variando de dois meses a três anos, dependendo do caso. Somente em 1937 o decreto cai e a capoeira é reconhecida pela Secretaria de Educação como um curso de Educação Física e só 35 anos mais tarde, já em 1972, ela passa a ser tratada pelo Ministério da Educação e Cultura como um esporte.

Em *Bahia de Todos-os-Santos*, no início do livro, Jorge Amado lança uma nota a 40ª edição da obra, situando o leitor sobre as várias atualizações da obra que foi publicada primeiramente no ano de 1945, período este em que a capoeira já era então considerada descriminalizada, no entanto, Amado dedica um grande espaço na obra para falar sobre a Capoeira, incluindo imagens e cantigas, tipos de golpes, mestres e formadores da capoeira, bem como seus instrumentos. E pontua ainda a condição da capoeira enquanto perseguida e condenada:

A CAPOEIRA VEIO DE ANGOLA NOS NAVIOS NEGREIROS. Luta única no mundo, luta na qual a agilidade comanda. Os pés e a cabeça são decisivos. Perseguida e condenada, a capoeira, para sobreviver, teve de acobertar-se nas sombras da música dos berimbaus, ser ao mesmo tempo luta e balé. Que graça, que força, que elegância nos movimentos dos lutadores! Assim, ao som dos berimbaus de capoeira, os negros puderam preservar sua luta, e, ao transformá-la, fizeram-na brasileira e única. (AMADO, 2012.p.339-342)

No intervalo de páginas da citação acima localiza-se uma imagem de uma roda de capoeira, e o espaço se que dedica a ela traz também a menção a grandes capoeiristas do passado como Samuel Querido de Deus, que vira um personagem em *Capitães da Areia* [1937]. Amigo dos meninos de rua é um dos poucos personagens que conhece o esconderijo dos meninos e que os ajuda. Por sua amizade, Querido de Deus que é além de capoeirista um mestre de saveiro, vai até o cais ensinar capoeira aos meninos, como podemos ver:

O Querido-de-Deus é o mais célebre capoeirista da cidade. Quem não o respeita na Bahia? No jogo de capoeira de Angola ninguém pode se medir com o Querido-de-Deus, nem mesmo Zé Moleque, que deixou fama no Rio de Janeiro. O Querido-de-Deus contou as novidades e avisou que no dia seguinte apareceria no trapiche para continuar as lições de capoeira que Pedro Bala, João Grande e o Gato tomam. (AMADO,2008.p. 31)

Pedro Bala é o líder dos Capitães da Areia, João Grande e Gato são também personagens bastante expressivos dentro desta obra e estes praticam a capoeira que serve aos meninos como esporte, lazer e também defesa. Quando os meninos junto de Dora são presos, Pedro Bala aplica um golpe no investigador que o interrogava: “Pondo em prática uma agilidade incomum Pedro Bala se livrou dos braços do investigador que o segurava e com um golpe de capoeira o derrubou.” (AMADO, 2008.p.198).

No mesmo contexto de repressão dos Capitães da Areia, a capoeira enquanto defesa, permite tempo para que os companheiros de Pedro Bala, chefe do grupo, consigam escapar. “Se Pedro Bala não houvesse aprendido com ele o jogo da capoeira de Angola, a luta mais bonita do mundo, porque é também uma dança, não teria podido dar fuga a João Grande, Gato e Sem-Pernas.” (AMADO,2008.p.205). Na sequência a narrativa mostra Pedro Bala na cafua, preso sem poder se mexer e menciona que nesse momento, sem liberdade a capoeira não pode servir.

Quando pensamos em Patrimônio, a ideia de continuidade se faz presente, pois, a patrimonialização vem agregada da conservação de algo, e essa conservação pode ser tanto do que é material, dos bens tangíveis, como dos bens intangíveis, compreendidos

nos bens imateriais, estes, por sua vez, sejam de expressão musical, sejam produto de tradições orais precisam ser conservados e atrelados as ideias de continuidade destas práticas.

Nesse sentido, a continuidade daquilo que vive nas pessoas e que é passado principalmente de forma oral e vivida torna-se algo ainda mais difícil de ser preservado e com isso ganha um valor que não é material, mas simbólico, maior. Pois, depende do grupo ao qual faz parte, depende da prática da manifestação espontânea. Por sua vez, quando uma manifestação como a capoeira é oficialmente tombada como patrimônio, temos a promoção como define Figueiredo: “[...]melhoria da qualidade de vida da comunidade, implica na manutenção de seu bem estar material e espiritual e garante o exercício da cidadania.” (FIGUEIREDO, 2013.p.2010).

E desta forma, os bens culturais devem ser preservados e tratados como patrimônios característicos pela sua representatividade, bem como, aqueles que contribuem na manutenção de ambiências. E ao pensarmos na cidade de Salvador enquanto espaço da narrativa de Jorge Amado, alguns elementos como as baianas que fazem e vendem acarajés, assim como as rodas de capoeira são elementos frequentes que compõem a ambiência da cidade.

Inicialmente foram considerados patrimônios somente os bens que representavam as classes hegemônicas, em outras palavras, tudo que remetesse a um passado glorioso de grandes proporções. Somente anos mais tarde é que elementos da cultura popular começaram a ser considerados dentro da patrimonialização. Com isso, é interessante pensarmos na capoeira, criminalizada no passado e atualmente considerada um patrimônio do povo brasileiro.

A roda de capoeira é citada em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* [1961] como um dos poucos lugares em que um dos personagens, Pé de Vento, frequenta assiduamente: “Esse não tinha pouso certo, a não ser às quintas e domingos à tarde, quando invariavelmente brincava na roda de capoeira de Valdemar, na estrada da Liberdade.”(AMADO,2008.p.61)

A roda de capoeira também aparece como lugar de encontro entre personagens na novela de Quincas, diferente de como é mencionada em *Dona Flor e seus Dois Maridos* [1966], onde surge apenas uma vez, como algo que é novo e incomum. Um

contraste dentro da narrativa como um todo: “Dona Gisa, aliás, há pouco viera convidar dona Flor para uma demonstração de capoeira, nuns terrenos baldios para as bandas de Amaralina: gringa sapeca, sempre com novidades.” (AMADO, 2008.p.423)

Em *Jubiabá* [1935] percebemos a afetividade que envolve a capoeira e quem a ensina, e principalmente, o que abordamos acima como uma manifestação cultural que depende dos membros que a praticam, da continuidade que deve ser preservada e exercida, e do quanto tudo isso depende principalmente dos sujeitos praticantes. Assim, em *Jubiabá* temos um personagem, Zé Camarão, responsável por passar essa tradição, o saber da capoeira, aos mais novos.

Havia quem não gostasse dele, quem o olhasse com maus olhos, porém Zé Camarão passava horas e horas ensinando aos garotos do morro o jogo da capoeira, tendo uma paciência infinita com eles. Rolava no chão com os moleques, mostrava como se aplicava um rabo de arraia, como se arrancava o punhal da mão de um homem. Era amado pela garotada, que o queria como a um ídolo. (AMADO, 2008.p. 23)

Uma das ideias contidas na patrimonialização trata-se da continuidade das práticas culturais, estas não são estáticas como sabemos, a cultura é viva e se transforma com o tempo. Mas, ainda assim, todo patrimônio que deve ser preservado e conservado seja material ou imaterial, precisa também ter meios para que sua prática, possa continuar existindo. Assim, o IPHAN órgão responsável pelo patrimônio brasileiro oferece em sua plataforma, um cadastramento dos grupos de capoeira existentes no território nacional, visto que são muitos e espalhados nos 26 estados brasileiros.

No trecho acima, podemos perceber um elemento que garante a continuidade da prática da capoeira, o saber é passado aos mais novos, existe toda uma relação de afetividade que liga os meninos ao mestre. Neste pequeno trecho também podemos identificar um golpe de capoeira, rabo de arraia, golpe este que também é nomeado e citado por Jorge Amado em *Bahia de Todos-os-santos*. E além, podemos também perceber o jogo da capoeira como estratégia de defesa, como acontece também em *Capitães da Areia*.

Os pastores da noite [1964] livro que conta com três histórias que se relacionam, a capoeira aparece em diversos momentos, um deles já citado aqui quando falamos no samba de roda, neste, a capoeira aparece ao lado da outra manifestação, como um elemento presente na Bahia, é apenas citado. Portanto, nos dedicaremos aos trechos

mais expressivos dentro da narrativa, e algo interessante que acontece neste livro é que mestres são citados, entre eles mestre Pastinha, como veremos:

Martim era mestre na capoeira, igualava-se aos maiores do passado e do presente: a Querido de Deus, a Juvenal, a Traíra, a mestre Pastinha. Nos domingos à tarde, quando para atender a solicitações de admiradores ou para alegrar os olhos de uma cabrocha, exibia-se no Pelourinho ou na Liberdade, dava gosto ver. (AMADO, 2009.p.38)

Este trecho, presente na primeira história apresentada na obra, que nada mais é do que a história do casamento do personagem Cabo Martim, personagem este protagonista do trecho citado, entre outras atribuições, capoeirista. A menção a estes mestres não é exclusiva desta obra nem somente desta história, apenas para mostrar mais uma passagem, citaremos outro trecho contido na segunda história que é narrada em *Os pastores da noite*, *O compadre de Ogum*, onde em um grande acontecimento, o batizado do filho de Massu, protagonista da história, estão incluídos os capoeiristas, citados por seus nomes, e ainda demonstrando a importância dos lugares, podemos ver a escola de capoeira da Angola:

E o cortejo do menino e da negra velha Veveva. Na frente uma carroça com a negra, a criança e Otália. Atrás Martim, Curió, Pé-de-Vento, Ipicilone, os vizinhos todos do negro Massu, o pessoal da capoeira de Valdemar, gente do Mercado Modelo, Didi e Camafeu, Mário Cravo com mestre Traíra, saveiristas e putas, uma orquestra inteira de cavaquinhos e harmônicas, Cuíca de Santo Amaro e a célebre cartomante madame Beatriz, recém-chegada à cidade e recomendada a Curió. O encontro foi bem em frente à Escola de Capoeira de Angola e mestre Pastinha e Carybé ajudaram a negra velha Veveva a descer da carroça. (AMADO,2009.p.179)

Além de observarmos o “pessoal da capoeira”, e a citação dos mestres, percebemos neste trecho a menção a Escola de Capoeira da Angola, que é a mesma citada em *Tenda dos Milagres*, pois, localiza-se ao lado da Igreja do Rosário dos Negros, no Pelourinho, e aqui o cortejo que vai para o batismo, se encaminha também a Igreja do Rosário dos Negros. Ainda, podemos refletir sobre esta citação, no quanto os patrimônios estão envolvidos, e o quanto fazem parte por sua vez de lugares.

Se pensarmos na capoeira, patrimônio imaterial, na igreja do Rosário dos Negros, patrimônio Material, no largo do Pelourinho que é considerado um sítio tombado e parte do patrimônio, onde a igreja se localiza e ainda incluímos que estamos pensando estes elementos como patrimônios que estão no que tratamos como um lugar geograficamente, percebemos o quanto todos os conceitos estão envolvidos se

entrelaçam e se relacionam, como as práticas sociais e culturais acontecem de forma complexa, ao ponto de não conseguirmos separá-las em caixinhas isoladas.

E para finalizarmos nossa análise literária, trazemos então os trechos onde a capoeira se faz presente em *O sumiço da santa*, primeiramente a capoeira é citada ao lado de outras manifestações culturais como o samba de roda, os afoxés, o candomblé, entre outros. E mais tarde temos um subcapítulo extremamente importante, que se dedica a tratar da capoeira: “MESTRES DA CAPOEIRA ANGOLA- no Largo do Pelourinho, na Escola de Capoeira Angola de mestre Pastinha, instalara-se na noite daquela quinta-feira o Primeiro Grande Encontro dos Mestres de Capoeira Angola”. (AMADO, 2010.p.274).

Publicado em 1988, *O sumiço da santa* é o livro mais recente que trabalhamos, e um dos últimos escritos por Amado, nesta obra, o sincretismo tem grande destaque, temos uma Orixá Iansã como protagonista, no sincretismo da obra Santa Bárbara para os católicos, e nesta obra Jorge Amado parece reunir todos os elementos culturais presentes em suas outras obras, nesta portanto, a ênfase é ainda maior e há um certo amadurecimento literário, percebemos uma fluidez maior, é como se o autor escrevesse com mais liberdade, dizendo de fato o que quer, e é um dos livros que mais aparecem seus amigos como Carybé, Caetano, Gilberto Gil, entre outros.

O candomblé, e o sincretismo povoam a obra da primeira à última página, e a capoeira como citamos, está explícita em sua condição e discussão. O que nos faz refletir, sobre os trechos que apresentaremos aqui e que pertencem ao *O sumiço da santa*, é o teor da discussão e preocupação entre os personagens sobre a capoeira. Ou seja, os mestres se reúnem para um encontro de mestres de capoeira para a discussão do código de honra dos participantes, bem como, a prática da capoeira na Bahia em tempo de industrialização e turismo.

A partir da manhã seguinte, divididos em comissões, os mestres iriam discutir os vários problemas afetos ao estudo e à prática da capoeira angola na Bahia, em tempo de industrialização e de turismo. As vantagens e desvantagens, em especial o perigo de descaracterização capaz de transformar a luta nacional em exibição folclórica, suntuosa ou chinfrim, rica ou pobre em agilidade em malícia, espetáculo para inglês ver, argentino aplaudir, americano fotografar. Planejavam colocar de pé um organismo, com sede na Bahia, reunindo os mestres de todo país em torno de um Estatuto do Capoeirista que estabelecesse normas de comportamento, regras, obrigações e preceitos. (AMADO, 2010.p.274-275)

Quando se decide organizar algo para estruturar uma prática, ou manifestação, sabemos que só se faz preciso tomar medidas de preservação quando algo está se perdendo e/ou modificando, portanto, a ideia de estabelecer um estatuto com as regras sobre a capoeira, sinaliza para as modificações que através da percepção do autor, estavam ocorrendo. Para tomarmos como exemplo de como a ideia de preservar está aliada ao que começa a entrar em desuso ou modificação, podemos tomar como exemplo as gramáticas normativas da língua, as gramáticas não surgem quando os idiomas encontram-se em plena profusão e consolidação e sim quando surge um período de declínio da língua e através das gramáticas tenta-se conter as mudanças.

O mesmo podemos pensar deste episódio que tenta também organizar a capoeira, diante das mudanças que a vida vinha sofrendo na cidade de Salvador devido principalmente ao, e aqui podemos pensar no elo que existe entre patrimônio e turismo, pois ao patrimonializar algo estamos paralelamente criando uma ponte ao turismo, como este será gerido sobre o patrimônio é uma outra discussão, mas o fato é que ao destacarmos algo como importante, como algo que conta sobre nossa história e que deve ser preservado, este torna-se algo que precisa também ser conhecido e que gera uma série de transformações, entre elas o turismo.

É importante também observar que a passagem a seguir no trecho literário, após o anúncio do encontro para a formação do estatuto da capoeira, trata-se na retomada de suas origens, como única arma de defesa possuída pelos escravos, e cruelmente perseguida e combatida durante a escravidão, assim como outras práticas e costumes africanos. Desta forma, sua resistência também é narrada:

Arma de defesa, nascida nas senzalas, criação dos escravos bantos, a capoeira esteve sujeita à mais feroz perseguição: proibido seu exercício, castigados seus cultores. Considerada, junto com o candomblé, expressão de barbaria: toda a matriz africana da cultura brasileira era então repudiada, obliterado seu conhecimento, defesa sua manifestação. Todavia a capoeira, camuflada em dança coletiva, subsistiu ao som dos berimbaus de barriga, impôs sua eficácia e sua beleza, balé de passos mágicos, luta de golpes mortíferos, ganhou foro de arte. (AMADO, 2010.p.275)

Percebemos então, a retomada pela origem, a luta pela continuidade e a transformação da capoeira expressa no trecho acima. E este subcapítulo sobre a capoeira é tão completo e complexo que traz inclusive diversas músicas, ou seja, suas letras, além dos mestres já citados anteriormente e dos lugares ocupados, como é o caso do local onde acontecerá o encontro dos mestres:

Naquela quinta-feira, noite de abertura do Primeiro Grande Encontro, e na do encerramento, no domingo, para gáudio dos assistentes, os mestres se exibiram no salão da Escola. No sábado pela manhã estariam na área dos fundos do Mercado Modelo, palco tradicional dos desafios, onde seriam filmados pela equipe de Le Grand Echiquier. (AMADO, 2010.p.275)

Neste trecho observamos diversas coisas, inclusive uma contradição a ser pensada. A seguir da citação temos diversas letras de músicas da capoeira, o desenrolar do encontro dos mestres, e uma extensa lista com o nome dos participantes, e essa lista funciona como uma homenagem a parte dos grandes capoeiristas que já existiram, de fato é o dar o nome, para reafirmar, homenagear e destacar cada um deles. A contradição que nos chamou a atenção e sem dúvidas ela é proposital, sinaliza para a gravação do evento dos capoeiristas, ou seja, a preocupação anteriormente expressa pelos personagens em que a capoeira não deveria tornar-se algo para ser visto pelos outros, é expressa em realidade dentro da narrativa pela filmagem de uma equipe estrangeira.

Outro ponto que merece atenção na citação acima se trata mais uma vez dos lugares em que as manifestações de capoeira se realizam. Lembrando que a sede, a Escola fica ao lado da Igreja do Rosário dos Negros, e a além das exibições que acontecem na escola e a frente da igreja, o trecho em específico nos coloca a par de um outro local, a área dos fundos do Mercado Modelo. Este lugar que é problematizado quando trabalhamos com o lugar na análise das obras, trata-se de um dos lugares mais emblemáticos dentro da literatura de Jorge Amado. E mais uma vez percebemos a união entre o que é material junto do imaterial. Através do bem móvel, o próprio mercado e a manifestação da capoeira, bem imaterial.

O mercado, dentro da literatura amadiana aparece em dois momentos, em muitos, como o Mercado Modelo Original, com uma rampa que dava acesso aos barcos que vinham ao porto descarregar suas cargas. Esse primeiro mercado sofreu um incêndio e o mercado modelo atual, é um novo prédio construído no mesmo local. Como nos situa Jorge Amado através da sua literatura, o Mercado Modelo de Salvador, e principalmente a rampa, muito citada, funcionava como um espaço de grande efervescência cultural. Nos chama atenção para o trecho que diz que os fundos do Mercado, servia como palco dos desafios, ou seja, como espaço onde era praticada a capoeira. E em observação do trabalho de campo realizado em Salvador, ainda hoje podemos observar a prática da capoeira nesse espaço.

Como podemos observar no site do IPHAN, atualmente a capoeira é praticada em todo território brasileiro e em diversos países, assim, existem milhares de grupos de capoeira em todo território nacional, não sendo algo exclusivo da Bahia, e principalmente da cidade de Salvador, mas que ainda assim, é um elemento importante para a cidade, a cultura local e a história do lugar, uma vez que o nascimento da capoeira se dá na Bahia.

Se observarmos a capital gaúcha, Porto Alegre, aos domingos no parque na Redenção, um espaço ainda público, uma praça localizada no centro da cidade e que aos sábados e domingos é um lugar procurado pelo lazer, percebemos que consecutivamente, um grupo de capoeiras dança, canta e ocupa parte do espaço nesta praça. Sempre localizados no mesmo lugar, no chafariz central, forma-se uma roda de capoeira com os participantes e seus instrumentos.

Ao observarmos no trabalho de campo realizado em Salvador, percebemos que a capoeira é retratada nos quadros e até mesmo nos imãs de geladeira, nas estampas de camisetas, nas estampas de bolsas vendidas nas lojas de lembranças, destinados aos turistas e que retratam a cidade, bem como, percebemos alguns espaços onde a capoeira é um elemento central.

Atualmente o espaço oficial de memória sobre a capoeira em Salvador pode ser considerado o Forte de Santo Antônio Além do Carmo, construído em 1638 e onde atualmente possui exposições que contam a história da capoeira na Bahia e seus mestres, como também abriga diversas Academias de Capoeira.

Figura 29 - Forte de Santo Antônio Além do Carmo



Produção da autora (2018)

A capoeira teve seu reconhecimento primeiro pelo IPHAN em 2008 e mais tarde pela UNESCO em 2014. O IPHAN, no entanto considera como patrimônio a roda de capoeira e o ofício dos mestres de capoeira também, estes bens foram tombados na mesma data em 21/10/2008 e são considerados patrimônios da Bahia, mas também dos oito estados que compõem o nordeste: Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Maranhão, Ceará e Alagoas.

No espelho em que colocamos as citações das obras de Jorge Amado narrando como a capoeira é apresentada, percebemos que essa forma se mistura e se faz presente nas duas formas de patrimonialização que envolvem a capoeira, tanto da roda de capoeira, como do ofício dos mestres de capoeira. Essa classificação que separa a roda de capoeira e o ofício dos mestres de capoeira só é considerada pelo IPHAN. E percebemos que uma não existe sem a outra, estando intimamente ligadas e conectadas.

Já a UNESCO considera como patrimônio a roda de capoeira onde os mestres se fazem presentes, pois são os principais responsáveis pela continuidade, manutenção e ensino dos saberes que envolvem a capoeira. Em ambos os órgãos, a roda de capoeira é descrita como um círculo, formado por diversos gêneros onde a capoeira que é ao mesmo tempo uma luta e uma dança acontece e é aprendida através da observação e da imitação.

É uma manifestação gestual e oral, pois, sua prática consiste em movimentos corporais pelos que estão dentro da roda, já os que estão ao redor batem palmas, tocam instrumentos e cantam as músicas que fazem parte da capoeira, essas canções contam a história da capoeira, mencionam mestres expressivos deste bem, muitas músicas são reinventadas e novas criadas.

4.3.4 - Igreja da Sé

Uma vez que a ideia central de qualquer patrimônio seja, material ou imaterial, pauta-se na conservação para as gerações futuras, consideramos importante destacar aqui um apelo existente na literatura de Jorge Amado sobre a Igreja da Sé, construída no século XVI, no ano de 1553, sendo a primeira igreja no Brasil, no período de fundação da cidade, na Praça da Sé e que foi destruída em 1933, para a construção de um ponto de bonde que também não existe mais. Atualmente existe o Monumento da Cruz Caída em homenagem à Igreja da Sé, como podemos ver na imagem abaixo:

Figura 30 - Monumento da Cruz Caída



Produção da autora (2018)

O Monumento foi feito pelo artista Mário Cravo, personagem frequente na obra de Jorge Amado, medindo 12 metros de altura, construído em aço e inox, foi inaugurado em 1999. Da igreja restou apenas parte de sua fundação no solo, podemos ver

protegidas por grades algumas das rochas de sua fundação na Praça da Sé. Na literatura analisada, percebemos o impacto dessa demolição iniciando por *Bahia de Todos-os-Santos* onde a maior parte do capítulo que se dedica a falar sobre as igrejas em Salvador, é sobre a igreja da Sé e o título já é uma provocação: “No Largo da Sé existia uma igreja...”, e assim vamos conhecendo a história da Igreja da Sé, a primeira do Brasil onde Padre Antônio Vieira discursou, onde o tempo foi agindo no prédio que não recebeu nenhuma restauração.

E através deste capítulo é possível saber sobre os interesses da Circular da época, empresa privada com interesses em destruir a igreja e que acaba vencendo a briga e usando o espaço onde um dia o prédio existiu. Tudo isso nos é revelado neste capítulo de *Bahia de Todos-os-Santos*. As demais obras vão complementando as informações sobre a Praça da Sé e sobre as lembranças existentes sobre a igreja. Assim, podemos ver:

Antigamente aqui era a Igreja da Sé. Enorme, de pedras colossais, negra, pesada, magnífica. Sem dúvida era o monumento histórico mais importante da cidade. Uma ruazinha dividia, partindo da igreja, o atual largo. Era na esquina desta rua que ficava, nos tempos gloriosos da literatura boêmia, o citado Bar Bahia, hoje apenas uma sala nos fundos de um armazém, fielmente frequentado ainda por Manuel Lima, irmão de Hermes. Ao lado da igreja havia uma espécie de parque que servia para tudo. Para encontros entre casais suspeitos, para bolinagens escandalosas, para descanso dos mendigos após um dia trabalhoso, ponto estratégico onde rameiras baratas faziam o trotoar; para teatros pobres de variedades, para quermesses, festas diversas. (AMADO, 2012, p. 102).

O que restou é o Largo da Sé, ou Praça da Sé, espaço esse que possui usos variados que tendem ao atendimento aos turistas. Observamos que durante o dia a praça dá lugar a banquinhas com venda de artesanatos, souvenirs, acarajés e turistas passantes. À noite, observamos que a Praça da Sé muda seu público frequente. Observamos essa mudança nos dois trabalhos de campo realizados e percebemos que à noite a praça dá lugar a população local, entre outros, mendigos e prostitutas.

Há uma estátua de Zumbi com diversas placas em homenagens, um busto do bispo Sardinha, busto esse mencionado em *Bahia de Todos-os-Santos*, os resquícios da fundação da antiga Sé e um chafariz. Dos trilhos ou bondes não restaram nada, e não há nenhuma menção a eles no espaço público. Na literatura podemos ver passagens sobre o orgulho da igreja que um dia existiu: “A igreja da Sé era um dos orgulhos da cidade.” (AMADO, 2012, p.102). Como o embate de interesses sobre a demolição da igreja para a construção do ponto de bondes:

A Circular ganhou a questão. Não adiantou a grita do povo, as toneladas de versos que os poetas rastaqueras escreveram entupindo os mesmos jornais que recebiam matéria paga da companhia americana. Os ecos da voz de Vieira ficaram soltos no largo, se perderam no céu azul. As pedras negras ninguém sabe para onde foram, o altar do estalo está guardado. Falam que muitos documentos históricos serviram para que sacristães analfabetos e efeminados acendessem os seus fogões. O povo da Bahia perdeu seu monumento, a ruazinha atrás da igreja veio abaixo e os bondes da Circular ficaram com todo o largo. (104-105).

Jorge Amado cita alguns literatos que na época publicaram clamores sobre a conservação e preservação do prédio, que como sabemos não obtiveram sucesso. Vieira na citação acima é o padre Antônio Vieira, um dos jesuítas mais importantes para o Brasil, considerado o pai da literatura brasileira por seus sermões, cresceu na igreja da Sé e o possível estalo da citação, seria o momento de iluminação intelectual que o fez produzir sua literatura. O altar também citado está presente em um museu aberto nos últimos dias de 2019, o Palácio da Sé, localizado na mesma praça, e que esteve fechado por mais de vinte anos. Lá encontram-se os objetos religiosos provenientes da antiga catedral da Sé¹⁸, que podemos observar na imagem abaixo, onde ao fundo está o Palácio:

Figura 31 - Palácio da Sé



¹⁸

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/12/06/palacio-da-se-e-reaberto-apos-20-anos-com-exposicoes-sobre-historia-da-igreja-catolica.ghtml>.

Assim, no Palácio da Sé, prédio ao fundo na fotografia acima, eis o que restou da materialidade da antiga igreja e na literatura o testemunho de sua existência: “Havia antes uma sólida beleza, negra e pesada, que era necessário conservar, que pertencia ao povo todo, era um bem da cidade. Agora tudo ficou pequenino apesar do alargamento surgido da derrubada da igreja e da rua.” (AMADO, 2012, p.105)

Percebemos na narrativa das demais obras a menção ao uso da Praça da Sé, em *Suor*, notamos personagens muito próximos das pessoas observadas no trabalho de campo: “O relógio batera onze horas quando, na escuridão da Sé, ele encontrou a copeira:”. (AMADO, 2011, p. 47), e também mendigos:

Dormia no passeio da Sé, mesmo quando as nuvens substituíam as estrelas no céu. Não que estivesse contente. Mas que jeito tinha ele, senão se contentar com a cama de jornal? As esmolas que recolhia não davam para alugar um quarto e não sabia de um vão de escada no qual pudesse dormir. Torcia para que não chovesse e murmurava palavras ao ver o céu sombrio, o vento levantando poeira nas ruas estreitas. E desesperava de encontrar melhor pouso para seu sono. (AMADO, 2011, p. 91)

Observamos uma dinâmica temporal na Praça da Sé, durante o dia é povoada por bancas e turistas, e ao cair da noite dá lugar a diferentes públicos, percebemos moradores de rua que ao fim da tarde deitam-se nos bancos da Praça e dormem ali ao relento, até a manhã do dia seguinte.

Num dos primeiros livros de Jorge Amado, *Jubiabá*, um dos principais personagens, Antônio Balduino passa por diferentes profissões, entre elas, lutador de boxe, eis que entre os usos da Praça da Sé que percebemos na narrativa, está como lugar de luta, e no trecho desta, encontramos a única passagem na literatura romântica onde a igreja da Sé ainda existe: “O largo da Sé pegara uma enchente naquela noite. Os homens se apertavam nos bancos, suados, os olhos puxados para o tablado onde o negro Antônio Balduino lutava com Ergin, o Alemão. A sombra da igreja centenária se estendia sobre os homens.” (AMADO, 2008, p.11).

Tanto a igreja, como a praça em si, se constituem como lugares para os personagens, tanto no sentido mais eficaz de uso como inclusive quando passagem, pois, a praça também é um elo que liga importantes partes da cidade. E como demonstram diversas citações já utilizadas, existe um “povo” da Sé, ou seja, um grupo que se identifica como grupo daquele lugar.

Assim, como é um dos lugares essenciais as informações significativas como a notícia da morte de Pedro Archanjo em *Tenda dos Milagres*: “Do castelo de Ester, a notícia se propagara de boca em boca, de porta em porta, de casarão em casarão, rua afora, escada acima, ladeira abaixo e nos becos. Chegou ao largo da Sé a tempo de embarcar nos primeiros bondes e ônibus.” (AMADO, 2008, p. 36).

Como podemos perceber a Sé e a Praça da Sé contempla diversos momentos e usos, entre eles inclusive o período dos bondes como mostra a citação acima. E sua importância como um patrimônio que é formado por um lugar pode ser percebida também em *O sumiço da santa*, quando a orixá, Iansã, protagonista, desembarca na Bahia e um dos lugares onde é vista é a Praça da Sé: “Embora a visse de relance, pareceu-lhe conhecida, de onde não se recordava. Voltou-se na intenção de certificar-se mas já não a enxergou, desaparecera em meio à multidão, no burburinho da Praça da Sé.” (AMADO, 2010, p. 151)

Desta forma, poderíamos pensar como a Igreja da Sé como um patrimônio material, mas o prédio não resistiu aos interesses econômicos e foi destruído em 1933. No entanto, como percebemos tanto na literatura como no trabalho de campo, a importância daquilo que se perdeu, o que ressalta o compromisso e a luta que é a conservação e a preservação do que é importante e deve ter continuidade para que gerações futuras possam conhecer também. Por isso, consideramos importante trabalharmos a Sé, ainda que ela não exista mais, principalmente ao nos depararmos recentemente com a perda de diversos monumentos em Salvador, como o monumento das baianas e o monumento a cidade, a Fonte de Oxalá, na Cidade Baixa, que recentemente foram destruídos por incêndios.

A fragilidade dos bens materiais torna-se mais pujante quando inesperadamente nos damos conta da perda repentina não de um, mas de vários patrimônios, como aconteceu também recentemente em Paris, na cidade mais visitada do mundo, num patrimônio da humanidade, a catedral de Notre Dame que sofreu um incêndio no período de restauração.

Todo patrimônio possui em seu núcleo um lugar, não há patrimônio se não houver um lugar específico, localizado e materializado onde os sujeitos próximos possuam relações com esse lugar, que atribuam significados ao espaço que é transformado pelas relações, experiências, vivências e memórias. Assim, ao

trabalharmos com os lugares na narrativa amadiana trabalhamos também com patrimônios. Em sua grande maioria dos lugares citados como prédios históricos, são também tombados por algum órgão como o IPHAN, como acontece com a Igreja do Rosário dos Negros ou o Elevador Lacerda.

Sem esquecer que todo sítio central de Salvador enquanto conjunto arquitetônico é também tombado como patrimônio e deve ser mantido e preservado. Desta forma, como todos os lugares que trabalhamos estão localizados no centro histórico da cidade, sabemos que tanto coletivamente como individualmente cada bem material possui sua singularidade dentro da narrativa. E entendemos que a Sé não poderia ser trabalhada como um lugar, mas sim como um patrimônio importante.

4.3.5 - Festa de Iemanjá

Assim como a festa de Nosso Senhor do Bonfim é narrada em *O sumiço da santa* sendo um elemento muito importante na narrativa, a festa de Iemanjá existe em *Mar Morto*. Celebrada em todo Brasil no dia 02 de fevereiro, a festa que homenageia a Orixá mãe das águas, é um dos eventos mais importantes do romance marítimo *Mar Morto*, que trata da vida no cais, dos homens que trabalham diretamente com o mar. A presença dos Orixás é frequente em toda obra de Jorge Amado.

E ao desvelar o universo do candomblé somos apresentados ao candomblé, religião de matriz africana trazida do continente africano junto de sua população negra trazida ao Brasil na condição de escravizados. Por longos anos o candomblé, assim como a capoeira foi proibido no Brasil. O culto as divindades africanas não era livre e só o foi a partir de 1946 quando o próprio escritor, Jorge Amado, enquanto deputado federal criou uma ementa na lei de liberdade de culto religioso, garantindo essa liberdade.

Antes disso os terreiros não podiam professar sua fé, frequentemente sofriam perseguições, eram vítimas de preconceito e de atentados, sendo inclusive presos alguns de seus membros, tendo os terreiros incendiados entre outras coisas. Na narrativa amadiana podemos conhecer o ponto de vista do autor sobre o candomblé e sobre a perseguição sofrida pelos terreiros.

Através de seus livros podemos conhecer os Orixás que são as divindades, os ritos, as oferendas, a história da religião e de cada orixá que é também um deus, de

forma natural dentro da vida dos personagens, narrada como uma esfera da vida. Também somos apresentados ao sincretismo que se desenvolveu no conflito de perseguição e proibição do culto aos orixás. Jorge Amado, ateu, foi Ogã de Oxóssi e Obá de Xangô, títulos que recebeu no candomblé.

Sua obra é impossível de ser separada da religião africana, os orixás se fazem presentes entre os personagens, as comidas sagradas como os acarajés, são saboreadas, as músicas são entoadas, as festas são celebradas, oferendas preparadas, as armas abrem capítulos e toda sua obra, inclusive sua casa o Memorial Casa de Jorge Amado no Rio Vermelho, assim como a Fundação Casa de Jorge Amado possuem como protetor Exu, orixá que guarda e abre os caminhos e segundo Jorge Amado é também o orixá que protege a cidade de Salvador.

Assim, em *Bahia de Todos-os-Santos* podemos conhecer cada orixá de forma sistematizada, suas características, sua história, seus nomes, e oferendas, saudações em ioruba, suas músicas, muitas compostas por Caymmi, e podemos conhecer sua festa. Desta forma, em *Bahia de Todos-os-Santos*, podemos conhecer Iemanjá:

Dona das águas, esposa de Oxalá, mãe de todos os orixás. Veste azul. Pedras do mar e conchas são seus símbolos. No sincretismo é Nossa Senhora da Conceição. Contas transparentes. Usa abebé prateado. Dia da semana: sábado. É também conhecida como dona Janaína, Inaê, Maria, princesa de Aioká. Os negros grunci chamavam-na simplesmente Iá. Em sua homenagem, realizam-se grandes festas de pescadores, saveiristas e marítimos do Dique, em Itaparica, no Rio Vermelho. A festa de 2 de fevereiro, no Rio Vermelho, é belíssima e mereceu canção de Dorival Caymmi. Aliás, boa parte da obra de Caymmi tem Iemanjá como tema. No rastro do grande compositor, outros muitos têm celebrado Iemanjá. Sem a grandeza do mestre, pois Dorival Caymmi nasce um em cem anos. Iemanjá come cabra. Sua saudação: Odoiá! Todo o mar da Bahia pertence a Iemanjá. (AMADO, 2012, p.169-170)

No todo de sua literatura, como vimos através dos lugares, muitos elementos do candomblé estão presentes, são protagonistas. Sobressaem-se duas festas na literatura amadiana, a da lavagem das escadas da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, já considerada patrimônio, e a festa de Iemanjá que recentemente, no dia de sua comemoração, dois de fevereiro foi reconhecida pela prefeitura de Salvador como patrimônio também.

Desta forma, acreditamos que a inclusão do candomblé na literatura de Jorge Amado produz no leitor o sentimento de empatia quanto aquilo que ainda é visto como algo pouco conhecido e que frequentemente sofre ações provenientes de preconceito.

Somos envolvidos em diversos aspectos, nas perseguições, como em *Capitães da Areia* quando um terreiro tem seu santo levado e preso, e Pedro Bala vai até a cadeia para libertá-lo, o trabalho das baianas que vendem acarajé e mingau nas portas dos terreiros como em *Jubiabá*, a proteção a Dona Flor, a expressão da fé e as celebrações nas festas. É interessante notar como os patrimônios se cruzam com relação a Igreja do Bonfim e a sua festa.

E assim, iniciamos nossa análise pensando a festa de Iemanjá, que embora não tão mencionada na literatura como é a de Bonfim, a orixá se faz presente em muitos romances e tem maior expressividade em *Mar Morto*, onde a festa acontece e onde os personagens por morarem no cais e viverem ligados ao mar são fieis devotos que adoram e temem Iemanjá.

No entanto, a festa, as promessas, a fé, fazem parte do cotidiano dos personagens como podemos ver em *Jubiabá*, quando Balduino conhece um de seus amores: “Lembrava-se de quando a conhecera. Fora numa festa no rio vermelho. Dera em cima dela de longe, tocando violão.” (AMADO, 2008, p. 93), assim de forma despretensiosa vamos percebendo o universo místico com naturalidade.

Também podemos considerar a importância religiosa pensando os momentos da narrativa em que são incluídos, se em *Jubiabá* a festa é citada sem grandes pretensões, o mesmo não acontece em *Dona Flor e seus dois maridos*, no momento final da narrativa, no clímax da obra, na chamada guerra dos santos, quando chega o momento de enviar o fantasma de Vadinho para o além túmulo, eis que todos os orixás travam uma guerra sobre o destino de Vadinho e com a intervenção de Dona Flor, seu amor fica a viver ao seu lado. Nesse momento, na guerra dos santos, enterro de Vadinho, Iemanjá se faz presente: “Na crista do oceano, Iemanjá toda de azul vestida, longos cabelos de espuma e caranguejos.” (AMADO, 2008, p. 456).

Em nossa análise em *Mar Morto*, livro que consideramos como o mais expressivo quanto a religiosidade envolvendo Iemanjá, nele percebemos a fé das mulheres que esperam seus maridos voltarem do mar, e no temor fazem promessas a Iemanjá. O luto é sofrido com a certeza de que os homens afogados vão se encontrar com a divindade.

Também conhecemos a fé como não sendo exclusiva das mulheres, pelo contrário, todos os marítimos incluindo Guma, protagonistas, possuem uma fé e temor inabaláveis quanto a Iemanjá, Guma em uma de suas festas pede a santa o amor de Lívia, fazendo promessas e mais tarde seu pedido é atendido. Também é interessante ver como as promessas são atendidas, seja a de Guma, seja a de sua avó que numa noite de tempestade pede a volta de Francisco, faz promessa e é atendida.

Diversas são as formas em que a fé é vivida nesse romance, a festa é narrada em diversos aspectos, com músicas, comidas, danças, o compromisso com a festa como uma obrigação e consideração com quem protege, a data como um feriado onde ninguém trabalha e ainda a menção do período em que a festa foi proibida despertando a ira da orixá, tudo isso veremos a seguir.

No início da narrativa acompanhamos a dor de uma viúva entre as muitas que vivem no cais, diante do momento da perda de seu marido no mar. Todas as mulheres que vivem ali são um conjunto, fadadas ao sofrimento pelas mortes no mar, a narrativa indica que sejam os pais, irmãos ou maridos de todas que estão presas nessa rede. E a morte pelo mar está ligada a Iemanjá dona do mar e dos homens:

Olhava para o rosto dele, aquele rosto que não se movia mais, que já não sorria, rosto que já passara sob as ondas, olhos que já haviam visto Iemanjá, a mãe-d'água. Lívia pensava com raiva em Iemanjá. Ela é a mãe-d'água, é a dona do mar, e por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. (AMADO, 2008, p.24-25)

A narrativa que não é linear, após o episódio acima onde Lívia que não nasceu no cais observa o sofrimento da viúva, nos leva a um momento anterior, onde Guma em uma festa de Iemanjá pede o amor de Lívia. E retornando um pouco mais ao passado, somos levados a um momento da infância de Guma, quando sua avó, aflita pede também a Iemanjá a proteção para que Francisco retorne com vida e assim faz uma promessa: “Ela esperava andando de um lado para o outro, rezando à Senhora de Mont Serrat, fazendo promessas a Iemanjá. Levaria sabonetes para a festa de dona Janaína e duas velas para o altar da Senhora de Mont Serrat. No meio da noite Francisco chegou.” (AMADO, 2008, p. 50).

Um pouco do sincretismo religioso se faz presente no trecho acima, pois, a personagem roga a santa católica e a divindade do candomblé, e esse trecho soma-se ao

pedido de Guma sobre Livia, pois, ambos são atendidos. Mais tarde o saveirista casa-se com Livia e Francisco retorna em segurança.

O tempo e a continuidade da festa são expressos tanto na infância de Guma como no período da sua fase adulta. Guma frequenta as festas de Iemanjá desde a infância, ou seja, há uma tradição, uma continuidade e compromisso: “Ia às festas de dona Janaína, conheceu Anselmo, o feiticeiro do Dique, o que tinha força junto à dona do mar, conheceu Chico Tristeza que se fora embora num navio.” (AMADO, 2008, p.50).

Avançando na narrativa somos imersos na festa em todos os seus pormenores, incluindo sua continuidade anualmente: “Todo ano se faz a festa de Iemanjá, no Dique e em Mont Serrat. Então a chamam por todos seus cinco nomes, dão-lhe todos os seus títulos, levam-lhe presentes, cantam para ela.” (AMADO, 2008, p. 79). E essa festa se realiza no Rio Vermelho, como podemos ver na imagem abaixo:

Figura 32 - Rio Vermelho



Produção da autora (2015)

Na imagem acima, podemos conhecer o local e também lugar onde se organiza e se festeja no dia 02 de fevereiro de cada ano a festa de Iemanjá, ao fundo podemos ver uma igreja católica, e ao lado a Casa de Iemanjá que em seu interior contém diversas

oferendas, muitas em agradecimento a pedidos atendidos e graças alcançadas. Esse mesmo lugar existe na literatura:

E é ali que se realiza sua festa, mais bonita que todas as procissões da Bahia, mais bonita que todas as macumbas, que ela é dos orixás mais poderosos, ela é dos primeiros, daqueles de onde os outros vieram. Se não fosse perigoso demais poder-se-ia mesmo dizer que a sua festa é mais bela que a de Oxalufã, Oxalá velho, o maior e mais poderoso dos orixás. (AMADO, 2008, p. 79).

Uma personagem emblemática em *Mar morto* e que ressurge em outros romances é Rosa Palmeirão, uma mulher valente que passa pelo cais da Bahia, envolve-se com Guma, como amante, mais tarde como uma velha avó e que demonstra seu compromisso com Iemanjá na seguinte passagem, num momento próximo de sua partida para outros portos: “Nunca, porém, antes da festa de Iemanjá, senão não teria bons ventos, encontraria tempestade no seu caminho. (AMADO, 2008, p. 81). Rosa que partirá em breve espera a comemoração para também pedir proteção e cumprir com suas obrigações de protegida, para só depois seguir sua viagem.

A aproximação da festa também é narrada, e com ela percebemos a preparação para a festa, nesse dia, nenhum pescador e trabalhador marítimo trabalha, e é interessante perceber como essa festa é celebrada em muitas cidades Brasileiras sendo feriado dia 02 de fevereiro nas cidades da costa principalmente:

Está próximo o dia da festa de Iemanjá. Nesse dia, o cais estará vazio, não haverá uma canoa no mar, um só saveiro transportando carga, um marinheiro que não arranje meios de deixar o navio por um momento. Irão todos para onde mora dona Janaína, a de cinco nomes. (AMADO, 2008, p. 81)

O que mais nos surpreendeu no trabalho de campo à cidade de Salvador, foi em visitas a museus da cidade, incluindo o Museu Casa Benin, descobrir que a divindade africana de Iemanjá só é associada ao mar aqui no Brasil. Isso demonstra a dinâmica da cultura enquanto algo vivo e que se transforma, a festa do Bonfim também passou a ser celebrada em países africanos depois dos cultos no Brasil.

E como vimos anteriormente, o candomblé por um longo tempo foi discriminado e proibido, e com isso as festas também: “Sua festa foi proibida e durante algum tempo a substituíram pela procissão de Bom Jesus dos Navegantes. Mas aquelas águas eram de Iemanjá, aos poucos a sua festa voltou, também a sua cólera havia passado, ela não quis mais crianças e virgens.” (AMADO, 2008, p.83).

O dia da celebração também é bastante pontuado: “Hoje é dia de festa de Iemanjá. No Dique, onde ela passa uns tempos durante o ano, sua festa é a 2 de fevereiro.” (AMADO, 2008, p. 83), muitos cantos surgem na narrativa, as oferendas, as danças, tudo é narrado e a obra encerra-se com a bravura de Livia e Iemanjá, onde uma existe na outra graças a coragem e bravura das mulheres.

As festas que ganham destaque em *Bahia de Todos-os-Santos* são: a festa de Iansã ou Santa Bárbara, da Conceição da Praia, a procissão de nosso senhor Bom Jesus dos Navegantes, os Ternos de Reis, a lavagem da igreja do Bonfim, a segunda-feira da Ribeira, o carnaval, as festas de junho como São João, a festa cívica de dois de julho, São Cosme e Damião, as festas dos candomblés e a festa de Iemanjá:

Os poderes de Iemanjá são grandes e seus filhos e filhas – o povo do mar – vivem a lhe trazer presentes, a cumprir obrigações. Nos sábados, dia de Janaína, os sabonetes e pentes, os vidros de perfumes e as cartas com os pedidos são depositados em águas onde ela descansa: flores no Dique, em Mont Serrat, velas acesas nos rochedos, nas praias. Sua grande festa, porém, a maior de todas, a mais solene e bela, é a de 2 de fevereiro, no Rio Vermelho. É o dia dos presentes dos pescadores à sua rainha. O povo do mar e das casas de santo se reúne no largo de Sant’Ana, onde a igreja tão simples e branca, participa da cerimonia animista. (AMADO, 2012, p. 128)

O trecho acima é um pequeno fragmento do todo que é descrito sobre a festa de Iemanjá, sobre os presentes, as manifestações, danças, lugares, músicas, candomblés participantes, entre outros elementos que encontramos em *Bahia de Todos-os-Santos*. De todas as festas narradas, a de Iemanjá e a do Bonfim são as com maiores detalhes e espaço.

Quanto as outras festas, com exceção do carnaval, não são tão expressivas nessa literatura, e o carnaval é foco de muitos estudos já existentes, então como esta festa merece um olhar profundo e já existindo uma série de trabalhos que a consideram, optamos por não trabalhar com ela.

4.3.6 - Baianas do Acarajé

O último patrimônio imaterial que queremos destacar nesta pesquisa é talvez um dos mais significativos na obra de Amado, e sem dúvidas um dos que mais aparecem em sua obra. Trata-se do acarajé, e por acarajé, entendemos o patrimônio que consiste no modo de fazer esta comida. Ou seja, não é o bolinho em si que é considerado um patrimônio, mas todo seu processo de produção que passa de geração a geração como pudemos constatar em viagem de campo a cidade de Salvador em 2018.

Reconhecido como patrimônio pelo IPHAN, desde 2005 o acarajé carrega consigo, esta legitimação que vem com a patrimonialização, pois como veremos nas imagens ao longo da pesquisa, muitas baianas que vendem acarajé em Salvador possuem essa certificação de patrimônio junto de seus espaços, onde são feitos e vendidos os acarajés.

Assim como a roda de capoeira, o acarajé também é considerado patrimônio de outros estados nordestinos, ainda que sua expressividade seja maior em Salvador/BA. Segundo o site do IPHAN o Ofício das Baianas de Acarajés remonta da África, onde sua receita tem origem no Golfo do Benim, tendo chegado ao Brasil com o povo que veio dessa região.

O acarajé faz parte das comidas de tabuleiro, feitas com o azeite de dendê e que estão ligadas ao candomblé e ao culto dos orixás, como poderemos ver também em diversos trechos das obras de Jorge Amado aqui analisadas. O bolinho do acarajé é feito de uma massa de feijão fradinho que é moído num pilão, de forma artesanal, temperado e frito no dendê fervente. O que pudemos observar em diversos lugares em Salvador como atrás do Mercado Modelo, no Pelourinho em frente à Fundação Casa de Jorge Amado, no Terreiro de Jesus e em outros lugares da cidade.

Após frito, o bolinho de feijão, é recheado com camarão seco, vatapá e caruru. Embora todas as baianas realizem o mesmo processo, cada acarajé possui um sabor único e diferente de baiana para baiana. Cada uma possui sua banca com suas características, suas cores, suas roupas e colares. Assim como a organização do acarajé, algumas possuem uma embalagem personalizada, outra oferece um prato, são pequenos detalhes de diferenças que tornam o acarajé parte do todo na tradição que o envolve, e ao mesmo tempo o caracteriza de acordo com quem o faz, traz em si a sua singularidade também.

Os acarajés não são vendidos sozinhos, em suas bancas, as baianas frequentemente vendem também cocadas, pés de moleque, abará, que é uma variação do acarajé só que assado, sendo mais difícil de encontrar, bolinho de estudante e bebidas como água, refrigerantes e cervejas.

Chama a atenção a venda de comidas de rua que é feita em Salvador percebida nas obras de Jorge Amado e também no trabalho de campo, nesse conjunto além dos

acarajés, abarás, cocadas, bolinhos de estudante, incluímos os mingaus, canjicas e mungunzás. E chama-nos tanto a atenção que a venda de comidas pelas ruas de Salvador surge já no primeiro livro de Jorge Amado, *O país do carnaval* [1931], escrito quando o autor tinha só 19 anos, e vai se estender por quase todos, senão todos.

Desta forma, mostraremos aqui como as baianas vendedoras de comida, de acarajés, de abarás, de mingaus aparecem nos livros, os lugares que ocupam, onde vendem, quem são os consumidores, quais as suas relações como personagens e com os outros grupos de personagens. Mostraremos assim, também a relação da comida de dendê com o candomblé e a importância das baianas dentro da narrativa.

E como mencionado recentemente, já no primeiro livro de Jorge Amado, *O país do carnaval*, um dos romances com a narrativa mais destoante dos demais, um pouco mais sombrio e bastante crítico. Surge então a primeira menção as baianas: “Pretas gordas, nas esquinas, vendiam acarajé e mingau. E nas sombras da noite a Bahia parecia uma grande ruína de uma civilização que apenas começara a florescer.” (AMADO, 2011, p.32)

É importante pontuar a flexibilidade de horários e ocupação dos espaços pelas baianas, tanto quanto ao que observamos nas obras como pelo que percebemos no trabalho de campo. Algumas baianas vendem seus acarajés durante o dia, outras em sua grande maioria, como a baiana da citação de *O país do carnaval* vende à noite. Iniciando seu trabalho de venda no início do anoitecer.

O trabalho das baianas em alguns casos envolve toda uma família que produz e vende os acarajés, cocadas e outras comidas, através da observação e conversa realizada no trabalho de campo descobrimos uma baiana no terreiro de Jesus que nos disse que toda sua família, mãe e irmãs faziam os quitutes e que cada uma delas era responsável pela venda em um dia da semana, durante o dia inteiro. O ponto de venda foi escolhido por sua mãe há mais de 40 anos. E suas próprias palavras afirmaram que ela “nasceu no acarajé”, que aprendeu com a mãe a fazer o acarajé e que mora perto ponto, indo de táxi.

Diferentemente de outra baiana também localizada no Terreiro de Jesus que nos contou que durante o dia se dedicava ao trabalho da produção dos doces como as cocadas, da compra dos ingredientes para os acarajés e nas noites, intercaladas se dedica

a venda. A mesma ainda nos contou que muitos quitutes de tabuleiro estão desaparecendo, mas que ela sabe fazer todos, por encomenda ainda faz, mas que muitos já não são encontrados nas bancas com os acarajés, como o bolinho de estudante na palha.

Em *Suor* [1934], romance que retrata a vida no Pelourinho e dos moradores de um dos casarões coloniais que fazem parte do conjunto arquitetônico do Pelourinho são diversas as passagens das baianas que vendem acarajés, mungunzá, mingau, cuscuz, entre outras comidas. Já no início da obra, uma baiana se faz presente à porta do prédio, quando o narrador apresenta ao leitor o prédio e seus moradores: “Uma preta velha vendia acarajé e mungunzá na porta.” (AMADO, 2011.p. 10). Personagem esta que reaparecerá em outros momentos.

Nem todas as passagens vem com a descrição detalhada das baianas e dos acarajés, em alguns trechos há apenas a menção do consumo dos quitutes, como ainda em *Suor*: “Levantou e voltou para o 68, onde agora um grupo de negros e mulatos, de violão e camisa de gola, com flores atrás da orelha, conversava com a baiana, tomando mingau e comendo acarajé.”(AMADO, 2011.p.33).

Nestes trechos notamos em seus segmentos que a ênfase do trecho não se dá na comida em si, mas no que a baiana carrega enquanto história oral, pois, aqueles que se aproximam para a compra e consumo dos quitutes permanecem para a conversa, e tanto na citação da página 32 como na da página 35, as baianas são consultadas quanto às histórias que elas ainda lembram, do tempo da escravidão como podemos ver: “-Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia? – Que histórias? – Essas histórias de escravidão...” (AMADO, 2011.p.35).

Por fim, as demais passagens em *Suor* apenas citam as baianas vendendo seus acarajés ou mingaus em diferentes lugares, como um ponto, alguém que está sempre ali e percebe o que se passa com os outros personagens, pois possuem relações de amizade: “A preta que vendia acarajé, mingau, cuscuz e mungunzá na porta da rua notava o crescimento diário da ferida no pé de Cabaça.” (AMADO, 2011.p.90). Cabaça é um personagem mendigo que mora em baixo das escadas do sobrado. É interessante pontuar também que as baianas que vendem acarajés, quase sempre tem suas personagens descritas com a marcação da sua cor, como no recente caso citado, “a preta que vendia acarajé”.

Em *Jubiabá* [1935], é interessante notar como são as aparições das baianas que vendem acarajés, mingaus, arroz doce, munguzá, cocadas, nesse romance elas aparecem pela primeira vez ligadas aos terreiros ainda que timidamente, pois a comida ainda não é descrita ligada aos orixás como acontecerá em outras obras, aqui as baianas ficam às portas, seja dos terreiros, do circo que chega na cidade ou até mesmo da Feira de Água de Meninos. Elas se fazem presentes, mas sempre nas portas dos lugares.

O acarajé, ou melhor, o ofício das baianas do acarajé, que envolve o modo de preparo artesanal das “comidas de baiana” ou “comidas de dendê”, acarajés, abarás, cocadas, entre outras, foram tombadas pelo IPHAN em 2005¹⁹. Abaixo podemos ver o registro de um acarajé comercializado em Salvador em 2018:

Figura 33 - Acarajé



Produção da autora (2018)

Na imagem acima podemos ver um acarajé um pouco diferente do mais frequente que encontramos na cidade, com o bolinho aberto e os demais acompanhamentos em cima percebemos que cada banca, cada baiana faz seu acarajé de uma forma, assim como os demais produtos vendidos também variam, algumas vendem

¹⁹ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/58>

abará, outras cocadas e pés de moleques, mas embora seja um produto comum a todas, cada um possui sua particularidade.

O acarajé é feito de forma artesanal, o feijão fradinho principal ingrediente do bolinho é moído num pilão de forma manual, e mais tarde o bolinho é frito no azeite de dendê. Podemos observar esse processo numa banca localizada atrás do mercado modelo, quando uma baiana estava preparando os acarajés.

Algumas baianas levam os bolinhos já fritados para as bancas, outras, em grande maioria fritam na hora e montam o acarajé de forma que fiquequentinho. Em suas bancas também vendem bebidas como água e refrigerante. Nas diversas bancas que observados em diferentes lugares na cidade como centro histórico, Rio Vermelho, orla marítima, nos campos da UFBA percebemos que se trata de uma atividade predominantemente feminina, como podemos ver na imagem abaixo registrada no Terreiro de Jesus:

Figura 34 - Banca de acarajés no Terreiro de Jesus



Produção da autora (2018)

Os pontos de venda estão localizados em espaços públicos, e o ofício das baianas do acarajé enquanto patrimônio imaterial não se restringe somente ao preparo, mas também envolve a indumentária das baianas e a venda dos produtos. Através da conversa com as baianas descobrimos que algumas que trabalham sozinhas intercalam o

período de venda com a compra dos ingredientes e o preparo em casa das cocadas e pés de moleque.

Outras bancas, abertas diariamente, soubemos tratarem-se de pontos pertencentes a uma família inteira e onde todas as mulheres trabalham, dividindo-se entre os dias da semana, da manhã até a noite. Vestem-se como baianas, com turbantes e colares coloridos nas cores de seus protetores. Esse bem imaterial que é comercializado nas ruas da cidade é também um alimento sagrado nas religiões de matriz africana. Seu preparo está intimamente relacionado a religião, sendo alimento sagrado dos orixás.

Esse aspecto religioso, assim como a continuidade pelas pessoas que fazem e vendem os acarajés são encontrados também na literatura de Jorge Amado, como veremos na nossa análise com as obras. Mas os principais pontos como o preparo, a característica feminina, a religiosidade, a indumentária são refletidas na literatura que escolhemos. Assim, iniciamos então por *Suor*, uma vez que já utilizamos o trecho presente em *O país do carnaval*. Em média, um acarajé é vendido pelo valor de R\$: 10,00 reais, ou seja, um valor acessível. Assim, em *Suor*:

Ela ocupava quase toda a porta com latas de querosene cheias de mingau e munguzá e o tabuleiro enfeitado de desenhos, coberto com a alva toalha rendilhada, debaixo da qual os acarajés e as moquecas de aratu se acomodavam junto à cuia de barro, que levava o molho de pimenta. (AMADO, 2011, p.32)

Como veremos ao longo da análise que busca refletir sobre as passagens em que as baianas do acarajé se fazem presentes na literatura, veremos que os momentos em que são narradas são em situações diversas. Personagens que chegam para uma conversa, para a compra da comida, em situações de festa entre outras.

Em *Suor*, a vida ocorre principalmente no Pelourinho onde está localizado o sobrado 68, e como podemos ver na citação a seguir, assim como em toda a narrativa da história, há sempre uma baiana vendendo mingau e acarajé na porta do sobrado: “Levantou e voltou para o 68, onde agora um grupo de negros e mulatos, de violão e camisa de gola, com flores atrás da orelha, conversava com a baiana, tomando mingau e comendo acarajé.” (AMADO, 2011, p. 33)

Em nosso trabalho de campo observamos a venda diária de acarajés durante o período do dia, no entanto descobrimos que os vendedores de mingau saem com seus carrinhos para a venda por volta das quatro horas da madrugada. Em *Suor* a venda de

acarajé vai até mais tarde: “Passava da meia-noite e a preta que vendia acarajé preparava-se para ir embora.” (AMADO, 2011, p. 45).

A passagem do tempo, como uma continuidade no trabalho da baiana em específico que é narrada em *Suor* pode ser visto pelo trecho a seguir, onde a baiana acompanha a enfermidade de Cabaça, o mendigo que vive embaixo da escada, piorar: “A preta que vendia acarajé, mingau, cuscuz e mungunzá na porta da rua notava o crescimento diário da ferida no pé de cabaça.” (AMADO, 2011, p. 90), e essa personagem está sempre presente: “De noite, ele chegou e cumprimentou a preta que vendia mingau.” (AMADO, 2011, p. 92). Como se vê, o mingau é extremamente citado em *Suor*, sendo mais popular até que os acarajés.

Em *Jubiabá* a vida dos personagens inicia-se no Morro do Capa Negro, e assim, em sua maioria são personagens que sobrevivem de pequenos serviços, entre eles a venda de mingau: “Ajudava a velha Luiza a fazer o mungunzá e o mingau de puba que ela vendia à noite no Terreiro.” (AMADO, 2008, p. 19). E como podemos ver nessa primeira aparição a comida está relacionada ao terreiro. Mais adiante é citada em conjunto com os demais trabalhos da população carente do morro:

A vida do morro do Capa-Negro era difícil e dura. Aqueles homens todos trabalhavam muito, alguns no cais, carregando e descarregando navios ou conduzindo malas de viajantes, outros em fábricas distantes e em ofícios pobres: sapateiro, alfaiate, barbeiro. Negras vendiam arroz-doce, mungunzá, sarapatel, acarajé, nas ruas tortuosas da cidade, negras lavavam roupa, negras eram cozinheiras em casas ricas dos bairros chiques. (AMADO, 2008, p. 34)

E nesta obra também podemos ver a passagem do tempo e a continuidade do trabalho envolvendo o fazer e vender comida pelas ruas da cidade, no narrar da vida dos habitantes, Luiza continua a fazer e vender mungunzá e mingau nas noites, e isso acontece até o dia de sua morte:

Um, dois, três anos se passaram naquela vida do morro. Os habitantes eram os mesmos, a vida a mesma. Nada mudava. Só as dores de cabeça de Luiza aumentavam. Agora haviam passado a ser quase diárias, pegando a negra logo que ela voltava da venda noturna do mungunzá e do mingau. A negra ficava gritando, botava os vizinhos para fora, vinha Jubiabá e cada vez demorava mais para curar as dores de Luiza. (AMADO, 2008, p.45)

Jubiabá é extremamente marcado pelo candomblé, o personagem que leva o nome do romance é um pai de santo respeitado no morro, sendo além de pai de santo, uma espécie de curandeiro e feiticeiro. E se inicialmente o mingau faz parte do que é vendido no terreiro, avançando na narrativa, no capítulo intitulado “macumba”, negras

vendem também acarajés e abarás: “Da casa do pai de santo Jubiabá vinham sons de atabaque, agogô, chocalho, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no pisca-pisca das estrelas, na noite silenciosa da cidade. Na porta, negras vendiam acarajé e abará.” (AMADO, 2008, p. 96).

As vendedoras dos quitutes são sempre narradas como negras, assim, na noite em que um circo chega à cidade, ou seja, todos os acontecimentos marcantes e importantes que acontecem vem logo seguidos das personagens que se fazem presentes: “De noite a música tocará ali e negras venderão cocada.” (AMADO, 2008, p. 207), e assim as cocadas são incluídas e um pouco mais adiante, outros quitutes: “Negras de anágua e colares vendiam pipocas, acarajés, mingau e mungunzá. Todo o largo estava iluminado pela luz do circo.” (AMADO, 2008, p.210).

Os lugares em que as baianas estão presentes, são, como vimos ao analisarmos os lugares dentro da narrativa, lugares significativos aos personagens, em *Suor* a baiana está no Pelourinho, em *Jubiabá* em diversos lugares incluindo a Feira de Água de Meninos, seja no dia a dia, seja em momentos de festa, na citação a seguir podemos ver sua presença no melhor dia da feira durante a semana, no sábado:

A Feira de Água de Meninos começa na noite do sábado e se estende pelo domingo até ao meio-dia. Porém, na noite de sábado é que é bom. Os canoieiros atracam as suas canoas no porto da Lenha, os mestres de saveiros deixam seus barcos no pequeno porto, homens chegam com animais carregados, as negras vêm vender mingau e arroz doce. (AMADO, 2008, p.240)

Sabemos que a literatura de Jorge Amado tem como um dos seus elementos centrais a greve, e esta não acontece como alguns autores sugerem, somente no período em que o escritor foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro, as greves continuam a aparecer em sua narrativa após esse período, e quando o protagonista de *Jubiabá* está envolvido com a greve, ainda que de forma indiretamente as baianas estão presentes, como podemos ver: “Antônio Balduíno vem sozinho pela rua. Tomou um copo de mingau de puba no Terreiro. Junto da negra, homens conversavam sobre a greve.” (AMADO, 2008, p.279). É assim que atribuímos importância ao que é narrado, observando o momento em que os elementos vão surgindo.

No romance marítimo *Mar Morto* às baianas também estão presentes e seus consumidores são os trabalhadores do cais, pescadores como Francisco, avô de Guma que toma mingau de puba: “Uma preta passa com latas de mingau. Outra vende

mungunzá para um grupo. O velho Francisco toma dois tostões de mingau de puba.” (AMADO, 2008, p.166). Em *Capitães da Areia* notamos a venda de cocadas.

Inúmeras são as passagens em toda a literatura analisada em que as baianas vendem seus acarajés, mingaus, cocadas, e outros quitutes, em *Os pastores da noite* suas aparições são frequentes e de diversas formas. Quando Cabo Martim, na primeira história que é contada no romance retorna a cidade é esperado por muitos, incluindo as baianas de tabuleiro: “Moleques, feirantes, choferes, baianas de tabuleiro, espalharam-se pelas redondezas, colocaram-se em pontos estratégicos, cobrindo por completo os itinerários por onde Martim podia chegar, inocente e risonho, de consciência tranquila.” (AMADO, 2009, p. 42).

Já na segunda história, *O compadre de Ogum*, o principal acontecimento também é marcado com a presença da comida de azeite, quando Massu vai batizar seu filho no candomblé e na igreja católica, os ritos que envolvem o batismo no terreiro têm como oferenda acarajés e abarás:

Não tardou Doninha, voltou andando com seu passo miúdo e apressado. Sentou-se, explicou a Massu as determinações de Ogum. Devia o negro trazer dois galos e cinco pombos além de uma travessa de acarajés e abarás para dar comida à sua cabeça. Responderia ele então sobre o padrinho. Na quinta-feira, daí a dois dias, após o crepúsculo. (AMADO, 2009, p. 151)

A celebração é narrada em detalhes, tanto nos ritos, nas músicas, no que cada personagem foi incumbido de realizar, e nas oferendas, onde percebemos também o xinxim: “Vieram as feitas em fila trazendo as travessas de comida de azeite, os abarás, os acarajés, o xinxim. Os animais sacrificados eram agora a comida cheirosa e colorida.” (AMADO, 2009, p.153). O momento que antecede o batizado no terreiro é também uma festa, e nela são servidos:

No intervalo, enquanto filhas de santo cozinhavam a comida do orixá, conversavam de coisas diversas, evitando falar da cerimônia. Finalmente a comida foi servida – xinxim de galinha, abará, acarajé – primeiro para o santo, seus pedaços preferidos, em seguida para Massu, Artur e Tibéria, finalmente, na sala de jantar, para todos os demais. (AMADO, 2009, p. 171)

A ordem em que a comida é servida é uma ordem hierárquica. Primeiro as divindades, depois ao pai do menino que será batizado, em seguida a Arthur e Tibéria que são os padrinhos e por fim aos demais presentes. E o momento do batizado é um momento tão importante na história, que mexe com toda a cidade, sendo o único período em que as baianas não vão estar nas ruas e sim participando da celebração:

“Filhas de santo largavam seus tabuleiros de carajé e abará, suas latas de mingau de puba e tapioca, suas frigideiras de aratu, desertavam nas esquinas da cidade, faltavam a freguesia.” (AMADO, 2009, p. 172).

Sempre em momentos definitivos na narrativa as baianas também se fazem presentes em *O sumiço da santa*, quando Iansã a orixá desembarca na cidade, uma moça no momento em que faz acarajés vê a divindade, é um dos ápices da narrativa: “Acocorada diante da gamela de acarajés, a moça enxergou apenas a luz da aurora rompendo as trevas, mas distinguiu fulgurações grenás, estrias cor de vinho, e as tomou como signos favoráveis.” (AMADO, 2010, p. 146). Da mesma forma acontece em *Tenda dos Milagres* e seu protagonista Pedro Archanjo, e aqui a comida surge primeiramente como algo existente no terreiro:

Iam ao candomblé para o amalá de Xangô, obrigação das quartas-feiras. Tia Maci dava de-comer ao santo, no peji, ao som do adjá e do canto das feitas. Depois em torno à grande mesa da sala, serviam o caruru, o abará, o acarajé, por vezes um guisado de cágado. Mestre Archanjo era bom de garfo, de garfo e copo. A conversa prolongava-se noite adentro, animada e cordial no calor da amizade; ouvir Archanjo era privilégio dos pobres. (AMADO, 2008, p. 35)

Em *Mar Morto* no momento final, Iemanjá e Lívia se fundem numa ideia, e os personagens confundem-se, em *Tenda dos Milagres* acontece algo semelhante com uma baiana, há um mistério, o mágico acontece, uma baiana do acarajé supostamente transforma-se na orixá, ou a orixá vivia disfarçada na baiana e após seu sumiço, outra baiana ocupa seu ponto de venda, ou seja, há uma continuidade:

Durante dias permaneceu vago o ponto da Misericórdia onde os fregueses de abará, acarajé, cocada e pé de moleque encontraram, anos a fio, a negra Doroteia com o colar de Iansã e uma conta vermelha e branca, de Xangô. Depois ali assentou-se Miquelina, pacata e alva, o tabuleiro enfeitado e os olhos garços. (AMADO, 2008, p.147)

No coração da Tenda dos Milagres, na própria tipografia, estúdio e reitoria, o ponto de encontro de amigos e artistas está uma mesa farta. Ali, onde tudo acontece, podemos ver as moquecas, xinxins, abarás, acarajés, vatapá, caruru, não só comidas de tabuleiro, mas também comidas típicas baianas:

Na Tenda dos Milagres, após a dança ritual de saudação, silenciados os atabaques, as garrafas foram abertas. Sobre a mesa onde juntavam os tipos na composição das páginas havia quantidade de comida, variada e saborosa: as moquecas, as frigideiras, os xinxins, os abarás, os acarajés, o vatapá e o caruru, o efó de folhas. Muitas mãos amigas e competentes misturaram o coco e o dendê, mediram o sal, a pimenta, o gengibre. (AMADO, 2008, p. 182).

Por fim, em *Bahia de Todos-os-Santos* há um longo capítulo dedicado a culinária baiana e a maior parte dele é dedicado as baianas, muitas são citadas nominalmente, mas acreditamos que essas pessoas não sejam as mesmas, nos mesmos pontos, devido ao tempo em que a obra foi escrita. Mas, assim como na época de Jorge Amado haviam baianas cujos acarajés se destacavam no sabor, atualmente existem alguns muito comentados na cidade como da Dinha no Rio Vermelho e da Liu no Terreiro de Jesus, ambos maravilhosos. Assim, destacamos um trecho do que encontramos no guia de ruas e mistérios:

As baianas fornecem uma nota de alegre e pitoresco às ruas e praças e nos dias de festa ritual vestem trajes magníficos, com as cores de seus orixás, os colares, as pulseiras, os torsos e os balangandãs. Algumas dessas baianas gozam de larga popularidade e seus quitutes possuem fama. Em frente ao edifício da Alfândega, na Cidade Baixa, Odília oferece uma cocada que é a maravilha das maravilhas. Outras mantêm-se no mesmo ponto durante decênios, a vender à tarde ou à noite – nada existe de mais saboroso do que mingau de puba (de tapioca ou de milho) pela madrugada, quentinho, na hora dos últimos boêmios, quando a cidade dorme. Damásia da Conceição sentou-se por mais de quarenta anos em frente à Escola de Belas-Artes. Gerações de mestres e alunos, de pintores e desenhistas foram seus fregueses, comprando-lhe acarajés e laranjas-de-umbigo. (AMADO, 2012, p. 353-354).

Nosso trabalho de campo contemplou a visita a diversos museus e memoriais espalhados na cidade, priorizando aqueles que contam a história da cidade como o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, localizado na antiga Faculdade de Medicina, O Museu da Misericórdia, Museu do Carnaval, os diversos museus que fazem parte das igrejas, o museu Casa de Jorge Amado, Museu Náutico no Farol da Barra, o MAM no Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna da Bahia, o Espaço Carybé das Artes no Forte São Diogo, a Fundação Casa de Jorge Amado, o Memorial a mãe Menininha do Gantóis, o Forte de Santo Antônio Além do Carmo, bem como, o Memorial das Baianas do Acarajé.

Na primeira parte desta tese, quando apresentamos os conceitos que serão trabalhados, apresentamos brevemente o Memorial das Baianas do Acarajé, no entanto agora daremos mais atenção a este espaço que é formado não só pelo que faz parte do Memorial no espaço físico, mas também pelo que é passado e mantido através de cada baiana que vende acarajés pelas ruas.

Por tratarmos aqui de patrimônios que devem ser preservados, é importante destacar o Monumento às Baianas do Acarajé que existia no período em que realizamos o trabalho de campo em março de 2015 e fevereiro de 2018 e que recentemente, em

dezembro de 2019 foi incendiado²⁰. O fogo chegou também a parede do Memorial danificando parte da estrutura. A associação das baianas acredita que o incêndio tenha sido um ato de intolerância religiosa. Abaixo podemos ver a estátua que foi queimada:

Figura 35 - Monumento as Baianas



Produção da autora (2018)

A imagem acima registrada no trabalho de campo no ano de 2018 demonstra o Monumento em homenagem as baianas do acarajé que atualmente não existe mais. O monumento foi queimado nos últimos dias do mês de dezembro de 2019 e há indícios de que o incêndio tenha sido criminoso, realizado como uma forma de preconceito as religiões afrobrasileiras.

A informação quanto a patrimonialização do ofício das baianas do acarajé não se restringe como comentamos anteriormente, ao espaço do Memorial. Cada banca de venda de acarajé possui um pequeno banner informando que o ofício das baianas do

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/12/17/estatua-de-baiana-de-acaraje-e-incendiada-no-centro-historico-de-salvador-associao-suspeita-de-intolerancia-religiosa.ghtml>.

acarajé é um patrimônio, uma tradição e uma profissão. Como podemos ver na imagem abaixo, na banca de Acarajé da Penha:

Figura 36 - Banca de acarajés da Penha



Produção da autora (2018)

Tanto na imagem acima, como na imagem abaixo podemos observar os elementos que compõem a ideia das baianas do acarajé, como o espaço enfeitado com ervas, a indumentária de baiana com cores que representam o vínculo religioso, o turbante, a bata e as saias, os colares de contas e em ambas podemos ver o banner onde o acarajé, o abará e o bolinho de estudante aparecem como patrimônios.

Figura 37 - Banca de acarajés da Sueli



Produção da autora (2018)

Através das imagens podemos perceber que as bancas são móveis, ou seja, são diariamente armadas e desarmadas nos espaços públicos, ao conversarmos com algumas baianas soubemos que muitas levam tudo de taxi de suas casas até o ponto de venda. Algumas atendem em pontos diferentes durante a semana. No entanto, num dos pontos que não faz parte do centro histórico, mas que trabalhamos aqui trata-se do Rio Vermelho e da banca de acarajé da Dinha, uma das bancas mais conhecidas.

Figura 38 - Banca de Acarajés no Rio Vermelho



Localizada no Rio Vermelho, próxima a estátua de Zélia Gattai e de Jorge Amado, próxima também ao museu Casa de Jorge Amado, onde Jorge e Zélia viveram e onde estão muitos objetos pessoais do casal, incluindo suas cinzas. De frente para o mar e para onde acontece a festa de Iemanjá está à banca de Acarajé da Dinha, a única banca que não é móvel, sendo um ponto fixo. No entanto em 2015 no primeiro trabalho de campo essa banca era móvel como todas as outras, já em 2018 percebemos que o ponto ganhou uma nova estrutura, como podemos observar acima.

Assim, refletimos sobre qual a importância da patrimonialização do ofício das baianas do acarajé e da existência de um memorial que não se limita ao espaço físico da memória e informação, mas que se estende a quem mantém vivo esse saber. E tudo isso contribui na conservação da história e da tradição deste ofício que é um legado dos africanos na construção da nossa sociedade. A ancestralidade está presente em cada baiana que mantém vivo esse ofício.

No Memorial podemos conhecer teoricamente o que percebemos nas ruas, nas feiras, nos mercados, praças, em todas as bancas, ou seja, a indumentária das baianas formada por um turbante, bata, saias que podem ter até cinco metros de roda, anáguas, diversos panos, rendas, tecidos diversos, panos da costa, colares, pulseiras, brincos, em cores que representam os deuses pessoais, balangandãs, ervas na banca.

No museu somos apresentados a diversas imagens e vídeos que resgatam as imagens africanas onde podemos ver mulheres em mercados vendendo acarajés. E a menção do território feminino que é construído através desse grupo. Também há a receita do acarajé, exemplares dos utensílios que são usados como as panelas de barro, e por fim, uma linha do tempo envolvendo diversos acontecimentos ligados ao ofício das baianas do acarajé como por exemplo: Em agosto de 2005 o Reconhecimento do Ofício das Baianas de Acarajé como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Em novembro de 2013 as baianas se organizam contra a ausência na copa, assim como os Encontros Nacionais em 2014, 2015. Ou seja, estão na linha do tempo tanto as conquistas como as lutas pela existência e preservação deste ofício.

4.4 - A Paisagem da Bahia de Todos-os-Santos

Como podemos perceber, ainda que tratados em capítulos diferentes, os temas e conceitos presentes nesta tese se entrelaçam e dialogam entre si. Ao trabalharmos com patrimônio, soubemos terem sido as paisagens culturais, a porta de entrada da geografia nos estudos patrimoniais, de acordo com Maria Geralda de Almeida (2013). E assim, trabalhando com as múltiplas relações que são expressas nas obras literárias e após termos trabalhado com território, com lugares, o espaço das obras e os patrimônios existentes, voltamos nosso olhar à paisagem que cristaliza e materializa todas essas relações.

Para tanto, fundamentaremos nossa pesquisa quanto a paisagem nas obras de Jorge Amado, através, principalmente, da conceituação de paisagem de Milton Santos (2002), mas também de Almeida (2013), de Lauro César Figueiredo (2013), de Helena Copetti Callai (2012), entre outros.

Desta forma, entendemos que a paisagem, assim como o espaço são produtos da sociedade e segundo Santos: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem.” (SANTOS, 2002, p. 61). Mas também, tudo aquilo que sentimos, ouvimos e percebemos faz parte da paisagem. E por isso, traremos trechos literários onde podemos perceber paisagens que são formadas por prédios coloniais, praias, areais, sabores como de acarajé e de mingaus, assim, como elementos que demonstram a religiosidade que também compõe a paisagem existente nas obras.

Toda paisagem é compreendida a partir da percepção daquele que a analisa, portanto, aqui trabalhamos com a percepção do escritor sobre a cidade e ainda com nossa percepção sobre a paisagem que é narrada e a que visitamos em trabalho de campo. Com isso, a interpretação da paisagem passa a ser um fator permanente em nossa análise, assim como a interpretação das obras como um todo. Dos lugares que selecionamos, dos patrimônios escolhidos, dos territórios identificados. Tudo isso passa pela interpretação que fazemos. A partir de uma seleção de interesses que passam pelos conceitos geográficos.

Afinal, qual seria a diferença na leitura das obras literárias de Jorge Amado feita por turistas, para a leitura das mesmas obras realizada por professores de geografia? Acreditamos que a diferença se dá na forma em que a leitura é realizada, ou seja, na interpretação que o sujeito faz dos fatos, pois, toda leitura passa por um processo de

seleção das informações. A partir da aproximação aos conceitos geográficos a leitura pode ser considerada como através do olhar geográfico que automaticamente atribuirá sentidos e significados diferentes aos fatos na narrativa, compreendendo os conceitos na literatura.

Ou seja, uma vez que existe o entendimento sobre lugar, paisagem, espaço, território e patrimônio e considerando que toda leitura passa pela interpretação e pela construção de sentidos, é possível perceber as paisagens a partir da narrativa literária. Assim, como os lugares através dos sentidos e os territórios pelas relações de poder.

Quando trabalhamos com o patrimônio na Geografia, a paisagem cultural age como o elo que abre espaço para essa nova temática que se observarmos com atenção, possui diversos fatores que estão presentes em demais conceitos geográficos. Portanto a proximidade e relação são facilmente perceptíveis, uma vez que paisagem e patrimônio são indissociáveis, pois, como afirma Figueiredo (2013) o trabalho geográfico parte da espacialidade que é um resultado da produção do espaço, e entendemos patrimônio aqui como definido anteriormente: “Quando o espaço transpõe o tempo na memória social ele torna-se patrimônio, campo conflituoso de representações sócio-políticas.” (FIGUEIREDO, 2013, p. 207).

Lidamos fundamentalmente com essa concepção, pois, os patrimônios já destacados são percebidos e considerados para além das políticas públicas existentes de patrimonialização. Ou seja, o objeto de estudo, as obras literárias legitimam a importância destes lugares antes das políticas públicas, ao mesmo tempo em que chama a atenção do leitor para as práticas sociais que representam determinados grupos e que são assim, importantes, mesmo que não sejam reconhecidas.

O que queremos dizer com isso é que enquanto trabalhamos com a noção de patrimônio, não nos retemos nos livros de tombos, mas pensamos nas particularidades de cada bem cultural em questão, considerando também o tombamento, mas não só ele. Todo patrimônio é especializado e produz transformações sócio-espaciais, portanto: “Pensar as lógicas dos bastidores desse processo é de fundamental importância cujo conhecimento empírico identifica rapidamente como paisagem, gerando importantes transformações sócio-espaciais.” (FIGUEIREDO, 2013, p. 207). Estas transformações perpassam todo processo de conservação destes bens, como o turismo que emerge com todo patrimônio, pois, enquanto lugares, paisagens, bens materiais e imateriais, serão

consumidos e visitados, isso demanda estruturas, movimento econômico e políticas adequadas.

Em *O Centro da Cidade do Salvador*, Milton Santos (2012), se dedica ao estudo da capital baiana analisando a formação da cidade e a evolução da região, as funções, vida, estrutura e a paisagem urbana no centro da cidade, ao que nos deteremos na sua concepção de paisagem urbana da cidade, como podemos ver:

Dois fatos são bem característicos da paisagem central da Cidade do Salvador. Ela é sobretudo marcada pelo sítio que ocupa: uma Cidade Baixa, sobre a planície estreita, quase toda inteiramente construída pelo homem durante os quatro séculos da evolução urbana; uma Cidade Alta, assentada sobre colinas e vales; e, separando esses dois elementos, a escarpa da falha. Tais denominações (Cidade Alta e Cidade Baixa) aparecem quando a cidade tinha os limites que, hoje, coincidem com os dois bairros centrais. Não têm mais sentido para a cidade toda, desde que a mesma se estendeu sobre um conjunto de sítios diferentes. Todavia, essa designação conserva todo o interesse em relação à parte central. (SANTOS, 2012, p. 101)

É interessante perceber as diferenças existentes na forma como cada literatura trata a mesma paisagem, em Santos podemos observar a literatura acadêmica, por sua vez, a literatura amadiana narra a ‘mesma paisagem’ de forma diferente, é o que Almeida (2013) nos coloca sobre o entendimento da paisagem: “Entender e interpretar a paisagem implica, pois, em uma visão de mundo de quem o faz.” (ALMEIDA, 2013, p. 187). E a paisagem que é narrada por Jorge Amado contempla diversos aspectos geomorfológicos, culturais e históricos da cidade, como podemos ver em *Mar Morto*:

A manhã é bela, cheia de sol. Outubro é o mês mais belo desta beira de cais. O sol não é quente ainda, as manhãs são claras e frescas, são manhãs sem mistério. Dos saveiros próximos vem um cheiro de fruta madura que chega para o mercado. Seu Babau compra abacaxis para fabricar cachaça gostosa para os fregueses do Farol das Estrelas. Uma preta passa com latas de mingau. Outra vende mungunzá para um grupo. O velho Francisco toma dois tostões de mingau de puba. Um saveiro parte carregado. Barcos vão pescar, os pescadores nus da cintura para cima. O mercado começa a se movimentar, descem homens pelo elevador que liga as duas cidades, a Alta e a Baixa. (AMADO, 2008, p. 166)

Também na citação literária podemos perceber a Cidade Alta e a Cidade Baixa, citadas anteriormente por Santos, mas aqui estão ligadas pelo Elevador Lacerda, um lugar e patrimônio dentro da narrativa. Ainda podemos perceber o quanto da vida diária está impressa nessa paisagem de mar de saveiros e montanha. O cheiro das frutas maduras que chegam ao mercado, assim como o sabor do mingau que é vendido pelas ruas também compõe essa paisagem que vai sendo construída. Complementa nosso

entendimento acerca da paisagem geográfica em relação a paisagem literária que estudamos, a colocação de Helena Copetti Callai:

A paisagem, pode-se dizer, é um momento do processo de construção do espaço. O que se observa é, portanto, resultado de toda uma trajetória, de movimentos da população em busca de sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades (que são historicamente situados), mas também, pode ser resultante de movimentos da natureza. (CALLAI, 2012, p. 83)

Ou seja, o resultado dessa trajetória, dos movimentos da população é entendido através das relações dos personagens com a Cidade Alta e com a Cidade Baixa, onde uma abastece a outra, principalmente através do cais, dos diversos mercados que recebem as mercadorias desembarcadas dos saveiros. Enxergamos aí a busca pela sobrevivência e satisfação das necessidades, colocada por Callai (2012), é o trabalho da população, mas que não resulta somente de movimentos da natureza, ainda que também, pois, tudo isso se dá devido a falha da escarpa onde se localiza o espaço em questão, como podemos ver um pouco mais em *Mar Morto*:

Nas noites da sua infância muitas vezes dormiu no tombadilho do saveiro atracado ao pequeno cais. De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. Subia pela montanha e seus sinos badalavam, dela vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. A luz do elevador subia e descia, era um brinquedo gigantesco. Do outro lado era o mar, a lua e as estrelas, tudo iluminado também. A música que vinha dele era triste e penetrava mais fundo. Os saveiros e as canoas chegavam sem ruído, os peixes passavam sob a água. A cidade, mais barulhenta, era bem mais calma no entanto. Lá havia mulheres lindas, coisas diferentes, cinema e teatro, botequins e muita gente. (AMADO, 2008, p. 51)

Diversos elementos são narrados neste trecho, elementos marítimos e que envolvem a vida no cais como os saveiros atracados, as canoas, assim como elementos naturais como a própria montanha, construções como o elevador, o cinema, o teatro e botequins, e ainda faz parte da narrativa, a lembrança dessa paisagem, os sons dos sinos que badalam, as músicas alegres, assim como o riso dos homens. O que se traduz em Santos: “A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, é formada por frações de ambas.” (SANTOS, 1988, p. 65).

Ainda segundo Milton Santos: “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais.” (SANTOS, 2002, p. 109). O que podemos ver através da temporalidade que é narrada através da história dos lugares, como acontece em *Jubiabá*:

Cidade religiosa, cidade colonial, cidade negra da Bahia. Igrejas suntuosas bordadas de ouro, casas de azulejos azuis e antigos, sobradões onde a miséria

habita, ruas e ladeiras calçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos, e o cais, principalmente o cais, tudo pertence ao negro Antônio Balduino. (AMADO, 2008, p. 61).

Muitos são os trechos que demonstram a historicidade dos lugares, principalmente do que envolve o Pelourinho, como vimos em diversos momentos da análise dos lugares, o período colonial, a crueldade praticada, o legado da escravidão visível nas ruas, no calçamento, nas igrejas, a tradição portuguesa disseminada através dos azulejos e dos sobrados, todos esses elementos são abundantes nas obras analisadas, e não os retomamos todos aqui, para que não torne-se repetitivo, uma vez que por outro foco já os trabalhamos anteriormente.

Santos também coloca que: “A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza.” (SANTOS, 2002, p. 103). Quanto a isso, interpretamos e entendemos essa herança que se exprime através da religiosidade e da culinária africana vinda com os negros que foram trazidos na condição de escravizados e que podemos ver através do candomblé, do culto aos orixás em *O Sumiço da Santa*:

Segundo consta, Oyá teria começado pelo Axé do Alaketu, vizinho da casa de Carybé – da Boa Vista ao Matatu é um pulo, fica tudo em Brotas -, onde alguns afirmam ter ela passado a noite em alegre companhia: apontam como prova a tela onde se vê uma negra adormecida em mistério e poesia e, em derredor do corpo esgalgo e imenso, a paisagem da Bahia, a montanha, o mar, o povo. (AMADO, 2010, p. 146)

Natureza e religiosidade se entrelaçam na paisagem narrada acima, podemos ver a montanha, o povo e o mar, assim como orixás, nesse caso Yansã que resolve visitar a cidade de Salvador e mexe com a vida de cada habitante, numa aventura que acaba trazendo mais felicidade a todos os envolvidos.

Além da religiosidade que é muito presente nas obras trabalhadas, a herança das comidas de dendê e dos mingaus que são vendidos pelas baianas nas ruas são frequentes tanto na literatura, como ainda hoje na cidade, ao que podemos ver em *Suor*: “A preta ficava ali até alta madrugada, quando os últimos negros e mulatos se tinham recolhido e a cidade dormia, fechadas as janelas coloniais, silenciosos os sinos das igrejas inúmeras.” (AMADO, 2011, p. 32).

E como esta passagem, poderíamos citar inúmeras outras que narram negras que vendem acarajé, abará, cocadas, bolinho de estudante, mingau de puba, mungunzá, durante o dia e também durante a noite. São frequentes desde o primeiro livro de Jorge

Amado, *O país do carnaval*. E assim, vai se compondo essa paisagem baiana, através de diversos elementos que mesclam natureza, ritos, cheiros, sabores, construções e costumes.

No entanto, a paisagem é a realidade do espaço num determinado momento, ou seja, ela se transforma, e isso também podemos perceber na literatura de Jorge Amado, seja na reclamação dos espaços que já não existem como a catedral da Sé que foi demolida para a construção de um ponto de bonde que também já não existe mais, seja, através da descrição das mudanças ocorridas principalmente na zona do cais.

E a rampa do mercado onde desembarcavam as mercadorias que não existe mais, o primeiro Mercado que também foi destruído pelo fogo e que mais tarde foi substituído por um novo prédio mudando assim sua função, o antigo abastecia a cidade com frutas e outros produtos e o atual serve principalmente ao mercado turístico com artesanatos. Os diversos trapiches que existiam na cidade e que deixam de existir com a construção do novo porto na cidade. Os casarões que foram depósitos e como o Solar do Unhão, hoje um museu, como se vê na imagem abaixo, e assim podemos ver que os usos e funções vão sendo modificados com o tempo de acordo com a necessidade.

Figura 39 - Solar do Unhão



Produção da autora (2018)

O Solar do Unhão, que atualmente sedia o Museu de Arte Moderna da Bahia, é um complexo arquitetônico que data do século XVII, formado pelo Solar, pela Capela de Nossa Senhora da Conceição, por um cais privativo, aqueduto, chafariz, senzala e um alambique com tanques. Ao longo do tempo passou por diversos donos e usos, e em 1940 foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, anterior ao IPHAN, mas em essência o mesmo órgão, criado por Getúlio Vargas. Em seguida o complexo é adquirido pelo Governo do Estado e passa a sediar o museu de Arte até então.

Na literatura, o Solar do Unhão surge em alguns momentos, principalmente quando serve a encontros amorosos entre Curió e sua amante em *Os pastores da noite*: “Quando chegou ao Unhão já ela estava a espera-lo, tão melancólica quanto bela, sentada na ponte a fitar o mar, os olhos perdidos.” (AMADO, 2009, p. 107). A ponte mencionada, localiza-se na frente do solar.

Mas o que mais nos chamou atenção e que contribui também para a formação de territórios diferentes trata-se da zona do cais com relação a faixa de areia que não existe mais. Isso entendemos através de Santos: “A sociedade se geografiza através das formas, atribuindo-lhe uma função que vai mudando ao longo da história.” (SANTOS, 2002, p. 109). O que podemos ver já nas primeiras páginas de *Capitães da Areia*:

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar a noite. (AMADO, 2008, p. 27).

Como podemos ver, há toda uma narrativa de uma paisagem que está no passado, o mar que estava próximo, trapiches, uma ponte de onde saíam inúmeros veleiros, e no momento em que é narrado, este espaço é então habitado por crianças que dormem iluminadas pela lua, ou seja, ao relento, são os Capitães da Areia, presentes em diversos livros. A seguir podemos ver a transformação deste espaço e com isso a mudança na paisagem e por fim, se analisarmos nos dias de hoje, podemos ver ainda outras mudanças:

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. (AMADO, 2008, p. 27).

Percebemos mudanças tanto em elementos naturais como no uso desse espaço, na mudança dos sujeitos que ocupam, seja através do trabalho, seja através da moradia, a areia é o que mais nos chama atenção, pois, atualmente neste espaço não há sequer um metro de areia, todo o areal descrito deixou de existir há muitos anos, dando lugar a uma marina particular, a Marinha e a diversos prédios privados. Assim como os trapiches que também deixaram de existir, como podemos ver abaixo:

Figura 40 - Cais



Produção da autora (2018)

Na fotografia acima, registrada no trabalho de campo em fevereiro de 2018, registro realizado do lado esquerdo do Elevador Lacerda podemos ver ao fundo a esquerda a Marinha, e ao lado direito a marina que fica a frente do Forte São Marcelo, fechado para visitação. Também nesta imagem podemos ver o monumento de Mario

Cravo que no ano de 2019 foi destruído completamente por um incêndio. E como podemos ver, não há areia. A parte sobre a qual o Elevador passa, chama-se Ladeira da Montanha e ela se encontra no seguinte trecho também:

Pedro Bala, enquanto sobe a Ladeira da montanha, vai pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao azar, nas ruas da Bahia. Algumas destas ruas são asfaltadas, mas a grande maioria é calçada de pedras negras. Moças se debruçam nas janelas dos casarões antigos e ninguém pode saber se é uma costureira que romanticamente espera casar com noivo rico ou se é uma prostituta que o mira de um balcão velhíssimo, enfeitado apenas de flores. Entram mulheres de negros véus nas igrejas. O sol bate nas pedras ou no asfalto do calçamento, ilumina os telhados das casas. Na sacada de um sobradão, flores medram em pobres latas. São de diversas cores e o sol lhes dá seu diário alimento de luz. Os sinos da igreja da Conceição da Praia chamam as mulheres de véu que passam apressadas. (AMADO, 2008, p. 135)

E assim, a paisagem vai se compondo na mente do leitor, que vai construindo uma imagem através das palavras e dos lugares que são citados. As paisagens são compostas pelos lugares que são significativos para os personagens, então são frequentes as igrejas da Conceição da Praia, de São Francisco, Rosário dos Negros, Bonfim, da Sé que não existe mais, e outras também são citadas, mas essas são as mais frequentes. A de Conceição da Praia fica muito próxima ao Mercado Modelo, logo à esquerda do Elevador Lacerda, como podemos ver abaixo:

Figura 41 - Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia



Sua construção se dá entre os anos 1739 e 1849 passando do período colonial ao Império, em Estilo Barroco, feita com pedra de Lioz trazida de Portugal, o mesmo material com que foram construídos o Mosteiro dos Jerônimos e a Torre de Belém em Lisboa. A Basílica de Nossa Conceição da Praia ou Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, é um elemento significativo na construção das paisagens narradas. Dentro dela, há uma capela menor, onde soubemos ser a primeira capela católica da cidade. Em *Mar Morto* podemos observar um trecho onde a areia próxima, vinda do cais chega até as ruas da cidade e onde podemos ver também a Igreja com menção a uma festa:

Noite caiu fria, o vento encrespava a areia do cais e a água do mar. Alguns saveiros saíram. Era raro aquele vento trazer temporal. A areia voava fina pelo cais, ia até às ruas da cidade. Havia festa na igreja da Conceição da Praia, mulheres passam embrulhadas em xales, homens desciam a ladeira. O vento atravessava entre eles. Os sinos repicavam. O comércio fechara, a cidade ia ficando deserta. (AMADO, 2008, p. 190)

Como na citação acima, em muitos casos a igreja da Conceição da Praia é narrada como espaço de festa e também relacionada a festa do Bonfim, que tem sua procissão a partir dela. Como podemos ver em *O sumiço da santa* quando é narrada a procissão do Bonfim: “Da Igreja da Conceição da Praia, junto ao Elevador Lacerda, até a Basílica do Bomfim, na Colina Sagrada, a distância medeia dez quilômetros, um pouco mais, um pouco menos, depende da devoção e da cachaça. Milhares de pessoas [...]” (AMADO, 2010, p. 57).

Sua festa é popular entre os personagens sendo citada também em *Tenda dos Milagres* e em *Os pastores da noite*. Somente em *Dona Flor e seus dois maridos* há sua menção como espaço sagrado frequente de reza complementando a narrativa de suas frequentadoras vestidas todas de preto:

Sem erguer sequer os olhos para a casa de dona Flor, mudando a rota, embicou para o mar largo, desceu rápido a ladeira da Preguiça. Nem chegara à Cidade Baixa quando divisou ao longe, indo devota para a Conceição da Praia, toda em preto e em véus, uma viúva. (AMADO, 2008, p. 229).

Localizada no pé da montanha, próxima ao Elevador Lacerda e ao Mercado Modelo, a igreja se faz presente em diversos livros, ao que optamos por mostrarmos as passagens mais expressivas e que contemplam também, outros elementos essenciais da paisagem urbana de Salvador.

4.5 - A Geograficidade

Se buscamos, primeiramente separar e organizar diversos trechos das obras analisadas, pensando no território como um todo que envolve os personagens e a partir dele identificamos os lugares, os patrimônios e as paisagens, percebemos também que em muitos momentos de nossa análise a sobreposição que compõe a geograficidade está presente nas obras.

Ou seja, buscamos sempre destacar o conceito que mais se aproximava do fragmento do texto, no entanto, a escolha por este ou aquele conceito não exclui os demais. Cada patrimônio é formado por um lugar, assim como os territórios, e ambos estão presentes nas paisagens, ainda que façam parte do espaço em questão.

Neste momento, faremos um pouco desse movimento contrário ao que fizemos na análise das obras anteriormente, buscaremos mostrar a multiplicidade e sobreposição de conceitos nos trechos que analisamos e que são indissociáveis. Mesmo quando buscamos anteriormente demonstrar com maior ênfase um ou outro aspecto do conceito geográfico refletido na literatura, brevemente pincelamos os demais que mostraram-se indissociáveis ainda que brevemente.

O que queremos dizer com isso? Assim que percebemos ser o território o principal conceito, capaz de proporcionar entendimento sobre a obra e sobre os problemas que nela são expostos e passamos então a observar que territórios existiam e como se formavam, percebemos na mesma medida que estes territórios eram formados por lugares, e que estes lugares funcionavam como núcleos a estes territórios.

Assim, encontramos o Tabuão como um lugar da prostituição, o cais como um lugar dos marítimos e mais tarde dos Capitães da Areia, o vão da escada do sobrado 68 no Pelourinho como um lugar dos mendigos assim como a Praça da Sé em determinados períodos do dia. E indo além, observando estes lugares que são espaços com sentido e com valores, encontramos em muitos a sobreposição de conceitos, e com isso a geograficidade.

Quando pensamos no lugar mais frequente nas obras amadianas: o Pelourinho, podemos destacar este espaço como algo que congrega tudo o que trabalhamos e onde podemos encontrar facilmente a geograficidade na obra de Jorge Amado. Na citação a seguir podemos ver toda a imbricação dos elementos que envolvem o Pelourinho:

No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica no Tabuão, nas Postas do Carmo e em Santo Antônio Além-do-Carmo, na Baixa dos Sapateiros, nos mercados, no Maciel, na Lapinha, no Largo da Sé, no Tororó, na Barroquinha, nas Sete Portas e no Rio Vermelho, em todas as partes onde homens e mulheres trabalham os metais e as madeiras, utilizam ervas e raízes, misturam ritmos, passos e sangue; na mistura criaram uma cor e um som, imagem nova, original. Aqui ressoam os atabaques, os berimbaus, os ganzás, os agogôs, os pandeiros, os adufes, os caxixis, as cabaças: os instrumentos pobres, tão ricos de ritmo e melodia. Nesse território popular nasceram a música e a dança. (AMADO, 2008, p. 11).

O Pelourinho que faz parte do espaço dos personagens é por sua vez como a própria narrativa sugere, um território dos típicos personagens de Jorge Amado, é mais que um local onde há circulação de conhecimentos e informações, o Pelourinho pode ser entendido como um território de diversos patrimônios imateriais como a roda de capoeira que frequentemente encontramos na literatura e onde como aponta em *Tenda dos Milagres*, localiza-se a escola de capoeira ao lado da Igreja do Rosário dos Negros.

Além da capoeira, o Pelourinho também é o espaço das baianas do acarajé que tanto ainda nos dias de hoje, como em toda literatura amadiana, fazem deste espaço seu local de comercialização dos acarajés e demais quitutes. Neste sentido o Pelourinho pode ser compreendido como espaço, território e patrimônio, pois congrega tanto bens materiais como os casarões, como os bens imateriais como o acarajé e a capoeira.

Pensando na materialidade existente neste espaço, percebermos como território e patrimônio, se manifestam de diversas maneiras, pois o sítio em conjunto também é considerado patrimônio, ainda devemos considerar o Pelourinho como um lugar, e esta constituição se dá através dos valores que são atribuídos pelos personagens. Como lugar o Pelourinho funciona tanto no coletivo de seu conjunto, como se pensarmos em seus prédios individualmente como o sobrado 68, o museu da cidade, ou ainda a Igreja do Rosário dos Negros. Para cada um destes bens materiais estão incluídos todos os atributos que formam um lugar e/ou um patrimônio.

Figura 42 - Pelourinho e Baiana



Produção da autora (2018)

Tudo isso só se materializa através da ação dos sujeitos representados na literatura de Jorge Amado. Nenhum território é formado sem a ação dos sujeitos, assim como nenhum lugar é considerado um patrimônio ou convertido em lugar sem o reconhecimento, tradição, apreço e valores atribuídos pelos sujeitos que o formam e que se utilizam do mesmo. Na imagem acima podemos observar o Pelourinho, e nele diversos turistas e também uma baiana que vende acarajés e bolinhos de estudante.

A Paisagem construída na mente do leitor, pensando a citação acima utilizada é composta por principalmente sujeitos e lugares, vários lugares de Salvador são citados como a Sé e o Tabuão, mas além dos lugares existem outros elementos que também compõem a paisagem. Quando o escritor fala em ervas e ritos, está citando e incluindo na paisagem da cidade o candomblé, da mesma forma que inclui os atabaques e berimbaus, inclui então os sons destes instrumentos e do que eles representam, ou seja a capoeira, quando lemos que “no território do pelourinho nascem a dança e a música”, incluímos na nossa paisagem mental a dança da capoeira e a música que há faz acontecer.

De fato, ao observarmos o Pelourinho em diferentes dias e horários percebemos ervas e ritos, mas, observamos também que estes elementos não se mostraram como uma continuidade das práticas citadas por Jorge Amado, estas ligadas a terreiros específicos, ainda que pais e mães de santo circulem pelos lugares narrados. Na imagem abaixo podemos perceber pais e mães de santo e observamos estes num determinado dia da semana no período da tarde. Oferecem axés aos passantes que devem retribuir com uma quantia de dinheiro que não é previamente estabelecida anteriormente. Esta prática não existe na literatura de Jorge Amado e esse fato é uma das intersecções proporcionadas pelo trabalho de campo. O público alvo são os passantes sejam turistas ou moradores locais. No momento do registro algumas pessoas recebem axés, e há ainda um grupo de turistas ao fundo.

Figura 43 - Pelourinho e Axé



Produção da autora (2018)

No mesmo dia, mas num momento diferente a observação no Pelourinho mostrou-nos novos sujeitos, desta vez concomitantemente aos pais de santo, podemos

observar um grupo de música. Assim, pudemos perceber novos elementos, o posto policial fixo no Pelourinho, os turistas que registram o grupo, o próprio grupo de meninos e ainda a mesa com as ervas e demais objetos do grupo religioso. No período da noite os sujeitos presentes durante a tarde dão espaço a novos personagens como observamos.

Figura 44 - Pelourinho e música



Produção da Autora (2018)

O período da noite é marcado pela chegada de novos sujeitos que também variam de acordo com o horário e o dia da semana, sendo os últimos os mendigos. Percebemos ao anoitecer a chegada de músicos em alguns dias, os turistas que são constantes no espaço do Pelourinho, as lojas de lembranças de Salvador que mantem-se abertas e um elemento novo que se faz presente tanto no Pelourinho como nos arredores do Mercado Modelo. Como podemos ver na imagem abaixo tratam-se de barracas onde mulheres trançam o cabelo de outras mulheres em grande maioria negras. Há um banner com as possibilidades de tranças. Ou seja, trata-se de elemento novo que envolve um outro conhecimento, o de trançar.

Figura 45 - Pelourinho e tranças



Produção da autora (2018)

Em muitos outros momentos, senão em todos os quais nos utilizamos de alguma citação literária, podemos identificar a justaposição dos conceitos que trabalhamos, e se os já sinalizamos durante nossa análise, aqui procuramos salientar alguns exemplos mais significativos desta justaposição que resulta na geograficidade. E se nas imagens acima, assim como na citação de *Tenda dos Milagres* expomos principalmente os sujeitos, não podemos deixar de considerar os bens materiais que compõem essa paisagem como a Igreja do Rosário dos Negros:

A igreja deveria ser a do Rosário dos Negros, no Pelourinho, não só porque ali se batizara Massu há mais de trinta anos, como por conhecerem eles o sacristão, seu Inocêncio do Espírito Santo, mulato maneiroso, nas horas vagas corretor de jogo do bicho. (AMADO, 2009, p.141).

A Igreja do Rosário dos Negros, azul, localizada na ladeira do Pelourinho pode ser observada nas imagens que utilizamos acima e que mostram o Pelourinho. E este lugar que compõem a paisagem deste espaço e que é um dos patrimônios tombados, é como vimos em nossa análise, um dos pontos mais significativos aos personagens e que

igualmente aqui demonstra a junção do espaço com o território, com o lugar, patrimônio e com a formação de uma paisagem.

Por fim, um dos trechos que consideramos mais emblemáticos quanto a modificação da paisagem, quanto a territorialização e reterritorialização trata-se da abertura de *Capitães da Areia*, onde podemos ver a descrição de como aquele espaço se transformou com o tempo, dando lugar a novos atores:

SOB A LUA, NUM VELHO TRAPICHE ABANDONADO, as crianças dormem. Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite. Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. (AMADO, 2008, p.27).

Este trecho expressa a passagem do tempo, a modernização dos portos no Brasil, a modificação da linha de praia, o recuo do mar, a faixa de areia que ocupa grande espaço e em confronto a tudo isso, atualmente não existe mais trapiches, nem casarões abandonados e principalmente não há uma faixa de areia. O porto curiosamente para uma cidade turística localiza-se muito próximo do centro histórico, ao descermos pelo Elevador Lacerda é possível ter acesso a ele apenas caminhando alguns minutos. No entanto é cercado por altos muros. Acreditamos que essa proximidade se dê pela tradição e funcionalidade do espaço, visto que outrora como demonstra a literatura, todo abastecimento da cidade pelo meio marítimo acontecia no ponto ao lado, onde um dia foi o primeiro Mercado Modelo.

A zona do cais descrita acima apenas não se enquadra como um patrimônio tombado, mas representa muito do espaço, dos lugares significativos a vida dos personagens como compõe a paisagem da cidade e onde como se vê, se expressam diversos territórios ao longo do tempo. Desta forma, ainda que brevemente, acreditamos conseguir demonstrar um pouco da geograficidade presente em toda narrativa trabalhada.

5 – Conclusões

Embora esta tese tenha como objeto de estudo as obras literárias de Jorge Amado, um escritor baiano e assim, brasileiro, ao longo da pesquisa e até mesmo na fase de escolha do objeto, percebemos que é vasta e rica a literatura que pode ser trabalhada pela geografia, em parceria. No início deste trabalho pontuamos alguns livros, mas poderíamos citar muitos outros, sem que as possibilidades se esgotem.

Autores brasileiros, de determinados estados, russos, ingleses, franceses, contos, novelas, crônicas, romances, histórias em quadrinhos, poesias, toda forma de literatura de algum jeito aborda nossa condição humana nos fazendo refletir sobre um ou vários aspectos. Desta forma, abre-se um leque de possibilidades, onde nosso trabalho é escolher o que queremos abordar e assim trabalharmos com a obra que mais se adequa ao nosso objetivo.

Nem todos os livros narram acontecimentos reais ou possuem um compromisso histórico, mas notamos que mesmo nas obras de ficção podemos encontrar questões pertinentes trabalhadas pela Geografia. Não conseguimos esgotar as possibilidades de discussões existentes nos livros trabalhados, em *Os pastores da noite*, no último conto: A invasão do morro do Mata Gato há um grande debate sobre o direito a moradia, a reintegração de posse, ao direito a cidade, mas devido ao recorte que fizemos e ao tempo da pesquisa, não conseguimos abordar com maior profundidade esta temática.

No entanto, para exemplificarmos a diversidade de obras e as possíveis perspectivas de trabalho, publicamos um outro estudo²¹ que aborda o direito a cidade e questões de moradia através do mangá: *A cidade da luz* do japonês Inio Asano, ou seja, é um outro gênero literário mas onde encontramos a mesma temática, e isso numa obra de completa ficção.

Percebemos que através da literatura podemos abordar questões locais, ou que dizem respeito a um determinado lugar que pode ser próximo, ou ainda encontramos questões que são universais a todos os seres humanos e isso nos possibilita o trabalho com outras literaturas sem excluir as nacionais, pois, embora tenhamos focado em Jorge Amado e na cidade de Salvador, existem questões que não são exclusivas a essa cidade,

²¹ Disponível para consulta em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/seur/article/view/14325>. Acessado em 17/04/2020.

como por exemplo os problemas com relação a moradia, a crianças de rua, ou a prostituição. Se pensarmos nos patrimônios podemos relacionar a situação a cidades como Ouro Preto, Porto Alegre, Pelotas, entre outras.

Sobre a abordagem cultural nesta tese, percebemos ao longo desta pesquisa tanto no sentido de pesquisa com relação a outros estudos e trabalhos, quanto a participação em eventos geográficos que a abordagem cultural se faz presente cada vez com maior força dentro da geografia e que esta abordagem é variada e busca compreender diversos aspectos da cultura envolvendo os sabores, ritos, religiosidades, festas e outros mais. Neste sentido ainda podemos sugerir que há lugares onde essas pesquisas são mais frequentes, sendo principalmente no nordeste e para que isso possa ser comprovado basta que pesquisemos os anais dos eventos organizados pelos programas de pós-graduação das principais universidades do nordeste no período em que esta tese foi construída, bem como, os eventos nacionais da pós-graduação brasileira e da geografia.

O caminho mais rápido e talvez o mais efetivo de retorno dos estudos geográficos a sociedade, acreditamos, seja a escola, e se verificarmos os conteúdos trabalhados principalmente no Ensino Médio, podemos encontrar os aspectos culturais que devem ser contemplados. Portanto o espaço da cultura, e assim conseqüentemente da literatura dentro da geografia, por esse meio pode-se dizer se faz garantido, uma vez que a escola é um importante meio legitimador de algo.

E havendo esse espaço, podemos relacionar a literatura com diversos conteúdos e conceitos geográficos, num trabalho que pode fazer com que tanto para o professor quanto para os alunos a geografia consiga ser mais prazerosa e mais propulsora de felicidade. Pois, acreditamos que o ato de aprender proporciona felicidade ao ser humano.

Ao realizarmos esta pesquisa, através de Lajolo (1989), soubemos que existem espaços que são legitimadores, que definem o que é um cânone e o que deve circular, e esse espaço que é composto por relações de poder envolve as universidades, escolas, vestibulares, logo, se Jorge Amado é leitura obrigatória em disciplinas de faculdades de Letras, ou ainda se é uma leitura obrigatória para o vestibular, podemos pensar que faz parte do cânone da literatura brasileira e que sua leitura está assegurada.

Mas esse espaço que envolve diversos lugares balizadores não é um espaço estático, pelo contrário, é algo que pelo menos anualmente é revisto e constantemente é revisado e disputado. Nos últimos anos a leitura de *Capitães da Areia* foi uma das leituras obrigatórias para os alunos brasileiros que saiam do Ensino Médio e que buscaram o Ensino Superior. Mas, nos anos recentes essa literatura foi substituída por novos autores. Também percebemos que nos cursos de letras, as obras de Jorge Amado não fazem parte da bibliografia básica de diversas universidades. O que somamos ao fato de que existe ainda um distanciamento da academia com a obra de Jorge Amado, principalmente na área das Letras.

Ao trabalharmos com espaço e território, o fizemos por acreditarmos que são conceitos interdependentes, não existindo um sem o outro. E consideramos esse espaço e os territórios que nascem daí como dinâmicos, e que estão em constante transformação. Seguindo como base Lefebvre, consideramos o espaço como algo que é produzido simultaneamente, pensando no espaço principalmente com o espaço que é vivido, com a produção de significados.

Assim, o espaço é sempre algo inacabado, e está em constante produção, relacionado ao tempo como pudemos ver durante a pesquisa, o espaço de Salvador sofreu diversas mudanças se pensarmos somente no pequeno recorte que fizemos dos lugares centrais. Os sujeitos que povoam este espaço também se transformaram ao longo da pesquisa, como observamos entre aqueles que povoam os principais lugares de observação, para citarmos um pequeno exemplo, no espaço do Pelourinho surgiram jovens que fazem pinturas africanas. O uso desse espaço que é vivo e produzido constantemente faz surgir a territorialidade, como o uso do espaço que pode tanto incluir, como excluir.

E como pudemos perceber, incluindo onde a literatura de Jorge Amado pode circular, percebemos as relações de poder, estas não se restringem aos espaços que determinam o que devemos ler, conhecer e pensar, fazem parte da vida como um todo, e onde há multiplicidade de sujeitos, existem relações de poder. Refletindo isso, a literatura analisada demonstra diversos territórios que são formados por relações de poder, e que ao longo do tempo, vão se transformando, dando continuidade nas transformações que ocorrem também no espaço. Com a mudança dos sujeitos, os territórios se reterritorializam.

E como são os sujeitos que formam territórios, as relações que percebemos na literatura de Jorge Amado foram percebidas a partir da identificação de grupos de sujeitos que se mantiveram além das obras isoladas. Os territórios “ricos” como a Graça, a Liberdade, mostraram sua continuidade para além de uma ou outra obra. Determinando que o espaço nestes lugares deveria ser ocupado pelos sujeitos detentores do poder e não dos protagonistas que acreditamos funcionaram como um contrapoder.

O que queremos dizer, é que, os principais grupos analisados da população mais vulnerável, só ocupavam alguns espaços na condição de indesejados, como para o furto, ou pelo trabalho como de lavadeiras, comerciantes, entregadores, entre outros. Ainda que estes lugares dependessem completamente dos grupos de trabalhadores.

A produção destes territórios que tem seus sujeitos muito bem delineados gera paisagens desiguais, e estas paisagens são assim como o espaço, vivas, em constante transformação. Observamos essas transformações em diversos momentos na própria literatura, espaços que eram de menor prestígio como os casarões do Pelourinho e que ao longo do tempo foram sendo valorizados, as manifestações como da capoeira, um dia proibida e atualmente considerada como um patrimônio brasileiro, entre outras que veremos.

A medida que territórios vão sendo estabelecidos, identidades vão sendo formadas, assim, não existe território sem identidade e todo território vai possuir um núcleo como um lugar de identificação e de pertencimento, vimos ao longo da pesquisa como a gargalhada constituiu-se como uma marca de identificação que representava um estado de espírito e de pertencimento.

Percebemos existir uma grande flexibilidade temporal e espacial nos territórios da literatura e nos espaços observados em trabalho de campo. Alguns em comum em determinados aspectos e atores. Se na literatura percebemos que o território da prostituição, na literatura tinha seu núcleo na Ladeira do Tabuão e possuía um horário delimitado, o mesmo percebemos nos trabalhos de campo, mas num espaço diferente.

No espaço da praça da Sé, notamos a flexibilidade existente entre o dia e a noite. Durante o dia marcado pelo turismo, por bancas, vendedores, turistas passantes, policiais para manter a segurança dos turistas, baianas do acarajé, entre outros, e, durante o período da noite, moradores de rua, prostitutas, entre outros.

O território percebido como um recorte político da cidade apresentou diversos outros territórios envolvendo poderes e contra poderes, e entre os territórios que identificamos e refletimos, a Cidade Alta e a Cidade Baixa, o território dos trabalhadores do cais, das crianças de rua, da prostituição, essa com seus “castelos” sem marcação espacial.

E notamos que em cada fragmento que separamos para análise do território, com seu aprofundamento, encontramos elementos de lugares e de patrimônios que por sua vez levam a paisagens. Medindo e refletindo a luz dos conceitos acadêmicos, fomos percebendo os núcleos destes territórios, como o Elevador Lacerda, o Tabuão, o cais. Os líderes, as marcas como cicatrizes e a gargalhada.

O sentimento de pertencimento é sentido pelos personagens que vão se repetindo nas obras e que com isso foram tratados como grupos, pertencentes a territórios diferentes. Constatamos a greve como um importante contrapoder. As histórias e cantigas como símbolos de resistência que marcam uma ancestralidade e que desta forma contribuem na ideia e formação de grupos.

O conjunto de elementos que permitiu a reflexão dos grupos como formadores de territórios e lugares apresentou todas as características do que pensamos na literatura acadêmica, observamos as músicas dos trabalhadores do cais, as expressões em nagô, os ritos religiosos, a capoeira, as ligações entre as obras, ainda que o intervalo de escrita entre uma como *Jubiabá* escrita em 1935 e *Os pastores da noite* em 1964, com vinte nove anos de diferença para citarmos somente um exemplo e personagens que possuem uma continuidade.

Essa continuidade foi percebida no que diz respeito a mudança dos sujeitos também no que diz respeito aos *Capitães da Areia*, Antônio Balduino, personagem de *Jubiabá* quando criança foi um dos capitães, assim como outros personagens como Cabo Martim e Curió, e percebemos que na medida em que alguns crescem e viram adultos, outros chegam para substituí-los.

Para esses grupos que representam um contrapoder, a rua se mostrou como um espaço apropriado que se tornou território, o mesmo vale para os mendigos. E pensando mais nos Capitães da Areia, sabemos que para que exista um território, é preciso que haja o conhecimento sobre o espaço, isso leva ao pertencimento que notamos em

diversos momentos quando tanto Balduíno como Pedro Bala e outros personagens sentem-se como donos da cidade.

Algumas semelhanças, assim como mudanças são percebidas nos grupos analisados, entre elas o fato de existirem personagens com nomes como Sem Pernas e Sem dentes, ambos com alguma deficiência, assim como as mudanças nos hábitos enquanto grupo. Em *Jubiabá*, o grupo de crianças não roubavam, já em *Capitães da Areia* há roubos. A eleição de um líder também é perceptível nas duas obras, na primeira com a figura de Balduíno e no segundo com Pedro Bala.

E considerando como uma metodologia de trabalho, incluir o estudo sobre o autor, descobrimos que as vivências de Jorge Amado marcam profundamente sua literatura. *Suor* possui relação com o período de sua vida em que viveu no sobradão do Pelourinho, *Capitães da Areia* reflete o tempo em que fugiu do colégio interno onde morava em Salvador e passou alguns dias na rua em companhia dessas crianças, os personagens com varíola marcam as inúmeras pessoas que conheceu durante a epidemia na sua infância, entre outras coisas. E entendemos tudo isso como uma escolha do autor. Uma escolha narrativa.

Percebemos que a riqueza de uma obra está nas reflexões que ela é capaz de proporcionar, e que a importância se dá na reflexão, não tanto na obra em si, mas no que podemos fazer com ela. E se a análise do território se pautou nos personagens, é porque são eles, através de suas ações que dão forma ao território. Cada personagem possui uma função, assim como existem diversas leis entre os grupos, os capitães, não toleram pederastas passivos, não roubam entre si, sempre que realizam algo com sucesso soltam a gargalhada, possuem um sentimento enquanto grupo e sobre a miséria que os envolve, assim como os pescadores trabalhadores do cais possuem suas leis, entre elas não negar socorro a um navio que chama por socorro no mar.

Percebemos os espaços que são relegados aos personagens e estes constroem assim seus territórios, em muitos casos os Capitães da Areia só frequentam a Cidade Alta para roubar, o cais é seu território com suas leis e marcas, a prostituição se anuncia em capitães como a zona das mulheres e já aí demonstra uma flexibilidade de horários, e este território em conjunto com as outras obras tem como núcleo a Ladeira do Tabuão.

Já em *Tenda dos Milagres* notamos uma nova apropriação do espaço da Ladeira do Tabuão, e isso é possível, pois, como mencionamos anteriormente os territórios podem se reterritorializar quando os sujeitos, antigos habitantes dão lugar a novos, e o espaço é lugar de transformação constante, por isso, em *Tenda dos Milagres* o Tabuão torna-se um território da cultura popular, onde encontramos ateliês de santeiros e artistas.

A cultura em *Tenda dos Milagres* é o ponto de encontro de tudo, é a expressão do povo que configura novos territórios da capoeira e dos terreiros. Nesses romances tanto a capoeira como os terreiros já não são mais perseguidos, são celebrados e livres. Enquanto território da cultura popular, vários lugares funcionam como núcleos desse amplo território, entre eles, os principais são o Pelourinho e a Faculdade de Medicina, bem como a Tenda que se localiza no Tabuão número 60.

E através da percepção dos territórios, chegamos aos diversos lugares emblemáticos dessa literatura. Lugares estes que resultam do significado adquirido geograficamente. E estes são abundantes na literatura de Jorge Amado que ao passarmos dos territórios aos lugares em nossa análise e compreensão, não realizamos uma ruptura mas uma continuidade, como acontece com os demais conceitos trabalhados, os territórios são formados por lugares, e os lugares carregam o sentimento de pertencimento que também existe num território.

Desta forma, os lugares que conhecemos na literatura amadiana são bastante marcantes, muitos relacionados a processos históricos tornaram-se patrimônios, individualmente e também no coletivo, pois, o centro da cidade tornou-se centro histórico. Alguns lugares também se tornaram patrimônios pelas suas edificações como os prédios do Pelourinho, e se pensarmos no Rio Vermelho, este é o lugar de acontecimento da Festa de Iemanjá que se tornou patrimônio neste ano.

Alguns lugares alcançam um protagonismo maior em uma ou outra obra, a Faculdade de Medicina obtém protagonismo em *Tenda dos Milagres*, o Rio Vermelho e o Mar, principalmente em *Mar Morto*. Assim, muitos dos lugares que analisamos são tombados como patrimônios. E consideramos como lugares os espaços que são transformados pelos personagens por meio dos significados atribuídos, são lugares de lazer, de amor, de trabalho, de greve como resistência.

E embora o número de lugares que surgem na literatura de Amado seja extenso e sejam lugares que existem no real, fora de sua literatura, selecionamos os mais expressivos nas obras, como a Igreja do Bonfim, o Cais, o Pelourinho, o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda, a Basílica da Conceição da Praia, o Rio Vermelho, a Baixa dos Sapateiros, a Praça da Sé, entre outros. Alguns não existem mais, os usos se modificaram, se transformaram como a Igreja da Sé que foi demolida, assim como a rampa do Mercado e o Mercado original, o Solar do Unhão que se tornou um museu. Notamos que há continuidades e descontinuidades em seus usos.

O Pelourinho, um dos lugares que é citado em todas as obras e abriga atualmente a Fundação Casa de Jorge Amado, e neste ponto encontramos tanto o território como lugares, patrimônios e a paisagem que faz parte do espaço. É um dos lugares com maior movimentação e onde os sujeitos vão mudando ao longo do dia, entre baianas, mães de santo, turistas, entre muitos outros e fechando a noite os moradores de rua.

Quando pensamos o lugar na literatura, consideramos o lugar com base em Santos (1994) como um microcosmo, como um espaço que representa o mundo e suas possibilidades, e acreditamos que o sobrado de *Suor* seja um bom exemplo de microcosmo que abriga personagens que são imigrantes também, como os árabes, muito presentes em diversas obras.

Nos chamou atenção também, o quanto na literatura o Pelourinho é representado como um lugar insalubre, indesejado e de pouco valor monetário, o que ao longo do tempo se transformou, acreditamos, seguindo uma linha contrária. O Pelourinho é um dos principais pontos de visitação da cidade e de maior poder econômico com relação as propriedades. E assim como os territórios trazem em si os lugares, ao trabalharmos com determinados lugares percebemos que estes são patrimônios, tanto materiais, como imateriais e no Pelourinho notamos essa diversidade com os casarões, a igreja e as baianas de acarajé.

Como um dos lugares mais emblemáticos, o Pelourinho pode ser entendido como um lugar para os personagens de diversas formas, pois, até os orixás, as divindades, passam por ele. A morte de importantes personagens acontece e é sentida no Pelourinho, assim como o batizado do filho de Massu em *O compadre de Ogum*. E assim como o Pelourinho, a Igreja do Rosário dos Negros, o Elevador Lacerda com suas luzes vão compondo a paisagem da cidade.

Notamos a continuidade de alguns lugares e a descontinuidade como o Mercado Modelo que foi incendiado, então percebemos na literatura trechos que se referem ao mercado original, e mais tarde trechos que falam do novo mercado. Em Bahia de todos os santos há a descrição do primeiro mercado, do seu incêndio e de como foi substituído, mudando seu público. Uma das citações que o envolve cita também a Fonte de Oxalá que se localizava próxima ao Mercado e que recentemente também foi completamente destruída, acredita-se por intenções de preconceitos religiosos.

Outro lugar que é bastante frequente e muito reclamado na literatura, trata-se da Rampa do Mercado, num conjunto, rampa e mercado formavam um lugar de trabalho, amor, de encontro de amigos e que compondo uma paisagem da cidade trazia cheiros dos produtos comercializados ali, como as frutas e na imaginação do leitor, cheiro de peixe, uma vez que os pescadores desembarcavam ali o resultado do seu trabalho. E esse imaginar faz parte do que é a literatura, da criação de paisagens que nem tudo revela, mas que sugere também.

Há na literatura uma grande circulação de sujeitos no Mercado, por diversas razões, seja pelo trabalho, marinheiros, pescadores, pessoas que vendem e aqueles que compram, amigos que se encontram ali, a religiosidade em altares, e a culinária expressa em dois restaurantes que através do trabalho de campo descobrimos ainda existirem. Jorge Amado em seus romances os cita e conta ser cliente por mais de 30 anos do restaurante de Maria de São Pedro, assim, escritor e personagens frequentam o mesmo lugar.

Na literatura, o Mercado atendia a cidade, seu abastecimento, e atualmente atende ao turismo da cidade comercializando principalmente artesanatos. Essa mudança no uso do espaço é percebida pelo escritor que sinaliza em Bahia de Todos os santos. Nos dois restaurantes do Mercado, assim como no Memorial a Mãe Menininha do Gantóis há placas com as frases de Jorge Amado sobre esses lugares.

Assim, os lugares se transformam, deixam de existir, como os trapiches, a Igreja da Sé, outros modificam seu uso, seus sujeitos, faz parte da dinâmica do espaço e dos territórios. Assim como a cultura que não é estática. Notamos também que estes lugares na maioria das vezes são sempre apresentados em conjunto, principalmente o Mercado das Sete Portas e a Feira de Água de Meninos.

Muitos dos personagens de Jorge Amado são pessoas reais, seus amigos, como Carybé, Pierre Verger, Caymmi, entre muitos outros, que aparecem nos lugares que trabalhamos, inclusive na Rampa do Mercado, a rampa enquanto lugar, é o destino final de Vadinho, como também é o lugar que carrega o poder da identidade. Quando Martim desce na Rampa, muda seu comportamento para o que sempre foi e que ultimamente não estava sendo. Outros personagens também são definidos através dos lugares que frequentam.

Consideramos a Feira de São Joaquim como um dos lugares na literatura de Jorge Amado e, através da literatura em Bahia de Todos os Santos, sabemos que a atual feira não é a mesma citada, a primeira, também foi destruída pelo fogo, segundo o escritor, também proposital e depois disso foi afastada do seu lugar de origem. No entanto, visitamos a atual feira de São Joaquim/Feira de Água de Meninos e notamos como um dos seus propósitos se mantém próximo ao que a literatura revela, ou seja, esta feira servia principalmente para o abastecimento da cidade.

Exatamente o que notamos em nosso trabalho de campo em 2018, a feira comercializa principalmente produtos de gênero alimentício, e não é um dos pontos destinados e procurados pelos turistas, nos mapas que são distribuídos pela prefeitura com os pontos turísticos a serem visitados, a feira nem consta. Outro Mercado com essas características existe na literatura, o Mercado das Sete Portas, mas este não chegamos a contemplar no trabalho de campo, pela sua localização e pequena expressividade na literatura.

Pensando nos lugares, é evidente o grande número de lugares que foi foco de incêndios na cidade de Salvador e que fazem parte da literatura de Jorge Amado, como, a Feira de Água de Meninos, o Mercado Modelo e a Fonte de Oxalá, e que podemos acrescentar o Monumento em homenagem as baianas do acarajé, isso demonstra claramente que é necessário pensar medidas de segurança contra incêndios para o que é considerado importante para a população como seus patrimônios.

O Cais, ou zona do cais também é um dos lugares mais frequentes em nossa análise, é um lugar de trabalho, amor, de moradia, de ritos sagrados, de lazer e que faz parte da paisagem da cidade. Os guindastes nesse lugar são um contraponto no que se refere aos sentimentos dos personagens, pois, em muitos casos são os responsáveis pela

morte de trabalhadores, com isso greves são armadas na expectativa de melhores condições de vida e de trabalho no cais.

A dor é uma constante nesse espaço que se torna território dos capitães da areia e lugar para muitos personagens, mas se existem leis nos capitães, também existem para os pescadores que ali habitam, como é o caso no episódio de Guma, no salvamento de um navio que pedia socorro. Assim, esse lugar vai se transformando tanto na literatura como no espaço real que inspirou Jorge Amado.

A Baixa dos Sapateiros é mais um lugar frequente, mas que se difere dos demais trabalhados, sendo uma zona de comércio não se materializa em um ou outro prédio ou construção. No entanto há um importante núcleo nesse lugar e que refere-se ao lazer, ou seja, ainda que a Baixa dos Sapateiros seja o local de trabalho de alguns personagens como Curió, ou ainda, o lugar procurado para compra por outros personagens, o núcleo se mostra como o cinema Olímpia que faz parte de diversos romances e se localiza nesta zona.

Além de ser um lugar de comércio, é também local de furto dos Capitães da Areia e lugar de circulação de informações sobre as greves, mas também é o lugar onde principalmente as personagens mulheres de *Suor* vão ao cinema, sendo essa a única atividade de lazer de suas vidas e que impacta no seu trabalho e em toda dinâmica dos seus dias.

Já nos encaminhando para os últimos lugares expressivos na literatura estudada, chegamos a Igreja e Convento de São Francisco de Assis, que curiosamente ainda funciona como convento e que é a igreja brasileira com mais ouro em seu interior. Este lugar é considerado um patrimônio pelo IPHAN desde 1985 e faz parte de uma das sete maravilhas portuguesas do mundo. Na literatura amadiana é a igreja oficial dos cultos católicos sendo o local de celebração de um casamento e da missa de cinzas.

Cada lugar possui um uso específico na literatura e que através das suas particularidades produz um tipo de significado aos personagens. A igreja possui um claustro com azulejos portugueses, muitos danificados e alguns pilares escorados. Infelizmente precisa de restauração há bastante tempo e não existe nem a previsão dos reparos. É de se pensar sobre como a cidade não possui nenhuma forma de impostos

ligada aos turistas, visto que o turismo é um grande pilar econômico de Salvador e que reverta em verba para a restauração e manutenção dos patrimônios da cidade.

Ao analisarmos a igreja de São Francisco somos levados a considerar o Terreiro de Jesus como um lugar também, e este nos leva a mais um lugar, o último que trabalhamos. O terreiro é um espaço onde nos trabalhos de campo encontramos sempre uma roda de capoeira, mas devido a observação realizada acreditamos que a roda existente ali não seja uma continuidade como acontece com as baianas na literatura de Jorge Amado. Na literatura o terreiro é um lugar de passagem, mas também de celebração e de festas para os personagens.

Por fim, localizada no terreiro de Jesus está a Faculdade de Medicina um lugar que é emblemático em *Tenda dos Milagres*, local de trabalho de Pedro Archanjo, propõe um contraponto com os saberes que são construídos na universidade e o saber popular do povo.

Trabalhamos também com os patrimônios que pudemos perceber nas obras, inicialmente estávamos trabalhando com os elementos que são importantes no que diz respeito a história e vida dos personagens então percebemos que esses elementos foram sendo patrimonializados ao longo do tempo, mas que suas existências na literatura datam de muitos anos antes dos tombamentos.

Assim, ao pensarmos em patrimônios, pensamos em algo que precisa ser preservado e que está ligado a ideia de continuidade para as futuras gerações, com isso, os patrimônios podem ser materiais e imateriais, podendo ainda, serem consideradas patrimônios, paisagens. Desta forma, todo patrimônio é geográfico, pois está ligado a sua espacialidade.

A obra de Jorge Amado é rica na diversidade de patrimônios, alguns até que fundem o que é material com o que é imaterial como acontece com a celebração da lavagem da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim em *O sumiço da santa*. Os bens imateriais podem ser ritos, modos de fazer, ritmos, danças, cantos, entre outras manifestações.

Assim, *O sumiço da santa* é uma das obras que mais aborda o candomblé, suas divindades e seus rituais, nesta obra conhecemos as comidas sagradas, os cheiros, as oferendas, orixás, a tradição, o vestuário, as expressões e saudações que demonstram a

continuidade nos ritos com as marcas que podem indicar um território do que é sagrado. E com isso há a junção dos patrimônios. Neste romance o leitor pode conhecer as comidas que são oferecidas aos orixás e entre elas estão os acarajés e outras comidas com azeite de dendê.

Isso nos faz pensar na grande quantidade de patrimônios que são tombados no Brasil e da necessidade de preservação e conservação destes bens que se mostra precária e insuficiente em diversas cidades. Entre o que é considerado patrimônio na literatura e o que encontramos no trabalho de campo, notamos algumas continuidades, entre elas estão as baianas. Já os pais de santo que vimos no Pelourinho e na frente da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim não podemos afirmar que são uma continuidade do que é narrado, pois, estes sujeitos na literatura estavam muito mais ligados ao espaço dos terreiros.

Concluimos que onde há patrimônios, como resultado será gerada a atividade do turismo e portanto, deve haver um planejamento e organização da cidade que inclui diversos elementos. Os patrimônios que destacamos nesta pesquisa fazem parte também do que trabalhamos nos outros conceitos, há em comum entre estes conceitos elementos como significados, sentimentos, entre outros, e todos de alguma forma se fazem presentes nos demais. Todos os patrimônios aqui citados fazem parte da paisagem baiana, estão inseridos em determinados territórios e possuem como elo a cultura.

Por sua vez, considerando a cultura como algo que é vivo e que se transforma com o tempo, descobrimos através do trabalho de campo e a visita ao Museu Casa Benin próximo a ladeira do Pelourinho que muitos ritos vindos do continente africano foram modificados no Brasil e retornaram à África com essas modificações. Sabendo que o candomblé tem origem africana e que veio com a população oriunda de diversos países da África, sabemos que a religião, assim como a capoeira, foram proibidas durante muitos anos.

No entanto, na tentativa de continuidade desses ritos, houveram transformações que possibilitaram manter vivos esses costumes, quanto a religiosidade, o sincretismo foi uma forma encontrada. Na capoeira, foi a adaptação da luta em dança, ainda que a capoeira tenha sua origem na Bahia, sabemos que ela traz muitos elementos do continente africano.

Desta forma, o sincretismo propiciou a manutenção da crença, e com o passar do tempo incluiu outros elementos nos rituais, modificando até incorporar algo novo. Isso acontece com a festa do Nosso Senhor do Bonfim, que no sincretismo é Oxalá e a festa é inicialmente celebrada no Brasil e só depois passa a fazer parte dos ritos na África. A própria celebração que envolve a igreja católica e os terreiros com as baianas sofreu modificações ao longo do tempo, na própria literatura nos é descrito que anteriormente toda a igreja era lavada pelas baianas, e atualmente elas só podem lavar as escadas, com as portas trancadas.

Em atividade de campo, pudemos ver que nas missas que ocorrem na igreja as baianas ficam no espaço fora da igreja, vestidas com suas indumentárias, todas de branco. O sincretismo também é visto com relação a Santa Bárbara e Yansã, protagonista de *O sumiço da santa*. E há ainda mais uma transformação ocorrida ao longo do tempo quanto aos orixás que veremos um pouco mais adiante.

Outro patrimônio imaterial e bem pouco conhecido que é narrado é o Samba de Roda, considerado um dos patrimônios brasileiros mais importantes. E assim o sendo, percebemos o poder e a importância da literatura de levar a todos os lugares algo que pode ser frequente em uma região e completamente desconhecido em outra, criando na mente do leitor a imagem da manifestação junto da construção de paisagens.

Quando consideramos um bem como patrimônio, nos apoiamos nas definições da UNESCO, do IPHAN e ainda da constituição vigente e o mais curioso é perceber a capoeira, roda de capoeira e o ofício dos mestres de capoeira como um patrimônio brasileiro, sendo que essa prática, por muitos anos junto do candomblé foi considerada uma prática criminosa e proibida.

Como demonstramos ao longo do trabalho, a capoeira faz parte da vida dos personagens, tanto como luta, como dança, lazer, esporte. Através da literatura podemos conhecer as músicas, os instrumentos, os mestres que fizeram história, que criaram golpes e músicas, que reinventaram a Capoeira Angola. Nos seis primeiros livros escritos por Jorge Amado a capoeira ainda era uma prática proibida. Muitos personagens levam o nome de grandes mestres como Querido de Deus, Mestre Pastinha, entre outros que são homenageados.

A ideia de continuidade e de conservação que envolve os patrimônios é percebida com a capoeira no sentido de que vemos mestres mais velhos que vão renovando o conhecimento, ensinando aos mais jovens, como acontece com Querido de Deus que ensina aos Capitães da areia. Também em *O sumiço da santa*, há uma grande convenção com o intuito de reunir todos os mestres de capoeira do Brasil inteiro para a construção de um estatuto da capoeira. E Isso demonstra que a capoeira estava de alguma forma se perdendo, pois, todo manual regulador só tem necessidade de ser criado quando percebemos modificações capazes de propiciar a perda de algo. A resistência da capoeira no período de proibição também é narrada.

Outro patrimônio que trabalhamos e que diferente dos demais já não existe, trata-se da Igreja da Sé que se localizava na praça homônima. Uma das mais antigas igrejas de Salvador, lugar onde viveu Antônio Vieira, a igreja foi demolida para que em seu local fosse construído um ponto de bonde de uma companhia estrangeira. Eis que atualmente no local há somente uma parte arqueológica que revela as pedras da fundação da igreja que um dia existiu, bem como, um monumento próximo, A cruz caída, que representa a igreja da Sé. Dos trilhos e ponto de bonde não existe nenhum resquício.

A igreja, ou melhor, a sua ausência é aqui trabalhada, justamente como um confronto sobre a preservação, pois, na literatura é reclamada frequentemente pelos personagens como algo que representava a fé e a identidade da população. Restaram da igreja seu altar de madeira que está exposto num museu recentemente aberto na Praça da Sé, o Palácio da Sé, que esteve fechado por mais de 20 anos. Quase todas as obras onde a igreja é mencionada sua menção se dá após sua destruição, com exceção de *Jubiabá*.

Passamos agora a mais um patrimônio imaterial e recentemente tombado, a Festa de Iemanjá. A festa da orixá que vive nas águas do mar é o evento mais importante em *Mar Morto*, onde a vida dos personagens gira em torno do mar e da divindade. Assim como em *O sumiço da santa*, somos apresentados ao candomblé, aos ritos, as comidas típicas, oferendas e a luta, pois a festa também já foi proibida.

Em todos os momentos da narrativa em que o sagrado se faz presente, há uma naturalidade quanto ao que está sendo narrado, aos orixás, aos rituais, o que estabelece

empatia com os personagens e divindades. A forma como cada orixá é apresentado é didática, assim como a narração das festas.

Chegamos ao ponto onde mais uma descoberta realizada na atividade de campo nos surpreendeu. Mais uma vez ao visitarmos o Museu Casa Benin, bem como o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, localizado na antiga Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus, descobrimos através destes dois espaços que a divindade de Iemanjá só é associada ao mar no Brasil. Isso demonstra a transformação devida a proximidade da população com o mar. Nos impressiona perceber que a partir de algo originalmente africano, no Brasil houve uma transformação tão grande que transformou a orixá em mãe da água, em rainha do mar e que é reconhecida e celebrada em muitas cidades brasileiras.

Quanto ao culto a Iemanjá, notamos na literatura diversas formas de viver a fé entre os personagens, são pedidos, oferendas, participações, promessas, a continuidade e o compromisso, expressas principalmente através da festa de Iemanjá. A narrativa demonstra a continuidade que faz uma tradição, pois Guma vai a festa desde criança. Todos vão, todos que trabalham no cais, é algo sagrado, vão para pedir proteção, fazem promessas e agradecimentos. E Neste ano de 2020 a festa foi reconhecida como patrimônio da cidade de Salvador.

Por fim, nosso último patrimônio trabalhado e com certeza o que possui mais expressividade tanto na literatura como para quem conhece Salvador são as baianas de Acarajé, o ofício patrimonializado. Este ofício, assim como a capoeira é considerado patrimônio na Bahia como também em outros estados do Nordeste, mas através da literatura e das atividades de campo acreditamos ser na Bahia diferente dos outros lugares.

Segundo o Memorial das Baianas do Acarajé essa culinária vem da África e sua receita da região do Golfo do Benin, através da literatura conhecemos como uma comida de tabuleiro e que faz parte do conjunto de comidas de dendê, ligada ao candomblé, pois, como vimos é uma comida sagrada. Ao tratarmos deste item consideramos as demais comidas que são vendidas pelas baianas como as cocadas e abarás, entre outras, e destacamos a flexibilidade de horários que é demonstrada tanto na literatura como no trabalho de campo.

Após perceber a grande quantidade de vezes em que as baianas aparecem na literatura, o quanto o ofício é reconhecido, as bancas organizadas onde cada uma traz um banner contendo informações oficiais de que são um patrimônio podemos pensar, é um ofício e uma prática consolidada?

Acreditamos que não, e tanto a literatura como as transformações que ocorreram durante esta pesquisa nos fazem acreditar que a luta deve ser sempre constante, pois, existindo o monumento em homenagem as baianas de acarajé na Praça da Sé como vimos ao longo da análise, sabemos que recentemente este monumento foi completamente destruído por um incêndio que tudo indica foi criminoso. Parte da estrutura do museu também sofreu com esse incêndio. Desta forma é preciso sempre reafirmar a importância daquilo que representa a diversidade e história de um povo. Tanto o monumento as baianas como a fonte de Oxalá foram queimados num período muito próximo de tempo, ao que tudo indica por motivos de preconceitos religiosos.

Assim, as baianas com suas bancas de acarajés possuem uma grande tradição na literatura e na cidade, estão em lugares significativos, sempre pontos que são considerados lugares aos personagens e pontos visitados pelos turistas. Os pontos da narrativa que indicam greves ou ainda os momentos definitivos dos acontecimentos, contam com a presença das baianas. E o museu existente na praça da Sé, oficializa o que aprendemos nas ruas da cidade.

Por fim chegamos a paisagem, trabalhada em menor escala por não ser um dos principais focos desta pesquisa, a paisagem na literatura de Jorge Amado foi incluída por materializar e cristalizar como num conjunto, tudo que estivemos trabalhando. Pois, a paisagem é formada por todos os elementos que estudamos e que compõem os demais conceitos. E inserimos ainda a paisagem neste trabalho por esse conceito passar pela interpretação e construção de sentidos, uma vez que a interpretação foi algo central neste estudo.

E ainda que tenhamos brevemente exposto como os trechos demonstraram mais que um dos conceitos geográficos ou sua relação, tentamos também demonstrar um pouco da geograficidade presente na narrativa como um todo, onde há uma sobreposição de conceitos nos trechos refletidos e que demonstram assim a complexidade do espaço geográfico através da geograficidade.

Enfim, percebemos que a cidade está num processo de transformação que é constante, as mudanças nos lugares acarreta em mudanças nas paisagens que por sua vez modificam o espaço. No período desta pesquisa pudemos acompanhar diversas dessas mudanças, mudando as imagens que a cidade oferece, como nos monumentos que ao longo do tempo deixaram de existir, ou ainda dos novos museus que foram abertos, assim como as igrejas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Paisagens Culturais e Patrimônio Cultural: Contribuições introdutórias para reflexões. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (organizadores). **Maneiras de ler: geografia e cultura** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Mar morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. **O País do Carnaval**. Cacaú. Suor. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

AMADO, Jorge. **O sumiço da santa: uma história de feitiçaria: romance baiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. **Os pastores da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMADO, Jorge. **Suor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AMIR. KHALIL. **O Paraíso de Zhara**. São Paulo: Leya, 2011.

BERTOTTI, Ugo. MONTANARI, Agnes. **O mundo de Aisha: A revolução silenciosa das mulheres no Iêmen**. São Paulo: Nemo, 2015.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10.ed. Porto Alegre: Mediação: 2012.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10.ed. Porto Alegre: Mediação: 2012.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTROGIOVANNI, A C. **A Geografia do Espaço Turístico como Construção Complexa da Comunicação**. Tese de Doutorado, PUCRS, FAMECOS, 2004.

CASTROGIOVANNI, A C. Geografia e Turismo: Reflexões. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, 20: 92-93, dez.,1995.

CLAVAL, Paul. ¿Geografía Cultural o abordaje cultural en Geografía?. In: ZUSMAN, Perla Brígida; CASTRO, Hortensia; ADAMO, Susana B. (coordinado). **Geografías culturales: aproximaciones, intersecciones y desafíos**. 1ª ed. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2011.P.293-313.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: CÔRREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- CUNXIN, Li. Adeus, China. São Paulo: **Editora Fundamento Educacional**, 2010.
- DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. São Paulo: Hedra, 2013.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As máscaras da cidade. **Revista USP**, dossiê Cidades, São Paulo, n.5, v.5, março/abril/maio 1990.
- FIGUEIREDO, Lauro Cesar. Novos olhares sobre a dimensão geográfica da cultura: O patrimônio cultural. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (organizadores). **Maneiras de ler: geografia e cultura** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. (trad. Carlos Nougué) Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e terra, 2007.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural: Estrutura e Primado das Representações, In: **Espaço e Cultura**, nº19-20, (Jan.-Dez.). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005.
- GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: SAQUET, Marcos AURÉLIO; SPOSITO, Eliseu Savério (org.) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p 7-71.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e Cultura: Argumento para uma produção de sentido. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz. [et al]. **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2009.
- JACINTO, Rui. (D)Escrever a Terra: Geografia, Literatura, Viagem. A Geografia de Portugal segundo José Saramago. In: **GEOgraphia**, Ano 17, n. 33, 2015.
- JR MARANDOLA, Eduardo. Geografia do porvir: A fenomenologia como abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, Eliseu Savério [et al.]. **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.
- KIEFER, Charles. Jorge Amado e sua gente. In: VEIGA, Benedito[et al]. **Jorge Amado de todas as cores**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, Anajé: Casarão do Verbo, 2011.
- KOZEL, Salete; GALVÃO, Wilson. Representação e ensino de Geografia: Contribuições teórico-metodológicas, In: **Revista eletrônica: Ateliê Geográfico**. Goiânia, v.2, n.5. Dez/2008.p.33-48.
- KUNWU, Li. Ôtié, P. **Uma vida chinesa: II. O tempo do partido**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- LAJOLO, Marisa. **O que é a Literatura**. 11ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LUCAS, Fábio. **Lições de Literatura Nordestina**. Salvador: FCJA, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Vol.15, n. 32. Porto Alegre July/Dec.2009.

MARANDOLA JR, Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. In: **Geosul: revista do Departamento de Geociências** / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. v.25, n.49. Florianópolis: Editora da UFSC.p.7-26. 2010.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (org.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set./dez.2009.

MARIANO, Agnes. **A Invenção da Baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800-1900**. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NAKAZAWA, Keiji. **GEN pés descalços**. São Paulo. Conrad Editora do Brasil, 2011.

NUNES, Camila Xavier. **Um Diálogo Entre Espaço e Corpo em Salvador**. Salvador: UFBA, 2007.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia, ou a teoria vivida”. **PontoUrbe**, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008.

POCHE, Bernard. “La région comme espace de référence identitaire”. **Espaces et Sociétés**, n.42, p. 3-12, jan.-jun.1983.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e geografia**. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

QUAINI, Massimo. Storia, geografia e territorio. Sulla natura, gli scopi e i metodi della geografia storica, *Miscellanea storica Ligure*, 6, 7, 1974.

- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAILLARD, Alice. **Jorge Amado: Conversaciones con Alice Raillard**. Buenos Aires: Emecé, 1992.
- REGO, Nelson. Geografia Educadora, isso serve para... In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia, práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 9-12.
- RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa – Tomo I**. Campinas: Papirus, 1994.
- SACK, Robert David. **Territorialidade Humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana**. 2 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma Abordagem Territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO, Eliseu Savério. (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, p.73-94.
- SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (organizadores). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SERPA, Ângelo. POR UMA GEOGRAFIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. **OLAM – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro/SP, Brasil. Vol.5.nº1.pag.220. Maio/2005.
- SIJIE, Dai. **Balzac e a Costureirinha chinesa**. São Paulo: Alfaguara, 2007.

SILVA, Maria Auxiliadora; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da. (organizadores). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOARES, Antônio Mateus. Cidade Revelada: pobreza urbana em Salvador-BA. In: **Revista Geografias** (UFMG), Belo Horizonte, v.1, n. 5, jan/jun, p. 83-96, 2009.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O TERRITÓRIO: SOBRE ESPAÇO E PODER, AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.77-116.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.77-116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO, Eliseu Savério. (organizadores): **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SPOSITO, Eliseu Savério. (org.): **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **(Re) Ligar a Geografia: Natureza e Sociedade**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2017.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Notas sobre Epistemologia da Geografia. In: **Cadernos Geográficos – UFSC**. Nº12. Maio de 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. [Online], 11. 2012.

ZUSMAN, Perla Brígida; CASTRO, Hortensia; ADAMO, Susana B. (coordinado). **Geografías culturales: aproximaciones, intersecciones y desafíos**. 1ª ed. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2011.

ZUSMAN, Perla Brígida; HAESBAERT, Rogério. Introducción. In: ZUSMAN, Perla Brígida; CASTRO, Hortensia; ADAMO, Susana B. (coordinado). **Geografías culturales: aproximaciones, intersecciones y desafíos**. 1ª ed. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2011.p.5-17.